Manoel de Sá

Sermoẽs Varios

Lisboa 1710 - Contem o vol. os seguintes sermões pregados na India:

I da Conceição de Nossa Senhora -
II - do Mandato
III - de S. Luiz Gonzaga -
IV No anniversario de D. Rodrigo da Costa, Governador da India -
V - de Sto Aleyxo
VI - de N. Senhora da Ajuda
VII - " " "
VIII - do Apostolo S. Pedro -
IX - de N. Senhora do Livramento
X - de S. Francisco Xavier -
XI - do Santo Crucifixo
XII - do Apostolo S. Paulo -
XIII - de N. Senhora das boas Novas
XIV - de N. Senhora da Conceição
XV - de S. Caetano -

Este Livro poz nesta Livraria o Dr. Fr.
Mel. de Sta. Anna Confessor sendo Gam.
anno de 1766.

SERMÕES VARIOS,

Prègados na India a diversos assumptos, & offerecidos no primeyro Sermaõ

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

CAYETANO DE MELLO DE CASTRO,

Viso-Rey, & Capitaõ Géral da India.

PELO PADRE

MANOEL DE SA',

Da Companhia de JESUS, eleyto Patriarca de Ethiopia por S. Magestade, que Deos guarde.

LISBOA,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAÕ.

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1710.

EXCELLENTISSIMO SENHOR:

OFfereço a V. Excellencia eſte parto das minhas ignorãcias, jà que a deſgraça dos tempos nos reduzio a termos, que chegou V. Excellencia a ſer aſſumpto dellas. Havia de ſer eſte Sermaõ rudamente ideado todo panegyrico em louvor da Protectora, & Defenſora de Portugal, a puriſſima, & immaculada Senhora da Conceyçaõ; mas obrigado das circunſtancias acabou apologetico. Antigamente eſte era o modo mais recebido, & mais ordinario de prègar deſte myſterio; & ſenaõ foy deſagrado de hũa luz ſem ſombras ſer deſte modo defendida por ſeus Oradores, naõ deyxarà agora de ſer obſequio, que quando ſe pertenderaõ eſcurecer os reſplandores de V. Excellencia, ouveſſe hũ Capellaõ devoto, & obrigado, que lhe defendeſſe os luzimentos. Mas quando ſem fundamento ſe opinou mal da Mãy de Deos, grande conſolaçaõ para os mayores homẽs ſerem contra toda a razaõ mal avaliados. Porèm qual foy o grande homẽ, que naõ padeceſſe eſte mal? E ter taõ honrados companheyros mais he felicidade, que deſgraça. Os ma-

yores Heroes, só porque o foraõ, pagàraõ este tributo à inveja, & por esta razaõ ninguem mais justamente lhe devia ser tributario do que V. Excellencia, quem igualou os mayores no merecimento devia correr parelhas com elles nas pensões. E que grande alivio na pena de huma censura mal merecida, poder dizer com o grande Albuquerque: Mal com o Rey por amor dos homens; mal com os homens por amor do Rey! *Mas que grande gloria para quem só deseja servir ao Rey, que se descontente o Rey tam bem servido, como mal informado, porque se naõ contentaõ os homẽs! A' vista destes descontentes, & em presença delles narrey, o que vay escrito neste papel, porque entrey seguro que nenhum me podia desmentir, & que todos se deviaõ convencer. Confesso que foy com rude estylo, mas como a verdade entaõ se deixa ver com melhor gala, quando apparece mais nua, para que o estylo no que disse se parecesse com o que disse, naõ era conveniente mais ornato: & quando a minha verdade necessitasse de algum adorno, de todo cederia, para deixar este subsidio aos mentirosos, que tanto necessitaõ de enfeites para vestir o que dizem. Deos os não castigue por semelhantes falsidades, & guarde a pessoa de V. Excellencia, & a prospere com todas as felicidades de que se faz acredora por taõ heroycas acções, como tem obrado. Hospital Real 9. de Dezembro de 1706.*

Beyja os pès a V. Excellencia

O Padre Manoel de Sà.

PROLOGO
AO LEYTOR.

Migo, & benevolo Leytor, offereço ao teu juizo, juntamente á tua censura estes Sermões prègados na India, para que te desenganes, que já tudo nella he pobreza; pois naõ acharás cousa no que leres, que seja digna de preço. Sey, que muytos se desculpaõ de naõ imprimirem obras deste genero, porque delle andaõ muytas impressas: mas se com serem continuos os Sermões, que se prègaõ, nem por isso se deyxa de prègar; porque naõ correrá na imprensa a mesma regra? Se os que aqui apresento te contentarem, pois os lanço para amostra, iraõ sahindo outros, advertindo, que naõ saõ melhores os que prometto; porque naõ corto outro pano mais q̃ este grosseyro, mas sempre do mesmo fio. Alguns dos que aqui vam, andaõ por fóra manu-escritos, porque al-

guns amigos me fizeraõ contra minha vontade esta honra; & porque estaráõ adulterados, lhe torno aqui a dar a propria fórma. Acharás repetidas algũas cousas: se julgares, que foy por me achar com pouco cabedal, já eu disse que tudo era pobreza; mas porque entendi que era menos mal sofrer a censura, do que fugir á propriedade, por isso naõ reparey na repetiçaõ. Para dizer algũa cousa com acerto, alguma verás aqui do grande Antonio Vieyra, a quem desejey seguir, aindaque sempre foy de muyto longe: & se he credito dos Prégadores illustrar os seus Sermões com o que disseraõ outros; naõ poderá ser desdouro em mim seguir o que disse o mayor homem, que nos seculos passados conhecèram os pulpitos. Naõ puz nesta pequena obra Indice de cousas notaveis, porque nenhuma vay aqui, q̃ o seja: naõ reduzi no fim os textos da Sagrada Escritura, por naõ tresladar o que jâ estava escrito. Naõ digo mais, porque quero ouvir o que me disseres, & com isto me determinarey a dar, ou naõ dar à estampa os mais Sermões, que me restaõ.

Vale.

EU o Padre Manoel Carvalho da Companhia de JESUS, Provincial da Provincia de Goa, por especial concessaõ que para isso tenho de N. R. P. Miguel Angelo Tamborino, Preposito Géral, dou licença paraque se imprima este livro, que contèm quinze Sermões prégados, & compostos pelo Padre Manoel de Sá da mesma Cõpanhia, os quaes foraõ examinados, & approvados por pessoas doutas da mesma Companhia, & por verdade dey esta assinada com o meu sinal, sellada com o sello do meu officio. Goa aos 6. de Julho de 1707.

Manoel Carvalho.

TABOA
DOS SERMOENS QUE SE CONTEM neste Livro.

SER-

SERMAM DE NOSSA SENHORA DA CONCEYÇAM

Padroeyra do Reyno de Portugal na Capella Real de Goa, governando o Estado da India o Excellentissimo Senhor Viso-Rey Caietano de Mello de Castro.

Anno 1706.

Judas autem genuit Phares, & Zaram de Thamar. Matth. 1.

A CONCEYÇAM de Maria Santissima, não como mysterio, mas como obrigação, he a que hoje religiosa, & piamente venera o nosso agradecimento. Digo como obrigação, & não como mysterio; porque nesta solemnidade, & neste lugar vay muyta diversidade do nosso obsequio ao nos-

nosso reconhecimento. A Conceyçaõ de Maria, como mysterio, he aquelle soberano privilegio, que nenhuma outra pura creatura mereceo mais do que ella, de ser concebida sem a macula do peccado original. Esta excellēcia he a que hoje reconhece toda a Igreja: esta prerogativa, a que applaude a piedade Catholica, que se naõ chega ainda a ser de Fé, he para ter nella mayor merecimento a nossa devoçaõ: mas prerogativa, & excellencia, que por ser universal pertence a todos.

A Conceyçaõ como obrigaçaõ determinada a este lugar, & ao motivo desta solemnidade como proprio assumpto della, he aquelle favor da protecção, com que a Monarchia Portugueza se vè tributaria á sua Padroeyra, & defensora Maria Santissima, a qual com o mesmo privilegio de ser concebida em graça attende á nossa defensa, para ser mayor o empenho da nossa divida, & mais prompto o desempenho do nosso agradecimento; equivocãdo tanto esta Senhora na nossa defensa o seu privilegio, que faz muyto parecidas entre si a protecção da nossa Monarchia, & a excellencia com que foy preservada na sua Conceyçaõ.

Em que esteve o privilegio da Conceyçaõ? Esteve em ser Maria Santissima concebida em graça contra todas as leys da natureza, que estava sugeyta ao peccado: & em que està o mayor empenho de nossa obrigaçaõ pela nossa defensa? Està em que contra todas as leys da fortuna, ou da desgraça prevaleça sẽpre Portugal debayxo do patrocinio da Conceyçaõ de Maria. Na Conceyção de Maria prevaleceo a graça á natureza; na conservação de Portugal prevalece o beneficio de huma defensa segura contra a desgraça de hũa fortuna instavel: a ley havia de incluir a Maria para que contraisse a culpa, se a graça se não oppuzesse á ley; porque como a natureza pelo primeyro peccado ficou

ficou sem forças, seria sem duvida vencida, se não tivesse os alentos da graça: a debilidade de hum Reyno taõ pequeno como Portugal sem duvida cederia ás leys do mayor poder, se por graça da Conceyçaõ de Maria não ficasse fortalecida a sua pouca força: paraque daqui entendessemos, que assim como na geraçaõ de Maria obrou a graça cõtra a ley do peccado; assim na nossa conservação obra o favor desta Senhora contra todas as leys da fortuna.

Vamos ao nosso thema, porque nelle em poucas palavras se cifra tudo o que temos dito. *Judas autem genuit Phares, & Zaram de Thamar.* Na luta daquelles dous irmãos, a quẽ puderamos chamar o signo de Geminis, Phares, & Zaraõ, por serem as duas constellações, que com as mais dos Progenitores de Maria cõcorrérão nesta prodigiosa Conceyçaõ, foy advertir S. Joaõ Chrysostomo, que a contenda, que entre si tiveram antes de nacerem, fora symbolo da contenda, que a graça teve com a ley na Conceyção de Maria: *Per geminorum mysterium gemina describitur vita, altera secundùm legem, altera secundùm gratiam; ideo typus gratiæ manũ ante præmisit, quia actus gratiæ ante præcessit.*

Contendia Phares, & contendia Zaraõ, diz Sam Chrysostomo, sobre quem havia de levar a primogenitura: as leys da natureza prometiaõ o morgado a hũ; o privilegio, ou a graça o promettia, & o procurava para outro; & nesta contẽda quem vẽceo a ley da natureza, ou o privilegio da graça? Venceo o privilegio da graça contra todas as leys da natureza; porque como nesta contenda ideava já Deos aquella grande pendencia, que havia ter o peccado confórme a ley, ou a graça confórme o privilegio na Conceyçaõ de Maria Santissima; quiz que já de antemão se visse que em Maria se haviaõ de en-

contrar todas as leys para realçarem os ſeus privilegios.

Dizia a ley, que toda a pura creatura, que deſcendeſſe de Adão, foſſe concebida em peccado: eſte era aquelle rigoroſo decreto, que contra todos firmou a Divina Juſtiça: eſta aquella ſentēça univerſal, de que ninguem teve izençaõ: porèm como em Maria Santiſſima não havia, nem era conveniente que ouveſſe ley, que pudeſſe prevalecer contra a graça; contendeo eſta taõ vigoroſamente, cōbateo com tam alentados brios, que triunfando de toda a culpa, tudo na Conceyção deſta Senhora foraõ trofeos da graça, o que em todos os mais erão deſpojos do peccado.

Aſſim, & deſta maneyra com tantas excellencias da graça, cifradas naquellas duas conſtellações Phares, & Zaraõ, ſe empregáraõ em Maria Santiſſima aquellas influencias, que promettiaõ os que como Progenitores cōcorrèraõ para a ſua Conceyção: *Genuit Phares, & Zaram de Thamar*: & aſſim vemos ſe tē executado em Portugal vivendo, & nacēdo debaixo da protecçaõ de Maria: porque aſſim como Maria contra todas as leys ſempre permanceeo em graça pelo privilegio, com que Deos a defendeo izenta de toda a culpa; aſſim Portugal pela ſingular protecçaõ deſta Senhora contra todas as leys ſe conſerva, & ha de conſervar livre de toda a ſugeyção: a graça de Deos em Maria vēcendo as leys para a preſervar ſem peccado; a graça, & protecção de Maria com Portugal vencendo todas as leys, que ſe podem oppor à noſſa conſervação; para que nem a fortuna, nē a deſgraça prevaleça contra o favor que nos aſſiſte. Iſto moſtrará o diſcurſo, nam nos faltando a graça.

Ave Maria.

Judas autem genuit Phares, & Zaram de Thamar.

AQuelle grande prognoſtico, que nos dous Irmãos Phares, & Zaram prometia, que havia de prevalecer o privilegio da graça contra as leys da culpa em Maria, foy o que venturoſamente a aſſegurava izenta do peccado; & que muyto, que tendo Portugal logo de ſeu principio outro melhor preſagio para a ſua conſervação, ſegure as ſuas melhoras na protecção de Maria concebida ſem peccado original, ſe a meſma puriſſima Senhora, quando ſe concebe, ou nace Portugal, he a que logo lhe promete eſta grãde ventura?

A occaſião, & o tempo em que ſe concebeo, & naceo o Reyno de Portugal, foy aquella prodigioſa noite, ou venturoſa madrugada, quando no Campo de Ourique ſe firmou, & eſtabeleceo a Monarchia Luſitana por decreto do meſmo Chriſto. *Volo in te, & in ſemine tuo imperium mihi ſtabilire*, diſſe o Redemptor do mundo ao noſſo primeyro Monarcha D. Affonſo Henriques. Mas quem diria conſiderando as leys da razão, do poder, & da fortuna, & todas as mais q̃ concorriaõ naquellas circunſtancias, que Portugal ſeria Reyno, & que ſeria Monarchia, quando contra todas as leys ſe devia contender?

Que he o que ſe via naquelle Campo? De hũa parte ſe via o limitado poder dos Portuguezes, & da outra o formidavel exercito de noſſos contrarios. Os que menos dizem do numero daquelles barbaros, he que para cada hũ dos poucos Portuguezes haveria cem naquella grande multidaõ dos Mouros. Agora pergunto: quem á viſta deſ-

te immenſo, & vaſtiſſimo corpo de batalha não cõſidera a deſigualdade do poder contra aquella pequena porçaõ mais deſproporcionada ainda que a pequenhez de hum David à viſta da grandeza de hum Gigante? E quem eſtando por aquellas leys, que nas batalhas firmão as ſentenças, que ſaõ os mais ſoldados, não daria por condenado a Portugal?

Nas batalhas, que ſaõ aquelle temeroſo jogo da fortuna, aſſim como ſempre ſe buſca o melhor partido, ſendo quaſi regra infalivel, que quem tem mais braços, tem melhores pulſos; aſſim para ſegurar o partido, a multidão dos combatentes já por ſi leva a mão no jogo; & por iſſo neſta occaſiaõ não ha duvida, que pelas leys da razaõ no numero, pelas do poder na multidaõ, & pelas da fortuna na ſegurança, que era a deſigualdade do partido, naõ podia Portugal prevalecer: aſſim he, ſe naõ olharmos para o modo, & para a conjunçaõ, em que nacia Portugal, pois nacendo debaixo da protecção de Maria concebida ſem peccado original, não podiaõ todas aquellas leys prevalecer cõtra o ſeu favor.

Antes de ſe chegar a cõtender, que he o que ſe vio para ſegurança do noſſo Reyno q̃ então nacia? Appareceo, diz o noſſo Inviċtiſſimo Monarcha no ſeu teſtemunho, appareceo hũa luz da parte do Oriente. Naõ ha figura mais expreſſa de Maria que a luz, com eſtes caraċteres a vemos eſcrita, & explicada em todas as eſcrituras, & neſta com particularidade ſignificava a Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ, por ſer luz da parte do Oriente; porque não houve inſtãte, em q̃ eſta Senhora ſe pudeſſe conſiderar, no qual logo do primeiro da ſua Conceyçaõ naõ foſſe luz ſem ſombra; em fim luz no Oriente, porque ſem macula logo no primeyro inſtante de ſeu ſer, & taõ reveſtida dos reſplandores da graça em ſua

Conceyçaõ puriſſima, quã-ta era, a que ſe devia a quẽ tinha Deos eſcolhido para Mãy ſua. E Portugal em ſeu nacimento, & quando começa a ſer Reyno, tem por fiador dos ſeus augmentos, & por ſegurança da ſua fortuna aquella luz ſem ſombras, aquelle reſplandor ſem mancha: pois naõ tem que recear as leys do poder; porque contra todas eſſas leys ha de prevalecer o favor, com que acode ao ſeu amparo, & o toma debayxo da ſua protecçaõ Maria Santiſſima, q̃ naõ he o ſeu pequeno numero, o que ha de ſer vencido pelas leys da multidaõ.

Pareceme neſte caſo, que pòde dizer Portugal, o que em circunſtancia muyto ſemelhante dizia David. Conſiderando David a eſpecial protecçaõ, com que Deos lhe aſſiſtia nas ſuas batalhas, & contendas, que todas eraõ muyto parecidas ás noſſas, ſempre deſiguaes no poder, & iguaes na fortuna: rompeo neſtas palavras: *Quoniam non cognovi literaturam, introibo in potentias Domini.* Eu porque naõ conheci letras, por iſſo tenho por mim a protecçaõ de Deos. O que na Vulgata he *literaturam*, no texto Original he *numerationem, & computum.* Donde vem a dizer David, que por naõ olhar para o numero, & para os computos da ariſmetica, por iſſo era admitido debayxo da Divina protecçaõ; a qual entam moſtrava melhor o ſeu favor, quando menos reparava no computo, & nos numeros.

Pſalm. 79.

E que razaõ havia aqui de protecçaõ, quãdo ſe naõ reparava, ou ſe naõ computava o numero? A meſma razaõ que no noſſo caſo. David fallava aqui como Capitaõ de ſeu exercito, & do ſeu povo, que era hum povo eſcolhido, aſſim como o he tambem o Reyno de Portugal: & era aquelle hũ exercito, & hum povo favorecido por Deos contra todas aquellas razoens, & leys, que por ſi pòde allegar

 o nu-

o numero, & ainda a desconfiança bem fundada dos que olhaõ para os poucos na presença dos muytos.

Por ley certa de arismetica, & por regra quasi infallivel da milicia o mayor numero vence sempre ao menor: os tres vencem aos dous, os quatro aos tres, & os cinco aos quatro: esta he a ley da natureza nos numeros, esta a regra da milicia no poder, em que o mayor tem conhecidas ventagẽs; porèm quando Deos ampara, quando Deos favorece, que valem todos esses numeros? O mesmo David o dirá com a sua experiencia ajudada sempre de favor Divino nas batalhas, que teve contra os Filisteos, contra os Moabitas, contra os Siros, & cõtra os Idumeos, nas quaes sempre com muyto pouco numero de combatentes desbaratou a immensa multidaõ de seus inimigos, naõ fiado no numero de seus soldados, mas confiado na singular protecçaõ, com que Deos o ajudava.

A protecçaõ mais singular de Deos, & por onde sempre acode ao nosso remedio, he aquella, que toda se dispensa, & toda se menea por sua Mãy Sãtissima, como disse a grande luz da Igreja S. Agostinho: *Omnia per manus Mariæ*. E tẽdo Portugal por si aquella soberana luz no seu Oriente, & na sua Conceyçaõ, como havia de prevalecer contra elle o numero: ou como naõ havia de ceder o mayor numero ao menor, se necessariamente contra as leys do poder, & contra os decretos do computo, & contra a mayoria do numero estava o favor, & amparo, & a protecçaõ de Maria Santissima concebida sem peccado original?

Mas porque esta luz parece que teve aquella mesma correspondencia, que costumaõ ter os dias na cõta de David: *Dies diei eructat verbum*: que hum dia he o que dá luz a outro dia, por ser hum a explicaçam do outro; vejamos, para melhor confirmaçaõ do nosso caso,

Psalm. 18.

caſo, que nos diz deſta luz, outra luz, que vio S. Joaõ no ſeu Apocalypſe. Diz S. Joaõ, que vio hum grande ſinal: eſte ſinal era hũa luz grande, porque era huma mulher veſtida do Sol, coroada de Eſtrellas, & calçada da Lua: *Mulier amicta Sole, & Luna ſub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.* Mas o mayor prodigio, que aqui ſe vio, he, que tinha hum filho pequeno, que havia de governar o mundo todo: *Qui recturus erat omnes gẽtes*. Mas logo em nacendo ſe vio no mayor perigo, porque hum dragaõ terrivel, & eſpantoſo o pertendia tragar: *Draco ſtetit ante mulierem, ut cum peperiſſet, filium ejus devoraret.*

Apocal. 12.

Eſta luz, que toda era hũ myſterioſo enigma do que havia de ſucceder em Portugal, ſem outro commento mais que a ſua explicaçam, he tudo o que vamos dizendo. Primeyramente aquella prodigioſa mulher com todas as luzes do Ceo, que ſaõ Sol, Lua, & Eſtrellas, he Maria Santiſſima em ſua Conceyçaõ, porque foy tal a luz da graça, que reſplandeceo naquella puriſſima alma, que excedeo incomparavelmente a luz de todos os mais Santos, porque ou ſejaõ taõ puros como o Sol, ou taõ reſplandecentes como as Eſtrellas, ou taõ claros como a Lua, com toda aquella graça que tiveraõ, ou infuſa liberalmente por Deos, ou adquirida por ſeus merecimentos, toda ficava muyto atraz daquelle primeyro inſtante.

E iſto he o que nos advertio o Profeta, conſiderando o primeyro ſer de Maria Santiſſima a reſpeito dos mais Santos conſtituidos já no mayor auge de ſua ſantidade, affirmando que mais eſtimava Deos a eſta Senhora logo nos ſeus principios, do que todos os mais Santos nos ſeus augmentos: *Diligit Dominus portas Sion ſuper omnia tabernacula Jacob.* Porque ou tomemos todos os Anjos em todas ſuas Hierarchias, ou os Patriarchas, & os Profetas,

Pſalm. 86.

fetas, ou os Apostolos, & os Martyres, ou os Confessores, & as Virgens, que saõ todas as luzes da graça, que resplandecem diante de Deos, a todas excede, a todas vence, & a todas se adianta Maria em sua Conceyçaõ.

O Filho que havia de reynar em todas as gentes, he aquelle pequeno Reyno Portugal, que logo naceo para Senhor do mundo, estendendo tanto o seu dominio, que em todas as quatro partes se vio, & se vè reconhecido, na Europa, na America, na Africa, & na Asia. O dragaõ que o queria tragar, qual ha de ser, senaõ aquelle formidavel monstro da seyta, & sequazes de Mafoma, que unidos contra este pequeno filho, como se fo a hũ pequeno bocado o pertendia engulir, temeroso das ruïnas, que de semelhante parto se lhe haviaõ de seguir? Mas oh prodigio do favor, & protecçaõ de Maria, que assim como appareceo como luz, assim soube guiar a este pequeno parto do seu amor! & para onde? *Ad Deum, & ad thronum ejus.* Para Deos, & para o seu trono: para Deos, que no mesmo tempo estava traçando a nossa Monarchia; & para o seu trono, que era a sua Cruz, em q̃ se vio pendente nos ares: para Deos, que queria estabelecer hum Reyno; & para o seu trono, que por meyo deste mesmo Reyno havia de ser exaltado, & venerado em todo o mundo: para Deos, que escolhia a Portugal entre todos os mais, como cousa da sua maõ; & para o seu trono, cuja magestade, & soberania havia de fazer Portugal reconhecer a todas as gentes.

Estes saõ os prodigiosos favores da protecçaõ de Maria com Portugal contra todas as leys: que se cõsiderarmos estas, ou seja em quanto favorecem o numero, ou a grandeza, todas davaõ definitiva sentença contra a nossa conservaçaõ: quanto ao numero, por sermos taõ poucos: & quanto

á grandeza, por ser hũ Reyno taõ pequeno; & com menos comparaçaõ ainda da que pòde ter hum menino com hum Gigante; ou hũa tenra creatura com hũ dragaõ horrendo, & temeroso: mas como o favor de Maria foy sempre o nosso mayor poder: *Introibo in potentias Domini*: como o seu amparo foy sempre a nossa mayor defensa: *Raptus est ad Deum, & ad thronum ejus*; por isso contra todas essas leys, nem o pouco numero nos diminuhio a valia: *Quoniam non cognovi literaturam*; nem a pequena estatura nos quebrou as forças para naõ vencermos debaixo de taõ valerosa protecçaõ; porque prevaleceo a graça, & triunfou o favor.

Mas porque naõ foy esta só a occasiaõ, em que resplandecèraõ estes milagres da graça, deyxando o estylo de Prégador, havia de seguir agora os periodos da historia, para mostrar o que devemos a quem assim nos ampara. Este dragaõ, que como outra hydra renovava as suas forças nos nossos golpes, naõ só nesta occasiaõ quiz tragar este pequeno parto, & devorar esta pequena porçaõ; lá tornou outra vez a produzir huma nova cabeça, que foy Miramolim, q̃ trilhando o Reyno todo com quatrocentos mil cavallos, & quinhentos mil Infantes, já naõ deyxava esperança ao nosso remedio, mais que a bom livrar a sugeyçaõ de hum tyranno cativeyro: mas entaõ resplãdeceo de novo a nossa luz, que tirandolhe das mãos a preza, nos salvou a liberdade, & as vidas com hũa prodigiosa vitoria, de quem foraõ successivos outros milagrosos triunfos dos Reys de Sevilha, & de Jaem, a recuperaçaõ do Algarve, & finalmente a total expulsaõ de nossos contrarios: sendo porèm sempre taõ pouco o nosso poder como costumava: mas como Maria Santissima nos tinha já tomado debaixo da sua protecçaõ, essa mesma era a razaõ para ser o nosso

pou-

pouco poder o melhor fiador da noſſa felicidade.

O que o Profeta David diſſe antigamẽte naõ ſó como Profeta dos myſterios, mas como hiſtoriador dos ſucceſſos fallando deſta Senhora,& naõ em outro myſterio, ſenaõ no myſterio da Conceyçaõ,foy,que naõ ſó havia de pizar o dragaõ, ſenaõ tambem o leaõ: *Conculcabis leonem, & draconem.* E iſto meſmo he o que dizem os noſſos ſucceſſos: porque vencido,& deſtruido o dragaõ,tambem o Leaõ experimentou,& padeceo a meſma ruina: quantas vezes o Leaõ coroado das Heſpanhas deſembainhando as garras contra nòs, quiz fazer preza em Portugal, outras tantas ſe vio ſem unhas.

Confórme ao computo das noſſas hiſtorias vinte,& duas foraõ as batalhas,que atè o preſente ſe tem dado entre Portugal,& Caſtella, entrando aqui a porfiada,& antecedente guerra que tivemos vinte, & oito annos cõtinuos,(que naõ fallo na preſente;)& he couſa admiravel,que ſendo ſempre deſigual o noſſo poder,& tendo nòs quaſi entre os braços eſte Leaõ,pois quaſi como em cerco nos poz a natureza a reſpeyto da Heſpanha, nunca nos pudeſſe levar nas unhas: & qual pòde ſer diſto a cauſa,ſenaõ aquella occulta,& manifeſta influencia, que nos aſſiſte? occulta;porque naõ acabaõ de entender noſſos contrarios, qual he o esforço ſuperior a toda a credulidade que nos aſſiſte:& manifeſta; porque a experiencia de taõ continuos, & repetidos ſucceſſos naõ deyxa duvida a taõ patente verdade: porèm o q̃ elles naõ entendem, diſſe já David em tres palavras: *Conculcabis leonem, & draconem.* Que aquella meſma força, aquella meſma protecçaõ,finalmente Maria Santiſſima da Cõceyçaõ Padroeyra noſſa, q̃ deſtruhio o Dragam Africano, eſſa he a que faz tremer maleitas ao Leaõ Heſpanhol, taõ rompente, & taõ generoſo em toda Europa,

ropa, mas só com Portugal taõ timido, & taõ covarde, naõ porque eu lhe queira negar o seu valor natural, mas porque contra a sua natureza se oppõe a graça, com que Maria Santissima nos assiste.

Bem sey que me diraõ os vistos nas historias, que já este Leaõ sugeytou a Portugal, & que nesta occasiaõ parece se descuidou de nòs a nossa Padroeyra: a q̃ respondo, que a uniaõ de Portugal a Castella de nenhum modo foy sugeyçaõ: porque esta uniaõ foy por falta de successaõ, & naõ foi por força de conquista: donde ficamos em Castella, mas naõ ficamos de Castella. E que diversidade vay de ficarmos em Castella, & naõ de Castella? Vay, que ficamos em deposito para nos restituirmos depois a quem pertenciamos: & naõ ficamos como propriedade para ter em nòs dominio: o deposito, ainda que esteja em maõ alheya, sempre he de seu dono, & nunca pertence ao depositario: & desta sorte esteve Portugal em Castella, naõ como cousa que lhe pertencesse, mas como cousa que devia restituir, & entregar a cujo era: dõde naõ faltou Maria Santissima no cuydado, que de nòs tem: nem deyxou de nos conservar sempre como Reyno seu, & muyto seu.

E para que do mesmo argumento se tire a confirmaçaõ, pergunto: quanto durou a uniam de Castella cõ Portugal? Durou em quanto, sem lhe offender os privilegios da Regalia, o conservou Reyno. Quando foy a separaçaõ? Quando Hespanha, ou mal attenta à fidelidade com que queria fazer propriedade o que era deposito; ou faltando á sua obrigaçaõ, quiz reduzir a Provincia o que era Reyno separado, firmado, & estabelecido por Christo, & defendido por aquella luz, q̃ assistio á sua estabilidade. Naõ foy logo descuydo da nossa Protectora, antes muyto singular providencia, pois se bem consentio no deposito atè ser tempo

de

de se restituir, repugnou á sugeyçaõ, porque esta nunca ha de succeder; & quãdo o Leaõ Hespanhol assim o cuydou, entaõ he que se vio pizado, & vencido, & nòs gloriosos, & triunfantes: *Conculcabis leonem, & draconem.*

Sendo as historias passadas a melhor profecia dos successos futuros: sendo as experiencias succedidas o melhor fiador do que devemos esperar na semelhãça dos mesmos acontecimentos, o mayor escandalo que tenho contra a nossa pouca fé he, que vacille, &q̃ desmaye tendo por si tantas seguranças. Vejo hoje tantas duvidas, vejo hoje tantos reçeyos fundados no nosso pouco poder, & no muyto dos nossos contrarios, que me venho a persuadir, que naõ só obramos como faltos de Fé, senaõ tambem como faltos de entendimento: como faltos de Fé; porque tendo a mesma defensora, & com o mesmo empenho com que sempre nos acudio, duvidamos dos seus auxilios: como faltos de entendimento; porq̃ sem discorrermos em taõ certos antecedentes, tiramos hũa consequencia muito alheya da razaõ.

Porque saõ muytos nossos inimigos: porque sam poucos os nossos soldados; porque he grande o seu poder: porque saõ limitadas as nossas forças; esta he a razaõ da nossa duvida, devendo ser o motivo da nossa esperança? Saõ elles por ventura agora mais, & somos nòs agora menos? He agora mayor a sua grandeza, & a nossa força mais limitada do que foy sempre em todos aquelles successos? Pois se agora, como entaõ, temos por nòs o mesmo patrocinio, qual he a razaõ do temor? Eu me persuado que agora o devemos ter menor: porque agora naõ cõcorre só Maria Santissima, com aquella força, & poder superior, & occulto, mas ainda com outro natural escolhido por altissima providencia para o tempo presente

ſente, para triunfarmos tã-to mais glorioſamente, quã-to mais nos virmos aper-tados. Antes de me expli-car, quero contar hũa hiſto-ria, a qual he do livro ſegun-do do Paralipomenon.

Na mayor attenuaçaõ em que podia eſtar o povo He-breo chegou Sennacherib Rey dos Aſſyrios para con-quiſtar o Reyno de Iſrael: o poder dos inimigos era taõ grande, que inundava os cãpos; & o dos Hebreos taõ pequeno, que por opro-brio lhe offereciaõ os Aſſy-rios dous mil cavallos, para ver ſe em todo o povo po-dia haver dous mil homens que os montaſſem. Que fa-ria Ezechias neſte aperto? recolheſe á Cidade de Da-vid, & de novo mandou reſtaurar a fortaleza Mello, para com ella ſe defender de ſeus contrarios: *Inſtau-ravitque Mello in Civitate David.*

Para-lip. 32.

Duas couſas devemos ſuppor neſta hiſtoria, am-bas certas, & verdadeyras: a primeyra, que aquella Ci-dade de David, a quem o meſmo Deos por mereci-mentos do meſmo David tinha tomado debayxo de ſua protecçaõ: *Protegam urbem hanc propter David ſervum meum*, era ſymbolo de Maria Santiſſima: a ſe-gũda, que tudo o que obrou Ezechias como Rey Santo por quem pelejavaõ os An-jos, era por inſtinto ſupe-rior de Deos, a quem recor-reo neſta preſẽte afflicçaõ.

Reg. 19.

Iſto ſuppoſto, vay agora a duvida: Se Ezechias con-tra o poder formidavel de ſeus inimigos tinha por ſi a defenſa da Cidade de Da-vid, por cujos merecimen-tos occultamente lhe aſſiſ-tia Deos, & o reparo firmiſ-ſimo de Maria ſymbolizada na meſma Cidade; para que ſe ajunta a eſta defenſa ou-tra exterior, q̃ era o Mello: *Inſtauravit Mello?* Quem tẽ por ſi a Maria Santiſſima, naõ eſtá ſeguro, & ſeguriſ-ſimo? Naõ ha duvida: pois para que ordena, & diſpoem Deos, que para a ſeguran-ça deſta defenſa concorra a Cidade de David, & con-corra a fortaleza Mel-

lo.

lo? Nos decretos livres de Deos naõ se busca razaõ: assim o ordenou, porque assim era conveniente que fosse: & assim foy, porque os mesmos successos claramente mostráraõ que por hũa, & outra defensa se vio o povo livre, soccorrido, & vitorioso.

Mas se naõ he atrevimẽto do discurso humano o querer inquirir os altissimos fins da Divina Providencia, digo que nesta occasiaõ quiz Deos que tivessem os do seu povo duas seguranças, & duas defensas, hũa occulta, que era a protecçaõ superior da Cidade de David, & outra manifesta, que era a exterior assistẽcia daquella forte muralha Mello; porque aindaq̃ Maria como Cidade fortissima por si só podia defẽder aos poucos Israelitas do immenso poder dos Assyrios; quiz Deos, que para a defensa concorresse tambem outra causa natural disposta naquelle tẽpo por sua altissima providencia, & por isso com a Cidade de David pelo que significava, que era Maria Santissima, favorecia, & defendia com a protecçaõ occulta, & sobrenatural aos de seu povo; & com a fortaleza Mello segurava, & amparava o mesmo povo com presidio, & defensa exterior, patente, & natural.

Assim obrava Deos naquelle tempo com o seu povo escolhido: & sendo nòs tambem povo escolhido pelo mesmo Deos, porque naõ obrará assim? Bem sey que nos cingem nossos contrarios de todas as partes: bẽ sey que saõ muitos; mas que importa, se no mesmo tempo com defensa occulta, & com defensor patente nos segura, & nos defende? Aquella Cidade de David naõ he hoje a que nos ampara? aquella fortaleza Mello naõ he hoje o em que se estriba toda a nossa esperança? Naõ experimentamos hoje as mesmas disposições da Divina Providencia? Pois por que naõ experimentaremos os mesmos effeytos? Mas naõ digo bem, que outros

effey-

effeytos ſe experimentáraõ antigamente, que ſe naõ experimentem hoje? Quem contra o orgulho de noſſos contrarios foy a noſſa ſegurança, & a noſſa defenſa, mais que aquella força occulta da poderoſa protecçaõ de Maria, & aquella conſtancia firme, & manifeſta da fortaleza Mello?

Mas naõ quero deyxar ſem reparo, o que entam ſuccedeo, por ſer caſo muito ſemelhante ao que hoje vemos. He certo, como cõſta da meſma Eſcritura, que toda a força dos inimigos ſe dirigio, & ordenou contra aquelle firmiſſimo baluarte, a que a meſma Eſcritura chama Mello, & contra elle ſe diſpuzeraõ as batarias, os aſſaltos, & todas as machinas militares, que a guerra injuſta, & muyto mais o odio podiaõ inventar. E que faria o Rey neſte caſo? A Eſcritura o diz: *Agens induſtriè*: que obrou com grande induſtria: & qual foy? *Inſtauravit Mello*: que forneceo, & conſervou ſempre a ſua fortaleza Mello; como quem ſabia q̃ nella depois da fortaleza de David figura de Maria tinha a mayor ſegurança para vencer, & para triunfar de ſeus inimigos: aſſim foy, aſſim he, & aſſim ſerà. Quantas deſtrezas ſe naõ inventáraõ, quantos eſtratagemas ſe naõ fingiraõ, & quantas ciladas ſe naõ armáraõ contra eſta firmiſſima torre baſtantes a derrubar os bronzes? eu as naõ eſpecifico, porque ha couſas, que ainda ſendo publicas ſe naõ devem individuar; mas foy mercè de Deos, que a induſtria Real tiveſſe tanta attençaõ a eſta ſua fabrica, & tanto conceyto deſta eleyçaõ unica do ſeu bom diſcurſo, para naõ conſentir que foſſe deſmantelada, poſto que foſſe vigoroſamente combatida; para que aſſim ſe viſſem bẽ logradas todas as Reaes ideas & diſpoſições, & bem afortunados os ſucceſſos de todos ſeus vaſſallos.

Combinando porem tẽpos com tempos, acho hũa grande diverſidade dos paſ-

ſados aos preſentes : porque là no governo de Ezechias naõ houve diſcrepancia nos votos, em que ſe fizeſſe toda a hoſtilidade aos inimigos, & depois de declarada a guerra, ninguem cenſurou a reſoluçaõ; nos noſſos, em quanto a guerra ſe naõ declarou, tudo eraõ queyxas, avaliando por remiſſaõ a diſſimulaçaõ de tãtos inſultos feytos por hũ levantado, que naõ tinha mais grandeza que aquella com q̃ crecco a noſſa ſombra; mas tanto que ſe deu expediente a ſe caſtigarem, como caſtigáraõ, eſtas demaſias com tanta gloria, q̃ a naõ pode desluzir, nem a cavilaçaõ, nem a inveja, tudo foraõ cenſuras do que ſe obrava; tudo temores da noſſa ruina, & com tanto aſſombro, que lá chegáram a meter medo em Portugal; & com taõ pouca attençaõ, que pertenderaõ defender, a quem nos offendia. Fallo com eſta clareza contra o q̃ ſempre coſtumey fazer deſte lugar, porque quando a ſemrazaõ he taõ publica, ninguem deve eſtranhar que ſeja o deſaggravo manifeſto, & prouvera a Deos que naõ houvera taõ qualificadas razões para taõ juſta queyxa.

Eu naõ condeno que tiveſſe Padrinhos Queymaſanto: deyxeyme nomear o afilhado: naõ condeno, digo, que tiveſſe Padrinhos, eſcandalizame porèm, que o naõ ſoubeſſem ſer: ſe o querem bautizar por innocente, eu lho concedo; mas naõ poſſo levar em paciencia, que ponham impedimẽtos a ſer criſmado: ſe o tomam por afilhado, não he juſto que lhe neguem ambos os Sacramentos, em q̃ coſtuma haver Padrinhos: ſeja innocente pela graça q̃ lhe fazem, & lá o bautizem como quizerem; mas ſeja tambẽ criſmado como merece: porque ſó deſta ſorte ficará confirmado na vaſſallagem que deve ao Dominio Portuguez.

O que eu com tudo deſejára ſummamente he, que foſſem verdades todas aquellas impoſturas, que ſe ef-

eſcreverão neſta materia, & ſuppoſto que nenhũ dos preſentes as ignora, eu as repito: & quaes ſaõ? Que eſtava a India ameaçada com a mayor ruina, que ſe podia temer; a qual infallivelmente ſe havia de experimentar; porque fazer guerra a noſſos inimigos era deſpertalos, para que medindo as ſuas forças com as noſſas conheceſſem melhor as ſuas ventagens: que o inimigo que tinhamos por vizinho nos cingia por todas as partes: & que o Mogor por cauſa das prezas decia com poderoſiſſimos exercitos: que já as terras do Norte ſentiam o peſo da guerra; porque eſtavão aſſoladas, & deſtruidas: & q̃ o meſmo Queymaſanto eſperava huma poderoſa armada dos Arabios, que introduzida nos ſeus portos tinha paſſagem franca, & ſem impedimento para as noſſas terras, & como era formidavel o poder, era tambem infallivel ficarmos todos victimas do ſeu odio, & da ſua vingança.

He iſto o que ſe praticou, meus Senhores? que nam allego teſtemunhas mortas. Acrecento algũa couſa á expreſſam com que ſe propoz eſta materia? He certo que não, & todos o ſabem; pois iſto he o que eu deſejára foſſe verdade, eſtes exercitos poderoſos, mas fingidos, eſte poder formidavel, mas ſonhado, eſtas grandes armadas, mas no ar: & para que? Para termos mais que agradecer áquella firmiſſima defenſa da Cidade de David a noſſa Protectora Maria Santiſſima, & áquelle inexpugnavel forte Mello reſtaurado, ou eſcolhido com ſumma induſtria, & acerto neſtes tempos para grãde fortuna de todo eſte Eſtado.

Digo com grande fortuna; porque a não he pequena, que o Mogor em lugar das prezas que havia de procurar, ſolicite, & compre a noſſa amizade com franquezas, que nos concede nos ſeus portos. Os Arabios tam temeroſos, que quando correm as noſ-

ſas Coſtas, mais o fazem como ladrões furtivos, que como ſoldados reſolutos: furtão, ſe podem; & ſe os buſcão, fogem a mais não poder: finalmente o inimigo que nos cingia já o temos ſem braços, porque lhos cortamos, & tantas fortalezas como ſe lhe tem arrazado: & ſendo a guer ra hum animal, que ſe ſuſtenta de corpos mortos, ou hum jogo, em que ſe perdẽ homẽs vivos, foy a noſſa com tanta ventura, que nẽ como animal nos comeo gente, nem como jogo nos ganhou vidas: & ſendo eſta verdade tam patente, como viſta com os olhos, ſerá deſgraça, que haja, quẽ não podendo negar o que vè, queyra diminuir a gloria de tão felices ſucceſſos, & o procedimento de quem os obra. Lembrame aqui o que nos deyxou advertido o S. Job da noſſa India: *Tinctis Indiæ coloribus*: que na India não ha couſa com a ſua propria cor, porque ſobre a cor das couſas ſe davam tintas; & com taes tintas, como ſe ha de conhecer o zelo da Juſtiça, ſe o pintaõ como vingança? Como ſe ha de conhecer o deſintereſſe, a limpeza de mãos, a attenção aos benemeritos, a rectidão, & tantas acções heroycas, como vemos hoje executadas, ſe tudo vay tingido de outra cor, & taõ deſmentido da verdade, que nem por ſombras ſe achou a verdade neſtes pintores? Mas deſenganeſe quem iſto pertende, que naõ ha de permittir Deos, que o conſiga, & que ha de ſer conhecido pela pinta, & ſe pintar como deve, logo verá que não ſaõ hoje as proezas, q̃ ſe obram, & Deos nos concede debayxo de hũa, & outra defenſa, & protecçaõ de que fallamos: debaixo, digo, da protecção da Fortaleza Maria Santiſſima, & da defenſa do forte Mello deſiguaes daquellas proezas antigas, que por tantos clarins de gloria publicão as trombetas da fama.

Job 28.

Pareceme que nenhũ dos preſentes deixa de ter plena noticia das Chronicas

Por-

Portuguezas, & por isso seráõ as melhores testemunhas de que não digo cousa, que não esteja comprovada com fé publica nos annaes das nossas historias. Como grangeáráõ nome aquelles Heroes, que cõquistáraõ este Oriente? Que outro Rodes era Goa, que o não fosse Amoná? Que mais bronzes se viraõ naquellas torres, que se não vissem nestas ameas? Que Castello de Milão havia em Malaca, em Ceylaõ, em Cochim, em Dio? Que Arrochelas eraõ as praças de Ternate, de Amboyno, de Moçambique, de Mombaça, & de todas as mais, que com gloria incomparavel ganháraõ aquelles primogenitos do Marte Indiano, que lhes não fossem iguaes Bicholim, Pondâ, & o inaccessivel outeyro de Chandinato? Pois se nos admira o passado, de que não temos mais noticia, que a fama; porque não estimamos, & agradecemos a Deos o presente q̃ vemos com nossos olhos? Se como Catholicos confessamos, & devemos confessar que todas aquellas vitorias devemos á nossa poderosissima defensora, & Padroeyra a Virgem immaculada; porque o não confessaremos agora na semelhãça de iguaes fortunas? Ella foy a que nos deu os triunfos, de que se honráram os nossos passados: ella a que nos concede semelhante gloria, de que muyto se deviam honrar todos os presentes.

Vejo com tudo que me instão formando argumento do mesmo que acabo de dizer. Se as nossas fortunas dependem da protecção da Virgem immaculada, ella só bastava para as conseguir, & não era necessaria outra força, ou disposiçam externa: mas dado caso, q̃ houvesse de obrar na nossa defensa por algum instrumento; porque ha de ser mais este, do que outro, quando de todos pòde usar igualmente a Providencia Divina? Respondo que naõ basta serem as vitorias dadas por Deos, para que se

naõ ſirva nellas das ſuas creaturas: elle he o que vẽce, elle he o que triunfa, mas ſempre buſca os homẽs para inſtrumentos: eſte he o modo ordinario, com que Deos diſpoem ainda aquellas materias, em que procede como Author muyto particular, quaes ſam as ſuas batalhas: & iſto o q̃ nos enſinão todas as hiſtorias ſagradas com os exemplos de Abrahão, Moyſés, Joſuè, Gedeão, David, & outros Generaes, & Governadores do povo, a quem o meſmo Deos eſcolheo para glorioſos inſtrumẽtos dos ſeus triũfos: & ſendo Deos ó Author de todos, não quiz que ſem eſtes grandes homẽs, & outros ſemelhantes a elles, ſe conſeguiſſem: & proſeguindo na meſma fórma, quando por interceſſaõ da noſſa Protectora immaculada nos concede as vitorias, tambem eſtas ſam por inſtrumentos humanos; mas não por todos, ſenão por aquelles, que a Divina Providencia deſtinou para ſemelhantes emprezas, como ſempre ſe vio, & ſe vè agora; porque niſto de homens, ainda que ſejão grandes homẽs, nam ſey que Deos tem com hũs mais, que com outros, para os ſucceſſos, que ſam proprios da ſua Providencia, & da ſua diſpoſição.

Eu me explico. Quando Judas Macabeo Capitão General do pôvo aſſombrava o mundo com vitorias, & ſucceſſos quaſi ſemprè milagroſos, quizerão outros Capitães, em que nam faltava o valor, ſeguindo tam glorioſos exemplos, & eſperando ſemelhante fortuna, continuar os meſmos ſucceſſos, & conſta da meſma Eſcritura, que os animoſos eram Joſeph, & Azarias, homẽs reſolutos, prudentes, amigos da honra, & da fama, &, o que he mais, zeloſos da honra de Deos, & que julgavam de ſi, que nam farião menos do que vião fazer a quem actualmente governava: & quando de todas eſtas prendas, & talentos ſe podiam eſperar grandes progreſſos, q̃ he

he o que ſuccedeo? *Fugati ſunt Joſephus, & Azarias uſque ad fines Judææ, & ceciderunt die illo ad duo millia, & facta eſt fuga magna in populo.* O que ſuccedeo foy perderſe a batalha, arriſcarſe o Eſtado, ficando vencido o exercito, mortos os melhores ſoldados; que ſempre os melhores ſaõ os que morrem: em fim tudo perdido.

1. Machab. 5.

Oh valhame Deos! E q̃ ſegredos ſaõ eſtes da Divina Providencia? Naõ era eſta guerra a meſma na cauſa, que a guerra de Judas, hũa, & outra em honra do meſmo Deos, & em defenſa do meſmo povo? Nos que aſpiravaõ ao governo nem faltava o valor, & o deſejo da honra, nem tampouco a prudencia, porque vendo a conſternaçam dos inimigos á viſta dos ſucceſſos de Judas, com boa illaçaõ os podiaõ eſperar muito felices: que motivo logo póde haver, para q̃ governando Judas vença o povo, & governando Azarias ſeja vencido, ſendo a guerra feyta por cauſa do meſmo Deos, & por Generaes de conhecido zelo, & valor com ſoldados da meſma naçaõ? *Ipſi autem non erant de ſemine virorum illorum, per quos ſalus facta eſt in Iſrael.* A diſparidade, Senhores, de huns a outros ſucceſſos diz a Eſcritura, q̃ toda eſteve na diverſidade do governo: governar quẽ Deos tinha eſcolhido, ou naõ tinha eſcolhido para vencer: & para fallar mais arrimado ao texto, & mais confórme á fraſe da terra: porque os vencidos nam eraõ da caſta daquelles, que Deos tinha eſcolhido para vencedores: *Non erant de ſemine illorum.* Os triunfos ſaõ hũa gloria, a mayor que ſe póde lograr neſte mundo; & aſſim como Deos tem predeſtinados para a Bemaventurança, aſſim tẽ eleytos para as vitorias, & por iſſo nem todos ſaõ para vẽcer: ha caſta que vence, & ha caſta q̃ naõ vence; porque ainda que Deos ſeja o que triunfa, como obra pelas ſuas creaturas, poden-

Ibid.

do usar de todas igualmente, foy vontade sua fazer entre ellas esta differença, que huns nas batalhas colhessem as palmas, & outros os cocos: & aqui naõ ha mais que fazer, senaõ ter paciencia, & persuadirse, que naõ pòde hũ fazer o mesmo que outros, por mais conceyto que de si tenha.

O que até agora nos disse a Escritura, he o mesmo que vemos no nosso caso. Maria Santissima, & immaculada foy, he, & será sempre a nossa Protectora, como esperamos da sua piedade; mas como obra por instrumentos com a mesma alternativa de successos, q̃ na successaõ dos tempos se tem experimentado, vemos em huns vitorias, & felicidades, em outros perdas, & infortunios, naõ porque faltasse nos instrumentos a capacidade, mas porq̃ lhes faltou a eleyção: seria negar as luzes ao Sol, o resplandor ás Estrellas, nam conceder a todos os q̃ empunháraõ o bastam deste governo do seu principio atè agora, & os que daqui por diãte o podem menear, o valor, o zelo, a resoluçaõ, & todos aquelles attributos, que fazem hum Heroe a todas as luzes grãde: mas que havemos de dizer, sendo a nossa Protectora, & Padroeyra a mesma em tanta variedade de successos, triunfando agora, & naõ triunfando em outros tempos, militando todos debayxo do mesmo patrocinio, & pela mesma causa, que he a honra de Deos, senão: *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel?* Que hũs nacèraõ para vencer, & outros naõ, & dè graças a Deos quem naceo com esta dita, que lha nam ha de tirar a inveja: tenha paciencia quem naceo sem ella, porque isto lhe naõ ha de servir de desdouro, pois he mercè que Deos concede a hũs, & naõ concede a outros: & persuadase quẽ cuyda que pòde fazer o mesmo, que se engana, se naõ tiver certeza que he

dos

dos escolhidos para estas grandes emprezas, como saõ as que hoje logramos:& saibaõ todos os que este instrumento virem, que nam pòde haver mayor escandalo da razam, que desestimarmos a ventura, q̃ Deos nos concedeo no estado presente, pois nisto obramos de sorte, que nòs mesmos nos naõ entendemos no que queremos, & nam queremos.

Considero tal a implicancia da nossa vontade nestas circunstancias, que de nenhũ modo lhe posso conciliar os affectos. Se pergũtar aos mais, & aos menos zelosos, que he o que desejaõ; naõ ha duvida que responderáõ, que desejaõ triunfos gloriosos, successos prosperos, & felices: isto he certo: & naõ he tambem certo, que não concede Deos estas felicidades, senaõ por meyos humanos, & naõ por todos, senaõ por aquelles, que destinou para as nossas melhoras? Pois suspiramos pelas vitorias, & conspiramos contra o instrumento dellas? Queremos os fins, & naõ queremos os meyos? E querer fim sem meyos naõ he implicancia, & taõ grande, & taõ impossivel, que toda a omnipotencia a naõ vence? Oh se olhassemos para o q̃ nos convem despindo outro qualquer affecto, ou da emulaçaõ, ou da inveja, que diversos seriam os nossos desejos, & que concordes as nossas vontades! Quantas graças dariamos a Deos, & a sua Mãy immaculada, & Protectora nossa por nos chegar a tempo, em que para tanto bem usa de hũ instrumento taõ capaz, & de hum varaõ daquella casta, que traz a fortuna a soldo!

E supposto que tudo isto seja verdadeyramente admiravel, a mim me naõ causa admiraçaõ, porque sey que toda esta ventura nos estava já prognosticada logo que Maria se fez a nossa defensora. Figura propria, & muyto propria da Conceyçaõ foy aquella fortissima torre de David, & nam só da Conceyçaõ, senam

com

com muyta eſpecialidade da Conceyçaõ defenſora: porque aſſim como ſignificava a Conceyçaõ, por ſer Torre que nunca ſe rendeo ao inimigo; aſſim ſignificava a Conceyçaõ defenſora: porque ella era a que defendia os que ſe recolhiam no ſeu recinto: *Sicut turris David...quæ ædificata eſt cum propugnaculis.*

Cant. 4.

He Maria como Torre de David, diz o Eſpirito S. invencivel em ſi pelo que tem de forte, & defenſora dos mais pelo que tem de amparo. Mas como defendia eſta Torre aos que buſcavaõ o ſeu abrigo? O meſmo Eſpirito Santo o diz: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* O modo era defender com eſcudos. E que couſa ſaõ os eſcudos, ſenam as aroelas, que com gloria immortal ſervem de brazão illuſtre a quem nos defende? Deſte eſclarecido brazão, & deſtas nobiliſſimas armas he que ſe ajuda hoje a noſſa defenſora: deſtes eſcudos, ou deſtas roelas para as eternizar nos bronzes immortaes da fama, he que fórma a noſſa defenſa. E com quãta razaõ podiam as roelas dos Caſtros gravar por timbre hũa Torre, que topetaſſe nas Eſtrellas, já que a Torre de David, a mayor maravilha que Deos creou, ſe ſerve dellas, naõ ſó conſeguindo vitorias, mas alcançando triunfos ſem ſangue, que he cortar palmas ſem cipreſtes; ouvir repiques ſem ſinaes! E quẽ vio mayor felicidade?

E contra quem aſſim obra ſaõ as cenſuras taõ injuſtas como falſas. Oh naõ permitta a miſericordia Divina, que execute a Divina Juſtiça o rigor, que merece eſta ſem-razão, que ſendo taõ patente, eſtá clamando ao Ceo huma ſevera vingança! E vòs immaculada Protectora noſſa, que atè agora nos defendeſtes de noſſos inimigos, defendeynos agora de nòs meſmos, pois nòs meſmos ſomos os noſſos mayores contrarios. Bem merecia o noſſo pouco agradecimento

to

to que naõ continuasseis a nossa protecçaõ, pois tam pouco reconhecemos o beneficio, que nos fizestes, em nos dar sugeyto, que externamente promovesse o vosso patrocinio; mas tambem sey que o vosso coraçaõ naõ he de vinganças, & por isso espero na vossa piedade, que nos haveis de conservar este beneficio, atè que succeda outro igual; (que se nos naõ cegar a payxaõ, he o mayor bem, que podemos desejar) para que em quanto aqui vivermos, experimentemos a vossa protecçaõ cõ felicissimos successos na vida, & na morte achemos a vossa intercessaõ com muyta graça, penhor da gloria, &c.

SER-

SERMAM
DO
MANDATO

Prègado na Igreja da Casa Professa de Goa, Anno de 1687.

Sciens JESUS quia venit hora ejus, cùm dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Joan. 13.

1 DEpois que Deos teve tempo, tãbem o seu amor teve horas, mas horas tam crescidas, que sempre tiveraõ em augmento as finezas. De ter amado tomou motivo para amar: *Cùm dilexisset, dilexit*; & de amar para amar foy toda a conjugaçaõ deste Divino Verbo, & do tempo da sua hora. Em si buscou o motivo, quando em nòs só havia razaõ para sermos aborrecidos; & como o motivo era tam grande, chegou seu amor ao summo. Quem pintou o amor menino, pintou o amor humano, porque o amor humano sempre foy amor pequeno: ninguem o vio amor, que o visse muy crescido. O amor mais cres-

cido,

cido, que lemos nas Escrituras, foy o amor de Jacob, & o mayor encarecimento que nellas tem he chegar a sete annos; mas por mais idade que tivesse, nunca havia de chegar a ter estatura perfeita. A estatura perfeita he aquella, que naõ pòde crescer mais, & nunca o amor dos homens chegou a ter tal estatura; porque não houve atè agora quē amasse tanto, que nam pudesse crescer mais o seu amor.

2 Todo o amor dos homēs pòde augmentarse, & crescer; & amor, que pòde augmentarse, he pequeno; amor que pòde crescer, he menino. Mas naõ havia de ser assim para ser perfeito. O amor para ser perfeito, nem se ha de poder augmentar, nem ha de poder diminuirse: se se pòde diminuir, naõ he firme; se pòde augmentarse, naõ he grāde; ser pequeno, & inconstante, he o mayor desar do amor: & para os sabios nos advertirem, que naõ ha no mundo amor sem defeytos, pintárão o amor menino, para que na idade vissemos a inconstancia, na estatura a pequenhez, & em hũa, & outra a imperfeyçam do amor profano.

3 Amor grande, & amor firme he só aquelle, que naõ pòde ter augmentos, nem padecer diminuiçoens; o tal he o amor de Christo: disse o S. Joaõ em poucas palavras: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Como amasse os seus, amou-os atè o fim. Aquella palavra (*in finem*) cuydava eu que queria dizer, atè o fim da vida; mas desenganou-me Santo Thomàs, que tem por menoscabo das grandes finezas de Christo darlhes taõ curtas medidas: *Absit ut dilectionem morte finierit, qui non est morte finitus*. Quem naõ acabou cō a morte, naõ pòde chegar ao fim de seu amor com o fim da vida: mas aquelle fim, diz S. Joaõ Chrysostomo, naõ significa o fim da vida, senaõ o fim do amor: *Dilexit in finem, id est, in finem amoris*. Amou-nos Christo, diz hum, & outro S. Joaõ, o Evan-

S. Thom. in Catena hic.

Chrys. apud Alap. hic.

Evangelista, & o Chrysostomo; porèm de tal sorte nos amou, que chegou cõ seu amor ao fim, & este he o mayor encarecimento do amor.

4 Amar atè o fim da vida ainda he pouco, porque depois da morte ainda pòde haver amor, & a razaõ he; porque como o amor seja propriedade da alma, & a alma ainda depois da morte dura, em quanto houver alma, pòde haver amor: mas amar atè o fim do amor, he amar perfeytamente, porque atè o fim he aonde pòde chegar o amor: este he o ponto fixo; porque atè aqui pòde haver augmentos, daqui por diante não se pòde passar. Depois do fim naõ se pòde ir adiãte, assim como no principio se naõ pòde começar atraz: se começastes no principio, naõ pòde ser menos; se chegastes atè o fim, naõ pòde ser mais: só com esta differença, q̃ no principio se não podeis começar atraz, podeis ir adiante atè o fim; porèm no fim, nem para traz, nem para diante podeis ir. Voltar atraz he imperfeyçaõ, ou pela mudança que argue, ou pela inconstancia que suppoem: continuar adiante depois do fim he impossivel; porque atè aqui, & naõ mais; & atè aqui, & naõ mais o amor de Christo; este o non plus ultra de suas finezas, este o fim de seu querer, & este será tambem o fim a que ha de caminhar o discurso.

5 Bem sey, meu amoroso Deos, que indo no alcance de vosso amor sempre hey de ficar muytos passos atraz, mas consolome, Senhor, que não serey eu o primeyro. Lá quiz correr parelhas com vosco huma alma, a quem vòs amastes: *Trahe me, post te curremus*; mas por mais agigantados que deu os passos, por mais q̃ o seu affecto corria: *curremus*, o mais a que se adiantou foy ficar atraz: *post te*; & se quem corria nas azas de seu amor vos naõ podia dar alcance, como pòde presumir igualarvos quem

Cant. 1.

quem só vem a discorrer tibiamente? Donde daqui protesto, meu Deos, que por mais que diga de vosso amor, sempre direy o menos de vossas finezas, porque tudo o que disser he pouco em comparaçaõ do muyto que nos amastes: mas já que vosso amor cortou hoje a gala da paciencia, & fez garbo do sofrimento, tende Senhor paciencia para sofrer a tibieza de meus affectos, o limitado de meus discursos, & a rudeza de minhas palavras, em que só poderá haver aquella graça, que vòs lhe cõmunicardes; esta vos peço por intercessaõ de vossa Mãy Santissima, & creyo que ma nam podeis negar hoje com esta valia, porque se algũ tempo vos escusastes a hũa petiçaõ sua, por não ser chegada a vossa hora: *Nondũ venit hora mea*; hoje naõ tẽ lugar esta desculpa, porque hoje he o dia da vossa hora: *Quia venit hora ejus*, para me concederdes esta graça.

Joan. 2.

Ave Maria.

Sciens JESUS quia venit hora ejus, &c.

6 AMar atè naõ mais, ou pòde ser por excesso de quem ama, ou por defeyto de quem he amado: & temos os dous extremos deste amor excessivo, que chegou a fazer os mayores extremos por nos amar: o primeyro extremo, amar atè naõ mais por excesso da parte de Deos: o segundo extremo, amar atè naõ mais por defeyto da parte dos homẽs. Ambos estes extremos fundaremos no nosso thema, tornemos a repetillo, que he muyto para o trazermos na lembrança, & gravarmos nos corações. *Sciens Jesus quia venit hora ejus.* Sabendo o Senhor Jesus, que era chegada a sua hora. *Cum dilexisset suos, qui erãt in mundo.*

do. Como amasse aos seus, que estavaõ no mundo. *In finem dilexit eos.* Amou-os atè o fim. Aquellas palavras, *Qui erant in mundo*, no sentir de muytos Expositores, ou se podem entender pelos que estavaõ no mundo, ou pelos que amavaõ o mundo, ou pelos que ficavaõ no mundo: & a todos amou Christo taõ perfeytamente, & chegou com elles tanto ao fim do seu amor, & atè o naõ mais de suas finezas, que não podia haver amor mais perfeyto, nem amando aos que estavaõ no mundo, nem amando aos que amavaõ o mundo, nem amando aos que ficavaõ no mundo. Temos o assumpto dividido: vamos por partes.

Ita Chrys. Theoph. Euthym August. Mald. A Lap. Sylv. Vieyra, Ormaç.

7 Primeyramente foy o amor de Christo em tudo perfeyto, em tudo consummado, & chegou ao mais a que podia chegar, amando aos que estavaõ no mundo, disse já Guerrico Abbade: *Hinc illud est cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos: tunc enim omnem vim amoris effudit.* Amou atè o fim aos que estavaõ no mundo, porque atè o fim chegou com o ultimo esforço de seu amor. E em que esteve aqui este fim taõ grande do amor, & estes alentos tam esforçados de suas finezas? O nosso thema o diz: *Sciens Jesus in finem dilexit*: esteve na complicaçaõ do *sciens* cõ o *dilexit*; avinculou no fim as luzes de sabio com os ardores de amante, & ficou amor consũmado, ou amor perfeyto, como lhe chamou Theofilato: *Perfectam charitatem ostendit.*

Guer. Serm. Ascens.

Theoph. in Caten. D. Thom.

8 Juizo houve já, & o mais applaudido dos Pulpitos, o Padre Vieyra digo, que julgou naõ haver amor, aonde naõ houvesse sciencia; & a razaõ aponta elle; porque em quem ama, quãtas partes houver de ignorancia, tantas lhe faltarám de amor, & assim como a ignorancia na offensa diminue o delito, assim a ignorancia no amor diminue o merecimento. Quem ignorando offendeo, em rigor

gor nam he delinquente; qu em ignorando amou, em rigor naõ he amante; logo para o amor eſtar em ſeu auge, ha de eſtar a ſciencia em ſeu ponto. Lá enfermou a Eſpoſa dos Cantares: *Amore langueo*, & o Divino Eſpoſo, que lhe conhecia o achaque, acudiolhe com o remedio á cabeça: *Læva ejus ſub capite meo*. Sendo a doença do peyto, o remedio ſe applicou á cabeça; porque para esforçar o amor, he neceſſario confortar a ſciencia: & como o Divino Eſpoſo tinha tanto conhecimento do achaque, achou, que ſó confortando a ſciencia, lhe esforçaria as finezas; porque era força que fraqueaſſem os affectos, ſe vacillava o juizo.

Cant. 2.

9 Com tudo iſto parecer aſſim, eu acho tanta força na parte contraria, que me perſuado, que o entendimento junto com a vontade, amor jũto com ſaber, ſaõ duas couſas incompativeis, & as mais repugnãtes entre ſi. A venda nos olhos he a conſequencia do amor no peyto; porque quẽ teve o peyto mais patente ao amor, eſſe teve os olhos mais tapados ao ſaber. O amor ſerá doçura, ſerá cezaõ, ſerá creſcimento no peyto; mas quem periga neſta doença, neſte creſcimento, & neſta cezaõ, naõ he o peyto, he a cabeça. Das labaredas, em que arde o coraçaõ, ſente o juizo os fumos, que o perturbam; porque quanto mais ſe accende o amor, tanto mais ſe apaga a luz da razaõ; & para que iſto naõ pareça dito ſem fundamẽto, do meſmo exemplo nos havemos de valer para o deſempenho.

10 Enfermou, he verdade, a Alma Santa de hum creſcimento de ſeu amor: *Amore langueo*, & acodiolhe o Eſpoſo a ſuſtentar a cabeça: *Læva ejus ſub capite meo.* Pois ſe a doença eſtá no peyto, as dores como ſaõ da cabeça? E ſe o achaque he mal do coraçaõ; porque ſe applica o remedio á cabeça? Oh que ahi he o perigo nas doenças do

amor:aquella febre do peito foy a causa deste frenesi da cabeça: & era impossivel naõ haver delirios no juizo, havendo deliquios na vontade; porque quem corre perigo nas doenças do amor, he o entendimento. Em quanto a Esposa naõ teve os affectos no peyto, naõ sentio taes effeytos na cabeça, porque atè alli naõ tinha nada contra si o juizo; logo as faltas do juizo provieraõ das sobras do amor. No peyto se atea a causa, mas na cabeça rebẽta o mal; porque estar firme no amor, & naõ andar com a cabeça ás voltas, he impossivel: sempre foy antecedente de tresvariar nos discursos, o naõ variar nos affectos.

11 E se quando hum amor achaca de languido: *Amore langueo*, assim offende a sciencia; que serà hũ amor grande, hum amor perfeyto, & hum amor esforçado: *Omnẽ vim amoris*? parece que, ou se ha de dar amor, ou ha de haver sciencia; pois ambos naõ podem estar juntos. Quem quizer ser sabio, condenese a não amar: quem quizer amar, condenese a enlouquecer: & que sendo isto assim: que naõ podendo Christo deyxar de saber, & podendo, & tendo muytas razoẽs para deyxar de amar, fosse tam grande a força de seu amor, que por naõ deyxar de amar vencesse esta repugnancia! Bravo affecto, porfiado empenho, excessivo amor!

12 Mas para particularizarmos mais este excesso, vamos seguindo a sciencia, & o amor de Christo. A sciencia, & mais o amor ambos caminháraõ ao mesmo fim: *Sciens in finem dilexit*. Ambos se occupáram com os que estavaõ no mũdo: *Qui erant in mundo*; a sciencia comprehendendo, & o amor prendendose: & que se prenda o amor de Christo com agrados, quãdo a sciencia lhe mostra tãtos aggravos, atè aqui amor; porque atè aqui houve a mayor repugnancia entre o amar, & o saber. Para

ra amar, & mais saber, hase de saber amar, & saber amar he conhecer as razões que movem a vontade, & seguir os affectos, que regula o entendimento; & aqui todas as razoens, que conhecia o entendimento, eraõ contrarias á vontade, todos os affectos, que se seguiaõ á vontade, eraõ contrarios á razam. Nos que estavam no mundo: *Qui erant in mundo*, o que o entendimento conhecia, era o odio, & era a ingratidam; o odio acceso, a ingratidam picada; o odio preparando hũa Cruz para o Calvario, a ingratidaõ tecendo huma coroa de espinhos para o pretorio; o odio contando cinco mil açoutes, a ingratidaõ apontando tres cravos; o odio gizando huma purpura para o ludibrio, a ingratidaõ brandindo hũa lança ao peyto; em fim ambos cortando cordeis para as mãos, ajustando a venda para os olhos, & refinando o fél para a boca; & que á vista de tudo isto, & conhecendo a sciencia estes excessos da crueldade, obre a vontade os extremos da ternura, & se deliberem a sciencia, & o amor a chegar atè o fim: *Sciens in finem dilexit!* este he o fim a que só Deos podia chegar; porque este he o prodigio do mayor excesso do seu amor.

13 *Vadam, & video visionem hanc magnam.* Vou ver este prodigio, disse lá Moysés no monte Oreb vẽdo abrazarse hũa Çarça. Perguntemos agora a Moysés em que esteve aqui o prodigio. *Apparuit Dominus in flamma ignis de medio rubi, & videbat quòd rubus arderet.* Esteve o prodigio em ver ao Senhor cheyo de luzes, & q̃ em hũa Çarça de espinhos se abrazava? Sim: mas qual he aqui o espanto, as luzes em que Deos está: *In flamma ignis*; ou os ardores em que se abraza: *Quòd rubus arderet*? Nada disso separado, diz Moysés; mas tudo junto: he estar Deos em hũa Çarça de espinhos com tanta luz, & tantos ardores; he

Exod. cap. 3.

Ibid.

encontrarſe a luz da ſciencia com os ardores do amor na Çarça,em que ſe eſtavaõ deſcubrindo claramente os eſpinhos, & em q̃ ſe naõ diviſavam mais que os abrolhos; & que á viſta de tantos eſpinhos ſe apure a ſciencia em chammas: *Inflamma ignis*, & ſe deſpique o amor em ardores: *Quòd rubus arderet*; encõtre a ſciencia eſpinhos, padeça a vontade incendios! grande prodigio: *Viſionem hanc magnam*.

14 Muyto o encareceo Moyſés, mas muyto mais o encareceo a noſſo intento o meſmo Deos. *Ne appropies huc*. Moyſés, diz Deos da Çarça, Moyſés não chegues aqui: & porque Senhor atè alli pòde chegar Moyſés, & atè aqui porque não pòde chegar? Porque atè aqui ſó Deos chega; amar, & ſaber á viſta de tantos eſpinhos, tantas reſiſtencias, tantos deſvios, tantas eſquivanças, tantos aggravos, tantas ingratidões, he ſó para Deos, & a taes extremos ſó elle pòde chegar, & outro naõ. Paſſemos agora do monte Oreb para o Olivete, da Çarça para o Cenaculo: que grande viſaõ, que grande prodigio, que exceſſivo amor! Com que eſpinhos naõ picava o odio? com q̃ finezas ſe não deſpicava o amor? com que aggravos ſe não armava a ingratidaõ? com que agrados ſe não reparava o amor? com que rigores não reſiſtia o odio? com que ternuras naõ conquiſtava o amor? com que aſperezas não batalhava a ingratidaõ? com que brandura não combatia o amor? que lanças não brandia o odio? que lanços não uſava o amor? de que priſoens não cuydava a ingratidão? & de que laços ſe não prendia o amor? Antes quanto mais ſe refinava o odio, mais ſe afinava o amor: quanto era a crueldade mais féra, era a brandura mais humana: & haverá quem chegue atè aqui, ſenão foſſe hum Deos tão deſamado como amoroſo?

15 O mayor amor ſem con-

controversia que lemos na Escritura, foy o daquella Alma Santa, que como foy a que mais se esmerou nestes affectos, não he muyto que nos sirva muytas vezes para estes extremos: mas em que estiveraõ os excessos deste amor? Ella o dirá em varias vezes que o encarece: *Dilectus meus mihi, & ego illi.* Meu Divino Esposo ama-me a mim, & eu a elle, & porque me ama, o amo: *Ego dilecto meo, & dilectus meus mihi.* Eu tenho tal correspondencia com meu Esposo, que lhe naõ fico a dever nada, porque se me corresponde a meus agrados, tambem lhe correspondo a suas finezas, & porque me não falta nas finezas, tambem lhe não falto nos agrados: *Ego dilecto meo, & ad me conversio ejus.* Sabeis quam grande he o meu amor? pois adverti, q̃ qualquer excesso de meu Esposo tem de minha parte hum extremo: & as nossas competencias saõ naõ ficar nenhum de nòs atraz nos affectos, porque saõ iguaes as correspondencias. Donde se bem advertimos, todas estas vezes, que sam todas as que encareceo a Esposa seus empenhos, naõ fez outra cousa mais, que declarar-nos seu grãde amor, & o mais qualificado de suas finezas, que chegáraõ a naõ haver em seu Esposo razaõ para o amar, que ella naõ tomasse por motivo para o querer; & este foy o mayor extremo a que na sua opiniaõ se podia chegar, amar por todas as razoens, que havia para amar, & por tal o encareceo a Esposa taõ repetidas vezes.

Cant. 2. Cant. 6. Cant. 7.

16 Mas que tibia andou nestes incendios, que pouco fervorosa nestes ardores, quando o amor nestes casos mais era pagar obrigaçoens, do que encarecer finezas! Verse amada, & corresponder, he divida, porque he pagar ao amor, o que se lhe deve; que amor com amor se paga. Quem ganhou por maõ em amar, esse invidou os restos ao amor, & lhe ganhou os invites, disse Santo Agostinho:

Nulla maior ad amorẽ invitatio, quàm amore prævenire. Quereis fazer hum invite ao amor: *ad amorem invitatio?* pois amay primeyro: *amore prævenire,* & q̃ se seguirá daqui? hũa obrigaçaõ de que vos paguem na mesma moeda a ganancia, com que vos anticipastes; porque naõ pòde haver quẽ se naõ perca por vòs, pois assim lhe soubestes com tãto lucro invidar os restos: *Et nimis durus est, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.*

August. apud Vieyr. tom. 4. Ser. 3.

Ibidem.

17 Ora cotejemos agora este amor da Esposa com o amor de Christo: o amar quando me amão, & amar quando me aborrecẽ: amar pelas razoẽs, que ha para amar, & amar pelas razoens, que ha para aborrecer. Amar sendo amado he obrigaçaõ da võtade; amar sendo aborrecido he excesso da fineza: amar quando me amaõ, he pagar hũa divida a que estou obrigado; amar quando me aborrecem, he obrigarme a mim mesmo a pagar duas dividas: porque he pagar hũa divida a meu amor pela parte de quem amo para satisfazer ao aggravo, & he pagar outra divida da minha parte para satisfazer á queyxa. Quando amo a quem me aborrece, está o amor aggravado, & queyxoso: aggravado da parte do objecto, porque nam corresponde; queyxoso da minha parte, porque ainda amo; & todas estas dividas satisfaz quem ama sendo aborrecido: satisfaz ao aggravo da parte de quem o aborrece, para que o amor se naõ queyxe; satisfaz á queyxa de sua parte, para que o amor se não aggrave: & a tudo isto se obrigou a satisfazer, & a tudo satisfez Christo: porque satisfez aos aggravos de seu amor pela parte dos homẽs, que o aborreciam; & satisfez á queixa do mesmo amor pela sua parte, porque ainda os amava.

18 Grande reparo fiz sempre no modo, com que nos encareceo o Evangelista o amor de Christo. *Cùm dilexisset, dilexit:* Como a-

masse, amou. E para que saõ estas duas repetições? Para mostrar a vehemencia, diga que amou com excesso; para mostrar a fineza, diga que amou com extremo; & para mostrar a perfeyçaõ, diga que amou atè o fim: mas como amasse, amou? Sim, & com grande energia, como quem tanto conhecimento tinha do peyto de Christo. Se Christo amasse sendo amado, bastava que o Evangelista nos dissesse q̃ amou, & quando amasse muito, para nos mostrar a vehemencia, acreditaria o excesso; para nos mostrar a fineza, qualificaria o extremo; & para nos mostrar a perfeyçaõ, explicaria o fim: mas como Christo amou sendo aborrecido, repetio a fineza para nos declarar a satisfaçaõ do amor.

19 Estava o amor de Christo aggravado, & queixoso; aggravado da parte dos homẽs, & queyxoso da parte de Christo; & era necessario q̃ lhe satisfizessem estas duas dividas, & como Christo as satisfazia ambas por isso o Evangelista disse, que como amasse, amou: *Cùm dilexisset, dilexit*; porque no *dilexisset* satisfazia hũa, no *dilexit* pagava outra: no *dilexisset* pagava a correspondencia, no *dilexit* satisfazia á queyxa: no *dilexisset* acodia ao desempenho, no *dilexit* vencia a repugnancia: no *dilexisset* recompensava o aggravo, no *dilexit* moderava o sentimento: no *dilexisset* aliviava a dor de mal correspondido, no *dilexit* esforçava os affectos de amante: no *dilexisset* empenhava as finezas, no *dilexit* acreditava a resoluçaõ: no *dilexisset* acabava a resistencia, no *dilexit* saboreava a violencia: no *dilexisset*, & no *dilexit* pagava por si, & por nòs: por nòs a ingratidaõ, com que o aborreciamos; por si a continuaçaõ com q̃ amava; & haverá quem chegue a este *dilexisset*, & a este *dilexit*: a este amar aggravado, a este amar queyxoso, a este amar aborrecido, a este amar sem nenhũa razaõ de amar? Vejaõ como

fica longe a Espoſa: *Ne appropies huc*. Vejaõ como fica muyto ao principio deste fim no cabo de tantas finezas: *In finem dilexit*; porque ſaber amar neſtas circunſtancias ſó he para hũa vontade tam amoroſa de Chriſto, que poem o ultimo termo de ſeu amor em termos tam contrarios á ſua razaõ, em extremos taõ diſtantes do ſaber, & do amar: *Sciens dilexit in finem*.

20 Eu naõ ſey neſtas circunſtancias quem chegou mais depreſſa ao fim, ſe a ſciencia, ſe o amor. O entendimento, & mais a vontade ambos caminhavaõ ao meſmo fim, a vontade corria em ſeus affectos, o entendimento diſcorria em ſeus dictames, mas ambos com diverſo ſucceſſo; porque o entendimento acabou de diſcorrer em nòs, & a vontade continuou em correr com noſco: o entendimento já naõ achava motivos para amar, & por iſſo acabou de diſcorrer; a vontade ainda tinha alentos para querer, & por iſſo continuou em correr: & que fez a vontade para que o entendimento naõ paraſſe? Levou apos ſi o entendimento. Porque o entendimento não achava razões, havia a vontade de inclinarſe á razão, & ſeguir o entendimento, mas a inclinação da vontade em amar fez que o entendimento ſe inclinaſſe tambem, & a ſeguiſſe.

21 Na Cruz, que foy a balança, em que mais fielmente ſe pezou eſte amor, ſe deu tambem o pezo a eſta inclinaçaõ. Morre Chriſto na Cruz, & diz o texto, que inclinára a cabeça para o peyto: *Inclinato capite*: que Chriſto tiveſſe inclinado o coraçaõ, bem o temos viſto; mas que incline a cabeça para o peyto, que myſterio pòde ter? Muyto, & muyto grande. O peyto he o lugar do amor, o centro dos affectos, o manancial das finezas: a cabeça he o trono do entendimento, o depoſito da ſciencia, & o archivo da razaõ; & foy tal o pezo do amor, com que

ſe

ſe inclinou o coraçaõ, & vontade de Chriſto: *Amor meus, pondus meũ*, que chegou a obrar aquella inclinaçaõ da cabeça, & da ſciencia. Na Cruz juntamente ſabia Chriſto, & juntamente amava; mas com eſta differença, que a ſciencia não achava já razaõ para amar, porque nos homẽs tudo eraõ ingratidões; & o coraçaõ ainda tinha inclinaçaõ para querer, porque nelle tudo eraõ affectos; & foy tal a inclinaçaõ do peito, que fez inclinar a cabeça. Mudáraõ aqui os officios o entendimento, & a vontade: a vontade para amar ha de ſeguir os dictames da razão; mas como era tam pouca a razão, & era tanta a vontade de amar, chegou a razaõ a ſeguir os impulſos da vontade. Hey de amar, dizia a vontade: não ha motivo affirmava o entendimento: ha em mim inclinaçaõ, replicava a vontade: não reconheço razaõ, contendia o entendimento: eu a tenho, inſtava a vontade. E qual he? perguntava o entendimento. He o meſmo aborrecimento dos homens, reſpondia a vontade, o qual me faz mayor pezo, & por iſſo me inclino a elles. A eſte pezo ſe naõ pode ter o entendimento, & aqui abayxou Chriſto a cabeça, aqui a inclinou para o peyto, ſeguindo a ſciencia a inclinação da vontade; ſugeytando os diſcurſos á força dos affectos, & a razão á valentia do amor: *Inclinato capite.*

22 He tão grande a repugnancia, que ha em amar hum objecto, em quem o entendimento não vè razão para o amar, que os Filoſofos julgão que he impoſſivel á vontade vencer eſta repugnancia; porèm depois que o amor de Chriſto venceo eſte impoſſivel, ainda ſe esforçou a vencer outro mayor neſta inclinação que fez, que foy amar pelas meſmas razões, que tinha para aborrecer. Amar ſem razão nem motivo para o amor, he impoſſivel; mas muyto mais impoſſivel he amar pelas meſmas ra-

zões de aborrecer, & fazer que os incentivos do odio sejaõ motivos para o amor. Isto naõ só he amar atè o fim, mas cõtra o fim do mesmo amor. Mas que muyto que naõ sofresse a força do amor de Christo deyxarse vencer do nosso odio, & quizesse chegar o seu amor para com-nosco atè onde chegou o nosso odio para com elle?

23 O amor, & mais o odio com nunca se correrẽ bem, hoje corrèraõ parelhas; & corrèraõ tanto ambos, que naõ só corrèraõ atè o fim, mas contra o mesmo fim corrèraõ. O fim do amor he amar pelas razões que ha para amar: o fim do odio he aborrecer pelas razoens que ha para aborrecer, & aqui cada hum foy contra o seu fim; porque o odio aborreceo pelas razões que havia para amar; & o amor amou pelas razões, que havia para aborrecer: & ambos foraõ contra o seu fim; porque ambos foram contra a razam. Os homens aborrecèram a Christo atè o fim; porque chegou seu odio ao mais a que podia chegar; mas não parando aqui, contra o mesmo fim o aborrecèraõ, porque lhe quizeraõ mal pelas mesmas razoens que havia para lhe quererem bem: & Christo depois de ter amado os homẽs atè o fim, pois os amou com todo o amor, tambem contra o fim os amou; porque os amou pelos mesmos motivos, que havia para os aborrecer. Os homẽs, diz Christo, aborrecem-me contra o fim do mesmo odio, que he aborrecer pelas razões, que ha para amar: pois hey de amallos cõtra o fim do mesmo amor, q̃ he quererlhes bem pelas razoens, que ha para lhes querer mal. De sorte, que chegou a oppor hũ fim a outro fim, hũ *in finem* de amar, a hum *in finem* de odio.

24 *Ah Deum non natura, sed & æmulatione beneficum!* Ah Deos, disse aqui por encarecimento Theofilato: ah Deos não só por natureza, mas por emulação

Theoph. apud Ormaç. cap. 1. §. 17.

çaõ amoroſo! Iſto he amor, ou porfia? Meu JESUS, iſto he amar, ou competir? iſto he affeyçaõ, ou teyma? iſto ſaõ finezas, ou emulaçaõ? He amor, meu Deos, mas taõ grande que parece porfia; he amor, mas tam exceſſivo, que parece teyma; he amor, mas tam forte, que parece emulaçaõ; he amor, mas tam valente, que parece competencia; he amor, mas taõ apoſtado, taõ valente, taõ forte, taõ exceſſivo, & taõ grande, que he neceſſario uſar de vocabulos, de competencia, de emulaçaõ, de teyma, & de porfia para explicar a grandeza, o exceſſo, a valentia, & o naõ mais deſte amor: *Hinc illud eſt: Cùm dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finẽ dilexit eos: tunc enim omnem vim amoris effudit.*

25 O ſegundo exceſſo com que o amor de Chriſto chegou ao fim, & atè o naõ mais de amar: *In finem dilexit*, foy, porque amou aos que amavaõ o mundo: *qui erant in mundo.* Grande fineza, creſcido empenho, & exceſſo ſobre exceſſo! Naõ ſe contentou o amor Divino em competir com noſſo odio, tambem os ſeus exceſſos quizeram competir com noſſos defeytos. Eram da noſſa parte os defeytos ſobre os defeytos, & foraõ da parte de Chriſto os exceſſos ſobre os exceſſos. Naõ podia haver amor com mayores defeytos, que o amor dos homens empregado no mundo: *qui erant in mundo*; nem exceſſo mayor do amor de Chriſto, que empregarſe em ſugeytos tam divertidos com cuydados taõ mal empregados. Naõ ha mayor ſecura de affectos, que amar a hum mundo taõ eſteril de bẽs, & deixar de amar a hum Deos taõ fecundo de beneficios. Naõ ha mayor reſiſtencia, que contrapor o amor do mundo ao amor de Deos; mas naquellas ſecuras creſcèraõ mais os incendios; neſtas reſiſtencias ſe esforçáraõ mais os ardores Divinos, para dos noſſos defeytos ſe acreditarem mais os ſeus exceſſos.

Do

26 Do ſeu amor diſſe Chriſto que era fogo: *Ignẽ veni mittere in terram.* E bem, meu Deos, o voſſo amor he fogo, & nòs ſomos barro, & quereis que nos abrandemos a voſſos incendios, & que naõ reſiſtamos a voſſos ardores? Iſſo naõ: porque iſſo he ir contra a noſſa natureza; porque o barro quanto mais ſe abraza, mais ſe endurece; & aſſim que quanto mais nos quizerdes abrazar em voſſas chãmas, mais duros nos haveis de achar em noſſo barro, groſſeyro alſim por natureza inflexivel por condiçaõ; pòde quebrar o barro com o fogo, mas abrandarſe naõ: quebrados ſim nos vereis, & muy quebrados ſempre com-voſco; mas brandos não: & já que nos fizeſtes de barro, tende ſanta paciencia, que nos haveis de achar ſempre groſſeyros.

Luc. 12.

27 Mas porque razaõ comparou Chriſto o ſeu amor ao elemento do fogo? O meſmo Chriſto o diſſe: *Et quid volo niſi ut accendatur?* Porque quero que ſe acenda, & creſça. Mas agora creſce mais a duvida: & os outros elementos naõ creſcem tambem? naõ creſce a agua com as correntes, & o vento com os impulſos? deyxemos a terra, que he muyto raſteyra para cõparaçaõ taõ levantada. Aſſim he que tambem os outros elementos creſcem; mas nam creſcem como o fogo. A agua creſce com as correntes, & o vento com os impulſos; mas com as ſecuras amaynaõ as correntes da agua; com as reſiſtẽcias quebram os impulſos do vento. O vento, ſe houver quem o mova, velo-eis forte; ſe houver quem lhe reſiſta, velo eis quebrado. A agua ſe tiver correntes, vela-eis creſcida; ſe lhe faltarem as correntes, vela-eis parada. Naõ he aſſim o fogo, porque nas mayores ſecuras mais aceſo; nas mayores reſiſtencias mais activo. A lenha mais ſeca he a materia mais diſpoſta para o fogo: a torre mais firme, a mayor liſonja para o rayo.

rayo. E tal he o amor de Christo para os homens: quando os homẽs estavam mais secos a suas finezas, entaõ se accẽdia mais o seu amor: quando os homens mais resistiaõ a seus agrados, entam se esforçavam mais os seus affectos. Nam esperava que da nossa parte houvesse razaõ que o movesse para ter impulsos; nẽ quebrou com-nosco, porque lhe resistiamos: naõ esperava que nos corressemos bem com elle, para elle correr bem com-nosco: nem parou, porque nòs naõ corremos, que isso seria amor tibio, & frio como agua, ou mudavel, & inconstante como vento. Era activo como fogo, alentavase em nossas resistencias, accendiase em nossas securas, & dos nossos aggravos formava as suas finezas, dos nossos defeytos os seus excessos, & dos nossos desprimores os seus augmentos.

28 Porèm todos estes augmentos eram necessarios para naõ declinarem os crescimentos em que ardia aquelle coraçaõ amoroso, dandolhe nòs tanta causa para que remitisse os incendios. Em Christo ver q̃ os homẽs amavaõ o mundo, via que antepunham o amor do mundo a seu amor; & ver seu amor pospostо ao amor do mundo, argumento era de pouca estimaçaõ, que delle faziamos: & no amor o verse pospostо a outros cuydados, he a mais certa consequencia de acabar.

29 Lá pedio o Esposo dos Cantares áquella Alma tam querida sua, que lhe desse hũa palavra, ou, como querem algũs, que lhe cantasse hũa letra: *Quæ habitas in hortis, amici auscultant: fac me audire vocem tuam.* Dizey algũa cousa, que nos entretenha, porque tenho aqui huns amigos, que nos ouvem. E que responderia a Esposa? *Fuge dilecte mi.* Ay, ide-vos embora Esposo meu. Como assim, Esposa Santa? este he o descante, que dais a vosso Esposo, quando affectuoso

Cant. 8.

vos

vos roga? Este he o contraponto das finezas, contrapor vossas esquivanças a seus agrados, vossos desvios a sua ternura? elle vos roga que entoeis, & vòs desconcordais? Ay, idevos. Naõ sabeis, que na musica do amor se não admittem estas falsas; & que saõ muyto asperas estas vozes para a sua Solfa? Assim he: mas tambem he certo, que não pode neste caso fazer outra cousa a Esposa: & porque? *Amici auscultant*; porque vio que o Esposo confessava outros cuidados, & vendo que seu Esposo antepunha outro amor ao seu, deu o ultimo vale a seus empenhos. E bem, Esposo meu, naõ sabeis, que o amor he hũ respeyto, que só na correspondencia se guarda; & vòs dizeysme, que outrem vos leva os cuydados, *amici auscultant*? pois a Deos: *Fuge*; porque já se acabou o nosso amor.

30 Assim o disse, & cõ estes ultimos accentos se acabáraõ os Cantares, que saõ o livro dos amores; porque naõ ha amor, que não acabe em vendo a outro preferido. Em todos estes cantares tinha a Esposa na consonancia das vozes entoado a concordia dos corações; mas vendo, que hum amor taõ fino chegava hoje a desafinar, & que perdia o compasso, que atè alli guardára na igualdade, cõ que lhe correspondia seu Esposo, com o ultimo suspiro, em que espirou o amor, com a cithara já destemperada entoou com voz desfalecida hum Ay, & hũ Idevos: Ay idevos. O ay foy o sentimento do peyto, o idevos, a desuniaõ dos coraçoens: o ay foy a dor, o idevos o apartamento: o ay foy a queyxa, o idevos a resoluçaõ: o ay foy a lastima, o idevos, o nunca mais: o ay foy a violencia, o idevos, o acabouse: o ay foy a pena com que se tocou a cithara, o idevos, o golpe que quebrou as cordas, ou que fez as quebras dos coraçoens. Ay idevos, suspirou a Esposa, & espirou o amor: desfaleceo o peyto, & faleceo

lceceo a affeyçaõ. Este foy o fim, que teve hum amor taõ forte, como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*; que não pode ter mais vida, vendo que se lhe preferia outro amor: *Amici auscultant*.

31 Mas naõ foy este o fim, que teve o amor de Christo mais forte que a mesma morte, pois teve novos alentos donde qualquer outro amor, que naõ fosse seu, havia de acabar. Fim teve tambem, não porque acabasse, mas porque chegou á mayor perfeyçaõ a que podia chegar: não porque parasse donde tanta razaõ havia para não ir adiante; mas porque chegou atè o naõ mais. O amor da Esposa acabou vendo outro amor preferido; o amor de Christo esforçou mais os alentos vendose desprezado, & sendo tam diversos no fim hum, & outro amor, o amor da Esposa, & o amor de Christo, ainda nesta grande diversidade houve outra mayor; porque o amor da Esposa acabou por ver outro preferido, o qual a podia igualar nas prendas; mas o amor de Christo naõ acabou vendose desprezado, nam por outro que o pudesse igualar, porque isto era impossivel; mas por hum tam desigual, qual era o mundo: *Qui erant in mundo*: & que por hum mundo taõ disforme, tam torpe, & tam vil deyxem os homẽs a Christo, & naõ deixe Christo aos homẽs! que amor ha q̃ possa aqui chegar, quando o mais encarecido, que foy o da Esposa, acabou tanto atraz? Que morra Christo pelos homens, quando os homẽs morrem pelo mundo; isto nam só he amor grande, mas parece, & he nimiedade de amor.

32 Saõ Paulo fallando do amor de Christo chamalhe nimio: *Propter nimiam charitatem qua dilexit nos.* E em que esteve aqui a nimiedade do amor? O mesmo Apostolo o diz: *Cùm essemus mortui peccatis, conVivificaVit nos*. Esteve em vir morrer pelos homẽs, quando os homẽs morriaõ pelo pec-

Ad Ephes. 2.

peccado. Morrer por quem morre por mim, iſſo he amor; porèm morrer por quem morre por outrem, iſſo he nimiedade. Vir Deos morrer pelos homẽs, quando os homẽs morriaõ pelo peccado, iſſo he exceſſo do amor: *Propter nimiam charitatem.* Mas elle ſerá nimiedade, elle ſerá exceſſo, mas o certo he, que he o mayor amor a que ſe podia chegar.

33 Lá dizia eu, que fora grande fineza amarnos Chriſto ſabendo que o aborreciamos; & ſe houvermos de eſtimar eſta fineza a reſpeyto dos ſugeitos por quem ſe obrava, he certo, q̃ amar ſendo aborrecido he o mais qualificado da affeyçaõ: porèm comparando amor com amor: amar a ingratos, ou amar a quẽ ama a outro: amar aborrecido, ou amar deſprezado; pòde ſer problema: qual he mais, amar a quem por outro me deyxa; ou amar a quem me aborrece? E que ſente mais o amor, verſe deſprezado, ou verſe aborrecido? Eu digo, que mais he amar a quem por outro me deyxa, do que amar a quem me quer mal: amar deſprezado, do que amar aborrecido. Ora dem-me attençaõ, que póde ſer, que nunca ouviſſem excitar a queſtaõ neſtes termos, & daqui ſe poderá collegir de algum modo quam grande foy o amor de Chriſto amando aos que amavaõ ao mundo. Digo pois, q̃ mais he amar a quem por outro me deixa, do que amar a quẽ me aborrece: ou amar deſprezado, do que amar aborrecido, que he o meſmo. Ora vejaõ.

34 O aborrecimento com que o inimigo me offende, he tiro que me faz ao coraçaõ, o deſprezo he golpe, que ſe dà no affecto; & mais ſente o amor os golpes do affecto, do que as feridas do peyto: razão: porque as feridas do peyto oppoem-ſe á vida, & ſem vida pòde ſe amar; porque ſe pòde amar depois da morte: os golpes do affecto mataõ a vontade, & quem tira

a vi-

a vida á vontade, tambem tira a vida ao amor. Mais: o negar a correſpondencia ao amor, he negarlhe huma divida; o preferirlhe outros cuydados, he fazerlhe hũa injuria; & mais ſente o amor a injuria, que ſe lhe faz, do que a divida, que ſe lhe nega: razaõ: porque como o amor nada tenha de intereſſeyro, facilmente pòde perdoar huma divida, mas como tenha muyto de nobre, naõ pòde ſofrer hũa injuria. Mais: amar a quẽ me aborrece, he ſer humano com quem o naõ he comigo; amar a quem me deſpreza, he ſer cruel para mim, porque he fomentar incentivos a meus pezares: & o ſer humano, he ſer homem; o ſer cruel, he ſer féra; & menos he fazerme humano com outro, que fazerme féra comigo: razaõ: porque para ſer humano com outro baſta ſeguir a propenſaõ, ou inclinaçaõ natural de homem; & para ſer féra comigo, hey de vencer a repugnancia da meſma natureza.

35 Mais: amar a quem me aborrece he acto de generoſidade; amar a quem me deſpreza he avaliar em pouco as finezas; & quam facil he ao amor ſer generoſo, tam difficultoſo lhe he o ſer em pouco avaliado: razaõ: porque para ſer generoſo ſegue o amor o ſeu timbre, que ainda que ſe ſugeyte nos obſequios da vontade, ſempre affecta aventajarſe nas demonſtrações da fineza, & para ſofrer os deſprezos vence a repugnancia; & ſeguir a inclinaçaõ he natural, vencer a repugnancia he violento. A que ſe acreſcenta, que quem ſofre aggravos de quem o aborrece, acredita o valor: quem paſſa pelas eſquivanças de quem o deſpreza, deſacredita as finezas; porque ſofre preferidas outras correſpondencias, & o amor quanto preza o valor, tanto eſtima o credito, & ſe por valeroſo pòde amar aborrecido, por nobre naõ pòde querer deſprezado. Mais: quem ama aborrecido, ainda vive na

lembrança de quem o aborrece: quem ama desprezado, morre na memoria de quem lhe prefere outros cuydados, & mais difficultoso he continuar amando a quem mata com o desprezo, do que a quem dá vida ao menos com a lembrança: razão: porque quem dà vida, ainda deyxa alentos: quem mata, naõ deyxa affectos; & com alentos pòdese amar, sem affectos nam se pòde querer.

36 Mais, & he fortemais: quem ama aborrecido ainda concebe a esperança de alguma correspondencia; porque quem conquista hũ aborrecimento conhecido, cultiva hum agradecimento esperado: quem ama desprezado, nenhũ lugar deyxa á esperança, ou ao agradecimento, porque naõ ha que esperar agradecimento do que se não estima por favor; & ninguem paga obrigaçoens pelo que naõ tem por obsequio; & menos he amar com aquella esperança, do que com aquelle desengano: razaõ: porque a esperança facilita a pertenção, o desengano impossibilita a empreza, & menos he emprender hũa pertençaõ facil, do que cõmetter huma empreza impossivel. Tiremos agora a consequencia de todos estes antecedentes, em que, se me naõ engano, provey o que prometti. Logo menos he amar a quem me aborrece, do que amar a quẽ por outrem me deyxa: & seja a ultima razaõ da consequencia: porque com o odio ainda pòde estar a estimaçaõ; na preferencia he certissimo o desprezo: no odio padece o amor a fortuna de mal correspondido; mas na preferencia perde o amor a estimaçaõ, & mais a correspondencia, & tudo perde.

37 E que perdendo tudo Christo, ainda por nòs se perca! que morra, & nam deyxe de amar! que por naõ deyxar de querer sofra ser em pouco avaliado! que seja cruel comsigo, por ser humano com-nosco! que vença em si a repugnancia, para pòr

pòr em nòs a inclinaçam! que ainda desprezado nos preze! que perca a esperança de correspondido, & naõ nos perca a affeyçaõ! & que sem estimaçam nos estime tanto! que mayor fineza? que mayor excesso, & que mayor amor? Querem prova da Escritura? pois nam ha, & em nenhũ lugàr della se acharà prova com exemplo semelhante: para outro qualquer excesso poderá haver muytas, para este nem hũa só: & esta he hũa das mayores provas deste amor, porque foy o amor sem semelhança, foy fineza sem exemplo, foy excesso, que excedeo todo o excesso que elle naõ fosse, & por isso só elle nos pòde servir de prova.

38 Quiz Christo nesta sua hora reduzir a Pedro a que se deyxasse lavar os pès, & disselhe: *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* Pedro, o que eu faço, vòs naõ o sabeis atè agora, mas sabelo-heis depois. Pois Pedro, que tanto conhecimento tinha da Divindade de Christo, tanta noticia das Escrituras, & tantas revelações do Eterno Padre, atè agora naõ conhece o que Christo obra, conhecendo o que Christo he: *Quod ego facio, tu nescis modò?* E se o nam conhece atè agora, ha de conhecello depois: *Scies autẽ postea?* Sim. E para darmos a razaõ, havemos de suppor com a mais certa Philosophia, que só de duas sortes se pòde conhecer hũa cousa; ou se pòde conhecer em si mesma, ou se pòde conhecer por outra semelhante: se existe, pòdese conhecer em si; se naõ existe, & tem semelhante, podese conhecer por semelhança; & se naõ existe, nem tem semelhãte, nem em si, nem por semelhança se pòde conhecer. Este he todo o modo de conhecer, & esta he a razam porque Pedro atè alli naõ conhecia o que Christo obrava. Christo obrava nesta hora hũa fineza sem exemplo, & como tal naõ podia Pedro conhecella por semelhança, & como atè

Joan. 13.

alli a naõ tinha Christo obrado, naõ podia Pedro conhecella em si mesma, porque nam existia, & de nenhũa sorte a podia conhecer, nem em si, porque naõ existia, nem por semelhança, porque a naõ tinha. Só depois de obrada a conheceria Pedro, porque só entaõ se podia conhecer.

39 Era cousa taõ grande, tam rara, & tam nova chegar a fazer tantas finezas por homens, que tam pouco caso faziaõ deste amor, que lhe antepunhaõ o do mundo, que naõ havendo quem amasse, sendo desta sorte desprezado, naõ havia por onde se podesse medir esta fineza, & como era a primeyra que se obrava, só depois de obrada se podia conhecer: *Quod ego facio, tu nescis modò, scies autem postea.*

40 E senaõ, pergunto: Que entendimẽto haveria, que chegasse a rastejar o excesso que por nos amar havia de obrar Deos? Quem diria que havia de ser tam grande o pezo de seu amor, que ainda desprezado o havia de inclinar a se lançar aos pès dos homẽs, ou para lhes pedir que fossem menos ingratos, ou para lhes rogar que fossem mais primorosos? E se ninguem diria isto, que ainda naõ he o mais, quem se persuadiria, que a hum traydor, a hum ingrato, a hũ rebelde, qual era Judas, havia Christo de buscar rendido, & como se elle fosse o interessado porse de joelhos diante deste escandalo da natureza, para lhe lavar os pés mais com as lagrimas de seus olhos, que com a agua, q̃ para isso tinha preparada, por ver se podia abrandar aquella pedra?

41 Aqui lhe diria o Senhor mais com gemidos, q̃ com vozes, mais com soluços, que com palavras: Atè quando Judas, atè quando has de malograr meus desejos? Atè quando te ha de experimentar minha brandura penhasco, & minha ternura de bronze? Compadecete destas lagrimas, já que te naõ rendes a minhas fine-

finezas: bem ves que por ti desatado meu coraçaõ em amorosas correntes, ou sahe a acompanhar os olhos em seus sentimentos, ou a padecer os sentimentos em meus olhos, para que compassivo os acompanhe nas penas, já que lhe desatou as correntes de suas amarguras; & ambicioso de magoas naõ se contenta só cõ as que dentro no peyto por ti padece; mas com penosa usura dá a cambio estas lagrimas, para tornar a recolher com lucro de pezares amargosas ganancias de afficçoens, vendo que nenhum excesso basta para te render.

42 Ah Judas, & quãto me custas! & que pouco caso fazes do q̃ por ti derramo! Ah Judas, & quanto te amo! & que mal correspondes ao muyto q̃ te quero! Eu todo grato em tuas esquivanças; tu todo ingrato a minhas finezas. Da minha parte tudo agrados quando mais te retiras; da tua tudo aggravos quando mais te busco. Em mim tudo abatimentos de rendido para ver se posso render tua dureza; em ti tudo desprezos a meus rendimentos, para que perca as esperanças de poder vencer tuas resistencias. Que queyxas naõ podia eu formar vendome ultrajado? que rigores naõ podia usar vendome offendido? & que castigo vendote rebelde? Mas he tanto o amor, que te tenho, que offendido busco, ultrajado amo, & queyxoso te rogo, que naõ malogres este amor.

43 Naõ me diras porque razaõ amas ao mundo, & me desprezas a mim? Se te leva a cubiça, aqui tẽs estas mãos a teus pès, que meneaõ toda a omnipotencia: *Omnia dedit ei Pater in manus*; & para ter tudo nellas só me falta o teu coraçaõ, que he o meu todo. Se te leva o dinheyro, eis-aqui tens a teus pès os thesouros do Eterno Pay: *In quo sunt omnes thesauri.* Olha q̃ te dou mais por tua alma, do que te ham de dar por minha vida. Por minha vida

Joan. 13.

Ad Coloss. 2.

da te ham de dar trinta dinheyros; eu por tua alma offereço infinitos thesouros: & se no thesouro anda o coraçaõ de cada hum, neste thesouro do Pay te entrego o coraçam do Filho; haja troca de corações, & já que eu te rendo o meu, dame filho o teu coraçaõ. Se finalmente tẽs o gosto tam perdido, que devendo o mundo andar debayxo dos pès pelo desprezo, tu o estimas tanto que lhe dás, & entregas o coraçaõ; eu, para que o mundo me naõ leve esta ventagem, me ponho tambem a teus pès, para que faças de mim a devida estimaçaõ. Isto diria o Bom JESUS; mas a nada disto se rendeo Judas, nem se movèraõ os homens; & por tudo isto passava o amoroso Senhor, que nesta demonstraçaõ sem igual de seu amor, nam sey se foy igual a inveja que teve ao mundo, ao amor que teve aos homẽs.

44 Diz Santiago que o Espirito Santo tambem tem sua inveja: *Ad invidiam concupiscit Spiritus, qui habitat in vobis.* E explicando Cayetano este texto, diz q̃ se entende da inveja, que Deos tem ao mundo, que lhe leva as almas, que saõ suas, & que elle tanto estima: *Significans quòd Deus more Zelotypi invidet mundo trahenti ad se animas sibi fide desponsatas.* Mas se em alguma hora esta inveja, a nosso modo de explicar, teve lugar em Deos, foy nesta hora de seu mayor amor. Via Christo ao mundo, que sendo a cousa mais vil, & mais disforme, & que devia andar debayxo dos pès pelo desprezo, os homẽs faziaõ tanto caso delle, que lhe entregavaõ os corações, o amavão, & o estimavam; & quiz tambem provar ventura, & lançouse aos pès dos homẽs, para ver se escolhendo o lugar do mundo, achava lugar no coraçam desses homẽs. He possivel, diria Christo, que estimaõ os homẽs o abatimẽto do mundo? pois querome abater, para ver se me estimaõ. He possivel, que fazem

Jacob. 4.

Caiet. hic.

zem os homẽs caſo do que devia ſer deſprezado? pois quero ſer deſprezado, para ver ſe fazem caſo de mim. He poſſivel que amaõ os homens hũa couſa taõ vil? pois querome aviltar, para ver ſe me amaõ. He poſſivel que prezão os homẽs huma couſa, que pizaõ? pois quero que me pizem, para ver ſe me prezaõ.

45 Ah meu Deos, iſto he amor, ou he inveja? Tudo he, he amor, & he inveja: he amor que tẽdes aos homẽs, & he inveja que tendes ao mundo: *Significans quòd Deus more Zelotypi inVidet mundo.* He amor q̃ tendes aos homẽs, por quẽ morreis; & he inveja, que tendes ao mundo por quem elles morrem. He amor que tendes aos homẽs, que conquiſtais; & he inveja que tendes ao mundo, que vos deſpoja. He amor que tendes aos homens por quem dais tanto; & he inveja que tendes ao mundo, que tanto vos rouba. He amor que tendes aos homẽs que quereis ganhar para vòs, para que ſe naõ percam com o mundo; & he inveja que tẽdes ao mundo, que para os ganhar para ſi os perde para vòs. He amor que tendes aos homens para os atrahirdes; & he inveja que tendes ao mundo, que os diſtrahe. He amor que tendes aos homẽs, que amais ainda deſprezado; & he inveja que tendes ao mundo, que deſprezando-os ainda o amaõ. He amor, & he inveja, he exceſſo, & extremo, he o mais a que ſe podia chegar, & he o naõ mais de voſſas finezas: *Hinc illud eſt: Cùm dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos: tunc enim omnem Vim amoris effudit.*

46 Eſtes ſaõ, almas Catholicas, os dous grandes exceſſos do amor de Chriſto, & já que o tempo me não dá lugar para proſeguir o terceyro, que na minha eſtimaçaõ era o mayor, naõ quizera eu que me faltaſſe, para por ultimo remate vos fazer hũa pergunta. Haverá por ventura, ou, para melhor dizer, haverá

por desgraça neste auditorio algum coraçaõ taõ duro, algũa alma tam rebelde, que á vista destas finezas ainda viva obstinada em seus vicios? Que me dizeis Catholicos? Haverá entre vòs este monstro da natureza, este escandalo da graça? Que me respondeis? Estará dentro do sagrado desta Igreja, & entre o devoto deste concurso este tiçaõ do inferno, este morgado de Satanás? Praza a Magestade Divina, que assim não seja; mas se por sua desgraça, o que Deos naõ permitta, ainda me ouve algum, que aborrece a Christo por amar seus vicios, & torpezas; que despreza a este Senhor por fazer caso do mundo, & de seus enganos; com este quero eu agora arrezoar brevemente, sendo que era materia para se chorar muytos annos.

47 Vem cá féra, qualquer que me ouves, se he que queres ouvir minhas palavras, quando tam pouco caso fazes das obras de teu Redemptor. Vem cá féra; mas naõ digo bem, porque a féra mais indomita se domestíca com a brandura, & a ti naõ ha brandura que te amanse. Vem cá tronco; mas naõ digo bem, que o tronco mais rustico se dobra com o obsequio: *Flectitur obsequio curvatus ab arbore ramus*; & a ti naõ ha obsequio que te dobre. Vem cá penhasco; mas naõ digo bem, porque o penhasco mais firme com o fogo se desfaz, & a ti naõ ha fogo que te penetre. Vem cá brõze; mas naõ digo bem, porque o bronze mais forte com os incendios se derrete, & a ti nam ha incendio que te derreta. Vem cá ferro; mas ainda naõ digo bem, porque o ferro mais duro com os ardores se abranda, & a ti nenhũs ardores te abrandaõ. Vem cá coraçam de barro; agora sim, que te acertey com o teu apellido, que tambem he a tua diffinição. Vem cá coraçam de barro grosseiro a tanta brãdura, & obsequio; mas endurecido sempre com tanto fogo, com tantos incendios,

dios, & com tantos ardores, que de si despede aquelle Ethna do amoroso coraçaõ do Senhor JESUS: atè quando has de ser barro? atè quando has de ser grosseyro? atè quando has de ser rebelde? quando ha de ser o tempo, em que te rendas, se ainda nesta hora resistes?

48 Sey eu que quando me ouviste ponderar a ingratidam de Judas, estavas abominando sua cubiça, execrando sua resistencia, & condenando sua dureza, pois por taõ pouco vendia a seu Divino Mestre, & tam inflexivel se mostrava a todas as demonstraçoens de seu amor, & a todos os excessos, com que o pertendia reduzir: & como naõ abominas em ti semelhante, & mayor cubiça? semelhãte, & mayor resistencia? semelhante, & mayor dureza? Dizeme, quantas vezes desprezaste a Deos por seguir tuas torpezas? pois outras tantas o vendeste pelo vil preço de teus appetites. Vendeste-o pela sensualidade, a que te entregaste; vẽdeste o pelos roubos, que fizeste; vendeste-o pela vingança, que tomaste; vendeste-o pela injustiça, que cometeste; vendeste-o, & ainda agora o estás vendendo pela occasiaõ em que andas, & de que te naõ queres apartar, fazendo gala da immundicia de teus vicios, da torpeza de teus costumes, da abominaçam de tua má, perversa, & licenciosa vida.

49 Pois a resistencia, & dureza não sey qual he mayor, se a tua, se a de Judas. A resistencia de Judas não lemos q̃ fosse de muytas horas: a tua não só he de muytas horas, mas de muytos dias, de muytas semanas, de muytos mezes, & de muytos annos: pois em todo este tempo taõ dilatado naõ houve vocaçam Divina a que naõ estivesses surdo, não houve inspiraçáo a que naõ estivesses rebelde, & naõ houve auxilio a que naõ resistisses.

50 Ah Judas traydor, & peyor que o mesmo Judas,

das , quanto foste , & es mayor traydor, quanto foste , & es mais rebelde. Es Christaõ , ou es gentio? tẽs fé, ou naõ tẽs fé? se es gentio, & não tẽs fé, pouco tenho já que fazer comtigo; mas se tens fé, & es Christaõ , como desacreditas a fé, que professas , com as obras, que fazes? Se cres o que Christo por ti obrou, & o quanto te ama , como lhe pagas com tantas ingratidoens tantos beneficios, basta? basta já de maldades, & de vida tam dissoluta, comece agora a emenda , que te naõ ha de faltar lugar para o perdaõ, se deres lugar ao arrependimẽto , & se ha de ser algũ dia, seja nesta hora , em que está a misericordia com as portas abertas para te receber. Isto te peço peccador pelo amor com que Christo nos amou, pela humildade com que por nòs se abateo , pelo sangue que derramou , pelas agonias em que se vio, pelas dores que padeceo, pelas cinco chagas , pela sua morte , & Payxaõ , & por esta sagrada hora; & se queres que me lance a teus pès , para te fazer esta petiçaõ de tanto proveyto teu , eu me lançarey , & de joelhos huma, & mil vezes te pedirey o mesmo com o mayor affecto do meu coraçaõ , com tanto que me dès palavra de naõ offenderes mais a este Senhor , & de dares de maõ a todas as cousas da terra , & do mundo que te impedem amar a Deos. Oh maldita terra , oh maldito mundo , que tanto nos impedes o Ceo, que tanto nos apartas de Deos!

51 Meu JESUS, já que vosso amor chegou hoje a obrar tanto, que fez o mais que podia fazer chegando ao forçoso fim de suas finezas, naõ permitais Senhor, que haja quem mais vos offenda , fazey meu Deos, que este amor , que chegou hoje ao fim , acabe tambem em nòs os excessos da nossa ingratidam , exercite tambem em nòs a sua força , & valentia , triunfe de nossos corações, conquiste nossas von-

vontades, cative nossos affectos, vença nossas resistencias, abrande nossa dureza, renda nossa obstinação, avassalle nossa rebeldia, & com seu fogo purifique nossas almas, para que daqui em diante só a vòs amem, só a vòs queyraõ, só a vòs desejem, só por vòs suspirem, só em vòs vivaõ. Assim o promettemos Senhor daqui em diante, & se atè agora naõ foy assim, pezanos de todo nosso coraçaõ, & quanto nos pòde pezar nos peza, por serdes vòs quem sois, digno de serdes amado com hũ amor infinito; mas já que naõ temos este, vos offerecemos a vosso mesmo amor, & por elle vos pedimos o perdaõ de nossas culpas, que esperamos alcançar mediante vossa Divina graça, penhor certo da eterna gloria: *Quã mihi, &c.*

SER-

SERMAM
DO BEATO
LUIS GONZAGA
No Collegio de Sam Paulo de Goa, Anno de 1688.

Sint lumbi veſtri præcincti... Et vos ſimiles hominibus expectantibus. Luc. 12.

Dmiravel he Deos em ſeus Santos; mas no Santo, que hoje celebra a Igreja, ſingularmente admiravel: aſſim o diſſe o mayor dos Prègadores no dia de Santo Ignacio; eu o digo no dia do B. Luis: elle o diſſe do Pay, eu com igual razão o digo agora do Filho. A todos os Santos manda Chriſto neſte Evangelho que ſe apartem, & que eſperem: *Sint lumbi veſtri præcincti... Et vos ſimiles hominibus expectantibus*. E quanto vay de apertar a nam apertar, & de eſperar a fugir, tanto he Deos mais admiravel na ſantidade de Luis, do que na ſantidade dos mais Santos: porque os mais Santos chegáraõ á ſantidade pelo caminho da perfeiçaõ; Luis foy perfeito por caminho, que

que ſe naõ foy muyto apartado da ſantidade, naõ ha duvida que o parece. A todos os outros Santos meteo Chriſto eſte Evangelho nas mãos, & diſſelhes: Se quereis ſer Santos, cingivos, & eſperay: o cingir ſaõ os apertos da penitencia, como entendem todos os Expoſitores: o eſperar he aguardar a Deos, quando bate á porta para o receberem, como explica S. Gregorio: pelas eſperanças, & pelos apertos caminháram os mais Santos para ſerem Santos; porèm o B. Luis eſteve tam longe de ſeguir eſte caminho, que em lugar de ſe apertar com os rigores, com as penitencias, & com a mortificação, largava a mortificaçaõ, as penitencias, & os rigores; em lugar de eſperar a Deos, q̃ o buſcava, fugia. Os mais Santos apertandoſe com as penitencias, & eſperando a Deos, foraõ Santos; o Beato Luis foy Santo fugindo de Deos, & largando os apertos. Foy o caſo.

Era o Beato Luis; mas não digo bem: era D. Luis Gonzaga Principe de Caſtelhone; mas que Principe? hum Principe perfeyto, & ajuſtado com as leys Evangelicas: hum Principe, que debayxo das olandas apertava rijamente o cilicio: hũ Principe, que entre as larguezas do eſtado coartava as demaſias do poder: hum Principe, que entre os regalos da meſa mortificava o goſto com perpetuas abſtinencias: hum Principe, que entre os divertimentos do mundo, a que o levava a idade, que lhe enſinava o exemplo de muytos, & lhe permittia a grandeza, vivia taõ dentro de ſi, & ſó com Deos, que a preſença, & a Oração era nelle continua: finalmente hũ Principe taõ penitente, & de tanta contemplaçaõ, que a contemplaçaõ o trazia abſorto, & a penitencia conſumido.

Eſte era D. Luis o Marquez de Caſtelhone. E qual ſeria Luis Religioſo, Luis perfeyto, & Luis Santo? Quem me diſſe hum eſtado com outro eſtado; o eſtado de

de Secular com o eſtado de Religioſo, diria que quem Secular ſe apertava tanto, Religioſo ſe havia de apertar mais; que havia de dobrar os rigores, multiplicar as penitencias, & largar as redeas áquelle fervoroſo eſpirito, que ſolto já das priſoẽs do mundo, ficava mais livre para ſe unir com Deos. Porèm nada diſto ſuccedeo aſſim. Entra Luis Religioſo, & porque a penitencia continua, & a continua lembrança de Deos lhe hiam acabando a vida, hũa pelo rigor com que ſe cingia, outra pelos deſmayos, que lhe cauſava, mandaõ lhe os Superiores, que deyxe as penitencias, & que ſe aparte da Oração. Obedeceo Luis tanto á riſca, q̃ totalmente largou os apertos, & de tal ſorte ſe ouve com Deos, que fugia de ſe lembrar de Deos, como ſe foſſe tentaçaõ.

E bem, meu Santo, iſto he o que vieſtes buſcar á Religiaõ? Eſta he a perfeyçam a que caminhais? Para caminhar á perfeyçam bem ſabeis, que o roteyro mais certo he, o que Chriſto vos enſina, & o que Chriſto vos manda: Chriſto vos enſina os apertos: *Sint lumbi veſtri præcincti*; Chriſto vos manda eſperar: *Et vos ſimiles hominibus*; & vòs em lugar de eſperar fugis; em lugar de vos cingir deſapertais-vos. Se o mundo vos mandaſſe eſperar, & vòs fugiſſeis, terieis razaõ; porque a eternidade das ſuas eſperanças não he para aturar; mas Deos que vem tão depreſſa, que chega quando menos ſe cuyda: *Qua hora non putatis*? Se o mundo vos mãdaſſe cingir, & vòs nam eſtiveſſeis por iſſo, terieis deſculpa, porque os ſeus apertos ſaõ inſofriveis; mas Deos, que vos não poem preceyto, que não ſeja ſuave? Que havemos de dizer a iſto, ſenaõ que no ſeculo vivieis como Religioſo, na Religiaõ viveſtes como ſecular? no mundo apertado, na Religiaõ ſem apertos: recolhido no mundo, diſtraìdo na Religiaõ: na Religiaõ,

Luc. 12.

giaõ, & no mundo de boa vida: no mundo, porque a fizestes; na Religiaõ, porque a levastes; no mundo esperando a Deos com tanta ancia, quanta tinheis de lhe abrir quando vos batesse; na Religiaõ fugindo de Deos com tantas esquivanças, que da mesma lembrança de Deos vos apartaveis.

Tudo isto cuydava eu, & me persuado o cuydariam todos olhando para a resoluçaõ, & para as acções de Luis: porèm olhando para as razões, que o moviam, acho, que nunca mais se cingio, que quando menos se apertou; nunca melhor esperou, que quando mais fugio. Tam admiravel foy Deos em Luis, taes os poderes de sua graça, & tal a capacidade da natureza para vencer estas repugnancias: & para eu satisfazer a todas ellas, não quero mais materia que o caso, nẽ mais Sermaõ, que dous discursos, em que veremos a Luis que largando, ou alargando os apertos, se apertou mais; fugindo, & retirandose de Deos, esperou melhor. Mais breve: veremos a Luis o sugeyto dos mayores apertos, & das melhores esperanças: este o assumpto, peçamos a graça.

Ave Maria.

Sint lumbi vestri præcincti, &c.

TEMOS a Luis sem apertos, porque lhe tirárão os rigores com que se cingia: & cuidará alguem que foy grande alivio para Luis tirarem-lhe os seus apertos. Mas naõ he esta a condiçaõ da santidade; porque a santidade avalia os apertos com diversa estimaçaõ, do que cuidamos; & se ha aperto que mais cinja, se ha trabalho que moleste, se ha tormento, & se ha pena, que apure a paciencia de hũ Santo, he verse hum Santo sem

ſem penas, ſem tormentos, ſem apertos, & ſem trabalhos. *Stabunt juſti in magna conſtantia adverſus eos, qui ſe anguſtiaverunt, & abſtulerunt labores eorum.* Eſtaraõ os Juſtos, diz o Eſpirito Santo por Salamaõ, eſtaraõ os Juſtos com grande conſtancia diante dos que os atormentáraõ, & lhes tiráraõ ſeus trabalhos. Notavel modo de fallar! & mais notavel modo de padecer! Conſtancia para ſofrer os que atormentaõ, & tiraõ os trabalhos? anguſtias por naõ ter que padecer? Que conſtancia foſſe neceſſaria para ſofrer os trabalhos, que davaõ os tyrannos, iſſo enſina a experiencia, & a razaõ; mas que tambem nos diga Salamaõ que he neceſſaria a conſtancia para ſofrer os que tiraõ os trabalhos? Sim; que fallava Salamáo dos Juſtos, & dos Santos: *Stabunt Juſti*; & a hum Santo a anguſtia que mais o aperta, o mayor aperto que padece, he naõ ter trabalhos, que padecer, eſte he o deſtillado da pena, & a quinta eſſencia do tormento; & por iſſo o Eſpirito Santo naõ ſó diz que he neceſſaria a conſtancia, mas grande conſtãcia: *Magna conſtantia*: para moſtrar quanto mayor trabalho he ſofrer o trabalho, que ſe tira, do que o trabalho, que ſe dá: para o trabalho, que ſe dá, qualquer conſtancia baſta a hum Santo; para o trabalho que ſe tira, ſe naõ for a conſtancia grande, corre perigo a paciẽcia dos Santos, por ſer tam grande eſta pena, que requere grãde ſofrimento.

Sap. cap. 5.

E que conſtancia naõ ſeria neceſſaria a Luis para ſofrer o tormento, a pena, a ancia, & anguſtia de ſe ver ſem os ſeus apertos? ou que aperto mayor, que verſe ſem poder para ſe apertar? Em todos os Santos he grãde eſte aperto; em Luis era muyto mais creſcido pelas circunſtancias, que nelle concorriaõ. Tres terriveis circunſtancias concorriaõ em Luis, que faziaõ eſte aperto de ſe naõ apertar, mais rigoroſo, & mais

estreyto: porque em Luis se apertar a si, seguia o primeyro desejo de sua vontade; obrava confórme a hũa bem fundada esperança de agradar a Deos, & finalmente cingiase elle, & não o cingiaõ: porèm quãdo lhe tiravaõ os apertos, & lhe mandavão que se não apertasse, isto era cingirẽno, era fazerlhe cortar a esperãça de agradar a Deos, & era obrigallo a sacrificar nos altares da obediencia o seu primeyro desejo, ou o primogenito da sua vontade. Vamos por partes.

Estava tam bem Luis cõ os seus apertos, que com elles tinha nacido, & com elles se tinha creado: apertado no parto difficultoso, apertado com as esporas, que trazia em lugar de cilicio, & apertado com os madeyros, sobre que dormia, & com outras mil industrias, que usava para se mortificar. O primeyro desejo, que teve Luis, foy o desejo de se cingir; isso mostraõ os apertos em que se vio, quando naceo; isso os apertos, em que sempre continuou; & para deyxar de se apertar, como lhe mandavam, havia de cortar este seu primeyro desejo, que como tal, era o primogenito de sua vontade; & a que apertos o não reduzia este golpe, ou este sacrificio, que a obediencia lhe mandava fazer?

A mayor façanha, que se obrou por Deos neste mũdo, foy o sacrificio de Abrahão, taõ encarecido nas sagradas letras. Mãda Deos a Abrahaõ, que lhe sacrifique seu filho Isaac, & ponderando o texto esta famosa acção diz assim: *Credidit Abraham Deo, & reputatũ est illi ad justitiam.* Creo Abrahaõ a Deos resolvendose a sacrificar a seu Primogenito, & ficou por isso com grande reputação de Santo. Tanto custa cortar por hum Primogenito, que he a mayor prova de huma grande santidade? Pela obra que mais custa se mede o valor da santidade, & como quem chegava a cortar por hũ Primogenito obre o

Genes. 15.

que mais custa, & a mayor custo, por isso Abrahaõ ficou com opiniaõ do mayor Santo.

Quando o pay, & o filho; quando Abrahaõ, & Isaac hiaõ caminhando para o sacrificio, diz a Escritura, que Abrahão levava em hũa mão a espada, & em outra o fogo: *Ipse verò portabat in manibus ignem, & gladium.* Elle era, o que levava o ferro, & mais o fogo: *portabat*; porque elle era, o que soportava o golpe, & mais os incendios. Com nenhuma figura se podiaõ exprimir melhor os apertos, em que Abrahaõ se vio nesta occasiaõ, que com nos mostrar o texto a Abrahaõ cercado de ferro, & cercado de fogo, porque a ferro, & a fogo ameaçava o Ceo a Abrahão, quando lhe tirava o seu Primogenito. Se Abrahaõ olhava para a mão direyta, & se olhava para a esquerda, por huma parte o apertava o rigor do ferro, por outra os incendios do fogo, porque havia de cortar sem remedio aquella vida, havia de sacrificar aquelle filho. Em tam grandes apertos se vè quem não perdoa a hũ Primogenito; assim como tambem Luis não perdoou ao primogenito de sua vontade; com esta differẽça, que o rigor do ferro era, o que molestava a Abrahaõ, a voracidade do fogo era, a que o consumia: a Luis apertava o nam se molestar com rigores, não se consumir com penitencias. Se olhava para a mão direyta, a via desarmada das cadeas de ferro com que se disciplinava; se para a esquerda, impedida do exercicio da mortificação, & por hũa, & outra parte, se via nos mayores apertos, por se não poder apertar, mortificar, & cingir.

Genes. 22.

Porèm qnal destes apertos seria mayor? o aperto de Abrahão, ou o aperto de Luis? o de Abrahaõ era cortar pelo filho, o de Luis era cortar pelo desejo. Não ha duvida que mayor foy o aperto de Luis, do que o aperto de Abrahaõ; porque mais

mais he cortar pelo desejo, do que cortar pelo filho: o filho, a que Abrahaõ nam perdoou, era filho de sua carne: o filho a que Luis não perdoou, era filho de sua vontade: o que se tirava a Abrahaõ, era hũ filho; o que se tirava a Luis era hum desejo. Tirar hum filho, ainda que he grande sentimento para hum pay, com tudo a mayor parte da pena he, a que abrange ao filho, & não a que molesta ao pay: por isso Deos quando impedio o sacrificio de Abrahão disse: *Non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam.* Naõ descarregues Abrahão o golpe, nem faças mal a Isaac. De sorte que o golpe, o mal, a pena, & o tormento não cahia tãto sobre Abrahaõ, quanto cahia sobre Isaac. Isaac era o filho, que se tirava: Isaac era tambem, o que padecia: Abrahaõ era, o que apertava, mas Isaac era, o que sofria os apertos: *Cùmque alligasset Isaac filium suum.* E quanto vay do apertar a ser apertado, tanto vay de se tirar o filho, a se tirar o desejo; porque tirar hum desejo, he tormento, que passa mais a dẽtro, he golpe mais fundo, & he pena, que chega a pòr em apertos a mesma alma.

Genes. 22.

Genes. 22.

Abstulisti quasi ventus desiderium meum: nunc autem marcescit in memetipso anima mea, disse Job. Senhor, vòs me tirastes o meu desejo, & agora se me está secando esta alma dentro em mim mesmo. Se lemos a Escritura, acharemos que o desejo, de que falla Job, era o desejo de continuar Job o sacrificio, que de si fazia, & de suas cousas; & impedirem lhe este sacrificio, tirarem-lhe este desejo, atè a alma lhe apertava com a pena, com a molestia, & com o tormento: & a alma, que se apertava, era a alma, não fóra de Job, mas dentro nelle mesmo: *In memetipso*, para que nada de Job ficasse livre da pena; nem a alma, porque a ella se tirava o primeiro golpe, quando se lhe tirava o seu desejo;

Job 30.

E 2

jo; nem o corpo, porque nelle se exercitava o rigor, quando se lhe impedia sacrificarse a si mesmo. E quãto mayores saõ os sentimẽtos proprios, que os alheyos; quanto mais penetrãtes sam as penas da alma, que as do corpo, os golpes sofridos, ou os golpes dados, tanto mayor foy o aperto de Luis, do que o aperto de Abrahão; porque o que ouve de aperto no sacrificio de Abrahaõ, (tomado em quanto sacrificio; porque abayxo avemos de ponderar com outro respeyto) o que ouve de pena, & o que ouve de sofrimento, foy da parte de Isaac: elle era o que esperava o golpe: *Ne extendas manum tuam super puerum*; elle o que sentia os apertos: *Cumque alligasset Isaac.* E se Abrahaõ tambem padecia, padecia muyto menos que o filho; porque o filho sentia o golpe do ferro, & a pena de perder a vida; ao pay só atormentava o sentimento da execuçaõ: porèm Luis era, o que em si, & em si mesmo experimentava todos estes rigores; na alma, por naõ poder exercitar o seu desejo; no corpo, por naõ poder continuar o seu sacrificio: a alma se lhe secava, por se ver privada do seu desejo; o corpo se consumia, por se achar sem os seus apertos: *Nũc autem marcescit in memetipso anima mea.* De sorte que em nada ficava aliviado, porque na alma, & no corpo sentia a falta dos seus apertos.

Mas vamos á segunda circunstancia; porque ainda aqui não esteve o mayor aperto de Luis, assim como em Abrahão na morte de Isaac não esteve o mayor acto do sacrificio. O mayor aperto de Luis esteve em aver de cortar pela esperança de agradar a Deos com os seus apertos; & isto com que? Com outra esperança de lhe agradar sem apertos. Quando Luis se apertava, vivia na esperança de agradar a Deos pelos apertos, porque por este caminho o chamava Deos: *Sint lum-*

lumbi vestri præcincti, quã-do a obediencia lhe mandava largar os apertos, tambem concebia hũa certa esperança de agradar a Deos sem elles; com esta differença, que a primeyra esperança levava o desejo; a segunda esperança o obrigava á obediencia; & aver de cortar a esperança a que o levava o desejo, pela esperança a que o obrigava a obediencia, era o rigor, que mais o cingia, era a dor que mais o apertava.

Quando a Escritura encarece o sacrificio de Abrahão, não diz que foy grande, porque sacrificou; mas que foy grande, porq̃ creo: *Credidit Abraham Deo, & reputatum est illi ad justitiam.* (Genes. 15.) E em que esteve aqui a mayoria de fé do grande Patriarca Abrahão? Abrahão naõ creo a Deos quando o mandou sahir de sua patria? naõ creo a Deos quando o mandou deyxar o pay, os amigos, & os parentes? não creo a Deos quando o mandou peregrinar por terras estranhas entre gente nova, & para elle desconhecida? Tudo isto creo Abrahão: pois porque senão louva a sua fé por todas estas acções tam heroycas, tam grandes, & taõ abalizadas? & só se louva pelo sacrificio de Isaac? S. Paulo deo a razão taõ alta como sua: porque aqui venceo a fé de Abrahaõ a mayor repugnancia: & qual foy? *In spem contra spem credidit.* (Ad Rom. 4.) Foy crer Abrahaõ hũa esperança contra outra esperança. Duas esperanças havia em Abrahão; huma esperãça de agradar a Deos pelo sacrificio de Isaac; outra esperança da descendẽcia, que Deos no mesmo Isaac lhe tinha promettido: a esperança da descendencia fundavase na vida do filho; a esperança de agradar a Deos fundavase na morte de Isaac: a esperança da descendencia na vida de Isaac levava o desejo; a esperãça de agradar a Deos na morte do filho obrigava a obediencia: *Quia obedisti voci meæ*: & cortar a esperança do desejo pela espe-

perança da obediencia, grãde fineza, & mayor aperto; porque esta esperança naõ só lhe tirava a esperança da descendẽcia; mas ainda lhe tirava o fruto do que atè alli tinha obrado.

Tudo o que Abrahão atè alli tinha obrado era deyxar o pay, a patria, os amigos, & fazer tantas peregrinaçoens; mas tudo isto, como consta da Escritura, era pelo desejo da descendencia; & no cabo de tantos trabalhos acabarselhe este desejo naquelle sacrificio, depois de lhe ter custado tanto? duro sacrificio! & para melhor dizer, duros sacrificios! porque se bem repararmos, dous sacrificios se fazião aqui: hum sacrificio se fazia fóra, de grãde lastima; outro sacrificio se fazia dentro, de mayor rigor: porque fóra sacrificava Abrahão a Isaac; dentro sacrificava as suas potencias: fóra sacrificava seu filho; dentro sacrificava sua vontade: dentro cortava por si, & fóra pelo seu. Aqui se tornou a ver o bom velho entre o fogo, & a espada: entre o fogo do amor, & do desejo; & entre a espada do rigor, & da obediencia; porque se vio entre o mais apertado dilema: se concedia, ou condescendia com o desejo, negava, & negavase á obediencia; se cõcedia, & cedia á obediencia, negava, & contradizia ao desejo: se negava, & se negava à obediẽcia, a obediencia mostravalhe o fogo, em q̃ havia de arder: se negava, & cõtradizia ao desejo, o amor afiava a espada, cõ que o havia de degolar. He possivel pay, dizia o seu desejo, q̃ me has de cortar, & te has de cortar com o mesmo golpe, com que determinas degolar a Isaac, & que com a vida, que lhe tiras, havemos ambos de acabar? Não seja assim; que tambem Deos se agrada cõ a vida deste filho, pois to deu para crescer tua descẽdencia. Naõ seja possivel Santo, dizia a sua obediencia, que o desejo de tua propagaçaõ te exponha a arderes eternamente em hum fogo,

fogo, se te impedir a mayor fineza, que atè agora se obrou por Deos, a quem agrada mais esta só morte, que a vida de muytos, que hão de nascer deste tronco. Nestes apertos se via Abrahão: o argumento do desejo lhe embotava o ferro; o argumento da obediencia dava novos fios á espada: & que fez Abrahaõ nestes apertos? Escolheo o mayor aperto, & o primeyro golpe, que deu, foy no desejo, por não cortar a obediencia: este foy o mayor acto de justiça, que fez Abrahaõ: *Reputatum est illi ad justitiam.* E esta a mayor justiça, que se fez de Luis; & este o lanço mais apertado em que se podia ver.

Grande aperto foy crer Luis a Deos, que o mandava deyxar o pay, que o amaya, os parentes, os amigos, & os vassallos, que o estimavam, a casa, a patria, & o estado de que era senhor: grande aperto ir peregrinando atè Roma, para viver entre gente atè alli nova, & ainda desconhecida no mundo, quaes eram os da Companhia naquelle tempo: porèm tudo isto lhe parecia suave, porque tudo lhe facilitava o desejo, & a esperança, que tinha de agradar a Deos pelo caminho dos apertos, por onde elle o chamava: *Sint lumbi vestri præcincti*, & pouco louvor merecia a sua fé, em quanto obrava, por conseguir o seu desejo; mas haver de sacrificar este seu desejo por quem tinha trabalhado tanto; haver de cortar a esperança, a que levava o desejo, pela esperança, a que o levava a obediencia, grande sacrificio, grande aperto! Naõ era menor este aperto, que o aperto, em que se vio Abrahaõ: em Abrahaõ oppunhase o desejo á obediencia, a obediencia ao desejo, & a esperança á esperança: aqui tambem se oppunha a esperança á esperança, a obediencia ao desejo, & o desejo á obediencia: o desejo de se apertar allegava por si, que os apertos agradavão a Deos, pois

era doutrina, que Christo tinha ensinado: a obediencia tambem tinha que allegar, que o deyxar esses apertos era o sacrificio mais illustre; porque era para elle o mais difficultoso: a esperãça de agradar a Deos pelos apertos tinha de sua parte o desejo; a esperança de lhe agradar sem apertos tinha da sua a obediencia: se Luis se apertava, seguia a esperança do seu desejo; se largava os apertos, seguia a esperança da obediencia: seguir a obediẽcia, era cortar o desejo: não cortar o desejo, era faltar á obediencia, & por não faltar á obediencia corta Luis pelo desejo, para dar o golpe no mais sensivel, & vencer hũ aperto a outro aperto: o aperto de se naõ apertar, ao aperto de se apertar, por mais difficultoso, & mais estreyto: *Sint lumbi vestri præcincti.*

E haverá ainda mayor aperto do que este? Ainda; porque ainda aperta mais a terceyra, & ultima circunstancia de se cingir Luis a si, & de se apertar, ou de o apertarẽ a elle, & de o cingirem. Luis em quanto se apertava, elle era, o que se cingia a si; quando lhe tiravaõ os apertos, outros eraõ os que o cingiaõ a elle: o mortificarse, & apertarse era cingirse; o deyxar de se mortificar, & cingir, era apertarem-no. Isto tem os apertos tomados, ou os apertos tirados: quando os Santos se cingem a si, apertaõ se; quando lhe tiraõ os apertos, outros saõ os que os cingem Quando a Sabedoria falla dos apertos, & dos trabalhos, que os Santos padeciaõ, & dos trabalhos, & apertos, que lhes tiravaõ, falla com hũa notavel differença; porque aos trabalhos, que elles padeciaõ, chamalhes seus; chamalhes trabalhos dos mesmos Santos: *Abstulerunt labores eorum.* Aos trabalhos que lhes tiravam, chamalhes apertos, q̃ lhes davaõ os tyrannos: *Qui se angustiaverunt.* Huns, & outros apertos todos eraõ dos Santos em quanto padecidos;

Sap. 5.

dos;porque os Santos eraõ os que padeciaõ os apertos: porèm com esta diversidade, que hũs eraõ tomados, outros eraõ tirados: os trabalhos, que tomavam os Santos, eraõ os apertos, em que elles se punham; os trabalhos, que lhes tiravaõ, eraõ os apertos, em que os punhaõ: com os trabalhos, q̃ elles tomavaõ, elles mesmos se apertavaõ, & por isso eraõ seus: *Labores eorum*: cõ os trabalhos q̃ lhes tiravaõ, outros os punhaõ em apertos, & outros os apertavaõ: *Qui se angustiaverunt*. Isto he, o que he tomar apertos, & tirar apertos: tomar apertos, he cingirdesvos, se sois Santo; & tirar apertos, se sois Sãto, he cingiremvos; & estes eraõ os apertos, em que o B. Luis se via: quando tomava os apertos, elle se cingia a si; quãdo lhe tiravaõ os apertos, outros o cingiaõ a elle: & he taõ grande este aperto, que juntamente aperta, & juntamente aparta; porque não só he aperto que aperta, como mortificação; mas tambem he aperto que aparta, como morte: cingirse hum Santo a si, quando muyto, chega a ser mortificação; porèm cingirem-no, passa de ser mortificação a ser morte. Ainda não disse bem: quando hũ Santo se cinge, he verdade, que se mortifica, & se aperta; mas he este hum aperto muyto largo, porque ainda que se aperte, anda muyto á sua vontade: mas se o cingirẽ, passa de ser mortificaçaõ, & aperto, a ser apartamento, & a ser morte.

Cum esses junior, disse Christo a S. Pedro, *cum esses junior, cingebas te, & ambulabas, ubi volebas: cum autem senueris, extendes manus tuas, & alius te cinget, & ducet quò tu non vis.* Pedro, quando vòs ereis mais moço, vòs vos cingieis, & apertaveis, & andaveis por onde querieis: porèm como fordes mais velho, outro vos ha de cingir, & levar por onde naõ quereis: & logo acrescenta o Evangelista, que Christo lhe dissera

Joan. 21.

ra isto, para lhe declarar a morte de que havia de morrer: *Significans qua morte clarificaturus esset Deum.* Taõ grande aperto he chegarem-vos a cingir, que em chegando a estes termos haveis-vos de ver em apertos de morte. Em quanto S. Pedro se cingia a si, padecia o seu aperto, porèm este aperto ainda tinha suas largas: cingiase, & apertavase, he verdade; mas nam deyxava de andar á sua võtade: *Ambulabas ubi volebas.* Porèm tanto que o cingirão, foy tanto de hũ aperto a outro, q̃ o que atè *li* foy aperto voluntario, depois foy violento: *Ducet quò tu non vis*: o que atè alli foy só mortificação á vontade, depois foy martyrio rigoroso, & morte illustre; porque sofrer S. Pedro que outrem o apertasse, que outrem o cingisse, que corresse por conta alhea o mandar, & pela sua obedecer, & dar as mãos: *Extendas manum tuam*; isto era morrer, isto era acabar, atè aqui rigor, atè aqui aperto, atè aqui mortificaçaõ, & atè aqui morte: *Significans qua morte clarificaturus esset Deum.*

Pouca necessidade tem de accommodaçam o passo, quando vem tão proprio ao nosso intento. Sò daqui acabo de entender huma cousa, que atè agora naõ alcançava. Cuydava eu atè agora, que a morte tam anticipada de Luis, & sua vida taõ breve fora por causa da debilidade de sua natureza, & fraqueza de compleyçaõ; mas agora acho, que não foy isto pela fraqueza da compleyção, mas pela força do rigor, & estreyteza dos seus apertos. Cuydavão os Superiores, que lhe dilatavaõ os dias, & que lhe alargavaõ a vida cõ lhe mandarẽ largar os seus apertos; mas como nisto o cingiam mais, & mais o apertavaõ, foy tal o aperto que morreo: *Significans qua morte clarificaturus esset Deum*; & em o cingirem esteve a sua morte; porque em não se apertar esteve o seu mayor aperto: *Sint lũbi vestri præcincti.*

Estes

Estes saõ, ou estes foraõ os apertos de Luis: & quaes foraõ, ou quaes seriam as suas esperanças: *Expectantibus Dominum suum*? Que Luis fosse de grandes esperanças, bem o mostráram suas prendas, & seus talentos; a difficuldade com que o largáraõ seus vassallos; & as resistencias do Marquez seu pay; mas que quando Deos lhe mãda que espere, fuja Luis; isto he, o que faz duvidosa a sua esperança. Quem espera, ha de obrigar com desejos, ha de solicitar com ancias, ha de penetrar com suspiros, & ha se de enternecer com saudades. A quem foge nem o enternecem saudades, nem o penetraõ os suspiros, nem o solicitaõ as ancias, nem o obrigão os desejos; porque quem deseja, busca, & nam foge; quem solicita, agrada, naõ se ausenta; quem suspira, pertende, não se aparta; quem padece saudades chegase, não se retira; pois no retiro se augmentão as saudades, no apartamento os suspiros, na ausencia as ancias, & na fugida os desejos. E como podia esperar Luis, se Luis fugia? Por isso mesmo esperava: porque em quanto espera, ha de haver desejos que obriguem, ancias q̃ solicitem, suspiros q̃ penetrem, & saudades que enterneçaõ; por isso fugia Luis para poder esperar.

E senão, vejamos o que havia em Luis: & que cousa he a esperança. O que havia em Luis era hũa continua presença de Deos, em que andava todo absorto, & enlevado: & a esperança he hum affecto, que suspirando sempre pela presença, vive com a falta da presença, & com a presença morre: assim definio a esperança o mayor Theologo S. Paulo: *Spes, quæ videtur, non est spes, nam quod videt, quis quid sperat*. A esperança que chegou a lograr a presença do bem esperado, já naõ he esperança; porque quem espera, não logra as presenças, & quem logra as presenças já naõ espera. E a razão ultima de tudo isto he; porque o bem que for

Ad Rom. 8.

Vieyra tom. 3. *Ser.* 1.

for objecto da esperança ha de ter duas condiçoens; ha de ser possivel, & ha de ser futuro: possivel, porque o impossivel não se deseja; futuro, porque o presente naõ se espera: & em faltãdo qualquer destas duas condições, já não ha esperança: & por isso não ha esperança no Ceo, nem no Inferno: não ha esperança no Inferno, porque no Inferno o objecto da esperança não he possivel: no Ceo tambem não ha esperança, porque o seu objecto no Ceo naõ he futuro: & como Luis andava tanto na presença de Deos, o ter a Deos presente tirava o objecto de sua esperança a condição de ser futuro, & para ser futuro havia de deyxar de ser presente, & para isso havia Luis de apartarse, & para ser elle o sugeyto, que esperasse, havia de ser o sugeyto, que fugisse.

Cant. 8. Hug. hic. *Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam*; ou como lê Hugo Cardeal: *Amici expectant*. Vinde Esposa minha, disse lá o Esposo dos Cantares áquella Alma Sãta, vinde Esposa minha, porque estou aqui esperando com hũs amigos, & vos queremos ouvir. E que responderia a Esposa a esta petiçam tão justa, tam terna, & ainda de tanto gosto para seu coraçaõ, & de tanto alivio para seu amor? *Fuge dilecte mi*. Ay, ide-vos embora, fugi Esposo meu: & com estas palavras acabou a Esposa o livro dos Cantares, que he o livro do amor. Pois com esta esquivança se acaba hũ amor taõ grande, & taõ encarecido em todo este livro? quando mais se deviaõ unir os corações, agora he o apartamento, a desuniaõ, o retiro, & a fugida: *Fuge*? Mas naõ foy isto acabar com o amor, foy acudir com o remedio á esperança. O Esposo dizia que esperava com huns amigos: *Amici expectant*; & como o esperar se naõ compadece com a presença, se o Esposo esperava, havia de fugir. Sempre a Esposa se mostrou muyto

cor-

correſpondente a ſeu Eſpoſo; quando o Eſpoſo dizia que a amava, acudialhe com a fineza, que era a correſpondencia do amor; agora que dizia que eſperava, acudialhe com a fugida, que era o remedio da eſperança.

E para que iſto naõ pareça ſó conſideraçam minha, cotejemos eſtas ultimas palavras como as mais de todo eſte livro. Em todo eſte livro naõ fez outra couſa o Eſpoſo mais que encarecer ſeu amor, & ſó aqui declarou ſua eſperança. Em quãto o Eſpoſo encarecia ſeu amor, & por eſta cauſa buſcava a Eſpoſa por montes, & valles: *Ecce iſte venit ſaliens in montibus, tranſiliens colles*, tambem a Eſpoſa por valles, & por montes o buſcava: *Indica mihi ubi cubes, ubi paſcas in meridie.* As ſuas finezas eram ter ſempre a ſeu Eſpoſo comſigo, & nunca ſe apartar delle: *Inveni quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam*, & por iſſo ella era a que pertendia as aſſiſtencias: *Trahe me poſt te*; ella a que naõ podia ſofrer as auſencias: *Quæram quem diligit anima mea*; ella a que ſolicitava as preſenças: *Veniat dilectus meus in hortum ſuum*; ella a que deſejava as occaſiões das viſtas: *Quis det mihi te fratrem meum... ut inveniam te foris?* Porèm como aqui, & ſó aqui lhe dizia o Eſpoſo q̃ eſperava; aqui, & ſó aqui lhe diſſe q̃ fugiſſe: *Fuge.* Como ſe diſſeſſe: Se eſperais, Eſpoſo meu, & viveis de eſperanças, fugi, porque eſte he o remedio para viver eſperando: não queyrais verme, que ſe não compadece o deſejo cõ a poſſe, & com a preſença a eſperança, & ſe ſois ſugeyto que eſperais, o fugirdes he preciſo: *Heu fuge.*

Cant. 2. Cant. 1. Cant. 3. Cant. 1. Cant. 3. Cant. 5. Cant. 7.

He verdade, que neſta auſencia ſentio o amor o golpe, & por iſſo ſe queyxou a Eſpoſa: *Heu*, ay; mas como aqui havia a eſperança de prevalecer ao amor, foy neceſſario fugir: *Fuge.* Suſpirou o amor na auſencia; mas para reſpirar a eſperança no apartamento:

Heu

Heu fuge. Na presença de Deos andava Luis, & tanto na presença de Deos, que nunca o perdia da vista; porèm o mayor contrario de sua esperança era esta continua presença. O amor queria que se detivesse; mas por outra parte era obrigado a esperar: *Expectantibus Dominum suum*; & como não podia satisfazer a obrigação de quem espera com os privilegios de quē logra, deyxa a presença, & foge. He verdade, que o amor de Luis padecia o golpe no apartamento; mas a esperança achava o remedio na fugida, & como era forçoso esperar, foy necessario fugir: *Fuge. Expectantibus Dominum suum.*

Tenho provado, se me não engano, que para Luis esperar, havia Luis de fugir, & deixar a pres[illegible]ça de Deos: porém não he isto só, o que ao principio prometti. Naõ só disse que Luis havia de fugir, para esperar; mas q̃ em fugir, em se ausentar, & em deyxar a presença de Deos fora o sugeyto das melhores esperāças; & não me arrependo de o ter dito, porque assim o foy. A duas esperanças se reduzem todas as esperanças dos Santos; a hũa esperança que he meyo, a outra que he fim; a hũa que he caminho, a outra que he termo; a hũa esperança, que he bemaventurada, & a outra esperança, que não he bemaventurada. Estas duas esperanças saõ, as que se achão na Escritura; estas, as que nos ensina S. Paulo: *Expectantes beatam spem.* Vivamos justamente, diz o Apostolo, & esperemos a esperança bemaventurada. Pergũto agora: Destas duas esperanças; da esperança que he fim, que he termo, que he bemaventurada; da esperāça que he meyo, que he caminho, & que naõ he bemaventurada, qual diremos que he a melhor? He certo; que todos havemos de dizer, que a esperança bemaventurada he a melhor esperança; porque esta he o termo de nossos desejos, o fim de nossos cuydados, o des-

Ad Tit. 2.

descanso de nossas ancias, & o alivio de nossas saudades; & que o sugeyto que tiver esta esperança, he o sugeyto, que tem a esperança melhor: pois isto he, o que foy Luis; porque esta he a esperança, que teve. Quantas vezes batia Deos ás portas de sua alma, quãtas lhe fazia presente sua lembrança, outras tantas se retirava Luis, & outras tãtas fugia, porque a presença lhe impedia a esperãça: & como sempre depois de Deos o buscar, fugia para esperar, nisto tinha a melhor esperança; porque tinha a esperança bemaventurada.

Quando Sam Mattheos falla dos mesmos servos, de que falla S. Lucas: dos servos digo, que esperaõ, diz assim: *Beatus ille servus, quem cum venerit Dominus, invenerit sic facientem.* Bemaventurado he aquelle servo, que ainda quando vier o Senhor, & depois de vir; que toda esta força tem o *Cum venerit.* Bemaventurado he aquelle servo, que ainda quãdo vier o Senhor, & depois de vir, o achar esperando: *Sic facientem.* E qual será o servo, que depois de vir Deos, & depois de estar presente ainda espere? Naõ pòde ser outro senaõ, o que deixar a Deos para esperar. O que tiver a Deos presente, naõ pòde esperar; porque senaõ compadece a esperança com a presença; & só o que deyxar a presença pela esperãça, he o que pòde esperar, depois de vir Deos: *Cum venerit, invenerit sic facientem*; & a este he, que se promette a bemaventurança no esperar, ou a esperança bemaventurada: *Beatus ille servus.* Pois este foy Luis, sugeyto, que ainda depois de vir Deos, esperava, porque sempre Deos o achava fugindo, & retirandose, para conservar a esperança. Entre Luis, & os mais Sãtos ouve esta grande diversidade: todos os outros Santos depois de vir Deos acabaõ a sua esperança; porque atè vir Deos he o termo, que tem para esperar:

po-

porèm Luis naõ acabava a ſua eſperança com a vinda de Deos: Deos o buſcava, Deos ſe lhe fazia preſente; mas como o ſeu ponto era eſperar, a ſua theſe era fugir; & como fugia ſempre, ſempre Deos o achava eſperando: *Sic facientem*, & por iſſo era Luis o Beato, ou o Beato Luis em eſperar: *Beatus ille.*

Parecerá que tenho encarecido muyto a eſperança de Luis em lhe chamar bemaventurada, ou a Luis Bemaventurado na ſua eſperança; mas ainda a nam encareci o mais, porque ainda nos falta o melhor, & o mais ſubido deſta eſperança, que naõ ſó foy bemaventurada por conſeguir o que conſeguem os mais Santos quando tem a Deos preſente; mas porque o cõſeguio com hũ modo muyto extraordinario, & muyto ſingular. Os mais Santos eſperaõ para terem a Deos preſente; Luis deyxava de ter a Deos preſente, para eſperar: o que conſeguem os Santos com a ſua eſperança he ter a Deos, mas a Deos em parte, & a noſſo modo de fallar, a Deos partido; o que Luis alcançava com deyxar a Deos, era ter a Deos naõ em parte, naõ a Deos partido, mas a Deos todo. Eſta diverſidade vay entre quem eſpera para ter a Deos, & entre quem deyxa a Deos para eſperar: quẽ eſpera para ter a Deos preſente, depois de muyto eſperar chega a ter a Deos, mas a Deos em parte: quem deyxa de ter a Deos preſente para eſperar, tem a Deos, naõ a Deos em parte, mas a Deos todo.

O ſugeyto mais ſingular na eſperança foy David; aſſim o diſſe elle de ſi meſmo: *Singulariter in ſpe conſtituiſti me.* Vòs Senhor me conſtituiſtes, & me puzeſtes em huma eſperança muyto ſingular. E em que eſteve eſta ſingularidade da ſua eſperança? Por ventura em quẽ ſendo tam valente, mais confiava no poder Divino, do que na força de ſeu braço? Em que ſendo taõ Santo, mais eſperava na miſericordia

Pſal. 4.

Pſal. 4. verſ. 3.

Pſal. 85 verſ. 2.

Pſal. 5. verſ. 11.

cordia de Deos, do que em ſeus merecimentos? em que ſendo perſeguido dos proprios,& dos eſtranhos,nũca duvidou do ſoccorro do Ceo? em ſe anticipar tanto a eſperar, que bebeo com o leyte as eſperanças? finalmente em eſperar tanto, q̃ ainda depois de acabar a vida naõ acabava de eſperar? Em nada diſto eſteve, porque eſtes graos tam finos de eſperança ainda que os naõ achemos todos juntos em alguns ſugeytos, os havemos de achar divididos; já em Judas Machabeo; já em Ezechias; já em Daniel; já em Moyſés; & finalmente em Job. Pois em que eſteve eſta ſua eſperança ſingular? Antes que elle o diga, o direy eu: Eſteve eſta ſua eſperança em deyxar a Deos por eſperar a Deos: agora o diga David: *Singulariter in ſpe conſtituiſti me. Quid mihi eſt in Cælo, & à te quid volui ſuper terram?* Senhor, a minha eſperança he muito ſingular, & para ſer em tudo unica, & eſperança, em que eſtou conſtituido, & permanente, nam quero nada de vòs, nem na terra, nem no Ceo.

Pſal. 21 verſ. 20

Pſal. 15 verſ. 9.

Pſal. 71 verſ. 25

E porque toma David eſta reſoluçaõ taõ nova, taõ eſtranha, & taõ extraordinaria? Aqui he agora que eſtá o ponto mais alto, mais ſubido, & mais ſingular da ſua eſperança. *Deus cordis mei, & pars mea Deus in æternum.* Porque diz David, porque o Deos do meu coraçaõ he o meu Deos, & o Deos da eternidade he a minha parte? E qual he o Deos do coraçaõ,& o Deos da eternidade? O Deos da eternidade he Deos viſto, he Deos gozado; he Deos preſente, porque ſó na eternidade eſtá preſente, ſó na eternidade ſe goza, & ſó na eternidade ſe vè: o Deos do coraçaõ he Deos deſejado, he Deos appetecido, he Deos eſperado, porque com o coraçaõ ſe eſpera, com o coraçaõ ſe appetece, & com o coraçaõ ſe deſeja; mas Deos viſto, Deos gozado, & Deos preſente he Deos partido: *Pars mea Deus in æternum.* Deos de-

ſejado, Deos appetecido, Deos eſperado, naõ he Deos partido, he Deos todo: *Deus cordis mei*: & como David tinha a Deos todo quando eſperava; por iſſo naõ queria ver, porque quãdo viſſe, ſó teria a Deos em parte. Eu naõ diſputo agora, ſe Deos preſente he Deos em parte: ſe Deos eſperado he Deos todo; mas ſuppondo-o, como David parece que o ſuppoem; & como parece, que o affirma.

Fez David comſigo eſtas contas: eu depois de muyto eſperar, ſe Deos ſe me communicar, terey a Deos; mas a Deos em parte. Se continuo a minha eſperança, tenho a Deos todo: pois a Deos Senhor: *Quid mihi eſt in Cælo, & à te quid volui ſuper terram*? Nem na terra, nem no Ceo vos quero ter preſente, que me naõ eſtá bem trocar o todo pela parte: querovos todo, & como vos naõ poſſo ter todo ſenaõ em quãto eſpero: *Deus cordis mei*, por iſſo me acho muyto bem com a minha eſperança ſingular: *Singulariter in ſpe.* Atè alli tería David o privilegio de ſer ſingular na ſua eſperança; por ter a Deos todo em quanto eſperava; porèm já agora achou ſemelhante em Luis: & ſe David tirou a Luis o ſer primeyro, Luis tirou a David o ſer unico neſta eſperança. Preſente tinha Luis a Deos; mas achava, que gozava pouco de Deos com a eſperança, porque Deos preſente era Deos em parte: *Pars mea Deus in æternum*; & para que nada de Deos lhe faltaſſe por gozar, deyxa a Deos, & eſpera: *Expectantibus Dominum ſuum*, porque ſó eſperando teria a Deos todo: *Deus cordis mei.*

E podia haver eſperança mais bemaventurada que aquella eſperança, que tinha a Deos todo, & que nunca com Deos ſe perdia? A eſperança de todos com a preſença de Deos ſe perde, porque com a preſença de Deos acaba: a eſperança de Luis não era aſſim: todas as vezes que Deos ſe lhe

fazia

fazia presente, tinha Luis novo motivo para fugir, & nova razaõ para esperar; & estava tam longe de se lhe acabar, ou perder a sua esperança com a presença de Deos, que a presença de Deos lhe ajudava mais a sua esperança, pois lhe dava novo motivo para esperar. Ainda nisto se assemelhou mais a esperança de David. *Factus est mihi Dominus in refugium, & Deus in adjutorium spei meæ.* Deos, diz David, he o que ajuda a minha esperança. E Deos nāo he tambem, o que ajuda á esperança dos mais? Nam; porque a todos os mais, quãdo Deos se lhes faz presente, lhes destroe a sua esperança. He tal a ventura da alma, & tal a desgraça da esperança em todos, que quando á alma se lhe abrem as portas do Ceo, á esperãça fecham se: a alma entra, a esperança fica de fóra: a alma salvase, a esperança perdese: a alma he predestinada, mas a esperança naõ póde ver a Deos. Em David naõ era assim; porque como naõ queria ter a Deos presente para melhor esperar, o quererselhe Deos cõmunicar era obrigallo a retirarse, para que a sua esperança se naõ perdesse, & acabasse com aquella presença. Isto mesmo corria em Luis; para que a sua esperança naõ ficasse condenada a se perder pela presença de Deos, deyxava á presença de Deos, & ficava salva, & sem se perder a sua esperança. Deos o buscava, & em o buscar o fazia fugir; & como o buscallo era causa para elle fugir, o buscallo Deos dava novos alentos á sua esperança, & taõ longe estava Deos de lhe acabar, & fazer perder a sua esperança, que era motivo para sempre ficar salva, firme, & bemaventurada, ou hũa perfeita bemaventurança: *Ad quam nos, &c.*

Psalm. 93.

SERMAM

NO ANNIVERSARIO DE D. RODRIGO da Coſta, Governador, & Capitaõ Géral da India, o qual lhe fez ſeu Irmaõ Dom Vaſco Luis Coutinho, por occaſiaõ de lhe pòr hũa pedra ſobre a ſua ſepultura, que ſe não poz no dia de ſeu enterro.

Prègado na Caſa Profeſſa de Goa aos 23. *de Junho de* 1691.

Quid tu hic, aut quaſi quis hic? Quia excidiſti hic ſepulchrum, excidiſti in excelſo memoriale diligenter, in petra tabernaculum tibi. Iſai. 22.

AM baſtam pequenos ſentimẽtos para o deſafogo da queyxa em grandes perdas : a mais que a hũa demonſtraçaõ obriga a dor, que tem motivos para ſer eterna, & que que tem cauſas para naõ ter limite. Hum anno ha, que neſte lugar cherámos ſentidamente o golpe de huma mor-

morte, que nos cortou a melhor vida, & hoje ſe bem com diverſo motivo, mas naõ com pena diverſa, nas ſaudoſas lembranças, que renovamos, tornamos a reſuſcitar aquellas lagrimas, que entaõ chorou a noſſa laſtima enternecida, & hoje conſagra a noſſa ſaudade magoada. Digo com diverſo motivo, & naõ com pena diverſa, porque entam a deſgraça preſente na morte daquelle grande Governador, & illuſtre Principe (todos ſabem de quem fallo) entaõ a deſgraça preſente chorava a perda de tantas prendas; hoje em hũa pedra, que ſe conſagra a ſuas memorias, ſente de novo, o que nunca deyxou de ſentir. A dor de entaõ corria por conta dos olhos; a dor de hoje corre por conta da memoria Entaõ no deſpojo daquella vida ſentiamos a ſaudade futura, que ſe ſeguia áquella morte preſente; hoje nas lembranças daquella morte paſſada padecemos a ſaudade preſente, que nos deyxou aquella vida. A dor de entaõ naſcia de hum corpo morto, que na meſma ſepultura nos enterrava; a dor de hoje renaſce de hũa pedra, que em quanto ſe poem naquella ſepultura, nos aviva os ſentimentos. Eu me explico.

Morreo o noſſo grande Governador; & todos vimos em hũa ſepultura raza aquelle corpo, que era merecedor dos Mauſolèos mais ſumptuoſos: não ſofreo ſemelhantes deſattençoens o coraçaõ amante de hum irmaõ, que igualmente affectuoſo, & magoado, todas as vezes, que conſiderava em urna taõ vulgar aquellas cinzas táo ſoberanas, ſe queixava com o noſſo Thema: *Quid tu hic, aut quaſi quis hic*? He poſſivel irmão meu, que a eſte abatimento ſe vè reduzida a voſſa grandeza? Vivo em tudo grande, morto como ſe em nada foſſeis do muyto que foſtes? Aqui nos enſina a evidencia, que eſtais occulto; mas com o *Quid tu hic*, reduzido ao quaſi nada, *quaſi quis hic*? Sem vida,

 por-

porque a levou a morte; ſem nome, porque o naõ publica o lugar. Que a morte naõ reſpeite as ſoberanias, iſſo he timbre do deſpeyto com que trata as mayores Mageſtades; mas que haja morte, & naõ haja lembrãça; que a morte tire a vida, o eſquecimento ſepulte o nome, he ſem-razaõ do deſcuydo.

Para memoria de ſugeytos illuſtres levantou a veneraçaõ as pedras, os Mauſolèos, as Piramides, os Obeliſcos, as colunas, & os ſepulchros: aſſim o fez Jacob com a ſua Rachel, Artemiſa com o ſeu Mauſolo, os Egypcios com os ſeus Ptolomeos, os Romanos com os ſeus Capitaens, Simaõ Machabeo com ſeus irmaõs, & todas as naçoens mais politicas com os ſeus Heroes: porèm em vòs ſobejando cauſas para vos eternizardes em ſemelhantes memorias, faltáraõ em nòs as execuções para lembranças ſemelhantes; ſendo que nos naõ merecieis nem menos amor, que Rachel a Jacob; nem menos eſtimaçaõ, que Mauſolo a Artemiſa; nem menos veneraçaõ, que Ptolomeo aos Egypcios; nem menos credito, que os Capitaens aos Romanos; nem menos agrado, que os Machabeos a Simaõ; nem menores lẽbranças, que os mais abalizados Heroes ás naçoẽs, que acreditáram com ſuas proezas. Porèm hoje chegou o dia, em que ha de vingar o meu amor eſte deſcuido, & já que naõ poſſo trocar as ſortes, & com os diſpendios da propria vida reſtaurar as perdas de voſſa morte; neſta pedra, q̃ ſaudoſo vos dedica o meu affecto, aceitay hum elogio a voſſo nome, já que nella cortou o voſſo merecimento o ſeu ſepulchro: *Excidiſti tibi hic ſepulchrum*; a voſſa grandeza as ſuas memorias: *In excelſo memoriale diligenter*; & vòs meſmo o voſſo tabernaculo, & habitaçaõ: *In petra tabernaculum tibi.*

Eſta pedra pois, que hoje ſe colloca, he a que nos

traz

traz a este lugar, & a que me obriga a mim a romper o silencio nesta Oraçaõ, para a qual pondo de parte as queyxas do *Quid tu hic, aut quasi quis hic*, por estarem já satisfeytas, nam quero mais materia, que as mais clausulas do nosso Thema, nem mais discursos, que a explicaçam de todas ellas. Sò tomára que o meu talento fosse igual ás minhas obrigações, para em nada faltar ao desempenho; mas nesta falta, que em mim considero, me anima haver de ponderar as memorias de hum sugeyto, que avultou tanto com suas acções, que a insufficiencia do Orador ha de ser o mayor credito da materia.

Todos os homens diz David que saõ imagẽs: *In imagine pertransit homo*; mas ha tanta diversidade de homẽs a homẽs, como ha de imagẽs a imagẽs. Entre as imagẽs que abre o cinzel, & que o pincel debuxa; quero dizer, entre as imagens de vulto, & as imagẽs de pintura, ha esta notavel differença, que as imagens de vulto lavram-se tirando, as imagẽs de pintura formaõ-se pōdo. O pintor para formar a sua imagẽ lança as linhas, accōmoda as sombras, descobre, & aviva as feyções; mas sempre acrescentando tintas, & dando cores. O escultor para lavrar a sua estatua toma o cinzel, & começa a cortar rasgando os olhos, afilando o nariz, avultando as faces, estendendo os braços, espalmando as mãos, & proporcionãdo os mais membros; mas isto sempre tirãdo partes: de sorte que a imagem pintada com o que se lhe põe apparece; a imagem de vulto com o que se lhe tira realça. Isto mesmo passa nas imagens animadas, os homẽs: sugeytos que saõ imagẽs pintadas por naõ terem mais que apparencias, necessario he porlhes muyto para os louvar, já lançando muytas sombras para encobrir os seus defeytos; já dando tintas, & mais tintas, cores, & mais cores, para corar o que não he pa-

ra apparecer; mas quando os ſugeytos ſam de tanto corpo, que avultaõ em ſuas acçoens com grandeza, as partes que ſe deyxaõ, ou q̃ ſe tiraõ, ſaõ as que mais acreditão a obra; & por iſſo neſta occaſiaõ não tenho que temer no que a minha inſufficiencia naõ alcançar, porque como o noſſo Principe, cujas memorias hoje renovamos, foy de tanto vulto, pelo muito que avultou em ſuas obras, cõ o que tirar de ſuas acções, por naõ poder dignamente louvar taõ grandes merecimentos, acrecentarey os ſeus realces, naõ me faltando a graça para o fazer com acerto.

Ave Maria.

Quid tu hic, aut quaſi quis hic, &c.

QUe o noſſo Governador cortou neſta pedra o ſeu ſepulchro: *Excidiſti tibi hic ſepulchrum*, he a primeira clauſula, que devemos ponderar do noſſo Thema, & he tambem a primeyra cauſa de duvidarmos. Como he poſſivel, que hum ſugeyto, que choramos enterrado ha tempo, tenha ainda agora impulſos para cortar a ſua ſepultura? A ſepultura he a que tudo acaba, & tudo conſome: alli deſmaya o valor, & enfraquece a valentia: alli ſe abate a grandeza, & ſe reduz a nada, o que he muyto: alli nem vivem os alentos, porque os levou a morte; nem obraõ as forças, porque lhes faltou a vida: pois como pòde ſer, que ſe haja de dizer do noſſo Principe defunto, que os ſeus golpes ſaõ hoje os artifices do ſeu ſepulchro? Mais: Quem hoje dedica eſta pedra, he o amor de hum irmaõ vivo ás memorias de hũ irmaõ defunto: pois porque ſe ha de dizer do defunto, q̃ a corta, ſe o amor do vivo he o que a lavra? Em outra occaſiaõ ſeria a ſolução difficul-

cultosa;na presente he muito facil, se olharmos para as causas desta obra. He verdade que morreo o nosso Principe; mas morreo para a vida, naõ morreo para o amor: morto ficou naquella sepultura; mas vivo pelo amor no coração de hum irmaõ, & como o amor he hoje o official mayor desta obra, tambem he o artifice desta mudança, fazendo que as obras, que a evidencia nos mostra serem de hum, a razaõ as haja de attribuir a outro.

Dic ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & alius ad sinistram in Regno tuo. Senhor, dizia Salomè em hũa petiçaõ que fez a Christo: Senhor, estes dous filhos meus desempararaõ a minha velhice por seguirem a vossa doutrina; lá deyxáraõ o pay em Tiberiades, & as suas redes naquellas prayas; lanço, & desapego he este para merecerem o vosso agrado; por tanto fazey que sejam os dous primeyros Ministros em vosso Reyno, & receberáõ mercè. Esta foy a petiçâo de Salomè; & qual seria o despacho de Christo? *Nescitis quid petatis.* Nam sabeis o que pedis. A petiçaõ foy feyta pela mãy, o despacho foy dado aos filhos. Agora pergũtára eu: pois se a mãy he a que pede, & a que allega: se a mãy he a valia, & a intercessora, porque naõ dá Christo o despacho á mesma mãy, & porque dá o despacho aos filhos? Porque Christo dá o despacho a quem pede, & os que naquella petiçaõ pediaõ eráo os filhos, & naõ era a mãy. Ora notem. Christo naquella memoria, que lia no papel, construía a vontade da mãy, & via que o amor da mãy era, o que negociava os lugares para accommodar os filhos; elle o que ditava as razões, o que allegava as causas, o que metia o memorial, o que solicitava o despacho, & o que pertendia o provimento, & neste caso o negar, que era a reposta, & o despacho da petiçaõ: *Dic*, havia de ser aos filhos, porque quando a mãy

Matth. 20.

a mãy movida do amor dos filhos pedia, naõ pedia a mãy, pediaõ os filhos; que estas mudanças de sugeytos sabe fazer o amor, de sorte, que quando o amor he o que obra, não se ha de attribuir a execuçaõ a quẽ ama: & obra, senaõ áquelle por quem se obra, & se ama; seja muyto embora Salomè, a que mete a petiçaõ; que Joaõ, & Diogo haõ de ser, os que pedem: *Nescitis, &c.* Pareceme que está provado o intento; mas ainda naõ está dada a razam da prova. A razão he a força, & o poder, que o amor tem para fazer estas mudanças.

A força, a valentia, & o poder do amor comparou Salamaõ ao poder, á valentia, & á força da morte: *Fortis est, ut mors, dilectio.* O amor he taõ forte como a morte; & qual he o poder da morte, para por elle medirmos o poder do amor? O mesmo Salamam o disse: *Quid defraudat vitam? Mors.* Sabeis que cousa he a morte, & que poderes tẽ? pois a morte he hum ladraõ da vida; & naõ tem a vida riquezas, que naõ estejam sugeytas aos latrocinios da morte. Hum sugeyto vivo logra as mayores riquezas, que lhe pòde dar a natureza; porque a obra mais perfeyta da natureza he a vida. Vejamos em hum sugeyto vivo o ornato de todas aquellas operações nobilissimas: se he sabio, tudo sciencias: se he Filosofo, tudo discursos: se he discreto, tudo pensamentos: se he artifice, tudo desenhos: se he soldado, tudo alentos: se he Capitaõ, tudo brios: se he General, tudo disposições: & se he Principe, tudo soberanias: mas deyxemos chegar a morte, deyxemos-lhe fazer o roubo, que costuma nas vidas, & veremos como já no sabio nam ha sciencias, nem discursos no Filosofo, nem pensamentos no discreto, nem desenhos no artifice, nem alentos no soldado, nem brios no Capitam, nem disposições no General, nem soberanias no Principe; porque os roubou a morte, &

Cant. 8.

Eccles. 31.

todas

todas eſtas riquezas trasladou para a ſepultura, todos eſtes titulos gravou naquelles marmores, & todos eſtes talentos enterrou naquellas covas, que ſaõ o lugar aonde a morte habita, & lá na ſua habitaçaõ he que depoſitou a morte tudo o que tirou daquelles ſugeytos vivos; que taes mudanças ſabe fazer o poder, & valentia da morte; pois iſto meſmo he, o que faz o amor com o ſeu poder ſemelhante ao poder da morte.

O amor, diz o grande Padre S. Agoſtinho, naõ aſſiſte, nem habita donde anima, ſenaõ donde ama: *Amor non ubi animat, ſed ubi amat*. E como a ſua habitaçaõ he no ſugeyto amado, tambem para lá he que traſlada, lá he que depoſita as acções de quem ama. Obrará hũ ſugeyto impoſſiveis; porſcha nos mayores empenhos; mas ſe ama, nada diſto ha de ſer ſeu, tudo o que obrar, aquellas finezas, aquelles agrados, aquelles deſvelos, aquellas diligencias, aquellas demonſtrações, aquelles cuydados, aquellas correſpondencias, aquellas pertenções, vigilancias, empenhos, & impoſſiveis, tudo iſto ha de ſer do ſugeyto, a quem ama; porque tudo iſto lhe roubou o amor, para o pòr no termo de ſeus cuydados; lá he que depoſita todas as obras, que executa para que o nome nas execuções ſeja do objecto que ama, & elle ſó tenha o nome nos empenhos, como cauſa, ſendo motivo das finezas como fim: & eſta he tambem a razaõ para dizermos com o noſſo Thema, que a obra, q̃ vemos hoje naquella pedra, ha de ſer effeyto do noſſo Governador defunto, & que elle he, o que lavra a ſua ſepultura: *Excidiſti tibi hic ſepulchrum*; porque o amor, que lhe tributa eſtes obſequios, tem força para lhe attribuir eſta obra, mudando as execuções de hũ ſugeyto vivo em effeytos de hũ ſugeyto morto: *Fortis eſt, ut mors, dilectio.*

Mas quando naõ baſtaſ-

ſe

ſe eſta razão taõ forte, baſtava, que eſta obra foſſe para a lembrança de hũ irmaõ defunto executada por hũ irmaõ vivo, para que toda ſe attribuiſſe ao defunto, & naõ ao vivo. Se bem reparamos, dous irmãos concorrem hoje á fabrica deſta pedra, hum vivo, & hum morto, o vivo como cauſa, o morto como motivo: o vivo como cauſa na execuçaõ acode a reſtaurar as lẽbranças do morto, para que naõ acabem com o deſcuydo; o morto com o motivo faz adiantar a obra, que ſe executa em ſeu nome; & neſtas circunſtancias a obra neceſſariamente ha de ſer do morto, & naõ do vivo.

Mandava Deos antigamente, que todas as vezes, que hũ irmaõ morreſſe ſem ter filhos, o irmaõ, que ficaſſe vivo, celebraſſe novos deſpoſorios com a cunhada, para ſe naõ acabar a ſucceſſam: em comprimento deſta ley ordena Judas a ſeu filho Ona, que tome por mulher a Thamar viuva de Her filho mais velho: *Ingredere ad uxorem fratris tui, & ſociare illi, ut ſuſcites ſemen fratris tui.* (Geneſ. 38.) Voſſo irmaõ Her, dizia Judas, acabou a vida, & com a vida acabará tambem a ſua memorial, ſe a voſſa diligencia naõ reſtaurar as ſuas lembranças com a ſucceſſaõ da caſa. E que faria Ona neſte caſo? Ainda que no exterior obedeceo á ordem, com tudo nem guardou a ley, nem o preceyto: & porque? Porque ſabia que naõ havia de ter filhos para ſi, diz o texto: *Ille ſciens non ſibi naſci filios*; mas que todos haviaõ de ſer do irmam defunto: *Ne filij fratris nomine naſcerentur.* Que eſta he a conſequencia que ſe ſegue nas obras, que faz hũ irmaõ vivo para reſtaurar as memorias de hum irmaõ defunto, que nada do que faz he ſeu, mas tudo o que obra, he do irmaõ.

Os filhos ſaõ imagẽs vivas dos pays pela natural ſemelhança que tem com elles, & em quanto a geraçaõ ſe vay propagando, naõ morre de todo o progenitor;

tor; porque na successam deyxa a sua lembrança continuada; mas isto se entende, quando o pay naõ he irmaõ vivo, que resuscita as memorias do irmaõ defunto; porque em semelhante caso he tal a ley da irmandade, que tira o nome ao vivo nas execuções, para o dar ao defunto nas lembrãças: *Filij fratris nomine nascerentur*. Para esta successaõ, q̃ toda era para as memorias de Her, haviam de concorrer as execuções de Ona, que estava vivo; porèm motivadas pelas lembranças de Her, que estava defunto; mas eraõ taõ activas as lembranças, que deixavaõ frustradas as execuções, & nunca se diria, que os filhos erão de Ona vivo, mas de Her defunto: *Filij fratris nomine nascerentur*. Isto he o que havia de succeder antigamente entre dous irmãos, hum vivo, & outro defunto: & isto vemos executado naquella pedra, effeyto de outros dous irmãos, hũ defunto, & outro vivo. O cuydado com que se procurou collocar naquelle lugar, a ancia com que se pertendeo, a instancia com que se vencèraõ todas as difficuldades, tudo foram execuções de hũ irmão vivo; naõ se deu alli golpe, naõ se aplanou parte, naõ se cortou indivisivel, naõ se lavrou relevo, nem se imprimio caracter, que tudo naõ fosse effeito de sua actividade, & parto de sua diligencia; mas como toda esta diligencia, & actividade era em ordem ás lembranças, em ordem a restaurar as memorias de hũ irmaõ defunto, o defunto he, o que ha de ter o nome desta obra; porque o defunto he o motivo de todos estes effeytos: *Excidisti tibi hic sepulchrum*.

Assim cortou o nosso Governador naquella pedra o seu sepulchro, & assim gravou tambem as suas memorias: *In excelso memoriale diligenter*. E assim havia de succeder a quem soube viver com tantas prendas, que merecèraõ ser tam lar-

gas

gas na duraçam, como haó de ser eternas na nossa saudade. Isto nos promette aquella pedra, que ha de ser a melhor lingua de sua fama, & o melhor fiador de sua memoria. Eu naõ duvido que lançar hũa pedra em cima he de ordinario o melhor meyo para sepultar hũ sugeyto no esquecimento: queyxa universal de muytos vivos, que ainda antes de morrer andam enterrados, por não terem quem se lembre delles; mas he necessario distinguir pedras de pedras, porque vay muyta differença de mortos a mortos.

Todos os que nascem neste mundo, nascem com a pensaõ de morrer; mas nem todos os que morrem acabaõ com pagar á morte a sua pensaõ: porque ainda que todos com a morte acabaõ a vida, nem todos com a morte acabaõ a fama. Hũs acabaõ, & morrem; outros morrem, mas naõ acabam: acabão huns, & morrem, porque nem lhes fica vida, que a vida levou a morte; nem lhes fica nome, que o nome naõ lho merecèraõ as acçoens: outros morrem, mas naõ acabão, porque ainda que a morte lhes levou a vida, os seus merecimentos lhes eternizáraõ o nome. Para os primeyros seja muyto embora a pedra, que se lhe põe na sepultura, base, em que assente o descuydo; porque tem as qualidades daquella pedra de quem falla Christo, que cahindo sobre semelhãtes sugeytos os ha de desfazer: *Super quem ceciderit comminuet eum*. E a razaõ disto he; porque a morte só tem poder na vida, mas naõ tẽ poder no nome, & como quem vive sem nome, naõ tem mais que a vida, a pedra, que pela morte cahio sobre a vida, desfez tudo, em quãto executou o poder universal, & despotico que sobre a vida tem a morte: porèm os segundos, que por suas prendas souberaõ grãgear o nome, & adquirir a fama, sobre quem a morte não tem poder, ficáraõ sem vida debayxo dessa pedra;

Luc. 20

mas

mas essa pedra ha de ser o melhor titulo de suas memorias.

Lá morreo Rachel sugeyto de tantas prendas, que todo o encarecimento he pouco para seu abono: *Mortua est ergo Rachel*, & diz o texto que Jacob levãtára sobre suas cinzas hũa pedra por titulo: *Erexitque Jacob lapidem in titulum super sepulchrum ejus*. E sabem qual foy o titulo, que se entalhou naquelle marmore: *Memoriale in futurum?* Este titulo diz Nicolao de Lira que era hũa memoria eterna de Rachel; que sugeyto de tantas prendas póde morrer, mas naõ póde acabar, & ainda depois de morta tem Rachel muytos titulos, para se eternizar nas memorias. Dous titulos se haviaõ de ler naquella pedra, hum titulo da morte, outro titulo do merecimẽto: o titulo da morte dizia: Aqui acabou Rachel a vida: *Mortua est*. O titulo do merecimẽto dizia: Aqui eterniza Rachel o nome, & aqui vive para a memoria: *Memoriale in futurum*. Em quanto durar o mundo se lerá com lastima neste titulo hũa vida cortada nos melhores annos, huns annos dotados das melhores prẽdas: a lastima será hũa censura perpetua dos rigores da morte, que naõ soube ter piedade com tal vida: as prendas seraõ hum eterno despertador das memorias de Rachel, que não acabou de todo com tal morte, & ficando sem vida debaixo daquella pedra: *Mortua est*, fica sem acabar naquelle titulo: *Memoriale in futurum*.

Genes. 35.

Glos. ib.

Ah illustre Governador! & com que ventagens vejo nesta vossa pedra outros dous titulos! o titulo da morte, & o titulo do merecimento: o titulo da morte, que vos tirou a vida; o titulo do merecimento, que vos eterniza a fama. No titulo da morte todos lemos com sentimento a injuria, que fez a vossos annos: no titulo do merecimento todos lemos com admiraçam as eternidades de vosso nome.

me. A vida cortada foy destroço daquella fouce; de que a morte se arma contra as vidas: o nome eternizado foy poder do vosso merecimento, que soube dar vida á fama contra os destroços da morte. Para vos tirar a vida no mais robusto teve poder a morte: que he indispensavel ley da natureza ser despojo do menor accidente da morte, o mais alentado brio da vida; mas naõ tem a morte forças para vos tirar de nossas memorias, que saõ as forças da morte muyto fracas para resistirem ao valor de vossos merecimentos. Essa pedra será sepultura de vosso corpo; mas será padram de vosso nome: em quanto sepultura encobrirá vossas cinzas; em quanto padraõ publicará vossas proezas, & será finalmente eterna memoria de vossas obras: *In excelso memoriale diligenter.*

Nem cuyde alguem, que por ver aquella pedra em lugar taõ razo, deyxaõ de ficar aquellas memorias muyto levãtadas, como diz o nosso Thema: *in excelso*; porque para tomarmos a altura ao lugar daquella pedra, naõ havemos de tomar as medidas ao nivel da materia senaõ pela correspondencia da obra. Se queremos saber senhores as eminencias daquelle lugar, olhemos para aquella sepultura, & levantemos os olhos para aquelle sepulchro. Vejamos de hũa parte a Xavier, aquelle Corifèo da Igreja, aquelle Gigante da santidade, & aquella mais que grande estatua da virtude; & da outra vejamos ao nosso Governador aos pès de Xavier, lugar que escolheo, quando a morte com o golpe, com que lhe cortou a vida, o derrubou; & logo conheceremos, que caindo a taes pés cresce, não se abate, levantase, naõ se humilha, & que os pès de hũ sugeyto tam grande saõ os mayores augmentos.

O lugar da sepultura he jũto do sepulcro de Sam Francisco Xavier.

Do mais alto de hum monte vio Nabuco, que fora cortada huma pedra sem mãos:

mãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus*, & o lugar aonde cahio foy aos pès daquella grande estatua, & logo adverte o texto, que a pedra crescèra com tanta demasia, que se fizera hum monte, que encheo o mundo todo: *Lapis autem factus est mons magnus, & implevit universam terram.* Ha tal crescer? ha tal subir? ainda agora pedra, & já agora monte? pouco antes pedra cortada, & pouco depois monte inteyro? naõ ha muyto pedra, que estava sobre hum monte, & logo monte, que enche a terra toda? Sim: que cahio esta pedra aos pés de hũa estatua taõ grande, que comprehendia o mundo todo; & estes milagres fez aquella queda, estes augmentos deram aquelles pés. No monte teve a pedra o precipicio, & a queda que lhe occasionou o golpe: *Abscissus est*; mas aos pès onde cahio, achou os augmentos, que lhe communicou a grandeza daquella estatua: *Factus est mons magnus.*

Dan. 2.

No monte, quero dizer, no alto posto que occupava estava tãbẽ o nosso Governador: dalli o vimos cortado sem mãos, porque as escondeo a morte tanto, que sem se prever o golpe, se chorou a ruina: ainda o achaque se naõ tinha declarado, & já o mal tinha postrada aquella vida, & sem se saber donde vinha o impulso choramos a queda: tal foy a cautela da morte, que vimos a queda, & naõ vimos o golpe: *Abscissus est de monte sine manibus*; mas como a queda foy aos pés de Xavier sugeyto taõ grãde, que he mayor que o mesmo mundo, naõ foy a queda ruina, foy augmẽto: *Factus est mons magnus.* No governo, que era monte alto em que estava, tinha o q̃ tem todos os que estaõ em lugar alto, que he o poder cahir; mas na queda aos pés de Xavier tem, o que poucos conseguem, que he a grandeza mais segura: *Factus est magnus.* A que se acrescenta, que a queda que deu a morte a hum Gover-

G nador

nador taõ inteyro na justiça, tão recto em premiar merecimentos, tam igual no distribuir das merces, & que imitou tanto o governo de Deos, de que todos os Principes saõ substitutos, a queda digo de tal Governador nunca podia ser queda, que o abatesse, sempre havia de ser queda que o levantasse: perder a vida aos impulsos da morte, como os mais, que acabão a vida, isso sim; mas ficar abatido na queda, com que a morte o derribasse, isso naõ.

Horat. Para todos he igual a morte: *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres*: morrem os grandes, & morrem os pequenos; morrem os Principes, & morrem os vassallos: morrem os nobres, & outros morrẽ tambem do vulgo vil sem nome, & he tal a igualdade da morte, que com o mesmo impulso do pè, cõ que derriba: *Pulsat pede*, piza os cetros, & os cajados: os palacios, & as cabanas: as purpuras, & os bureis: porèm com ser o impulso para derribar tam igual da parte da morte, as quedas saõ muyto desiguaes da parte dos sugeytos: todos igualmente morrem; mas nem todos ficaõ pela morte igual, iguaes na queda: esta desigualdade no cahir, que Horacio naõ conheceo, declarou Deos por David.

Falla Deos por David dos Governadores, que poz em seu lugar, & que imitáraõ as maximas do seu governo, & diz assim: *Ego dixi: Dij estis, & filij Excelsi omnes.* Psal. 81. Eu vos fiz deoses da terra, & filhos meus muyto grandes, em quanto vos cometti o governo: porèm adverti que todos haveis de morrer, como homens: *Vos omnes sicut homines moriemini*; mas nessa morte haveis de cahir como Principes: *Et sicut unus de Principibus cadetis.* E que tem morrer como homens, & cair como Principes? Tẽ a igualdade, & desigualdade: a igualdade no morrer, & a desigualdade no cair.

Quem governa como Deos, será igual aos mais homẽs no morrer; mas na queda ha de ficar semelhante aos Principes; porque esta queda naõ lhe ha de abater a soberania, nem diminuir a grandeza: o lugar que occupa sobre os mais homẽs naõ poderá izentallo das leys, cõ que a morte iguala a todos, & por isso na morte ficará como os mais homẽs: *Sicut homines*; mas a inteyreza no governo saberà levantar na queda, a quẽ governou como Deos, & por isso na queda ficarà tão grande como hũ Principe: *Sicut unus, &c.*

Como homẽ podia morrer o nosso Governador, ou ser igual aos mais homens em quanto perdem a vida; mas quem soube medir o seu governo pela regra do governo de Deos, não havendo para elle outra valia no provimento dos lugares mais que o merecimẽto dos sugeytos, nem outra intercessaõ mais que o serviço de benemeritos; finalmente quem teve a balança da justiça tanto no fiel da igualdade, que soube dar a cada hum o que era seu, que he o timbre do governo de Deos: *Reddet unicuique secundùm opera ejus*; quem assim soube governar, ainda que com a morte caya como homem, sempre ha de ficar Principe na queda, sempre grande, & sempre soberano: *Sicut unus de Principibus*; & quando hoje as suas memorias se collocaõ em lugar tam alto; quando aquella pedra tem os alicerses taõ levantados, ainda que a sepultura pareça raza, tudo alli saõ soberanias, tudo grandezas, & tudo eminencias: *In excelso.*

Matth. 26.

Porèm quando a força destas razões naõ baste para convencer qualquer evidencia em contrario, baste ser aquelle lugar na casa do Senhor, ou do Bom JESU, junto daquelle Santuario illustre, que Deos conserva ha tantos annos, pedido repetidas vezes pelo nosso Governador antes de morrer, para nelle com aquella

pedra ficarem engrandecidas, & levantadas as ſuas memorias. Hũ Pſalmo com poz David, que intitula: *Pſalmus David priuſquam liniretur.* Pſalmo de David antes de ſer ungido: & no contexto delle na verſaõ Caldayca, & Hebrea diz aſſim: *Unam rem petivi à conſpectu Domini, hanc requiram.* Huma couſa tenho pedida diante da preſença do Senhor, a qual tornarey a pedir repetidas vezes; q̃ he hũ lugar na caſa do meſmo Senhor junto do ſeu Santuario: *Ut inhabitem in domo Sanctuarij Domini.* Por quanto neſte lugar he que me ha de eſconder, & retirar, quando eſte mal ſe acabar: *Quoniam abſcondet me in tabernaculo ſuo, in die, in quo imminuerit malum.* Mas ainda aſſim, ainda que eſte lugar ſeja retirado, ainda que eſte lugar ſeja eſcondido, & o mais humilde de ſua caſa: *Latere me faciet in abdito tabernaculi ſui*; em hũa pedra me ha de ſubir a mayor altura, & me ha de levantar a mayor grandeza: *In petra exaltabit me.* Taes ſaõ as prerogativas de huma pedra na caſa de Deos: taes as excellencias de hũa pedra junto do Santuario, ou Arca do Teſtamento, que o meſmo Deos conſervava entam em ſeu Templo, & em ſua caſa, para haver de levantar, & fazer grande a David, ainda no lugar mais retirado, & humilde: *In petra exaltabit me.*

Pſal. 26

Em tam grande ſemelhança de ſucceſſos, naõ temos mais que mudar os ſugeytos, & o que antigamẽte ſe accommodou ao Governador do povo de Iſrael em Judea, accommodallo ao Governador dos Portuguezes na India eſcondido, & ſepultado na caſa do Senhor junto daquelle Santuario de Xavier: mas tornemos a conſtruir o meſmo Pſalmo, para ficar mais clara a accommodaçaõ. A'morte, & antes de ſer ungido: *Priuſquam liniretur*, eſtava tambem o noſſo Governador, & quando lhe trouxeraõ o Santo Viatico, ou-

ve quem lhe advertio, que fizeiſe hum voto ao Santo Xavier, para lhe alcançar de Deos mais dilatados annos. E que diria aquelle eſpirito generoſo, & intrepido? ou que diria diante da real preſença daquelle Senhor ſacramentado: *à conſpectu Domini?* Pedio o que já tinha pedido: *Unam rem petivi à conſpectu Domini, hanc requiram.* Vida naõ; mas hũ lugar, em que deſcançaſſe diante daquelle Santuario da ſua Caſa Profeſſa: *Ut inhabitem in domo Sanctuarij Domini*; porque depois que o rigor daquella enfermidade acabaſſe, & desfizeſſe os alentados eſpiritos daquella vida, ſó queria eſtar eſcondido, & humilhado diante daquelle tabernaculo: *Quoniam abſcondet me in tabernaculo ſuo, in die, in quo imminuerit malum.*

Mas que ſe havia de ſeguir deſte lugar retirado, deſte lugar eſcondido, & deſte lugar humilde: *Latere me faciet in abdito tabernaculi ſui*, ſenaõ a exaltaçaõ de ſeu nome neſta pedra: *In petra exaltabit me*, & a mayor grandeza, ou o lugar mais alto, & levantado de ſuas memorias: *In excelſo memoriale?* Naõ me detenho a ponderar a diligencia, com que ſoube eternizar as ſuas memorias: *diligenter*; porque todos ſabemos, que em poucos annos de idade contou muytos ſeculos de merecimento. Aſſim o teſtemunha a preſſa com que ſe entregou ao ſerviço delRey, & bem da patria, continuãdo ſempre na Europa, na Africa, & na Aſia em tantas emprezas glorioſas, que ſe contarmos bem o pouco, que viveo, & repararmos no muyto, que obrou, acharemos, que foraõ mais os triunfos, que os annos, as vitorias, q̃ os meſes, as proezas, que as ſomanas, as façanhas, que os dias, & que as horas as acçoens heroycas de ſua peſſoa.

Porèm paſſemos adiante, que temos á viſta o tabernaculo, & edificio levantado ſobre aquella pedra: *In*

petra tabernaculum tibi. Sobre o ſepulchro daquelles valeroſos Governadores os Machabeos levantou Simaõ hum edificio de huma pedra lavrada maravilhoſamente: *Ædificavit Simon ſuper ſepulchrum patris ſui, & fratrum ſuorum ædificiũ altum viſu, lapide polito retro, & ante*. E o que fazia mais viſtoſa aquella ſoberba machina eraõ hũas grandes colunas, em que ſe penduravaõ as armas, & os deſpojos dos inimigos vencidos pelo valor daquelles Principes, & ſe gravavam huns emblemas, ou pinturas de ſuas vitorias: *Circumpoſuit columnas magnas, & ſuper columnas arma ad memoriam æternam, & juxta arma naves ſculptas, quæ viderentur ab omnibus navigantibus*. Mas com licença de tam grandes Governadores, naõ havemos de reconhecer ventagẽs na ſua pedra, & no ſeu edificio, ao edificio, & á pedra do noſſo Governador: ſe naquella houve colunas, & triunfos, neſta ha triunfos, & colunas: ſe lá havia emblemas, & deſpojos, aqui ha deſpojos, & emblemas: he verdade, que aqui faltou a arte, que os havia de imprimir naquella materia; mas que importa, ſe o merecimento os tem debuxado ha muyto tempo, & aſſim os reconhece a razão? & ſe eſta nos guiar, & moſtrar aquelle viſtoſiſſimo tabernaculo, que no moral daquella pedra ſe levanta logo na primeyra fachada, para credito da fabrica, & admiraçaõ do mundo veremos as duas colunas de Hercules: *Circumpoſuit columnas*, com o titulo do *Non plus ultra*. Atè aqui, & não mais: atè aqui poderá chegar a valẽtia; atè aqui a magnificencia; atè aqui a liberalidade; atè aqui o esforço; & até aqui quem for em tudo grãde; mas daqui por diante naõ ſe pòde paſſar; que paſſou o noſſo Principe tanto alem do encarecimento em ſuas obras, que poderá haver quem obre á ſua imitaçaõ; mas naõ haverá quem paſſe alem do ſeu exemplo.

1 Mach. 1. 13.

Non

Non plus ultra.

No interior do edificio não acharemos as tapeçarias ricas, os panos bordados de tres altos, as bayxellas lavradas, o ouro, & mais superfluidades da vaidade, porque a limpeza de mãos, a liberalidade, & desinteresse do nosso Principe naõ soube ajuntar cabedaes para a vaidade, só soube adquirir virtudes para a estimaçaõ, que saõ as riquezas mais seguras; veremos porèm os emblemas esculpidos, as pinturas finissimas, & pausagens com que soube adornar a sua habitaçam; & a primeyra figura, que podem ver naõ só os navegantes: *Ut videntur ab omnibus navigantibus*, mas o mundo todo, he a imagē do valor. Pintase o valor hū mancebo galhardo, & resoluto, que armado de sua generosidade, sem esperar o beneficio dos annos se mostra intrepido nos mayores riscos, & animando nos alentos de seu brio as arterias de seu esforço, nos mayores perigos tece a coroa de suas vitorias, nas mayores resistencias imprime os elogios de seus applausos, & nos mayores empenhos corta a palma de seus triunfos: esta he a imagem do valor, que alli se vè, porque este mesmo he o valor de que foy dotado o nosso Principe, no qual assim se adiantou aos annos, que se apostou a natureza a formar de repente hū varaõ sem as pensoēs de menino, equivocando nos annos mais tenros as acçoēs dos mais robustos, pois naõ tinha mais que dezaseis, quando as campanhas do Alentejo o viram já governar hūa tropa: *Ante annos animumque gerens, curamque virilem.* Virgil. Anticipando, digo, os frutos do tempo mais maduro ás esperāças da primavera mais florida, & fazendo jogo de sua infancia os empregos da valentia, que podemos dizer com aquelle grande Panegyrista sem nenhū encarecimento: *Reptasti per scuta puer, Regumque feroces exuviæ tibi ludus erant.* Claud.

Nunca o ſeu valor ſoube temer mais que faltarẽ-lhe occaſioens, em que pudeſſe luzir; teve muytas, em que ſempre trouxe os trofeos pendentes da vitoria: aſſim o pòde dizer a terra, & aſſim o pòde dizer o mar no tempo que militou, & no tempo que governou, já como ſoldado, já como Capitaõ, & já como Governador. Diga-o Portugal, quãdo em ſuas fronteiras o admirou eſgrimindo a eſpada: diga-o Oran, quando em ſeu ſoccorro experimentou a melhor defenſa: diga-o a Ilha de Santa Helena, aonde deſtroçado de temporaes, & falto de todo o neceſſario por hum accidente, que podia diſſimular a conveniencia de muytos, mas naõ o ſeu valor, deſafiou a ſete náos, que naõ querendo aceytar o cõflito lhe cedèraõ a vitoria: diga-o Pate, quando o vio eſcalar ſeus muros, & ſobre elles ameaçar eſtragos, & fulminar ruinas: diga-o Pondâ, aonde a ſua preſença era terror de noſſos inimigos: diga-o a Ilha de Santo Eſtevaõ, que naõ tem pedra, que não ſeja lingua de ſuas acçoens: & diga finalmente a India toda o temor com que todas as nações de todo eſte Oriente reſpeytavão as ſuas reſoluções: & nòs vejamos o ſegũdo quadro que apparece, que he o da juſtiça com hũa balança na maõ, cujo fiel he a igualdade, pois guardou eſta tanto, que nunca teve outra inclinaçaõ a ſua juſtiça, mais que o merecimento dos ſugeytos.

Mais adiante ſe vè a miſericordia, que dos mayores aggravos toma motivo para o perdaõ mais prompto. Aggravado, & mais que aggravado eſtava o noſſo Governador de hum Idolatra, que lhe intentou tirar a vida, & em pago deſte intento o livrou da morte a que eſtava condenado. Depois da miſericordia ſe ſegue a piedade, que ſem attentar ao proprio commodo, toda ſe deſvela nos beneficios, cô que ha de remediar as neceſſidades alheas:

&

& quam grande fosse a sua piedade testemunha o pouco, q̃ se lhe achou na morte por causa do muyto que repartio na vida: assim o publicaõ, & confessaõ as Cõmunidades Religiosas desta Cidade, a quem acodia com tam largas esmolas, q̃ na sua mão achavão a mayor porçam do seu sustento: isto mesmo publicam tantos orfaõs, & viuvas, q̃ em taõ grande piedade aliviavão as suas faltas: & se nos lembra do dia de sua morte, ainda agora haõ de estar retumbando os ecos das lastimosas vozes, que entre soluços, & suspiros ouvimos a esses pobres pelas ruas, & em muytas casas particulares, que diriaõ não havia miseravel q̃ nelle naõ achasse amparo, desemparado que não achasse abrigo, & perseguido que naõ achasse protector: & por abreviarmos tãta perspectiva, alli veremos a generosidade sem arrojo, a valentia sem temeridade, & a prudencia sem receyos, a fidelidade incorrupta, a Religiaõ observante, & a fortaleza segura, a grandeza sem presumpçaõ, a verdade sem refolho, & a gravidade sem enfado, a constancia nas adversidades, nas felicidades a temperança, a resoluçaõ nas emprezas, & o zelo do serviço delRey, & finalmẽte o retrato muyto ao vivo do Senhor Dom Rodrigo da Costa, saudoso emprego de nossas memorias, eterno desejo de nossos corações, o qual se vè copiado em todas estas imagẽs; & sendo o centro de todas estas virtudes, he o melhor exemplar, & prototypo de todos estes retratos, nem para debuxar hum Heroe em tudo perfeyto tem hoje a pintura, que mendigar exemplares, ponha diante dos olhos a este varaõ, & vá copiando transuntos, em seus alentos achará o valor, em sua igualdade a justiça, em sua compayxaõ a misericordia, em sua benevolencia a piedade, em seus brios a constancia, em seu peyto a valentia, em sua capacidade a pru-

prudencia, em seu sangue a fidelidade, em sua Christandade a Religiaõ, em sua fidalguia a grandeza, em sua communicaçaõ a verdade, em seu trato a gravidade, em seu animo a resoluçaõ, em seu desinteresse o mais qualificado zelo, em sua pessoa o modelo das mais relevãtes prẽdas para a imitaçaõ dos mayores realces: & estas sam as riquezas preciosissimas que soube ajuntar vivo para com ellas ennobrecer o lugar, em que descansa morto; & como estes bẽs naõ sejam de fortuna, por si mesmo os adquirio, comsigo os conserva, & para si os guarda naquelle tabernaculo: *Tibi.*

E com muyta razaõ para si; que á sepultura naõ se leva o que se possue, levase o que se obra; & como obrou muyto na vida, muyto tem agora na morte: na vida quanto á estimaçaõ do mũdo valerá quem tem; na morte só tem valia quem sabe obrar, porque o ter bẽs acaba com a vida, o obrar bem permanece depois da morte: assim o vemos hoje naquelle tabernaculo, que para si fabricou o nosso Principe: *Tibi*, nunca mais abundante de bẽs, que quãdo com o bem que obrou soube pòr em tam boa fórma, & disposiçaõ o edificio de sua sepultura. O' se bem advertissemos senhores neste *Tibi* gravado naquella pedra! se bẽ advertissimos, que de tudo o que podemos ter, só para nòs nos fica a sepultura! que pouco caso fariamos das riquezas que o mundo nos promette, & quanto fariamos das que nòs com nossas obras nòs podemos grangear! pois achariamos que as do mundo, no mundo ficam, quando deyxamos o mundo, & se levamos algũa cousa, he arrependimento de as ter logrado; mas o que nossas obras merecem, he o q̃ temos para nòs, *Tibi*; porque isso he o que levamos á sepultura: *Opera enim illorum sequuntur illos*, & que os bens deste mundo nam saõ cousas de que hajamos fazer caso, & cabedal.

Apoc. 14.

Todas

Todas as cousas deste mundo naõ tem mais valor, que o que nòs falsamẽte lhe damos na nossa estimaçaõ. Lá diziaõ aquelles homẽs sem juizo, que refere Amòs no Capitulo oitavo: *Augeamus siclum, & supponamus stateras dolosas.* Acrescentemos os bẽs, demos-lhe mayor valor, & para isso ponhamolos sobre balanças falsas, & enganadoras. Chama-lhe o Profeta siclo, que era a moeda de menor preço daquelle tempo, porque naõ ha cousa de taõ pouco preço, & valia, como saõ os bẽs da terra, & se tem algũ valor, he o que nossa falsa estimaçam lhes dá em balanças sem fiel, & enganadoras: *Supponamus stateras dolosas.* E senaõ, fallando com os que me ouvem, vejamos que cousa he o que podem achar no mundo, de que possaõ fazer estimaçaõ.

O mais que qualquer dos presentes pòde achar no mundo será hum morgado para as rendas; hum cargo na milicia para a fama; hum habito para o credito; hum posto levantado para o respeyto; hum grande acrescentamento para a honra; hum titulo para o lustre; hũ valimẽto para a estimaçaõ: tudo isto na balança falsa de nosso engano, por valimento he de preço; por titulo he illustre; por acrescentamento he grandeza; por respeyto he venerado; por credito he applauso; por famoso he gloria, & por rendoso he feliz; porèm se tudo isto se pezasse em balança verdadeyra, que nos diria a lingua daquella balança, se assim como he fiel, fosse eloquente? Diria que hum morgado naõ he mais que hũa instituiçaõ voluntaria, mas sem liberdade; voluntaria em quem a institue, sem liberdade em quem a logra, por naõ ter direyto para a disposiçaõ livre, & absoluta: he hum cativeyro da vontade, & hũa vontade cativa, & ligada á disposiçaõ alhea; ou, para melhor dizer, he huma prisaõ honrada, que herdais por nascimento. Morgado nasceo

ceo Zaraõ: *Iſte egredietur prior*; mas para lograr o morgado foi neceſſario que o prendeſſem: *Unus protulit manum, in qua obſtetrix ligaVit coccinũ.* Naſce morgado? pois ha de viver preſo, para que ſayba que o que parece prenda, he priſam; o que parece ornato de ſua nobreza, he cadea; o que parece primogenitura, he braga de ſeu cativeyro; & que ſe naõ engane com ſer laço de fita: *LigaVit coccinum*; porque tambem em cada volta fórma hũa atadura, em cada fio hũa cadea, & em cada nò hũa algema, & ſayba que naõ ha rendas no mundo, que não ſejam rendas de tremoya.

Geneſ. 38.

Diria que hum cargo na milicia naõ he mais que hũa fadiga ſem deſcanço, & hũa moleſtia continua, aonde as venturas ſaõ incertas, & os riſcos certos; porque ſe ſois valente, arriſcays a vida, & ſe ſois fraco, arriſcays a fama; & nunca tendes certeza, nem da vida, nem da fama. Para Job explicar os riſcos, & incerteza deſta noſſa vida, definio a vida pela guerra: *Militia eſt Vita hominis*. Pois ſe eſta noſſa vida por arriſcada, & por incerta he vida q̃ he guerra, que ha de ſer eſſe voſſo cargo taõ incerto, & arriſcado ſenaõ hũa guerra viva? Quanto mais, que lhe baſtava o ſer cargo, para ſer preſo. Diria que hum habito, que a ambiçáo humana tanto eſtima como venera, he hũa Cruz, ou hũa mortalha. Foy Chriſto achado em habito como homem, diz S. Paulo: *Habitu inVentus ut homo*, & logo ſe ſugeytou a hũa Cruz, & ſe diſpoz para morrer: *HumiliaVit ſemeptiſum factus obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis.* Tomay embora levar eſſe habito muyto a peyto; mas ponde os hombros á Cruz, & apparelhay-vos para morrer, que quem vos fez homem do habito, tambem vos fez cadaver amortalhado na honra, que o meſmo he habito, que mortalha.

Job 7.

Diria que he hum poſto levantado, he hum deſpenha-

nhadeyro erguido quanto mais alto em ſua grandeza, tanto mais inclinado á voſſa ruina. Hum poſto ſe deu a Chriſto neſte mũdo: *Statuit eum ſupra pinnaculum templi*; mas que havia de ſer ſendo poſto, ſenão precipicio: *Mitte te deorſum?* Nem por ſer no templo teve mais ſegurãça eſte poſto levantado; porque, ou ſeja na Igreja, ou no Clauſtro, ou ſeja na Religiaõ, ou no Eccleſiaſtico, baſta ſer poſto levantado, para ſe temerem nelle grandes ruinas; & tãto mayores, quanto o lugar he mais ſagrado, porque ahi ſaõ as quedas mais arriſcadas. Diria que o mais grãde acreſcentamento, he hũ nome de acreſcentamento, ou hũ acreſcentamento de nome, q̃ não pòde ſer grandeza propria ſem diminuição alhea. Promette Deos a Abrahaõ, que o havia de acreſcentar grandemente: *Faciam te creſcere vehementiſſimè*. E que fez Deos neſte acreſcentamẽto? Acreſcentoulhe o nome, & diminuío o nome a Sara: *Nec ultra vocabitur nomen tuum Abraham, ſed vocaberis Abraham: Sarai uxorem tuam non vocabis Sarai, ſed Saram.* De ſorte que não ouve outra diverſidade entre Abrahaõ acreſcentado, & Abrahaõ ſem acreſcentamento, mais que o acreſcentamento do nome, ou o nome de acreſcentamento: nem ouve Abrahaõ grande, & grandezas em Abrahaõ, ſem haver Sara pequena, & diminuições em Sara.

Matth. 4.

Geneſ. 17.

Diria que hum titulo he hũa cauſa para vos crucificarem, & que quem vos firma o titulo, vos cõfirma os proceſſos. Não achava Pilatos cauſa para crucificar a Chriſto: *Nullã invenio in eo cauſam*; mas logo lhe proceſſou a cauſa, tanto q̃ lhe eſcreveo o titulo: *Scripſit autem titulum Pilatus*. E no titulo da ſua cauſa lhe deu a ſua morte: *Erat titulus cauſa ejus*. Diria que hum valimento he a mais certa occaſiaõ de voſſa perda. Queriaõ os Satrapas de Dario perder a Daniel pela inveja, que lhe tinhão, & a occaſiaõ

Joan. 18.

Marc. 15.

ſiaõ que eſperavaõ para lograr ſeus intentos, era verem a Daniel valido, & do lado de ſeu Principe: *Quærebant occaſionem ut invenirent Danielem ex latere Regis*. Sois do lado do Principe? pois cedo haveis de ſer do lago dos Leões. Sois de grande valia? pois cedo haveis de ſer de pouco preço: agora na mayor fortuna entre os homẽs; mas logo na mayor deſgraça entre as fèras. Se lançardes as contas a eſſe valimento, vereis o pouco que monta, & que montais quando em taõ pouca diſtancia, quanta vay de lago a lado, diminuis tanto, que ninguem ha de fazer conta de vòs, quando vòs meſmo nada haveis de dar por voſſa vida: quanto mais, que quem vos deu eſſa valia, parece que já vos poz preço, & não eſtá longe de ſer vendido, quem eſtiver como vòs avaliado. Diria finalmente por concluſaõ do que tem dito, que ſe o preço de hũ valimento tanto abate, que naõ contrataſſemos em drogas donde he mais certa a perda, que a ganancia: que ſe os titulos ſaõ cauſas crimінaes, que correſſemos folha, & nos livraſſemos deſſas cauſas: que ſe a mayor grandeza he ſó grandeza de nome, que declinaſſemos os caſos deſſe nome, mas que naõ fizeſſemos caſo delle: que ſe os poſtos levantados ſaõ precipicios, que não apeteceſſemos noſſa ruina: que ſe os habitos ſaõ Cruzes, que naõ ſofreſſemos Cruz tam peſada: que ſe os cargos da milicia tudo ſam riſcos, que nos naõ arriſcaſſemos neſſes cargos: que ſe os morgados ſaõ cadeas, que fugiſſemos da priſaõ.

E dado caſo q̃ todos eſtes q̃ chamamos bẽs enganados de noſſa falſa eſtimaçam, não ſejaõ taõ máos como he verdade que ſaõ; com tudo he certo que ſaõ de tam pouca dura, que os que duraõ muyto, quando muyto chegaõ aonde chega a noſſa vida; que os mais delles acabaõ antes de chegar a morte: & que caſo havemos

mos de fazer de quem nos desempara, quando se sam bẽs, entaõ he que nos haviaõ de acompanhar? Pergũtay pelo ouro de Midas, pelas riquezas de Cresso, pelas delicias de Heliogabalo, pelas fortunas de Cesar, & a todos os mais que sepulta a terra, pelo muyto que logràraõ neste mundo de bẽs caducos, & achareis que a morte despojou a Midas de ouro, a Cresso das riquezas, a Heliogabalo das delicias, a Cesar das fortunas, & a todos os mais de tudo o que tiveraõ, & que depois da morte ninguem teve outras riquezas, senaõ aquellas que lhe grãgeáraõ as boas obras: & se estas minhas razoens naõ acabam de persuadir esta verdade certa, & infallivel, vòs illustrissimo Governador a persuadi, pois morto o haveis de fazer com vozes mais vivas, porque a vossa morte ha de ser o melhor desengano de nossas vidas; que naõ ha melhor espelho para reformar hũa alma, que hum corpo desfeyto em cinzas, nem luzes mais claras para hum entendimento Catholico, que sombras escuras de huma sepultura: dizey, que vos importáraõ os mimos da fortuna, a estimação dos homens, o agrado das Magestades, os postos a que subistes, & o mais que o mundo liberalmente vos concedeo, que em nada do que vos podia dar foy escasso? Nada vos importou tudo isto, porque tudo acabou quando acabastes; tudo acabou para vòs, quando vòs acabastes para o mundo. Dizey, que he o que conservais nesse tumulo, o que levastes para essa sepultura? Nenhuma cousa da terra; mas só a vossa piedade, & Religiaõ, a vossa justiça, & misericordia, & as mais virtudes que exercitastes, estas saõ as que hoje vos acreditaõ, porque estas saõ as que comvosco permanecem; estas as que redundáraõ em vosso proveyto, *Tibi*, & estas as que vos tem conseguido, como todos piamente podemos

mos crer da diſpoſiçaõ tam Chriſtãa com que morreſtes, os bẽs eternos da Bemaventurança, & que todos conſeguiremos a meſma, ſe obrarmos como devemos, pois nos naõ ha de faltar Deos com a graça, penhor certo da eterna gloria: *Ad quam nos, &c.*

SER-

SERMAM DE SANTO ALEYXO

Na sua Igreja em Goa, anno 1695.

Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. Matth. 19.

QUando a petiçaõ se funda no merecimento, atè hum Apostolo tam desinteressado como S. Pedro naõ duvida de apresentar o seu memorial. Tinha S. Pedro deyxado o pouco, que tinha em poucas redes, & o muyto, que podia esperar de muytos lanços, & tinha deyxado tudo; porque este pouco, & este muyto era o seu todo: *Ecce nos reliquimus omnia.* Tinha seguido a Christo com resoluçaõ, & com desapego: *Et secuti sumus te.* E como deyxar, & seguir sejaõ as duas partes, das quaes, como do corpo, & alma, se compoem toda a perfeyção; sejaõ os dous polos, em que se estriba o mayor merecimento para com Deos: confiadamente pertende, quem com taõ apostada, & apostolica resoluçaõ soube merecer o seu

despacho; mas como S. Pedro começa logo por admiraçaõ a sua proposta, que isto significa aquella palavra *Ecce*; grande he tambem a minha admiraçaõ no modo, com q̃ Christo despacha a petiçaõ de S. Pedro, & no modo, com que responde ao seu memorial.

O que S. Pedro allegava, era, que tinha deyxado tudo por amor de Christo, & que por seu mesmo amor o tinha seguido; & quando Christo despacha a S. Pedro, só faz mençaõ do seguir, sem fazer caso do deyxar: *Vos, qui secuti estis me, sedebitis super sedes duodecim judicantes*. Pois se Christo havia de fazer Juiz, & Julgador a S. Pedro de todos, os que passaõ deste mundo, taõ pequena parte era o desinteresse de S. Pedro para ser Juiz, aonde a rectidam se não dobra por respeytos? taõ pouco fazia em deyxar os lanços o Pescador de Galilea, para alcançar hũ lugar no desembargo do Ceo? O officio do pescador todo consiste em saber armar as redes, tirar, & puxar para si, tomar a malha, para que nada lhe escape por ella, em naõ dar ponto sem nò: no officio de Juiz naõ ha tirar, nem tomar, & muyto menos puxar as cousas para si, ou seus intentos; porque todo este officio consiste em dar a cada hum o que he seu com igualdade, & rectidaõ: esta he a essencia, & diffiniçaõ da justiça. Pois porque naõ faz Christo mençaõ do deyxar, & só faz mençam do seguir, quando faz a S. Pedro seu ministro? S. Jeronymo, que fez já o mesmo reparo, diz, q̃ dar Christo o premio a S. Pedro, & aos mais Apostolos, porque seguiraõ, sem fazer mençaõ do que deyxáram, foy, porque o timbre proprio, & prerogativa de hũ Apostolo consiste no seguir: *Nõ dixit, qui reliquistis omnia; sed qui secuti estis me, quod proprium est Apostolorum.* Naõ disse Christo, douvos o premio, porque deyxastes, senaõ, porque seguistes; porque este modo de seguir

S. Hier. lib. 3. in Matth. cap. 19.

seguir he só proprio dos Apostolos.

Sendo isto assim, agora he mayor a minha duvida: se o timbre, & prerogativa particular dos Apostolos he seguir, quem diremos, que teve por prerogativa, & por timbre particular o deyxar? Em outro dia, em outro lugar, em outra festa seria difficultosa a reposta: nesta festa, neste lugar, & neste dia he muyto facil: levantemos os olhos para aquelle altar, ponhamolos em Santo Aleyxo, & nelle veremos com assombro da natureza os mayores esforços da graça no desinteresse, & na resolução, com q̃ deyxou: deyxou os pays, deyxou a esposa, deyxou os amigos, deyxou as riquezas, & deyxou tudo.

Era Santo Aleyxo filho unico de Euphemiano Senador de Roma, nobre pelo sangue, abundante nos bens da fortuna, estimado pelos dotes da natureza, unico no amor dos pays, applaudido na estimaçam dos amigos, sem contar de casado mais que hum dia; que he contar felicidades sem descontos. E na mesma noyte dos desposorios sahindo occulto, & disfarçado de sua casa, deyxa tudo para seguir a Christo pobre, necessitado, & peregrino; mas não contente ainda com taõ heroyca resoluçaõ de vencer o mundo dandolhe as costas, depois de dezasete annos de ausencia volta para casa de seus pays, aonde viveo outros dezasete estranho entre os proprios, peregrino entre os domesticos, desconhecido entre os seus necessitado na abũdãcia, pobre nas riquezas; mas abũdante de trabalhos, & miserias, & de opprobrios. E não he este modo de deyxar prerogativa muyto singular de Santo Aleyxo?

Eu não duvido, que muitos deyxáraõ muyto, ou no que tinhão, ou no que esperavaõ. Ouve Generaes, que deyxárão os bastoens, Ministros, que deyxáraõ as becas, Prelados, que deyxáraõ os baculos, Reys,

que deyxáraõ os ſceptros, Principes, que deyxáraõ as purpuras, & Pontifices, q̃ deyxáraõ as tiaras: mas conſiderando o que deyxou Santo Aleyxo, & as circunſtancias, com que o deyxou; com haver muytos, q̃ deyxáraõ muyto, acho, que he Santo Aleyxo unico no deyxar, & que he muyto propria, & particular ſua a prerogativa de ter deyxado; & por iſſo deyxando para os Apoſtolos o ſeguir como excellencia propria; moſtrarey, que a propria excellencia de Santo Aleyxo foy deyxar; & iſto por duas razões: primeyra, porque em deyxar tudo o que tinha, fez muyto; ſegunda, porque em tornar ao q̃ tinha deyxado, fez muyto mais do que deyxar tudo. Temos o aſſumpto, & a diviſaõ delle: peçamos a graça.

Ave Maria.

Ecce nos, &c.

QUe deyxou tudo Santo Aleyxo, & que em deyxar tudo fizera muyto, dizia eu; mas ainda naõ diſſe, em que eſteve o muyto de Santo Aleyxo em deyxar tudo. Cuydáraõ algũs, que eſteve eſte muyto, que deyxou, na abundancia da caſa, na comitiva dos criados, na multidaõ das riquezas, na cõverſaçaõ dos amigos, na auſencia da patria, ou no amor dos pays; mas não he eſſe o meu penſamento: em deyxar hũa ſó couſa eſteve o ſeu muyto deyxar. E qual foy eſta? Digo, que foy deyxar a eſpoſa. Na primeyra noyte dos deſpoſorios teve Santo Aleyxo hũa luz, & impulſo ſuperior, como diz a ſua lenda, em que Deos lhe ordenava ſe ſahiſſe logo de Roma, & largaſſe a eſpoſa, com que ſe tinha recebido: & no meſmo ponto obedeceo

ceo Aleyxo cortando pelo mais sensivel, por naõ faltar a Deos, que o chamava; & a isto chamo eu o muyto deyxar de Santo Aleyxo pela difficuldade, pela repugnancia, & quasi pela impossibilidade.

Naõ faltou quem advertisse, que quando Deos deu a esposa ao homem, naõ lha deu como bem movel, senaõ como bem de raiz; por isso diz o texto: *Ædificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adã, in mulierem.* Que edificou Deos a mulher a Adaõ: & porque ha de ser a mulher bem edificado? Porque o edificio naõ he bem movel; & quiz Deos, que fosse este bem taõ immovel, & taõ inseparavel, que a estimaçaõ deste só bem havia de propender sobre todos os mais bens. Assim o affirma o mesmo texto: *Quamobrem relinquet homo patrem suum, & matrem, & adhærebit uxori suæ.* Nem o amor das riquezas, com ser o mais sensivel, nem o amor do pay, com ser o mais racional; nem o amor da mãy, com ser o mais affectuoso, se ha de antepor ao amor da esposa; mas pelo amor da esposa deyxará o homem tudo: deyxará o pay, a mãy, & a fazenda; mas naõ deyxará a esposa: para deyxar tudo tem resoluçam; mas naõ terá resoluçam para deyxar a esposa, quem a teve para deyxar tudo.

Genes. 2.

Hum dos sugeytos, que mais deyxáraõ neste mundo, por assim lho mandar Deos, foy Abrahaõ: deyxou a terra: *Egredere de terra tua.* Deyxou os parẽtes: *& de cognatione tua.* Deyxou a casa do pay, & ao mesmo pay: *& de domo patris tui.* Em fim rompeo Abrahaõ todas aquellas cadeas, com que o amor natural desde o dia do nascimento taõ forte como docemente nos prende: arrancouse não só daquella primeyra terra, & segunda mãy, que em seu regaço o recebèra nascido, senaõ tambem daquelles primeyros ares, com que respirà-ra, & bebèra a vida; dey-

Genes. 12.

xou o presente pelo futuro, o proprio pelo estranho, o possuido, & certo pelo que podia parecer duvidoso. E sendo esta obediencia por todas suas circũstancias difficultosa, & aspera; pois atè as arvores quando se arrancam de huma terra para se transplantarem em outra se secaõ, & murchaõ; a tudo obedeceo Abrahaõ com bom rosto, & tudo deyxou, mas nunca deyxou a Sara sua esposa: Sara foy sempre a companheyra de suas peregrinações, & o alivio de seus trabalhos.

Agora pergunto eu: Se Deos queria provar a Abrahaõ, & ver o que obrava por seu respeyto, assim como lhe manda deixar todas as demais cousas, porque lhe naõ manda deyxar tambem a Sara? Porque a tanto deyxar se naõ estendia a resoluçaõ de hum homem tam desapegado dos bẽs da terra. Mais. Em outra occasiaõ mandou Deos a Abrahaõ, que lhe sacrificasse a Isaac filho unico, & unica esperança de sua descendencia: & foy tal a obediencia de Abraham, que logo desembainhou a espada para executar o golpe naquella vida innocente; & tendo Abrahaõ valor para triunfar da mesma natureza na morte de hum filho com pasmo, & assombro do amor do pay, naõ achou Deos que tinha resoluçaõ para deyxar a Sara: para cortar pela vida tinha a espada fios, & o braço pulso; mas para romper a uniaõ da esposa nam tinha valor o peyto, nem o coraçaõ alentos: ou porque este golpe era mais penetrante, mayor, & mais profundo que aquelle; ou porque esta excellencia, & prerogativa se guardava só para Santo Aleyxo.

Em todas estas acções se ouve Abrahaõ como Santo, & esta foy a reputaçam, que teve, diz Sam Paulo, pelo desapego, com que se ouve: *Reputatum est illi ad justitiam*; mas com ser Santo de tanta reputaçam, ainda naõ chegou a obrar com tan-

Ad Rom. 4.

tanta excellencia como Aleyxo, por ser taõ grande acção deyxar a esposa, que requere mayor cabedal de santidade. Pelo matrimonio diz Deos que se fazem hũa só cousa os dous contrahentes: *Erunt duo in carne una*; mas he este vinculo taõ estreyto, & o nò desta uniaõ tam apertado, que não basta muyto desapego, nam basta muyta resoluçaõ, nem santidade, ainda q̃ seja de muyta reputaçam, para a romper, ou quebrar.

Genes. 2.

A alma de mayor reputaçaõ de santidade foy aquella dos Cantares, por isso se chama por antonomasia a Alma Santa: a esta alma pois taõ reputada por Santa mandou seu Esposo, que se fosse, & se ausentasse; mas he notavel, & de notar o modo, com que lhe poz este preceyto: *Si ignoras te, egredere, & abi.* Se vos nam conheceis Esposa minha, ide vos, & deyxayme. E que tem ignorarse, ou conhecerse a Alma Santa, quando se lhe põe o preceyto, que se ausente? Muyto. A Esposa todo o seu intento no livro dos Cantares, & na occasiaõ presente era acreditar o muyto, que tinha obrado por seu Divino Esposo, já fugindo do commodo da casa pelo buscar no aspero dos montes; já deyxando os braços da mãy para se unir mais com elle; já largando o cuydado de todas suas cousas por naõ perder hum instante a sua companhia; & deyxar a casa, deyxar a mãy, & todos os mais commodos da vida era na sua estimaçaõ a mayor perfeyçaõ, a que se podia chegar; mas para que sayba, *Si ignoras te*, que ainda ha outro modo mais perfeyto de deyxar, & que a sua santidade nam chega ainda ao mayor auge, mandalhe o Esposo, que se ausente, que se vá, & que se aparte. Porèm como este apartamento era mais partirse, que apartarse; era mais dividirse, que ausentarse, naõ pode a Esposa obedecer ao preceyto; embargoulhe o amor os passos, porque naõ tinha a sua san-

Cant. 1.

ſantidade taõ grande reſoluçaõ, com ſer por antonomaſia Santa.

O que naõ pode fazer aquella alma de tam grande ſantidade, pode fazer Aleyxo Santo de mayor coraçaõ, & de mayor alma; baſtou que Deos o mandaſſe, para logo obedecer, & cortar os laços, pelos quaes juſta, & ſantamente eſtava unido; para a eſpoſa nam baſtou hũ preceyto, & baſtou para Aleyxo hũa inſpiraçaõ. A Eſpoſa depois de muytos annos de provecta naõ pode fazer o que fez Aleyxo noviço ainda na virtude: os primeyros impulſos de huma inſpiraçam divina foraõ baſtantes para começar a triunfar na infancia de ſua ſantidade, começando por onde pódem acabar os mais perfeitos. Por liſonja do ſeu Stilicam diſſe Claudiano, que começára a obrar proezas por onde os mais heroes acabavaõ ſuas façanhas: *Cœpiſti, quo finis erat*; mas o que em Stilicam foy liſonja, foy verdadeyro em Santo Aleyxo. As difficuldades, que foraõ inſuperaveis aos mais provectos, ſoube vencer Aleyxo no principio de ſua perfeyçaõ obrãdo o mais difficultoſo para ſe ſingularizar por mais heroyco.

Mas ſe me perguntarem a razaõ deſta difficuldade taõ grande, & taõ inſuperavel, digo que toda provem dos effeytos, que cauſa a uniaõ do matrimonio; não he qualquer uniaõ, mas he uniaõ, que chega a ſer identidade: *Erunt duo in carne una*; & ſair, deyxar, & partirſe aonde ha identidade, naõ ſey que o poſſa fazer, ſenaõ quẽ for de ſantidade mais q̃ grande, & quem for gigante na virtude. Do Verbo Divino diz David, que veyo a eſte mundo feito Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam*; & como ſe compadece eſte dito de David com o que a Fé nos enſina? Deos veyo a eſte mundo Menino: pois ſe Deos naſceo Menino na lapinha de Belem; ſe aſſim o acháraõ os paſtores: *Inve-*

Pſalm. 18.

Venietis Infantem; se assim o enfaxou a Mãy: *Pannis involutum*; se assim o adoráraõ os Magos: *Intrantes domum invenerunt puerum*; porque lhe chama David Gigante? O mesmo David dá logo a razaõ desta, que parece implicancia. *A summo Cælo egressio ejus*. Sabem porque he Gigãte? He, porque sahio do Ceo: he, porque sahio do Seyo do Eterno Pay, que o mandava, & com o qual tem summa, & indivisivel identidade: *Exivi à Patre*; & veyo a viver a este mundo, como em desterro: *Et veni in mundum*; & desterrarse o Divino Verbo do Ceo, sair, do modo que se póde sair, daquella summa identidade, he obra tão grande, he santidade tão excessiva, que só hũ gigante na virtude, ou hũ sugeyto de virtude agigantada póde ter semelhante resoluçaõ.

Luc. 2.

Matth. 2.

Esta foy a grandeza, cõ que obrou a santidade increada; & este nos limites da imitaçaõ foy o excesso, com que obrou Sãto Aleyxo verdadeyro gigante da Santidade creada, identificado com sua Esposa pela uniaõ, & muyto mais pela unidade: *Erunt duo in carne una*: desterrarse voluntario, porque Deos o manda que se aparte; mas por isso obra com tanto excesso, que obra como gigante; & em deyxar hũa só cousa, deyxa todas suas cousas com taõ heroyca resoluçaõ, com taõ grande desapego, com taõ agigantados brios, que se não corre parelhas com o Verbo, porque isto he impossivel a hũa creatura limitada, ao menos compete cõ generosa emulaçaõ os mayores excessos do infinito. Disse, que em deyxar huma só cousa, deyxára todas as suas cousas; mas disse pouco: obra tam resoluto no que deixa, obra taõ desapegado, que ainda faz mais, porque atè a si mesmo se deyxa.

Saõ Gregorio ponderando a difficuldade do deyxar, diz, que deyxar hum sugeyto tudo, o que tem, não he o mais difficultoso;

po-

porèm que a difficuldade, & o muyto, que pòde fazer em deyxar, he deyxar tanto, que atè a si mesmo se deyxe: *Et fortasse laboriosum non est homini relinquere sua; sed valdè laboriosum est relinquere semetipsum.* E como Santo Aleyxo naõ só deyxava de qualquer sorte, mas a sua excellencia era deyxar muyto, *valdè*, a si mesmo se chegou a deyxar; & se me perguntarem como, & quando se deyxou a si mesmo Santo Aleyxo, respondo, que entaõ, & quando deyxou a esposa; porque receberse Santo Aleyxo, & ausentarse; ficar pelo recebimento huma cousa com sua esposa, & partirse della, ou deyxalla, foy deyxarse.

D Greg Hom. 32. in Euang.

Assim como Santo Aleyxo para romper a identidade naõ teve outro exemplo mais, que o do Verbo Divino; assim para se deyxar a si mesmo naõ tem outro exemplar mais, que o de Christo sacramẽtado. Despede se Christo de seus Discipulos, para se partir para o Ceo, & as palavras, q̃ lhe disse por ultima despedida, foraõ estas: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* Ficayvos embora meus Discipulos, que eu me deyxo ficar com-vosco. Notavel modo de despedida! Irse quem fica, ausentarse quem se deyxa ficar? E como se deyxa Christo, se se ausenta? ou como se ausenta, se se deyxa? deyxarse, & partirse, como pòde ser? Tudo pòde ser no Sacramento; porque tudo pòde ser em que depois de recebido, & unido se parte. Christo quando se ausentava, já estava recebido pelos Discipulos no Sacramento: *Accipite, & comedite*; já se tinha unido, & identificado com elles com hũa identidade semelhante a aquella, que entre si tem o Pay, & o Filho: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.* E partirse Christo dos Discipulos depois de estar recebido no Sacramento, & unido com elles na Communhaõ, naõ podia ser

Matth. 28.

Matth. 26.

Joan. 16.

ſer ſenaõ deyxandoſe, & o meſmo era deyxallos, que deyxarſe.

Recebido, & unido eſtava tambem Santo Aleyxo; recebido no matrimonio, & unido pelo vinculo, que he o effeyto, que cauſa eſte Sacramento; mas que havia de ſucceder a hum ſugeyto unido, & recebido, quando deyxava a parte, a que ſe unia, ſenaõ deixarſe, quãdo ſe auſentava, & ficar, quãdo partia? Eſta he a maravilha, que admiramos em Chriſto ſacramentado, compendio de todas ſuas maravilhas; & eſta he a admiraçaõ, que veneramos em Aleyxo no ſeu ſacramento. Chriſto depois de ſacramentado lá hia para o Ceo; mas naõ hia para o Ceo, ſem ſe deixar a ſi meſmo cá na terra: a uniaõ, que o atou, eſta meſma o deſunio; unioſe no Sacramento com os Diſcipulos, & deſunioſe de ſi no apartamento: o Ceo o levava para triunfo, a terra o tinha para alivio das ſaudades. Lá hia tambem Santo Aleyxo deſpedido de tudo, o que deyxava em Roma, & tambem deſpedido de ſi; porque a ſi meſmo ſe deyxava: unido á eſpoſa, & deſunido de ſi: atado pelo vinculo, & deſatado pelo deſapego: comſigo, & ſem ſi: comſigo, porque partia; ſem ſi, porque ſe partia: comſigo, porque ſe hia; ſem ſi, porque ſe deyxava: comſigo, & ſem mais nada, porque nada levava dos bẽs da terra, de quem triunfava fugindo: ſem ſi, & ſem nada de ſi, porque atè de ſi meſmo fugia, para mayor triunfo da graça: ſem nada finalmente, & ſem ſi, para moſtrar o muyto, que deyxava, em deyxar tudo.

Sendo eſte em Santo Aleyxo o muyto de deyxar tudo, qual ſeria o ſeu muyto mais em tudo, o que deixou? Já eu o diſſe ao principio. O muyto mais de Sãto Aleyxo em deyxar tudo, diſſe eu que fora em tornar outra vez ao que tinha deyxado. Depois de dezaſete annos de auſencia, em que Santo Aleyxo padeceo o q̃ cuſta ſer pobre, peregrino,

& desterrado de sua patria, torna outra vez a Roma,& naõ só a Roma, mas outra vez á sua mesma casa. Quem visse esta volta de Aleyxo, cuydaria que tornava atraz do muyto, que se tinha adiantado no caminho da virtude; & que arrependido da primeyra resoluçaõ, tibio daquelle fervor antigo, attrahido das delicias de Roma, & muyto mais do amor dos pays,& saudades da esposa tornava outra vez á posse do que largára, & á estimaçaõ do que tinha desprezado; mas outros eram os intentos de Santo Aleyxo; novas batalhas buscava o seu esforço, para se coroar de novas vitorias. Quẽ melhor venceo o mundo, foy quem melhor soube sair delle: & já Santo Aleyxo o tinha vencido na primeira saida, que fizera; mas naõ contente com esta vitoria, torna ao lugar do conflicto, para alcançar outras mais gloriosas: nem era muyto que assim fosse; pois o primeyro triunfo era prognostico do segundo: isto tem quem sabe vencedor a primeyra vez, que sempre se lhe dobraõ as vitorias.

Alusão à vitoria do Senhor Conde Viso-Rey o Senhor Conde de Villa Verde.

Daquelle Cavalleyro, que vio S. Joaõ no seu Apocalypse, diz que sahio vencedor: *Exivit vincens*; mas que vitoria foy esta? Foy hũa vitoria, que era principio de outra vitoria: *Ut vinceret*; mas que muyto q̃ assim fosse, se a primeyra vez, que sahio o Cavalleyro, logo venceo: *Vincens*? Quem assim sabe vencer, bẽ póde voltar; porque leva seguros os triunfos. Vencer hum illustre, & excellentissimo Cavalleyro na primeyra sahida, que fez, he semear triunfos para desfrutar vitorias: seguro voltará o seu valor a colher as palmas, pois as soube cortar na primeyra sahida: se a primeyra vez sahio com tanto lustre, em todas, as que se seguirem, sempre sobre-sahirá com applauso. E se me disserem, que hũa batalha he jogo da fortuna; naõ me podem negar que he jogo, aonde naõ val a maõ, que se dá, senaõ a mão, que

Apoc. 6.

que se assenta: & se a maõ se assentou bem no primeyro encontro, melhor se assentará depois no segundo; porque quẽ tam bem a soube assentar, ha de pelejar com maõ folgada, & o muito, que a fortuna tem de mudavel, terá o seu braço de constante. Deos, que assim ajudou a primeira vitoria, he o mesmo, a causa a mesma, & o mesmo he tambem o Cavalleyro; & quem duvida, que tudo isto he para continuar novas emprezas com continua felicidade? E senaõ, vejaõ como obrou Deos com Aleyxo, & como obrou Aleyxo na segunda investida: volta a Roma, volta ao que tinha deyxado, & pelo deyxar o tinha já vencido; mas volta para o tornar a vencer, & deyxar repetidas vezes.

Deyxar todas as cousas, com ser acçaõ tam grande, he acçaõ, que ainda tem hũ defeyto; porque he acçaõ, que se naõ pòde tornar a fazer: quem deyxa tudo quanto tem, faz tudo, quãto pòde; porque como naõ tem mais que possuir, tambem naõ tem mais que deixar mas naõ pòde deyxar muytas vezes o que tem, supposto que huma vez o tem deixado; mas este impossivel soube vencer Santo Aleyxo; porque naõ só hũa, mas muytas vezes o deixou. Mas já vejo que me perguntaõ: & como deixou tudo outra vez Santo Aleyxo, se outra vez está com tudo, o que tinha deyxado? Respondo, que deixou outra vez o que tinha deixado, porque naõ usou de nada, do que tinha presente. Estar na casa do pay, & naõ ser filho, estar na abundancia necessitado, nas riquezas pobre, & mortificado nas delicias, que outra cousa he, senaõ deixar pay, deixar abundancia, riquezas, & delicias?

Quando Christo estava de caminho para o Ceo, fallou desta sorte aos Discipulos: *Exivi à Patre, & veni in mundum*: Eu sahi do Ceo, & vim a este mundo: *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*: agora torno

no ſegunda vez a deixar o mundo, & vou para o Ceo. Segunda vez? & qual foy a primeyra? He certo, que Chriſto naõ tinha vindo duas vezes ao mundo; & aſſim como eſta era a unica vez, que tinha vindo, tambem era a primeyra, que o deyxava. Naõ era eſta a primeyra vez, que o deixava; porque havia trinta & tres annos, que o eſtava deixando. Todo o mundo por titulo hereditario, titulo de dominio, & dominaçaõ pertencia a Chriſto; & todo o creado lhe eſtava ſugeyto com ſugeyçaõ deſpotica, & univerſal; & viver Chriſto neſte mundo, ſendo Senhor delle, taõ pobre, que nam tinha aonde reclinar a cabeça, taõ neceſſitado, que ſe ſuſtentava de eſmolas, tam deſconhecido, que os ſeus meſmos o naõ conhecèraõ, era deyxar o mundo eſtando no mundo; & por iſſo quando ſe vay para o Ceo, com ſer a primeyra partida, que faz, he a ſegunda vez, que deyxa; porque a primeyra era todo o tempo, que tinha vivido na terra: na ſegunda vez deyxava auſentandoſe, na primeyra nam uſando: na ſegunda deyxava com o retiro, na primeyra cõ o deſprezo.

Em Roma, & dentro de ſua meſma caſa eſtava Aleyxo vivendo, mas como vivia deſconhecido dos que eraõ ſeu ſangue, ultrajado dos criados, ignorado dos patricios, & pedindo eſmola para ſuſtentar a vida, deixava a Roma em Roma, as delicias no meyo das delicias, & a caſa com tudo o que tinha na meſma caſa; em fim deyxava como Chriſto tinha deyxado, porque naõ uſava do que era ſeu, aſſim como Chriſto naõ uſava: ſó com eſta differença, que Chriſto primeyro deyxou o mundo eſtando no mundo, depois partindoſe para o Ceo; Santo Aleyxo primeyro deixou auſentandoſe de ſua caſa, depois tornando, & eſtando nella: trocou a ordem do deyxar, mas imitou o exemplo de Chriſto continuan-

do por muytos annos em deyxar o que já tinha deyxado. Digo, continuando por muytos annos; porque esta continuaçaõ he hũa das propriedades, que tem as obras, quando mais heroycas, & mais perfeytas: o que he perfeyto naõ pòde augmentarse, nem crescer, porque se pudesse crescer, & augmentarse, naõ seria perfeyto; mas quanto he mais perfeyto, deve ser mais repetido, & mais continuo. As operações *ad intra* em Deos saõ por natureza eternas, & por perfeiçaõ infinitas: & que faz Deos nesta infinita perfeiçaõ de operações? Repete o mesmo, que huma vez obrou: naquelle principio sem principio da eternidade gerou o Filho, & o que gerou na eternidade está agora, & continuamente gerando: o Pay, & o Filho como principio indivisivel produziraõ o Espirito Santo, & o Espirito Santo, que entam produziram, estam produzindo ainda agora. Estas saõ as melhores acções, ou operaçoens, que Deos obrou, & as melhores, que pòde obrar; & estas saõ as que mais se continuaõ, & repetem: o que naõ tem de augmento, tem de continuaçaõ; naõ tem, nem podem ter augmento, porque saõ infinitamente perfeytas, & porque tem perfeyçaõ infinita, tem repetiçaõ infinita, & eterna continuaçaõ.

Tambem o Sacramento he prova do que dizemos. Antes de Christo morrer por nosso amor instituío o Sacramento da Eucharistia: & se me perguntarem a razaõ porque instituío o Sacramento, respondo com a Igreja, que para memoria, & repetiçaõ do que por nòs tinha obrado em sua morte, & Payxaõ: *Recolitur memoria Passionis ejus*; & sendo esta memoria repetiçaõ de taõ grande favor, tambem quiz que fosse hum beneficio continuado: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* Christo em morrer por nòs obrou a mayor fineza, que se po-

podia obrar; & porque fi neza tam perfeyta naõ podia ter augmentos, quer que se repita, & se continue na sua memoria.

Na Payxaõ foy vendido o infinito por preço limitado; condenada a innocencia para se absolver a culpa; acabou a vida immortal, para que resuscitasse o morto; padeceo o Creador, para que naõ padecesse a creatura; & sendo esta obra tam grande, que por grande naõ podia ter augmentos, por isso teve a repetiçaõ, & cõtinuaçam no Sacramento: alli está o preço infinito reduzido ao limitado de huma hostia; alli está a innocencia em custodia para nos soltar da culpa, & augmentar na graça; o impossivel com accidentes, & o que sempre vive, morto na representaçaõ; & isto com tanta duraçaõ, quanta ha de ter o mundo; & confórme alguns Authores, com duraçaõ ainda mais comprida; porque depois de se acabar o mundo, dizem que se ha de tresladar para o Ceo aquelle mysterio, para continuar por toda a eternidade, & para que seja perpetua eternamente, & eternamente repetida hũa fineza, que por chegar ao mais perfeyto, já naõ pòde ter augmentos.

Em deyxar nam podia Santo Aleyxo fazer mais, porque tinha feyto tudo, & alem do tudo naõ ha mais: augmentar esta acçam era impossivel; porque naõ he possivel deyxar mais quem deyxa tudo; mas buscalhe como propria perfeyçaõ o realce de continuada, & repetida: repete outra vez o mesmo, que tinha feyto, & continùa a deyxar, o que tinha deyxado: repete o deyxar, porque naõ usa do que tem; continùa em deyxar, porque deyxa em quãto lhe dura a vida; assim vai passando os annos, que lhe restaõ, sem mudar a fortuna de pobre, nem o habito de peregrino, continuando, & repetindo aquella acçam, que já naõ pòde crescer, nem ser mayor.

Supposto, & provado

que

que eſtar entre os bens da terra, & nam uſar delles, & deyxallos, ainda vejo me replicaõ, que naõ pòde ſer eſte o muyto mais de Santo Aleyxo em deyxar tudo; porque muyto menos he deyxar o que ſe tem deyxado, do que deyxar o que ſe logra: deyxar a ſegunda vez, do que deyxar a primeyra. Deyxar a primeyra vez, he romper, ou quebrar aquellas cadeas, com que os bens nos prendem, as quaes, por eſtarem ainda novas, tem todo o ſeu vigor, & ſaõ mais fortes: he ſair á batalha ſem experiencia de guerra, & vencer hum inimigo experimentado, & ſobre experimentado, guerreyro, & forte, qual he o mundo: he deſprezar o que ſe eſtima, aborrecer o que ſe ama, & fugir do q̃ nos ſegue. Pelo contrario, quem deyxa, ou quem tem deyxado, ſolta ſe dos grilhões, que já quebrou, peleja com quem já venceo: que he grande partido; deſpreza a quem já naõ eſtima, aborrece a quem já naõ ama, foge de quem eſtá longe; porque ter deyxado he meyo caminho andado para deixar: logo mais he deyxar a primeyra vez, do que deyxar a ſegunda: deyxar o que ſe logra, do que deyxar o que ſe tem deyxado. Aſſim parecerá a quem olhar para a apparencia deſtes fundamẽtos; mas o certo he, que muyto mais he ſem comparaçam deyxar o que ſe tem deyxado, do que deyxar o que ſe logra; & naõ tenho tam pequeno abono deſta verdade, que naõ tenha por mim a Eſcritura, a experiencia, & a razaõ, que devem pezar mais, que ſemelhantes diſcurſos apparentes.

Aquelles Anjos, que vieraõ livrar a Loth com toda ſua familia das Cidades infames, que primeyro ardèram em ſeus vicios, do que ſe abrazaſſem em ſeus incendios, puzeram por preceyto aos que livráram, que nenhũ viraſſe os olhos para ver o que tinha deixado, ſob pena de encorrer o meſmo perigo, de que eſ-

Genes. 19.

capava : *Noli respicere post tergum, ne & tu simul pereas.* Desobedeceo a este preceito a mulher de Loth, & em castigo de sua desobediencia foy convertida em estatua de sal : *Respiciens uxor ejus post se versa est in statuam salis.* O' valhame Deos! E quem levou os olhos a esta mulher? Nada, senaõ os bẽs, que tinha deyxado, diz o Doutissimo A Lapide: *Respexit excita ex dolore rerum amissarum.* Sim; mas se esta mulher tirou os olhos do que deyxava quando possuía, porque lhos torna a pòr depois de o deyxar? Sabe deyxar o q̃ tem por salvar a vida, & naõ sabe tirar os olhos do que tinha deyxado correndo ainda o mesmo risco: *Ne & tu simul pereas*? Sim: porque então deyxava o que tinha na posse; agora deyxava o que tinha deyxado: & quam facil lhe foy deyxar o que tinha, tam difficultoso lhe foy largar o que deyxára: para deyxar o que tinha, bastou o temor da morte; mas para naõ tornar a pòr os olhos no que deyxára, naõ bastou a morte com todas as suas carrancas. Deyxando a casa por salvar a vida, deyxava o que possuía; naõ lhe tornando a pòr os olhos, deyxava o q̃ já tinha deyxado; & podendo deyxar o que possuía, ou por temor da morte, ou por amor da vida, naõ pode deixar agora o que tinha deyxado, nem por amor da vida, nem por temor da morte; para que se veja, quanto mais he deyxar o que se deyxou, que deyxar o que se logra. Mas se este exemplo ainda nam convence, convença a experiencia do que succede muytas vezes.

Muytas vezes succede a muytos; (mas ponhamos o exemplo em hum só) succede, digo, que hum sugeito, com quem a fortuna naõ foy escassa, (mas dado que fosse) considerando o pouco, que pòde ter de permanencia o que lhe caduco, & quanta conveniencia ha em trocar o transitorio pelo eterno, a terra pelo Ceo, dando de maõ a tudo o que

tem

tem, & ſe o naõ tem, a tudo, o que pòde eſperar, fazendo divorcio com o mũdo ſe retira a ſagrado, & ſe mete em huma clauſura: aquelles primeiros fervores ſaõ de imitar em tudo a Chriſto; mas eisque paſſados os primeyros fervores, eſquecido de ſi, & lembrado do que devia eſquecerſe para ſempre, tendo largado os bẽs da terra por ſeguir a Chriſto, deyxa de ſeguir a Chriſto por tornar outra vez ás perſeguições do mundo, que elle avalia por felicidades.

E donde veyo eſta mudança? Saõ outros os bẽs, que deyxou, ou ſaõ mayores? augmentáraõ-ſe, ou creſcèraõ? Naõ ſe augmentáraõ, nem creſcèraõ, nam ſaõ mayores, nem ſaõ outros: ſaõ os meſmos; mas ſaõ já deyxados; & baſta iſto para parecerem mayores, augmentados, & creſcidos, & para que ſeja mais difficultoſo deyxar o que ſe deyxou, do que deyxar o q̃ ſe poſſuía. Eſtá muyto bem; mas naõ eſtavam as cadeas já quebradas? Sim eſtavaõ; mas ſoldáraõ-ſe: naõ eſtava já o inimigo vencido? Sim eſtava; mas refez-ſe: não eſtava deſprezado o q̃ ſe eſtimava? Sim eſtava; mas creſceo-lhe novo valor: naõ eſtava aborrecido o que ſe amava? Sim eſtava; mas achouſelhe agora mais graça, & mayor galantaria: naõ ſe tinha já fugido do que ſe ſeguia? Sim tinha; mas correo mais, & deu alcance a quem fugia, obrigou-o a voltar atraz, ainda que ſe tinha adiãtado muyto; & por iſſo naõ pode deixar o que já deyxára, quem pode deixar o que tinha.

E a razaõ diſto he, (para acabarmos de confirmar eſta verdade) porque os bens da terra nem tem outro valor, nem outra valia mais daquella, que lhes dá a noſſa eſtimaçaõ: o ouro naõ he mais, que hũa terra de melhor cor; a noſſa eſtimação lhe deu os quilates, & o fez ouro: a prata naõ he mais, que o chumbo purificado; a noſſa eſtimaçaõ lhe tirou as fezes, & a fez prata: o dia-

mante naõ he mais, que hũ criſtal mais duro; a noſſa eſtimaçáo lhe deu os fundos, & o fez diamante: as perolas naõ ſaõ mais, que o orvalho mais condenſado; a noſſa eſtimaçaõ lhe deu as aguas, & as fez perolas: ſendo pois a valia, & o valor dos bẽs da terra o que lhes dá noſſa eſtimaçam, como os bẽs deyxados ſe eſtimáõ mais, que os bẽs, que ſe lograõ? Porque os bens, que ſe logram, eſtimam-ſe pelo que ſaõ; os bẽs deyxados eſtimam-ſe pela falta que nos fazem; por iſſo o deixado he mais, que o poſſuido, & dahi vem, q̃ muyto mais he deyxar o que ſe tem deyxado, do que deyxar o que ſe tem.

Pareceme, ſe me não engano, que eſta meſma razão he a que nos dá o noſſo thema. *Ecce nos reliquimus omnia.* Propõem Sam Pedro a Chriſto o deſintereſſe, & o deſapego, com que o tinha ſeguido, & diz que tem deixado todas as couſas: *Reliquimus omnia.* Sam Pedro deyxou hũas redes, & eſſas já naõ eram novas; porque muytas vezes ſe valia de ſua diligencia, & trabalho para as refazer: deyxou hũa pobre barca, que quando muyto chegaria a ſer do alto: deyxou hũa caſal, que não paſſava de ſer choupana: eſtes erão todos os ſeus bẽs, a ſua riqueza, & as ſuas alfayas: pois ſe eſtas eram todas, & ſendo todas eram tam poucas, como diz a Chriſto, que tinha já deyxado todas as couſas: *Reliquimus omnia?* Huma barca mal aparelhada, humas redes mal cozidas, & hũa caſa mal acabada ſam todas as couſas? Sam, & não ſam.

Hũas redes, & hũa barca poſſuidas não ſaõ todas as couſas; porèm hũa barca, & hũas redes deyxadas ſaõ todas as couſas: vay muyta differença da meſma couſa, em quanto ſe logra, a eſſa meſma couſa, em quãto ſe deixa: o tella deixado, a faz mayor, o tella deyxado, a faz creſcer, & o carecer della a faz augmentar de pouco a muyto, & de nada a tudo: & a razam he; por;

porque o que se tem, he o que he; o que se deyxa, he o que falta: o pescador, que só tem humas redes, nam tem mais que hũas redes; mas ao pescador, que nam tendo mais que humas redes, já as naõ tem, faltam-lhe todas as cousas, & se lhe faltaõ todas as cousas, porque deyxou hũas redes, ainda que naõ deixou mais que humas redes, deyxou todas as cousas: & como as cousas crescem á medida da falta, que nos fazem, se cõ deyxar hũas redes se reduz Saõ Pedro a que lhe faltem todas as cousas, com verdade diz que as deyxou todas; porque as mede pela falta, que lhe fazem depois de as ter deyxado: *Ecce nos reliquimus omnia*: & isto he o que vay de deyxar a ter deyxado.

Naõ foraõ humas redes, as que deyxou Santo Aleyxo; porque ainda que nadava em hum mar de riquezas toda sua casa, por outro estylo se faziaõ alli os lanços: deyxou a casa; mas que casa? Casa rica, casa abundãte, casa com fausto, casa cõ lustre, & casa, aonde continuamente se estavaõ ouvindo os suspiros do pay, as ternuras da mãy, & as saudades da esposa; os quaes tambem não logravaõ o que tinhaõ, porque lhes faltava o seu Aleyxo, que na sua estimaçaõ, & no seu amor valia mais que tudo: & sendo tanto o que temos referido, tudo deyxou Santo Aleyxo naõ a primeyra, senaõ a segunda; naõ hũa, senão muytas vezes; naõ só por breve tempo, mas por dilatados annos; naõ só deixando, mas tornando a deyxar; naõ só possuindo, mas depois de ter deyxado: & se hũas redes depois de deyxadas sobem no preço, & na estimaçam a ser todas as cousas, a que havia de subir tanta riqueza, tanta abundancia, tanto fausto, tanto lustre, & o que he mais, por serem de mayor valor, tantos suspiros, tantas ternuras, & tantas saudades? haviaõ de subir, & haviaõ de crescer a ser mais que todas as cousas, se so-

bre todas as cousas pudesse haver mais, & mais.

Temos visto como foy singular Santo Aleyxo em deyxar tudo; & á vista do seu desinteresse, & do desprezo, que fez dos bens da terra por estimar os do Ceo, quizera eu, que fizessemos distinçam de bẽs a bẽs, para saber em que bẽs havemos de pòr a estimação. Os bẽs, ou saõ da natureza, ou da fortuna, ou da graça: os bens da natureza acabão com o tempo; os da fortuna naõ he necessario muyto tempo para acabarem; os da graça duram em quanto nòs queremos; porque se nòs nam queremos, naõ se perdem: os da natureza saõ caducos; os da fortuna saõ instaveis; só os da graça saõ permanentes, & só destes he, que haviamos de fazer caso; porque só estes saõ bens, & os outros naõ tem mais que o nome. Mas para que me naõ digaõ, que he muyto havermos de imitar logo a Santo Aleyxo, por ser tão grande Santo, que mais o deu Deos para admiraçam, que para exemplo: seja assim; porèm se nos nam atrevemos a obrar como Santos, que seguem os conselhos de Christo, que desculpa temos para naõ obrarmos como Christãos, que devem guardar os Mandamentos? E já que Santo Aleyxo se descontentou tanto do seu, que o deyxou, não nos contentemos tanto do alheyo, que o tomemos: já que Santo Aleyxo largou o que tinha, não haja quem lance maõ ao que não tem: já que Santo Aleyxo foy tão desapegado dos bẽs da terra, não haja quem se lhe pegue tanto as mãos: finalmente já que naõ obramos como Santos na materia de deyxar os bẽs, obremos como Christãos: os Santos para serem Santos guardáraõ os conselhos deyxando, como se fossem preceytos; para nòs nem como conselhos valem os preceytos: manda Deos, que se não furte, & não se faz outra cousa com tanto excesso, que não ha modo, que se naõ exçogite para

para levar o alheyo. De cà da India eſcrevia Saõ Franciſco Xavier quando aviſou ao Sereniſſimo Rey D. Joaõ o III. que o verbo *rapio* ſe conjugava aqui por todos os modos, como já ponderou o grande Antonio Vieyra, que ſe furtou, que ſe furta, & que ſe ha de furtar: não ſe contenta aqui hum ſugeyto com hum ſó tempo, com todos, & por todos mete a mão: foy ladraõ, he ladraõ, & ha de ſer ladraõ; eu neſte ultimo he, que acho mayor diſſonancia: ter furtado, he máo, já naõ tem remedio; poderá ſer, que haja reſtituiçam: furtar, he peyor; mas pòde ſer, que haja emenda: mas eſtar ſempre traçando o que ſe ha de furtar, he maldade ſobre maldade; porque aqui não ha que eſperar emenda, nem reſtituiçaõ: com ſer iſto o que paſſa, acho, que ainda Sam Franciſco não diſſe tudo, porque ſó diſſe, que o *rapio* ſe conjugava por todos os modos; eu acho, que tambem ſe conjuga por todas as peſſoas: furta-ſe ao Rey, & furta ſe aos vaſſallos: furta ſe ao grande, & furta-ſe ao pequeno; ao rico, & ao pobre; ao orfaõ, á viuva, à donzella, & á caſada; & para dizer tudo, furta-ſe a Deos, & furta-ſe aos homẽs: & depois de tanto furtar, ha quem lhe occorra a reſtituiçaõ? Mas que importa a reſtituiçaõ?

Naõ ha muytos tempos, que hũ ſugeyto, q̃ exercitava hũ officio, diſſe a hũ ſeu amigo: ao preſente me acho com tantos mil xerafins, q̃ tirei; ſe em boa, ou má conſciencia, iſſo agora: & calouſe; iſſo agora. E que quer dizer, iſſo agora? Iſſo agora naõ importa: iſſo agora he uſo: iſſo agora he coſtume: iſſo agora: tenha eu, ainda q̃ me condene com o que tenho; porque naõ vay nada, em que a alma ſe perca, cõ tanto, que o corpo tenha com que paſſar neſte mundo. O pouco eſcrupulo, que eſte fez, fazem os mais, que obrám como elle: & aonde ſe faz tam pouco eſcrupulo de furtar, que remedio

pòde haver? Pelo menos eu naõ ſey, que o haja; & ſó me fica hũa eſperança, que he ver a Santo Aleyxo metido na Relaçaõ, & feſtejado por Miniſtro della com tanta devoçaõ, & magnificencia; para que os Miniſtros da meſma Relaçaõ pelo deſintereſſe, que profeſſaõ, & pela limpeza, que uſaõ, acudaõ a emendar eſtes erros taõ nocivos á Republica, & façaõ por força, o que ſe naõ faz por vontade, que lhe naõ faltará Santo Aleyxo com o favor, nem Deos com a graça, &c.

SER-

SERMAM
DE
N.S. DA AJUDA

Padroeyra da Junta do Commercio, com o Sacramento exposto, em Ribandar, no anno de 1695.

Beatus venter qui te portavit. Luc. 11.

BEndito, & muytas vezes bendito seja o purissimo ventre, que vos trouxe encerrado nove mezes, desencerrado Senhor sacramentado. Estas saõ as vozes, que levantou antigamente hũa mulher no meyo das turbas, que seguiaõ a Christo; & estas mesmas, & pela mesma causa, saõ as que eu hoje repito entre a multidaõ, que religiosamente assiste nas veneraçoens do Filho aos obsequios da Mãy. Que estas sejão, & naõ outras as vozes que levantou aquella mulher, não ha duvida, porque sam a construiçam do mesmo texto; mas que agora sejão proferidas pela mesma causa, que entam se proferirão, he o que tem suspenso a todo este auditorio: mas para que na razaõ

zaõ com que o digo fique ſatisfeyta a ſuſpenſam dos que me ouvem, advirtam bem no motivo, que entam ouve para ſe levantarem: *Extollens vocem*: & no motivo que agora ha para ſe repetirem, & verão, que eſte motivo, & mais aquelle, ambos procedem de ſemelhante cauſa, ambos caminhão para ſemelhante fim.

O fim que tanto tempo deſejavão as idades para reſtaurar ao mundo, que na dilaçam do remedio ſe via cada dia mais deſcaido; & os meyos opportunos, & efficazes, que atè alli ſe não tinham applicado para ſua reſtauração, era tudo o que então ſe via executado na peſſoa de Chriſto Redemptor, & Reſtauradòr do genero humano. O fim que ha tanto tempo deſejam as calamidades da India, & os meyos que atè agora ſe não applicárão para remedio de tantas miſerias, ſaõ os que agora ſe vem poſtos em execução no corpo de hũa Junta como redemptora, & reparadora deſte Eſtado. Aquelle fim era a reſtauração do mundo perdido; & quaes ſeriaõ os meyos, que Chriſto buſcou para eſte fim? Os meyos foram hum admiravel commercio, que ſe eſtabeleceo no puriſſimo ventre de Maria: aſſim o canta a Igreja, que nam ſó nos dá o Euangelho para a feſta; mas tambem nos dá o cõmento para o texto. *O admirabile commercium*, diz a Igreja fallando do meſmo myſterio de que falla o Euangelho, que he a Encarnaçam do Verbo: *O admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus ſumens de Virgine naſci dignatus eſt: ut ſalvum faceret genus humanum.* Quiz Deos acudir ao mundo, q̃ ſe perdia, & o meyo que buſcou, foy fazer hũa Junta no puriſſimo ventre de Maria, de dous extremos tão diſtantes, quaes ſam Deos, & homem; & na junta deſtes dous extremos eſtabelecer o mais admiravel cõmercio, com que ſe repaſſem as perdas, & ruinas do

Ex Eccleſ.

do mundo. Este foy aquelle fim, & aquelles meyos:& quaes saõ os meyos,& o fim de agora? O fim de agora he a restauração da India;& os meyos para este fim saõ outra Junta, & outro cõmercio,que debaixo do patrocinio da S. da Ajuda funda os seus interesses, para firmar as nossas esperanças: acode ao que padece a India, para lhe dar o que deseja.

Que he o que padece este Estado? Que he o que tão longamente deseja? O que padece,todos o sentimos: o que deseja, todos o suspiramos. Padece perdas, deseja melhoras: padece desgraças, deseja fortunas: padece ruinas, deseja a sua restauraçaõ; & quando esta na continuação de tãtas infelicidades parecia a mais desesperada, & sem remedio;para alento da esperança, para prova do remedio, vemos já formado o corpo de hũa Junta,concorrendo á sua formação, ainda que por diverso modo,o mesmo ventre, em que se formou a Junta do contrato de Christo, que era o seu corpo, & por isso oppcrtunamente tornamos hoje a repetir aquellas vozes: *Beatus venter, qui te portavit*: para que na semelhança da causa, cõ que se repetem, venturosamente logremos a redẽpçaõ, que esperamos por hũ cõmercio em tudo admiravel: *O admirabile commercium!*

Satisfeyta assim a suspẽsaõ, para conciliar todas as circunstancias da festa, que naõ he só da Senhora, mas da Senhora da Ajuda, ainda nos falta que satisfazer hũa duvida. *Beatus venter, qui te portavit*: Que o corpo de Christo, que era todo o cabedal cõ que entrou no seu commercio, nasceo de Maria, diz o nosso texto:& porque ha de nascer de Maria este corpo? Eu bem sey que supposto o decreto de restaurar o mundo por modo passivel, necessariamẽte havia Deos de tomar corpo para nelle fazer o seu emprego, & grangear como grangeou as suas mercadorias, que todas eraõ o pre-

ço de noſſas almas, & a ſatisfaçam de noſſas culpas. Em Belem grangeou a pobreza, as perſeguições, & tyrannias de Herodes: no Egypto os deſterros, & deſcommodos de peregrino: em Nazareth a ſugeyçaõ, & obediencia a hum official: na patria o aborrecimento, & deſprezo dos naturaes: nas jornadas de Galilea, & Judea as fomes, & as ſedes, as fadigas, & os ſuores: no deſerto as tentações, & jejum de quarenta dias: na Corte de Jeruſalem tudo o que pòde padecer a innocencia accuſada por odio, condenada por reſpeyto, perſeguida por vingança, & julgada pelos meſmos inimigos; mas que todo eſte emprego haja de ſer no corpo que naſceo de Maria?

E naõ poderia haver outro corpo? naõ podia Deos ſem intervenção da Mãy formar hum compoſto humano em tudo perfeyto, & unir a ſi a noſſa natureza? Se olharmos para o poder, digo que ſim: ſe olharmos para a conveniencia, que he, a que ſe deve reſpeytar no cõmercio, digo que não. Digo que ſim, em quanto ao poder; porque aſſim como Deos por ſi meſmo formou a Adam organizado com toda a proporçaõ, aſſim podia organizar outro corpo humano, o qual uniſſe a ſi hypoſtaticamente. Digo que naõ em quanto á conveniencia; porque o intento de Deos em ſe fazer homem era vir cõmerciar á terra, para reſtaurar o perdido, & remediar o arruinado: *O admirabile commercium, ut ſalvum faceret genus humanum*: mas como, & de que modo havia de fazer o ſeu cõmercio? O como, & o modo foy entrando tambem Maria com a ſua ajuda, diz Hugo Cardeal: *Maria eſt adjutorium Altiſſimi, quia juvat eum ad ſalvandum genus humanum*: No commercio de Deos he Maria a melhor ajuda; & como eſta ajuda, foy ajuda de cuſto, & cabedal, que era o corpo, por iſſo era cõveniente, que eſte corpo ſe for-

Hug. in Pſalm. 90.

formasse ajudando Maria com suas purissimas entranhas a sua formação: para que entendamos que entaõ será o cõmercio admiravel, entaõ se logrará o fim, que se pertende, restaurando as perdas, & remediando os danos, quando a Senhora da Ajuda com a sua assistencia o fomenta, com a sua protecção o defende, com o seu amparo o favorece: pois atè o mesmo Deos naõ entra no seu cõmercio sem Maria entrar com a sua ajuda. Esta foy a mayor conveniencia do cõmercio Divino; esta ha de ser a mayor do nosso; & esta, & naõ outra será toda a materia do meu discurso; ainda que bẽ receyo que não baste hum só discurso para materia de taõ grande conveniencia, a mayor que eu tenho he, que a mesma Senhora exercitando os poderes de sua invocação nos ajude a pedir a graça.

Ave Maria.

Beatus venter, &c.

AQuella opulencia mais que grande, aquella immensa riqueza, & abundancia de todas as cousas que o Profeta Ezechiel vio na Cidade de Tyro, nenhũa outra cousa foraõ, mais q̃ avanços do grosso contrato, em que todos os daquella Cidade empregavaõ os seus cabedaes. Era Tyro, como a descreve o Profeta, Ilha junto da terra firme, situada na entrada do mar, & naquelle tempo hũa feyra universal do mundo, para onde concorriam todas as nações: alli se via a prata de Carthago com outros metaes da mesma terra, ainda que de menos estima, de mais uso, como eram o ferro, o chumbo, & mais o estanho: alli se via o bronze para as obras, & os escravos para o serviço da Gre-

Ezech. 27.

Grecia, & Capadocia: os cavallos, & os cavalleyros de Frigia para a defensa: o marfim, & o évano de muitas, & diversas Ilhas para a ostentaçaõ: as purpuras, & as olandas, as sedas, & os carbunculos da Siria para o adorno: o balsamo, & mãtimento de Palestina para remedio, & para sustento: os panos, & ornamentos de Damasco para as armações: os tapetes, & alcatifas de Dan para os pavimentos: os alfanjes, & cimitarras de Mosel para o respeyto: os aromas, & cheyros de Sabá para a delicia: o incenso, & myrrha de Arabia para os perfumes: as perolas, & mais pedras preciosas de Remâ para galantaria, & luzimento: tam bem defendida, & municionada, quãto pediaõ tam grossos cabedaes; porque o aparato naval, alem de ser grande, era dos mais peritos na nautica: os soldados para os exercitos da terra, eram dos mais guerreyros Persas, Lydios, & Africanos: as guardas para os muros erão dos mais constantes, & experimentados; & para o conselho erão os sugeytos mais prudentes, entrados nos annos, maduros na idade, & muyto mais no juizo, porque eraõ ensinados pelo tempo, & pela experiencia.

Isto he tudo, ou quasi tudo, (que ainda a Escritura o encarece com mais particularidade) o que vio o Profeta Ezechiel em Tyro: & outro tanto me persuado eu que estou vendo em Goa muytos Profetas; porque a semelhança do sitio junto da terra firme, & na entrada do mar lhe dá o fundamento; o cõmercio já estabelecido lhe assegura a profecia; & o que he mais, o desejo lhe faz ver já na nossa Ilha transplantadas em fardos as arvores de Ceylaõ, & Ternate; da Banda, & de Geilolo; de Maluco, & da Arabia: quero dizer, o cravo, & a canela; a massa, & noz; o incenso, & a myrrha de todas aquellas terras: já lhe faz ver correr pelas nossas portas os rios de

de Sofala, & Pegû regando-as com ouro, & orvalhando-as com rubis: nesses outeiros os de Golocŏdâ, & Borneo prenhes de diamantes: nos nossos mares as pescarias da Costa, & Barem: nas nossas costas todas as da Africa em naufragios de ambar; em todas essas casas a China com os melhores artificios dos seus teares: tudo tam defendido, como abundante; porque havendo abundancia de cabedaes, naõ pòde haver falta de soldados, quando a falta de soldados toda provem da penuria, com que saõ assistidos, por estar o Estado taõ exhausto, que parece milagre assistirse ainda como se assiste ao seu sustento. Alem de que, como diz o Espirito Santo, naõ ha melhor defensa das riquezas, que ellas mesmas: *Substantia divitis urbs fortitudinis ejus.* O castello roqueyro que mais resiste, as armas que melhor pelejaõ em defensa das riquezas saõ as mesmas riquezas, ao mesmo passo que saõ appetecidas, se fazem respeytadas: Fortaleza lhe chamou Job: *Confortati que divitijs*: esforço lhe chamou Daniel: *Cum invaluerit divitijs*: & Salamaõ, que melhor defendeo o seu Reyno com escudos de ouro, do que seu pay com borqueis de aço, achou que os soldados mais alentados, & que sempre traziaõ os trofeos pendentes da vitoria, eraõ as riquezas: *Divitias ad defendos Reges*: isto he o que se persuadem, & nos querem persuadir, que vem os Profetas do nosso tempo: provera a Deos que foram taõ verdadeyros como Ezechiel.

Prov. 10. — Job 21. — Daniel 11. — Prov. 31.

Outros com tudo, que parece profetizam melhor os successos contingentes, medindo o que hade ser pelo que sempre foy, & olhãdo para o futuro depois de verẽ o preterito, achaõ tam pouco fundamẽto a taõ largas profecias, q̃ se persuadẽ que só isto nos faltava para nos arruinar de todo, & que estas mentidas esperanças mais saõ sonhos, que discursos.

ſos. Quem quizer medir os avanços de hum contrato, ha de medillos pelos cabedaes com que entra,& ſe os que entram com muyto avançaõ muytas vezes muyto pouco; os que entram com pouco, ſempre ficaráõ ſem nada: & já ſe os lucros forem da meſma eſpecie da noſſa mercãcia,ſendo o noſſo cõtrato todo penuria,ſerá o noſſo intereſſe tudo miſeria; & ſendo iſto aſſim como na verdade he, pois a todos conſta a noſſa pobreza, a que riſcos naõ expomos eſte pouco que empregamos, com os ciumes que ha de deſpertar eſte nome eſpecioſo de Companhia, que naõ he mais que o nome, em outras já eſtabelecidas,& formadas, as quaes á cuſta de proprios diſpendios, que para ellas importaráõ pouco, o mayor negocio, que faraõ, ſerá impedir o noſſo nos portos, a que imos?

E para que naõ pareça que neſte diſcurſo erram o alvo, tambem apontaõ a Tyro: he verdade que foy Tyro hũa das mais, ou a mais opulenta Cidade por cauſa do ſeu contrato; mas porque? Porque todas as naçõcs a ſerviaõ no commercio, & todas entravaõ com ſeus intereſſes: entraváo os de Carthago: *Carthaginenſes negotiatores tui*: entravaõ os da Grecia, das Eſpanhas,& Capadocia: *Græcia, Thubal, & Moſach ipſi inſtitores tui*: entravaõ os de Siria, & Judea; os de Arabia,& Damaſco; os de Dan, & Moſel; os de Ceder, & Sabá: *Ipſi negotiatores tui*; porèm nòs ſós, & ſem mais ninguem: nòs ſós, & ſem outros que nos ajudẽ; mas naõ digo bem: nòs cõ noſco, & todos contra nòs; nòs com pouco para noſſo remedio, elles com muyto para noſſa deſtruiçam; como he poſſivel evitarmos noſſa ruina? A meſma Tyro a naõ evitou com tantas ajudas; porque finalmente a ſua meſma opulencia a deſtruío: *Ad nihilum deducta es*. E para que ninguem diga que as riquezas defendem, naõ olhemos para o

que

que havemos de ter, para nos persuadirmos, que já estamos defendidos com as riquezas; porque isto he fazer despeza antes da recei ta, que ninguem levará em conta: olhemos para o q̃ naõ temos, para termos muito q̃ temer; porq̃ se as riquezas, como diz o Espirito S. fortalecẽ a quẽ as logra: *Substantia diVitis urbs fortitudinis ejus*: o mesmo Espirito Santo acrescenta logo, que a pobreza atemoriza a quem a padece: *PaVor pauperum egestas eorum*: & como nòs naõ temos aquellas, & padecemos esta, não brazonemos como vencedores; temamos como rendidos: não nos alegremos como seguros; mas choremos como arriscados, & quasi quasi perdidos.

A' vista de todas estas razões, que parecem evidentes por huma, & outra parte, acho eu que nem hũs, nem outros a tem; & que hũs, & outros se enganaõ: os primeyros no que esperaõ, & os segundos no que desconfiaõ. Enganaõ-se os primeyros, porque olham só para si, & cuydaõ que cõ o pouco que tem podem tudo quanto desejaõ, & quanto nos fingem: enganão-se os segundos; porque nam olhão para quem nos assiste, & para a Ajuda, com que somos soccorridos: mas para que hũs, & outros se desenganem, saybaõ os primeyros, que ainda he pequeno o receyo dos segundos sem a Senhora da Ajuda: saybão os segundos, que com a sua Ajuda, & assistencia ainda esperão muyto pouco os primeyros: & para que os primeyros troquem as esperanças, & os segundos percão o receyo: em nome de nosso receyo eu mesmo proporey em particular as difficuldades, & para alento de nossa esperança mostrarey que assistindo-nos a Senhora com a sua Ajuda, não ha difficuldade que temer.

Tudo o que basta, & tudo o que precisamente he necessario para hum contrato, saõ tres cousas, cabedal, industria, & ventu-

ra. O cabedal sem industria he arvore sem fruto; a industria sem ventura he trabalho sem lucro; & a ventura sem industria, & cabedal não podemos dizer o que he, porque sem cabedal, & industria não ha ventura; mas digamos, que he desgraça: & sendo estas tres cousas necessarias, pois sem ellas não ha contrato, ellas saõ as de que mais necessita o nosso, porque todas nos faltão; & começando pela primeyra, que he a primeyra difficuldade: allega o nosso receyo, que ou a nossa ignorancia nos cega, ou a nossa desgraça nos arroja para não computarmos os gastos, que nos saõ necessarios para o edificio, que temos principiado a levãtar. Para levantar hum edificio ensina a prudencia, diz Christo por S. Lucas, que primeyro se ha de lançar a conta aos gastos da fabrica, do que se lance a primeira pedra do fundamento, para que não succeda que a obra, que começou a crescer para credito, fique imperfeyta para desdouro: *Incipiant illudere ei: quia hic homo cœpit ædificare, & non potuit consummare.*

Luc. 14

Se lançarmos bem estas contas, ellas mesmas seram a prova real de como as nossas vão erradas: & quanto cabedal será necessario para o nosso edificio? para hũ edificio digo, com o qual tratamos de reedificar as ruinas da India? Se medirmos o cabedal, que nos falta, pelas ruinas, que nos sobejão, ha de cahir o mayor orgulho; ha de desmayar o mayor alento; cuydamos que com tam pouco se ha de levantar o descaido: com tão pouco se ha de refazer o arruinado? Muytos annos ha que se intentou fazer o mesmo, que de hum anno a esta parte temos feito; & a falta de cabedaes desvaneceo toda esta pertenção; & naquelle tempo eraõ muyto mais os cabedaes, do que saõ neste. Depois se mandou saber os q̃ a India podia dar de si, para que juntos com os de Portugal se formasse esta Junta:

ta: porèm achárão-se tam poucos, que se julgou, que ainda todos juntos naõ bastavão para o que se pertendia; & agora diminuidos os antigos, excluidos os do Reyno, ficando só os da India, quantos saõ os que temos? Atrevome a dizer que saõ tão poucos, que na supposição que as outras nações nos dessem os portos francos, as Alfandegas livres, & as drogas de graça, não bastarião para o apresto dos barcos em que as haviamos de conduzir: esta verdade melhor conhecida no juizo dos que me ouvẽ, do que eu a sey ponderar, he a que póde allegar pela sua parte o nosso receyo.

Mas que importa que assim allegue, se já não ha que temer das suas allegações? O que se podia temer era a falta de cabedaes; porèm não ha que temer esta falta, porque os cabedaes soube buscar a nossa Junta em quẽ só lhos pòdia dar seguros. No mesmo dia, em que amanheceo a resoluçam de se formar, amanheceo tambem a resolução de buscar o patrocinio, & amparo da Senhora da Ajuda; & como a nossa Junta soube madrugar nos obsequios de Maria, tambem mereceo achar a Ajuda de cabedal na sua protecção. *Qui mane vigilant ad me, invenient me*: Todos aquelles, diz esta Senhora por Salamão, todos aquelles que me buscarem com cuydado, & diligencia, me haõ de achar: o que mais nos pòde consolar nestas palavras he a promessa tam liberal desta Senhora, que para se achar, naõ quer mais que ser buscada: não achamos muytas cousas por mais que as buscamos, porque depende mais que da nossa diligencia, & cuydado podermolas achar: não he assim Maria: em havendo da nossa parte a diligencia, seguro está da sua parte o ser achada: este foy o primeyro avanço que teve a nossa Junta nos seus interesses, buscar, & achar a Maria: *Invenient me.*

Prov. 8.

Mas de que sorte a achou? A mesma Senhora o diz nas

palavras que se seguẽ: *Mecum sunt divitiæ, & gloria, opes superbæ:* Comigo estão os cabedaes, a gloria, & riquezas abundantes, & peregrinas: achou-a com as riquezas, com a gloria, & com os cabedaes; com os cabedaes para o contrato, com a gloria para o bõ successo, com as riquezas para o augmento; com os cabedaes, para que se alente na mayor penuria; com a gloria, paraque se anime no mayor desalento; com as riquezas, para que se augmente na sua conservação, & para que saiba que as faltas, & a pobreza só se experimentão aonde faltão as assistencias de Maria; assim o diz o mesmo Salamaõ: *Ubi non est mulier, ingemiscit egens.* Sabem porque chora a pobreza, & porque sente as suas miserias? He porque falta hũa mulher: esta mulher, de quem falla aqui Salamão, he aquella mulher forte, de quem já tinha fallado, figura expressa da Mãy de Deos; pouco tem logo que temer o nosso receyo, se temos achado hũa mulher, que nos enxuga as lagrimas, que a nossa miseria nos faz verter, nem ha já razaõ que se allegue para não persistir no começado, & levar adiante hum contrato com tão boa ajuda de cabedal; porque aonde assiste Maria com sua Ajuda, naõ nos fica lugar de temer faltas. Naõ provo esta verdade com o banquete de Galilea, porque naõ he necessaria a semelhança de successos, quando a mesma Senhora expressamẽte nos assegura que todas as riquezas, com que se acha, saõ determinadamente para promover, & enriquecer o nosso cõmercio pela necessidade, & pela causa taõ justificada, com que se formou, & estabeleceo.

Eccles. 36.

Nem todos os contratos tem o mesmo fim, porque nem todos tẽ o mesmo motivo; hũs move a vaidade, outros a cobiça; outros a justiça, & necessidade: os que move a vaidade tẽ por fim a ostentaçaõ; os que move a cobiça tem por fim o lu-

lucro; porèm os que move a justiça, & a necessidade, como saõ justificados, & necessarios na causa, tem por fim o remedio, & conservaçaõ, & tal he o nosso. Estabelecemos esta Junta por hũa causa taõ justificada, & necessaria, qual he a nossa conservaçaõ, & defensa; & sendo a causa tam justa, a mesma justiça da causa nos dá o melhor direyto para esta Senhora nos ajudar cõ os seus cabedaes, & isto he o que nos promette. *In vijs* Prov.8. *justitiæ ambulo*: Eu ando nos caminhos da justiça, diz a Mãy de Deos: & porque razaõ, & para que fim faz a Mãy de Deos a sua assistencia nos caminhos da justiça? A razaõ he: para nos mostrar, & advertir, que só quem por vias muyto justas, & justificadas a buscar, se encontrará com ella: & o fim? O fim declaraõ as palavras que se seguem: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam*: O fim he para enriquecer, & encher os thesouros daquelles, que justamente invocaõ a sua Ajuda: como se dissera: Para nos animar, & tirar todo o receyo, a causa justa, & o motivo justificado, he o caminho por onde me haõ de buscar, os que quizerem achar no meu patrocinio a sua Ajuda, porque sendo a causa justa, naõ lhe poderàõ faltar os cabedaes; correrá por minha conta o seu negocio, & pela de minhas riquezas a felicidade de seu contrato: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam.*

Assim no-lo promette a Mãy de Deos, & com tal promessa pouco temos que recear o nosso pouco, porque esse pouco servirá de empenhar mais o poder de quem nos ajuda: bem sey q̃ a limitaçaõ do nosso cabedal he de tal sorte, que se o contarmos por milhoens, como era bem se contasse, naõ podemos reduzillo a numero, porque naõ chega a unidade; mas a mayor esperança que podemos ter de se empenhar com nosco o poder da Mãy de Deos, he naõ termos cabedaes,

que numerar, nem computar. Huma das cousas bem notaveis que disse David, foy aquella do Psalmo 70. *Quoniam non cognovi literaturam, introibo in potentias Domini.* O texto Hebreo, que he o original, em lugar de *literaturam*, tem *numerationem, & computum*: Porque naõ tive cabedaes para usar dos numeros, & computos da aritmetica, por isso fuy ajudado do poder de Deos. Antes de fazer o reparo, supponho como certo q̃ todo o poder de Deos está hoje depositado em Maria, como ella mesma affirma de si por Sam Lucas: *Fecit potentiam in brachio suo*, & he cõmum sentir dos Santos Padres. Agora pergunto: E que repugnãcia tem os numeros, ou que opposiçaõ os computos da aritmetica para naõ ser ajudado David do poder Divino, senaõ quando naõ tem que numerar, & computar? A repugnancia toda está da parte de Deos, & da parte de David: da parte de Deos, porque elle só era o que ajudava a David; & da parte de David, porque para os seus bens não queria outra ajuda mais que a de Deos; & quando Deos he o que ajuda, & o que he ajudado naõ quer mais que a Deos, o mayor cabedal que póde empregar para multiplicar a ganancia, he não ter cabedal que numerar, nem computar: sendo pois o poder da Senhora o mesmo que o poder de Deos, que nella está depositado por privilegio, & naõ querendo a nossa Jũta, nem buscando outra Ajuda mais que a de Maria, o pouco, ou nada, que tem que computar, & numerar, he o mayor cabedal que mete no seu contrato: cresceràõ os avanços á medida do poder que nos assiste, já que em tal poder puzemos toda a nossa confiança, para serẽ immensas as ganãcias, sẽdo o poder infinito: *Quoniam non cognovi numerationem, & computum, &c.*

Psalm. 70.

Desta verdade, que para mim he infallivel, venho a conhecer a causa, porque em

em tempos taõ alcançados, & com tão limitado cabedal, se veyo a formar a nossa Junta. Cuidará alguem que não se fazer esta Junta em tempos mais prosperos, quãdo se podiaõ unir muitos cabedaes: cuydará que excluirem-se os do Reyno, que podião com os nossos fazer mayor numero, foy impossibilitarmos o fim que desejamos, & naõ foy senaõ facilitarnos o bom successo. Demos graças a Deos, & a sua Mãy Santissima depositadora de seus poderes, como lhe chamou Sam Bernardo; demoslhe graças de querer, & dispor cõ sua altissima providencia, & disposiçaõ, que nos achassemos com taõ pouco, que esse pouco, quando nos ajuda poder taõ superior, he o mais certo sinal de nossa restauraçam: diminuirse o muyto que tinhamos, & tratarmos de nossa restauraçaõ com o pouco que temos, he o que mais nos póde segurar para levarmos ao fim taõ grande empreza.

Quando Gedeaõ quiz restaurar as terras de Israel taladas, & destruidas pelos Madianitas ajuntou trinta & dous mil homẽs, & reconhecendo Gedeaõ que o numero da sua gente era desigual, porque os inimigos eraõ tantos como as areas: *Sicut arena, quæ jacet in littore maris*; o que Deos lhe disse foy, que era muyto o seu poder, & que com tãto numero naõ poderia vẽcer os inimigos, nem restaurar o perdido: *Multus tecum est populus; non tradetur Madian in manu tuâ.* Jud. 7. Com este aviso manda Gedeaõ lançar bando, que quẽ se naõ achasse com animo de pelejar sahisse logo do exercito. Foraõ os fracos, & desanimados, que sahiram do arrayal, vinte & dous mil, & só dez mil ficáram cõ Gedeaõ; mas ainda Deos achou que dez mil eram muytos: *Adhuc populus est multus*; em fim por direcçaõ, & disposiçam Divina assim se foraõ diminuindo, que naõ ficáram mais que trezentos, & com sós trezentos restaurou Gedeaõ as

as pedras de Iſrael : pois (valhameDeos!)ſaõ muitos trinta & dous mil,ſaõ muytos dez mil,& naõ ſaõ poucos trezentos ? Com dez mil, & com trinta & dous mil naõ pòde vencer Gedeaõ, & pòde vencer com os trezentos ? Sim : & a razam he; porque o que Gedeaõ tratava era a reſtauraçam de Iſrael, & iſto naõ por forças proprias, mas ajudado por Deos: *Per manum meam liberabis Iſrael*; & quando o poder de Deos he o que ajuda, os muytos ſaõ embaraço, os poucos ſaõ vitoria; os muytos naõ podem vencer, os poucos podem triunfar; & a razaõ deſta razaõ he;porque ſendo muytos,poderſehia cuidàr que era poder da terra, o que ſó era favor do Ceo; ſendo poucos, naõ havia a quē attribuir a vitoria, ſenaò ao amparo de Deos; & por iſſo o grande cabedal de gente naõ pode levar ao cabo a reſtauraçaõ de Iſrael; mas pode reſtaurar a Iſrael o numero limitado de trezentos.

Naõ era o poder Divino mayor entaõ do que he hoje, antes hoje, depois que o poz Deos nas mãos de Maria, ſe moſtra nos effeytos mais grãdioſo;& quem duvida que foy traça ſua o que pareceo receyo? Contáraõ-ſe antigamente os cabedaes, & aquelles que os cõtáraõ, acháraõ que eraõ deſiguaes para a empreza de reſtaurar a India, mas naõ eraõ deſiguaes por poucos, ſenam por muytos,& por muytos naõ baſtavaõ: *Multus eſt*; pois diminuaſe o cabedal, para que nos naõ embarace o bom ſucceſſo. Ficáram ainda os do Reyno para ſe unirem em ordem ao meſmo fim; mas ainda era muito: *Adhuc multus eſt*; impedianos o fim: excluiraõ-ſe os do Reyno finalmente: ficáraõ ſó os da India taõ firmes, & conſtantes, como poucos, para cõ eſtes poucos ſegurarmos melhor o bom ſucceſſo. Havia-ſe de formar a noſſa Junta ſem outra confiança mais que na Ajuda da Mãy de Deos: ſe tiveſſem muyto que numerar,

merar, & computar, cuydaria alguem que era valor da terra, o que só era valia do Ceo: se tivessem pouco, ninguem poderia duvidar, que o poder desta Senhora nos ajuda: pois para que ninguem cuyde q̃ de outra parte nos vem as nossas melhoras; para q̃ todos saybaõ q̃ a sua Ajuda he o nosso lucro, va-se pouco a pouco diminuindo o cabedal, apartemse os covardes, excluaõ-se receosos, fiquemos sós com a nossa limitaçam, para lograrmos nella a mayor ganancia, porque com Ajuda tam superior, & Divina o muyto corre risco de se perder, o pouco vay seguro para se multiplicar.

E se me perguntarem que proporçaõ tẽ este pouco com o muyto que prometto, eu naõ sey dizer a proporçaõ que tem; só sey dizer que estes costumam ser os avanços do cabedal, que a Senhora da Ajuda menea para nossa ganancia. Lá considerou Salamaõ a esta Senhora debayxo de metafora de Náo, a qual trouxe por cõmercio o paõ de longe: *Facta est quasi navis institoris de longè portans panem suum.* Assim como esta Náo he figura de Maria Santissima, assim o paõ vindo de longe he figura do Sacramento vindo do Ceo. Este foy o contrato, q̃ esta Náo, que com toda a propriedade podemos chamar nossa Senhora da Ajuda, trouxe para nosso remedio. O que eu reparo, & he digno de advertencia, he o modo com que veyo nella, & o modo com que veyo para nòs: quero dizer, o modo com que Christo esteve no ventre de Maria, & o modo com que se nos dá no Sacramento: Christo no ventre de Maria, quanto ao vir foy hũa só vez; quanto ao tempo foram nove mezes; quanto á presença foy em poucos lugares da Palestina; quanto ao corpo foy em estatura de menino; quanto a conjũçaõ estava o Filho na Mãy, mas desunido; quanto ao estado era de mortal, & passivel; quanto

Prov. 30.

to a nutriçaõ elle era o que recebia à vida pelos alimẽtos naturaes. E Christo no Sacramento? quanto ao vir he todos os dias a nossas almas; quanto ao tempo da assistencia já passa de mil & seiscentos annos, & durará atè se acabar o mundo; quanto á presença he em todas as partes da terra, em que se consagra; quanto á estatura he de varaõ perfeyto, q̃ já naõ pòde crescer, nem augmentarse; quãto á conjũçaõ he por verdadeyra uniaõ com que elle está em nòs, & nòs nelle; quanto ao estado he de immortal, & glorioso; quanto à nutriçaõ elle he o que nos alimenta a vida da graça com o manjar sobrenatural, & Divino.

Naõ busquemos neste passo a proporçaõ entre a ganancia com que se nos dá, & o cabedal que se meteo naquella Náo; a proporçaõ digo de vir hũa vez cõ muytas vezes, de nove mezes com muytos seculos, de hũa presença com innumeraveis assistẽcias, de hũa estatura pequena, & limitada, com huma grande, & perfeyta; de hũa contiguidade com hũa uniaõ, de hũa vida mortal por alimentos naturaes, com a vida da graça por alimento sobrenatural, & Divino: naõ busquemos, torno a dizer, a proporçaõ, porque a naõ ha entre tãta disparidade: mas saybamos que esta he a disparidade com que crescem os cabedaes, que se meneaõ pela Senhora da Ajuda. Todo este contrato era para nòs, pois para nòs veyo este paõ do Ceo: *Panem Angelorum manducavit homo*; mas para que o procedido fosse mayor nos effeytos, do q̃ era o proprio, a Senhora o fez multiplicar cõ tãta ganancia, como temos visto: hũa vez que Maria entrou com a sua Ajuda, nam podiaõ ser menores os nossos avanços; porq̃ sempre, que a Náo ajuda a levar os nossos empregos, experimẽtaremos semelhante maravilha. Finjamos a mayor penuria, & esperemos a mayor abundancia: se o nosso ca-

cabedal he pouco, ella fará que ſeja muyto: ſe he pequeno, que ſeja grande: ſe abrange a poucos, que enriqueça a muytos: ſe he de hũa ſó terra, q̃ ſe eſtenda a todas: ſe he diminuido nas contas, que ſe multiplique nas ſomas; & finalmente q̃ ſe agora eſtamos perdidos, nos vejamos cedo reſtaurados com eſte commercio todo ſeu, aſſim como ficou reſtaurado o mundo pelo commercio que ſe formou com ſua Ajuda: *Beatus Venter. O admirabile commercium! Maria eſt adjutorium Altiſſimi.*

Baſtava o que tenho dito para me deſempenhar do que prometti, ſe naõ viſſe que o noſſo receyo ainda inſta com a noſſa pouca induſtria. Naõ ſe accommoda bem o orgulho Portuguez com a freima de mercantes, porque naõ naſcèraõ os Portuguezes com eſſa inclinaçaõ: naſcèraõ os Portuguezes mais para a lança, que para a vara; mais para a ſella, que para o banco; mais para a campanha, que para o cambio; mais para os exercitos de Marte, que para os exercicios de Mercurio: o fiel que conhecem he o da eſpada; o pezo que trazem he o das armas; o emprego que metem he o dos tiros; & os avanços q̃ fazem he nas enveſtidas. Deſta ſorte naſceo o noſſo Reyno nos Campos de Ourique; deſta ſorte creſceo nas campinas de Africa; deſta ſorte chegou à ſua mayor grandeza nas dilatadas regiões da India, cantando vitorias nas batalhas, nos encontros, & nos aſſaltos com que vẽceo inimigos, deſtroçou exercitos, & eſcalou fortalezas: & como a inclinaçam com que ſe naſce, ſeja a natureza com que ſe vive; quererlhe agora mudar a inclinaçaõ, ſerá violentarlhe a natureza: pois ſe a noſſa natureza he taõ alhea dos cõtratos, como teremos induſtria para os menear? para eſperar que ſuba a eſtimaçaõ das couſas & levantarlhe o preço; que abatam as fazendas, & conduzillas

mais

mais baratas; para ſaber nã dilaçam do lucro adiantar os avanços; ganhar em hũa droga, o que ſe perdeo em outra; para medir a mercadoria pela falta, a ganancia pelo riſco, as correſpõdencias pelos effeytos, & os intereſſes pelos diſpendios; & ainda o que ſe vende, pelo goſto de quem o compra?

Alèm diſto o intento cõ que Deos eſtabeleceo em nòs o ſeu Imperio encontra em tudo ao noſſo deſignio: Deos eſtabeleceo em nòs o ſeu Imperio, quando nos achou cõ as armas nas mãos; aſſim o intimou ao noſſo invictiſſimo Rey Dõ Affonſo Henriques naquella noite, em que Portugal ſe deytou Condado, & ſe levãtou Reyno: & neſta fórma começáraõ noſſos mayores, & acabáraõ glorioſamente as ſuas conquiſtas; & naõ falta quem diga, que por ſe perder eſta fórma, nos perdemos; pois começáraõ as noſſas ruinas, porque os noſſos Capitães começáraõ a ter mais conta dos fardos, que dos cartuxos; mais conta dos carretos, que das peças; mais cõta das cargas, que das balas; & mais do livro da razaõ, que da razaõ do ſeu officio. Sendo iſto aſſim, melhor fora que eſſe pouco q̃ ajuntamos para o lançar no mar à corteſia dos perigos, o repartiſſemos em conduzir ſoldados, & animados cõ o exẽplo da reſtauraçaõ do Braſil procurar a noſſa pelas armas, já q̃ para o mais naõ temos induſtria.

Se contra receyo tam brioſo naõ tivera a proteçaõ da Senhora da Ajuda, com as meſmas razões, de que ſe arma, o houvera de render; porque naõ he a droga de menor valia em hum contrato entrar nelle gente de valor: *Manus fortium divitias parat*, diz o Eſpirito Santo: A maõ que ſabe empregar os golpes com valor, tambem ſabe menear os empregos com deſtreza: & ſe por contratarem ſe perdèram, & nos perdèraõ os Capitaens, he porque eſtes primeyro ſe

Prov. 10.

eſ-

esqueceram do valor; & a fraqueza naõ póde ter outro lucro senaõ perdas, diz o mesmo Espirito Santo: *Egestatem operata est manus remissa.* Quanto á vontade de Deos ainda que fosse aquella quando nos instituío, bem pòde agora ser outra sem se mudar; porque naõ he novo em Deos dos mesmos motivos tirar contrarias resoluções.

O unico motivo q̃ Deos teve para castigar o mundo com hũ diluvio universal, foy ver o coraçaõ humano inclinado, & propenso para o mal: *Quod cuncta cogitatio cordis humani intenta esset ad malum, delebo, inquit, hominem.* E porque o coraçaõ humano era inclinado, & propenso para o mal, foy o unico motivo q̃ Deos teve para nam castigar mais o mundo com diluvio: *Nequaquam maledicam terræ propter hominem, sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona est.* Hey de destruir o mundo, diz Deos; & porque? Porque o coraçaõ humano he inclinado para o mal. Naõ hey de destruir o mundo, torna a dizer Deos; & porque? Porque o coraçaõ humano he inclinado para o mal. O motivo sempre foy o mesmo, as resoluções foraõ diversas: destruir porque ha maldades; & porque ha maldades naõ destruir. E quem poderá affirmar que o mesmo Deos, que antigamente nos escolheo para gloria do seu nome alcançada pelas armas, naõ queyra agora o mesmo fim conseguido pelo commercio, ou por tudo junto: pelo commercio, & pelas armas? Digo por tudo junto, fundado naquella visaõ, que teve o Veneravel Irmaõ Pedro de Bastos, na qual lhe mostrou Deos aos Olandezes juntos com os Portuguezes debayxo do escudo de Portugal. A visaõ naõ se ha de explicar pela apparencia material do que se representa, senaõ pela intelligencia do que significa, & a verdadeyra intelligencia desta visaõ he, que entaõ se tornaráõ a levantar

Genes.6

Genes.8

tar as Quinas Portuguezas, quando ao manejo das armas ajuntarmos o manejo da mercancia, unindose o exercicio de Portugal com o exercicio de Olanda. O exercicio de Olanda he o commercio, o exercicio de Portugal he o valor, & junto o valor com o commercio triunfaráõ as armas Portuguezas; & porq̃ desta sorte contratando, & pelejando se fizeraõ os Belgas senhores do nosso, quer o mesmo Deos mostrarnos, que contratando, & pelejando tornemos a restaurar o que nos usurpáraõ, & se vejaõ as nossas bandeyras tremolar sobre suas fortalezas, abrindo as armas o caminho para o commercio, & facilitando o commercio as expensas para as armas.

Mas porque eu me nam quero valer de outras armas contra o nosso receyo, mais que da Ajuda da Mãy de Deos; seja embora tam pouca, como elle diz, a nossa industria, que tendo da nossa parte a esta Senhora, sem nenhuma industria havemos de ficar com a ganancia dos mais industriosos. A mayor ganancia que se lucrou neste mundo por fruto de hũa industria, foy a bençaõ de Isaac no morgado q̃ dotou a Jacob, pois lhe naõ deu menos que a successaõ do Redemptor do mundo, a qual perdeo Esaù, filho mais velho, senaõ na idade, no nascimento. E porque disse que esta bençaõ fora fruto de huma industria, qual seria a industria de Jacob, & qual a de Esaù? A de Jacob, nenhuma; a de Esaù, muyta: Jacob era hum mancebo taõ pouco industrioso como simplez: *Vir simplex*: taõ pouco cuidadoso do seu negocio, que naõ deu hum passo fóra do tabernaculo, que era a tenda de guerra daquelles tempos: *Habitabit in tabernaculis*: taõ descuydado da fazenda, que nam sabia agradar ao pay, para que ao menos lhe deixasse a sua terça, pois o morgado por ley da natureza estava vinculado ao primogenito.

Genes. 25.

E

E Esaù? Esaù era hum homem sagaz, & tracista: *Vir gnarus*: hum homem que na agricultura sabia fazer os lanços de mercador, arriscando pouco em semente para recolher muyto em frutos: *Vir agricola*; & taõ attento ao seu negocio, que atè da caça, em que era destro, o sabia fazer em grangear a võtade do pay: *Isaac amabat Esaù, eò quòd de venationibus vesceretur*.

Pois se a bençaõ do morgado havia de ser fruto da industria, como mostrou o effeyto; da industria digo de quem soubesse melhor agencear o gosto do pay cõ o emprego da caça, porque ha de levar a bençaõ Jacob descuydado, & ha de perder a bẽçaõ Esaù industrioso? Jacob nascido para o tabernaculo, & Esaù nascido para o manejo? Porque ainda que Esaù tinha de sua parte a industria, Jacob tinha de sua parte a Rebeca, & Rebeca, como todos sabemos, he figura da Mãy de Deos. E Jacob tem da sua parte a Mãy de Deos em figura? pois ainda que seja tam pouco industrioso, nascido mais para o tabernaculo, & tenda de guerra, que para o telonio, & tenda de mercancia, tendo de sua parte a Rebeca, ha de ganhar, aonde ha de perder Esaù com todas as suas traças, diligencias, cuydados, & natural industria. Nam nos dè cuydado que haja Esaù com industria, se temos da nossa parte a Rebeca: sejaõ elles muyto embora nascidos para o manejo, & nòs para os tabernaculos, & tendas de guerra; que todas as suas diligencias haõ de perder, aonde ha de ganhar o nosso descuydo: elles ficaráõ sem os avanços, a que os inclinou a sua natureza; & nòs contra a inclinação da mesma natureza com tanta ganancia, que será huma bençam de Deos, pois temos da nossa parte a Mãy do verdadeiro Jacob: trabuquem elles o mundo, inquietem as terras, corram, & discorram por diversas partes; que nòs muyto descançados ha-

havemos de ficar como lucro: naõ nos saõ necessarios esses cuydados, porque esses tocaõ á nossa Rebeca, & correm por sua conta.

E para que não fique por satisfazer aquelle escrupulo da vontade de Deos, vejamos o que succedeo nesse mesmo passo a Jacob. Admirado Isaac, que cuydava ter diante de si a Esaù, de negociar tão depressa o que lhe encomendára, pergũtou ao filho como pudera vir taõ cedo: *Quomodo tam citò invenire potuisti?* E que responderia o filho? *Voluntas Dei fuit.* Isto foy vontade de Deos: & como, se tudo foy vontade de Rebeca, se tudo foy industria, & cuydado seu? se tirar do rebanho o que Esaù havia de trazer do mato, foy traça de Rebeca; como diz Jacob, que foy vontade de Deos? Por isso mesmo; porque tudo foy industria, & cuydado de Rebeca, por isso Jacob diz que foy vontade de Deos; porque quẽ tem da sua parte a Maria com a sua Ajuda, & com o seu cuydado, tambem tem da sua parte a vontade de Deos com a sua disposiçaõ, & com o seu beneplacito: para vermos que nunca falta Deos cõ a sua vontade, adonde assiste Maria com a sua Ajuda: & sendo a Ajuda da Senhora a melhor parte do nosso commercio, será a vontade de Deos a melhor disposiçaõ do nosso contrato, porque nos nam pòde faltar esta vontade assistindo-nos aquella Ajuda. Seguia-se agora a ultima difficuldade, porèm porque a paciencia dos meus ouvintes naõ está para tanto, deixo esta materia para a tarde, & como á tarde se ha de acabar o Sermaõ, á tarde pedirey as Ave Marias.

Genes. 27.

TER-

TERCEYRA PARTE, & SEGUNDO SERMAM

Prègado no meſmo dia de tarde.

EM temia eu, como diſſe eſta manhã, que tratando da grande conveniencia q̃ o noſſo commercio tem na Senhora da Ajuda, nos nam havia de baſtar hum ſó diſcurſo, para o que ſe pòde dizer deſta Senhora; mas nem por iſſo ficaõ menos avantejadas as ſuas excellẽcias, por termos neceſſidade de outro, quando infinitos não baſtão. Quizeram algũs que a retorica tiveſſe os privilegios da pintura, para no meſmo tempo, & na meſma lamina ſe moſtrarẽ, & ſe perceberem muytas couſas juntas: mas ainda q̃ aſſim foiſe, & tiveſſe a retorica poder para nas ſuas figuras uſar do pincel, quando trataſſe, ou retrataſſe os elogios da Mãy de Deos, ſeriaõ curtas todas as ſuas linhas, eſcuros todos os ſeus claros, ſem realce todas as ſuas ſombras, mortas todas as ſuas cores, deſigual toda a ſua ſemetrîa, ſe em hũa ſó lamina quizeſſe comprehender tantas excellencias, declarar tantas maravilhas, realçar tantos prodigios, avivar tantas perfeyçoens, & igualar tanta grandeza.

Melhor artifice he Deos, & com tudo multiplicou os quadros, quando nos quiz pintar a eſta Senhora. Em hum pintou hũa eſtrella ſobre o mar, a cuja viſta perdiaõ os ventos a furia, quebravaõ as tempeſtades a força; nem as ondas ſe encapelavaõ, nem ſe encruzavaõ as aguas, tudo eſtava pacifico, & ſoſſegado; tudo manſo, & quieto promettendo feliz viagem a

quem a tomaſſe por guia de ſua navegaçaõ. Em outro hũa torre de admiravel architectura aſſim na fabrica, como na fortaleza; porque era alta, & viſtoſa, igual, & bem lavrada, compaſſada nas batarias, cuberta nas retiradas, capaz na praça, & regular em tudo, de cujas ameyas ſe viaõ pendurados milhares de eſcudos, q̃ eraõ as armas dos generoſos: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* Em outro hũa Náo rica na carga, feliz na viagem, reſpeitada dos mares, favorecida dos ventos, que com todo o pano largo vinha fazendo ſua derrota. Em outro huma arca cerrada, & dourada, a quem ſeguia em proporcionada diſtancia hũ exercito formado em batalha, não tanto para riſco de contender pela vitoria, quanto para recolher os deſpojos dos vẽcidos, porque ſó com a viſta da Arca ſe arruinavaõ os muros de hũa rica, & fermoſa Cidade por triunfo do ſeu poder, & trofeo de ſuas maravilhas. Em outro (deixando por brevidade os demais) hũa prodigioſa mulher coroada de eſtrellas, veſtida de Sol, & calçada de Lua; & para intelligencia de todas eſtas figuras, que parecem enigmaticas, poz ſua letra que as explicaſſe. A primeyra dizia: *Stella maris*, Eſtrella do mar: a ſegunda: *Turris David*, Torre de David: a terceyra: *Navis inſtitoris*, Náo do commercio: a quarta: *Arca Fœderis*; Arca do Teſtamento: a quinta: *Signum magnum*; Sinal, ou ſigno prodigioſo.

Pareceme que ſem me explicar me tenho já declarado: a ultima difficuldade, que contra ſi tem o noſſo commercio, he faltarnos a ventura: mas quem poderá dizer, que nos falta tendo em noſſa ajuda o amparo, & patrocinio da Mãy de Deos? Que mayor felicidade, que termos hũa Eſtrella para guia, hũa Torre para defenſa, huma Náo para ſegurança, hũa Arca, que nos facilite as vitorias, & hum Signo taõ benevolo de-

debaixo de cujas influẽcias nasceo o nosso commercio para esperarmos todo o bõ successo. Eu naõ quero provar a nossa pouca fortuna em taõ successivas calamidades; porque seria renovar o nosso sentimento nas perdas passadas; mas comprovadas todas á custa da nossa dor na experiencia de tantos annos, se estas foraõ muytas, & muytas mais se poderiaõ recear, já nos naõ fica que temer, & só temos que esperar mayores felicidades, do que foraõ as desgraças que atè agora nos affligiaõ.

O mais seguro penhor de hũa felicidade futura he o bom annuncio com que se nasce, & o bõ annuncio cõ que se nasce não he outro mais que o influxo dos planetas, que predominam ao nascimento; & tendo o nosso commercio tantos annuncios de felicidade em seu nascimento, bem podemos dar por seguro o bom successo. O dia do nascimẽto do nosso commercio foy o dia do seu principio, & este mesmo foy o dia em que o consagramos debayxo do patrocinio da Senhora da Ajuda; & combinando este nascimento com o Euangelho presente, em que solemnizamos o parto de Maria: *Beatus venter, qui te portavit*; diante daquelle sagrado trono, em que Deos nos assiste encuberto a nossos olhos, & descuberto á nossa Fé, acho que o soberano Planeta, que aqui predominou, & influío, foy a Māy de Deos representada naquelle prodigioso signo, que vio S. Joaõ no seu Apocalypse; & por isso digo que nasce com tantos annuncios de felicidade, que por mais q̃ as desgraças o queyraõ perseguir, ha de prevalecer o seu signo sempre benevolo em seus influxos: & para que huma, & outra cousa fique patente a nossos olhos, vamos lhe fazendo o calculo, para que vejamos a verdade do horoscopo na mesma figura, que vio Sam Joaõ.

A figura deste signo diz o Euangelista, que era hũa

mulher com todo o ornato de luzes, com que ſe coſtuma deſcrever; porque na cabeça tinha a luz das eſtrellas: *In capite corona ſtellarum*: no veſtido as luzes do Sol: *Amicta Sole*: debaixo dos pès tinha as luzes da Lua: *Luna ſub pedibus ejus*. Diz mais, que eſta mulher eſtava apertada de dores de parto: *In utero habens clamabat parturiens*; & que hum Dragaõ terrivel, & eſpantoſo ſe puzera diante para tragar o filho que naſceſſe: *Draco ſtetit ante mulierem, ut, cùm peperiſſet, filium ejus devoraret*: porèm o filho livrou com melhor ſorte, & foy apreſentado diante de Deos, & de ſeu trono: *Raptus eſt filius ejus ad Deum, & ad thronũ ejus*. Eſte he todo o aſpecto do planeta, que vio Sam Joaõ: eſta toda a variedade da deſgraça ameaçada pelo Dragaõ, & da fortuna conſeguida pelo ſugeito que naſceo: naſceo entre luzes, humas benevolas, outras cõſtantes, & outras mudaveis: as benevolas coroavam o ſeu ſigno, as conſtantes o veſtiaõ, & as mudaveis lhe ficavaõ debaixo dos pès. O Dragão ameaçavalhe ruinas; mas os clamores do planeta lhe serviraõ de ajuda para eſcapar do perigo, & ſer apreſentado diante de Deos, & de ſeu trono: iſto he tudo o que vio Sam Joaõ naquelle ſigno; porque tudo iſto he o que ſuccede a quem naſce debayxo do patrocinio da Mãy de Deos.

Apoc. 12.

E ſe a Mãy de Deos aſſim livra dos perigos a quẽ naſce debaixo de ſeu patrocinio; que perigos podemos temer, que deſgraças podemos recear ao noſſo commercio, ſe a Mãy de Deos he o Planeta do ſeu naſcimento? As eſtrellas de que ſe coroa, luzes benignas, & favoraveis, ſaõ o annuncio da boa dita, que eſperamos: as luzes do Sol de que ſe veſte ſempre conſtantes, & permanentes, ſaõ o annuncio da continuação, com que haõ de luzir os noſſos empregos: as luzes da Lua que piza, ſaõ o annuncio da

in-

nconſtancia de noſſa fortuna já vencida, & rendida a ſeus pés, para que a ſua roda naõ corra mais em noſſo dano. Pouco importa que o Dragaõ ſymbolo da infelicidade, que tudo conſome, & tudo devora, tudo deſtroe, & tudo arruina como Dragaõ inſaciavel, que ſe alimenta de perdas, ſe ponha diante, & ſe oponha, ſe aquellas ancias, & clamores: *Clamabat parturiens*, ſaõ o cuydado, & deſvelo: ſaõ o ſoccorro, & ajuda, que tem na Mãy de Deos o noſſo commercio, para que livre de toda a infelicidade, ſe veja como ſe vè diante daquelle ſagrado trono offerecido aos Divinos obſequios, para que a felicidade com que naſce, ſeja principio das muytas q̃ podemos eſperar.

Mas porque não baſta eſta prova em gèral para ſegurar a noſſa deſconfiança, que he tanto mayor, quanto tem ſido mais continuada a experiencia de noſſos danos, he bem que deſçamos ao particular, & vejamos os perigos, que pòde correr hum commercio. A couſa mais util para a vida humana, outros diraõ outra, eu digo que he o commercio; porque a vida humana, ou tomada pelo que he no homem, ou tomada pelo que nelle quer, tem no commercio o que he, & tem no commercio o que quer. A vida humana no homem he hũa ſociedade com a meſma eſpecie humana, como a definem os Filoſofos: *Homo eſt animal ſociabile*: O homem he hum animal ſociavel: & a meſma vida no homem o que quer ſaõ os bens para paſſar os annos que dura. A ſociedade pois, que o homem nam pòde ter pela diſtancia das terras, & abundancia que lhe falta; porque nem todas as terras ſaõ capazes de ſuſtentar os que nellas naſcem, facilita, & conduz o commercio: elle faz que o natural da Europa naõ ſeja eſtranho na Aſia, porque a communicação o naturaliza: o naſcido na Africa ſeja compatriota da America;

porque a habitaçam o faz patricio: elle faz que a amizade se conserve nas distãcias, a correspondencia nos longes: depois que se inventou, não se estranhão as nações por diversas, nem se admirão os estranhos por nunca vistos: finalmẽte com elle ficou o homem conseguindo o fim de sua natureza, & definição, que he a sociedade, & tambem o fim do seu desejo; porque com o commercio commutando as fazendas, que saõ de pouco preço, & estimaçaõ na mesma terra, com as peregrinas, que por desusadas sobem na estimação, & no valor, não bastando as naturaes para sustentar a vida, por serem de pouca estima, saõ as peregrinas de tanta, que se lucra muyto em pouco, & todos vivẽ abastados, ricos, & abundantes.

Porèm como neste mundo não ha bem taõ puro, & sem mistura, que se veja izẽto de todo o mal, nem utilidade tam proveytosa, que não padeça seus descontos; que esta he apensaõ dos bẽs da terra; sendo o commercio a cousa mais util para a conservaçaõ, & opulencia da vida, tambem he a mais arriscada; porque naõ he hũ só o risco que corre, senão muytos, & entre todos, deixando outros, os principaes saõ tres; o primeyro he o risco do mar nas tempestades, & tormentas; o segundo dos inimigos, que ou o roubão, ou impedem; o terceyro dos que o meneaõ, que o podem defraudar, & por serem inimigos de casa saõ muyto mayores inimigos.

Começando pelo primeiro perigo, que saõ os insultos do mar, tanto mais para temer, quanto mais livre; porque o mar nem se governa por razaõ, nem se modera por rogos: o remedio que se busca em suas iras he igual ao risco de sua braveza; porque naõ ha outro remedio senaõ correr á discriçaõ das aguas, mas como a discrição das aguas seja furia, naufragar na furia, não he escapar da bra-

braveza: & quando o remedio que se busca, leva ao naufragio, que se teme, tãto he para temer o seu remedio, como o seu perigo. O Espirito Santo naõ fiando a expressaõ destes perigos de todos, diz que só os navegantes os podem relatar, & os que não navegão ouvir: *Qui navigant mare, enarrent pericula ejus; & audientes auribus nostris admirabimur.* Quem navega, relata para assombro, & para horror o que vio; & quẽ não navega, ouça com passmo, & com admiraçaõ o que se relata; & que ha de ouvir? Ouvirá com verdade, mais diminuta, que encarecida, hũa semelhança muyto propria, & muyto natural do dia do Juizo; que he a cousa mais tremenda que se póde relatar: ouvirá fuzilar os rayos, retumbar os trovões, condensar as nuvẽs, carregar os orizontes, perturbar os ares, empolar as ondas, bramir os vẽtos, desmayar os homẽs, amortecer o Sol, escurecer a Lua, & morrerem as estrellas.

Prov. 43.

Todos os que me ouvem sabem o que digo mais pela sua experiencia, que pela minha expressaõ; & á vista della todos julgão que he temeridade buscar ganancias tão cõtingentes em perigos taõ certos; mas como a temeridade seria se nos faltasse a segurança, como temos a segurança, não ha que recear os perigos: destes nos assegura a Senhora não com outro titulo, nem com outra invocaçaõ, senaõ com a invocação, & cõ o titulo da Senhora da Ajuda: ella he a que ha de compor as furias do mar, para que não temamos as suas inconstancias; & com tal seguro tão certos temos os lucros da terra, como temos certas as ganancias do mar: esta foy huma das leys, com que Deos logo no principio sugeitou este elemento indomito ao imperio de sua Mãy Santissima.

Nos Proverbios de Salamaõ fallando esta Senhora de si mesma diz assim: *Quando circundabat mari ter-*

Prov. 8.

terminum suum, & legem ponebat aquis ne transirent fines suos, cum eo eram cuncta componens. Quando Deos formava o elemẽto do mar, & lhe punha as leys, para que não alagasse a terra, eu era a que ajudava ao mesmo Deos, & compunha as furias deste monstro indomito. Duas cousas temos q̃ advertir neste passo; a primeyra he, que ajude a Mãy de Deos ao mesmo Deos quando fabrica os mares; a segunda he, que Deos seja o que lhes ponha as leys, & a Senhora a que os componha: & para que he esta Ajuda, & mais esta composição? He para outras duas cousas: a primeyra, para que a Senhora havendo de dominar o mar fosse com o titulo da Senhora da Ajuda: a segunda, para que assim como Deos com as suas leys segurava a terra, & os seus frutos da furia do mar, assim a Senhora com o seu dominio segurasse os navegantes, & os seus contratos das tempestades, & tormentas.

As leys, que Deos punha aos mares, erão para q̃ não passassem os limites contra a terra: *Ne transirent, &c.* mas na vasta campanha de suas ondas ainda lhes deyxava lugar para darem batalha aos pobres navegantes: os limites seguravaõ a terra, mas não seguravam os navegantes; & para que a terra, & os navegantes não corressem perigo, tenha o mar limites postos por Deos, para que a sua corrente não alague a terra: tenhaõ as suas furias composição posta pela Senhora da Ajuda, para que na sua braveza naõ naufraguẽ os navegantes: se faltassem os limites ao mar, as suas inundaçoens afogarião os frutos da terra; se faltasse a composição a suas furias, naufragaria em suas ondas o fruto do commercio: pois seja a Senhora da Ajuda, a que compoem os mares, para que fiquem seguros os frutos do commercio, assim como estaõ seguros os frutos da terra pelos limites de Deos. E se Deos tomou

mou á ſua conta ſegurar a terra das inundaçoens do mar, deyxando á conta da Senhora da Ajuda a ſegurança dos que navegaõ, foy para nos moſtrar que não he menos poderoſa nos effeytos a Ajuda de ſua Mãy para ſegurar a noſſa ganancia entre as inconſtancias do mar, do que ſaõ poderoſas as ſuas leys para nos ſegurar os bens na conſiſtencia da terra: eſtando pois da noſſa parte Ajuda taõ poderoſa, ſeguros podemos buſcar os lucros do cõmercio entre as contingencias do mar, porque quem lhe ſoube compor a furia, & moderar a braveza, quer q̃ ſejamos venturoſos no mayor riſco, & ſeguros no mayor perigo.

E para apertar mais eſte ponto, & não ficar lugar a noſſo receyo, que ſe pudera dar por ſatisfeito ſó com o titulo de ter por ſi a Senhora da Ajuda, pois com eſte titulo começou a dominar, & ſoſſegar os mares; eu me naõ contento ſó com eſte titulo, & para que a noſſa deſconfiança ſe anime, a noſſa felicidade ſe alegre, & a noſſa deſgraça ſe converta em fortuna, atè o meſmo lugar em que veneramos a Mãy de Deos, nos promette todo o bom ſucceſſo. Bem pudera a Mãy de Deos com o meſmo poder, & com o meſmo titulo ſer invocada em outro lugar, em outro ſitio; mas ſer invocada neſte lugar, & neſte ſitio; aſſiſtir quando nos ajuda ſobre as margens do noſſo rio com os olhos nos noſſos barcos, que entregamos ao mar quaſi ſempre taõ mal aparelhados, que mais parece que vaõ buſcar o fundo, que o porto, nam carece de myſterio: & ſe me perguntarem qual he o myſterio, reſpondo, que eſtar a Mãy de Deos ſobre o rio com os olhos nos noſſos barcos que navegaõ, he para naõ termos que temer nem do mar, nem dos meſmos barcos: o que podemos temer do mar he a ſua força; o que podemos temer dos barcos he a ſua fraqueza; mas para que nem a for-

ça do mar nos atemorize, nem a fraqueza dos barcos nos acovarde para naõ ir adiante, he tão proprio para nossa segurança o sitio em que nos assiste a Mãy de Deos, he taõ favoravel a sua vista, que basta que desta Ribeyra estenda os olhos, para vermos bem logrados todos os nossos empregos.

A barquinha de menos força, que se lançou ás ondas, & q̃ podia correr mais risco na viagem, foy aquella em que navegava Moysés. Por obedecer ás tyrannias de Faraò lançáraõ os pays a Moysés no rio Nilo metido em hũa cestinha de juncos Quem diria vendo ao pequenino argonauta do Nilo metido entre o risco das ondas, que nam hia amortalhado nas faxas navegando em seu proprio naufragio? porque a corrente era forte, o curso arrebatado, a cestinha tão mal aparelhada, que não tinha de barquinha mais que ser calefetada: o menino tam pouco para fugir do perigo, que nem entendimento tinha para o conhecer, nem forças para o evitar; mas o que ninguem diria, direi eu, & diriaõ todos aquelles, q̃ olhassem para as ribeiras do Nilo.

No mesmo tempo em que Moysés navegava com tanto risco, estava nas margẽs do rio sua irmãa Maria seguindo com os olhos a pequena embarcação: *Stante procul sorore ejus, & considerante eventum:* & Maria das margens do rio poem os olhos na barquinha de Moysés? pois ninguem lhe queira melhor fortuna: seguro navega, seguro corre ao porto, seguro leva a mayor felicidade: os olhos de Maria que o seguẽ, haõ de servir de espias para o puxar da corrente, & alar á praya: basta a vista de taes olhos, para navegar com segurança na evidencia dos perigos a restauraçaõ do povo, & as melhores esperanças de Israel, para depois se ver livre como se vio do cativeiro, restituido ás suas terras, & ainda abundante cõ

Exod. 2.

as

as riquezas do Egypto, que tudo isto promettem os olhos de Maria: tudo isto lhe facilita estar Maria sobre as margẽs do rio vendo navegar o cestinho; que não ha barco taõ fraco, que se não fortaleça com a sua vista; nem mar taõ bravo, que se não abrande com a serenidade de seus olhos.

A propriedade do passo para o nosso intento me livra de mais accommodação: só digo que saõ taes os olhos de Maria, que se não pòde esperar menos delles, quando só nelles temos tudo o que podemos esperar para todas nossas felicidades. A Igreja alumiada pelo Espirito Santo na oração que compoz à Máy de Deos depois de a saudar reverente: *Salve Regina Mater misericordiæ*, depois de a penhorar com os titulos, de que mais se agrada, chamandolhe vida, doçura, esperança nossa: *Vita, dulcedo, spes nostra*; depois de lhe propor as desgraças, que como filhos de Eva padecemos nesta vida, que he dester o entre lagrimas, & suspiros tão accompanhados de nosso sentimẽto, como perseguidos de nossa fortuna: *Ad te clamamus gementes, & flentes in hac lacrymarum valle*; depois de tudo isto, tudo o que pede, & só o que pede, he que ponha em nòs os olhos: *Illos tuos misericordes oculos ad nos converte*. Entende a Igreja como alumiada com luz sobrenatural, que para se acabarem todas as nossas desgraças, & lograrmos toda a felicidade que neste mũdo se pòde lograr, bastão os olhos de Maria: *Oculos ad nos converte*: estes saõ os que a Senhora tem postos no nosso commercio; por isso nos assegura o sitio em que a invocamos: estes tem postos nos nossos barcos, porque isso nos representa aquella sagrada Imagem com os olhos sobre o mar, que he o valle propriamente de lagrimas; porque nelles sam as mais continuas, as mais amargosas, & as mais salgadas: & quando os nossos barcos levaõ os olhos a Maria,

ria, ſeguros vaõ os noſſos cabedaes, & ſeguros voltaráõ; nem já terá que chorar a noſſa muyta miſeria, nem que ſentir a noſſa pouca fortuna favorecida com taes olhos, & tão boa viſta da Mãy de Deos, porque nos ſeus olhos, & na ſua viſta tem tudo o que pòde deſejar: *Oculos ad nos converte.*

Seguros aſſim do mayor perigo pouco temos que recear o menor, que ſaõ os inimigos: & para confirmaçaõ deſta verdade naõ quero outra prova mais que a experiencia do que vimos naõ ha muytos mezes. O mayor poder com que o Arabio, a quẽ podemos chamar inimigo commum da Aſia, infeſtou os noſſos mares, foy o poder do veram paſſado, dezoito barcos poz nas noſſas coſtas: & q̃ fez com poder taõ formidavel? Como a Senhora da Ajuda nos ſoccorreo, aonde nos achou prevenidos, o vencemos; aonde naõ tinhamos prevençaõ, ficamos defendidos: & iſto como, & de que ſorte? Como ella coſtuma ajudar para a peleja, & da ſorte que coſtuma amparar para a defenſa. Dous titulos, ou duas imagẽs tem a Senhora nas eſcrituras, hũa imagem he a Arca do teſtamento, outra imagem he a torre de David: como Arca do teſtamẽto foy diante na peleja: como torre de David ficou defendendo, o que nòs nam podiamos julgar que ſeria acometido: na peleja que tivemos foy Arca, que deſtroçou a noſſos inimigos: nas coſtas que eſtavam deſarmadas, & ſem reſiſtencia foy torre, que defendeo as noſſas terras.

Neſte anno poz o Arabio nas coſtas da India dezoyto barcos de alto bordo.

E para que ninguem duvide da ſegurança com que affirmo que a Senhora da Ajuda foy a que nos ſoccorreo na peleja; he couſa admiravel, ſe bem pouco advertida, a q̃ ſuccedeo na noſſa Armada: de toda ella, quando ſe aviſtáraõ os inimigos, ſe eſcolheo o barco mais pequeno para ir diante, pelo pouco fundo, que demandava o rio: mas eſte bar-

Succeſſo da noſſa armada do anno de 1695. em que foi o S. Conde de Villa Verde Viſo-Rey da India q

queymou dous barcos Arabios em Rajapor.

barco o mais pequeno foy o primeyro que tocou, & não pode proseguir: apos este se seguio outro tambẽ escolhido, mas mayor, & mais possante; este foy o que entrou, o que cingio o inimigo, o que contendeo, & o que triunfou: & que barco era este? Era o barco, Nossa Senhora; mas este, & naõ outro havia de ser; porque já he muyto antigo na Mãy de Deos ir diante dos soldados fieis para alcançarem triunfos dos inimigos da Fé; já da conquista da terra da Promissaõ lhe estavão decretadas estas vitorias.

O modo com que o povo marchava antigamente para a conquista da terra da Promissaõ era levando diante de si a Arca do Testamento; desta sorte avistáraõ a Cidade de Jericò, & desta sorte a rendèraõ. Josuè naquelle tempo Capitaõ Gèral, & Governador do povo, de valor conhecido assim pelo que tinha, como pelo que herdava, era o que dava as ordens, o que dispunha o necessario, & o que mandava naõ só aos esquadrões, mas tambem que a Arca fosse diante; porèm a Arca do Testamento era a que cingia os muros, a que batia a Cidade, & a que finalmente rendeo a fortaleza. Isto he o que succedeo então ao povo; & o que naõ ha muyto tempo nos succedeo tambem a nòs: o povo venceo com a imagem da Senhora diante; os Portuguezes vẽcèraõ com a Náo da invocaçaõ da mesma Senhora tambem diante: em hũa, & outra parte houve Capitaõ General que mandasse, que dispuzesse, & governasse, porque nas vitorias, ainda que sejaõ milagrosas, faz muito a assistencia de quem governa: em hũa, & outra parte ouve imagem da Senhora que cingisse, que batesse, & rendesse os inimigos de Deos; mas nem a Arca venceo sem ter a Josuè á vista, nem Josuè alcançou a vitoria sem que a Arca fosse diante: ambos concorrèraõ, a Arca com o milagre, Josuè com a dis-

O Conde de Villa Verde Visorey da India.

disposiçaõ: este foy o successo de hũa,& outra occasiaõ; esta a vitoria, que em hũa, & outra se conseguio pelo favor da Senhora da Ajuda.

Porèm se me disserem que a imagem da Senhora que venceo não foy a imagem da Senhora da Ajuda, senaõ a imagem da Senhora do Rosario: respondo que foy a imagem da Senhora do Rosario em quanto à invocaçaõ, & o nome; & que foy a imagem da Senhora da Ajuda em quanto ao exercicio, & aos effeytos: & assim havia de ser, para melhor se combinarem as circunstancias do passo com as circunstancias do successo: foy a Senhora do Rosario, porque esta era a invocaçaõ que tinha; mas esta mesma Senhora do Rosario em quanto à invocaçaõ, & ao nome, foy a Senhora da Ajuda em quanto aos effeytos, & em quanto ao exercicio: do Rosario, porque assim se chamava; & da Ajuda, porque assim obrou: & este nem mais nẽ menos foy o nome, & foraõ os effeytos da Arca do testamento imagem da mesma Senhora. O lugar em q̃ a Arca venceo foy em Jericò; & a Arca em Jericò pela etymologia do significado, que he lugar das rosas, que nome podia ter mais proprio em razão de imagem, que ser imagem da Senhora do Rosario? E a mesma Arca na campanha foy a que ajudou ao povo; & pelos effeytos que obrou, o nome mais proprio desta imagem era ser imagem da Senhora da Ajuda; & por isso ainda que a imagem fosse do Rosario em quanto à invocaçaõ, naõ deixou de ser da Ajuda em quanto aos effeytos, com que nos ajudou a conseguir a vitoria.

Vencido o inimigo em huma parte naõ deyxou de nos assustar em outras: com dezaseis barcos andou correndo as nossas costas; naõ tinhamos nellas soldados para a resistencia, nem fortalezas para a defensa: mas ò Filha de David, ò Mãy de Deos,

Deos, ò ajuda poderosissima dos fieis, que havia de ser de nòs, se essa fortaleza incontrastavel, essa torre firmissima nos não defendesse, & amparasse? Se a nossa fé naõ he incredulidade, se a nossa correspondencia naõ he ingratidaõ, assim o devemos confessar, assim o devemos agradecer. As figuras da Escritura como todas saõ enigmaticas, só entaõ se conhecem, quando os effeytos as explicaõ: hũa destas figuras he a torre de David; & quem olhando para os effeitos que vimos, naõ dirá que esta torre rodeada de escudos he a Senhora da Ajuda, que acudio á nossa defensa, quando mais se podia temer o nosso perigo?

Varios pontos fez o inimigo com a sua Armada; o primeyro foy aos cabedaes que nos vinhaõ da China; o segundo à nossa Ilha de Anzediva; o terceyro às nossas prayas; o quarto à nossa barra: os cabedaes estavaõ sem defensa, a Ilha com poucas guardas, as prayas com pouca confiança, a barra com pouco presidio; pois se as nossas forças nos naõ defendèram, algũa força occulta nos amparou: assim o confesso, & digo que naõ foy outra, senaõ a força daquella torre. O mesmo anno em que nos metemos debayxo do amparo da Senhora da Ajuda para tratarmos da nossa restauraçam, foy o anno da mayor invasaõ do inimigo, & foy menor, ou nenhum o nosso dano: para que entendamos, que naõ haverá força que nos cõtraste amparados desta torre, & defendidos de seus escudos, & o que neste anno experimentamos, experimentaremos sempre; pois quem assim nos começou a defender, naõ nos ha de desemparar.

E se me instarem com a perda do Sul, que parece desluzio a defensa; duas repostas tenho para esta instancia: a primeyra he, que a defensa do Sul não corria por conta da nossa torre: a defensa da nossa torre to-

Na barra de Mangalor por medo dos Arabios que se chegá;

raõ à aquelle porto deram fogo os nossos Capitães a quatro navios de remo q̃ podiaõ muyto bem defender por estarem dentro do rio.

toda consiste nos escudos de que se cobre: *Mille clypei pendent ex ea*: & que armas saõ os escudos desta torre? A mesma Escritura o diz: *Armatura fortium*: Saõ armas, & defensa dos fortes, dos alentados, & dos generosos; mas naõ saõ armas, & defensa dos fracos, dos covardes, & desanimados, que estes nem tem defensa na torre, nem merecem ser defendidos, mas castigados, & bem castigados, ou para emenda, ou para exemplo. A segunda reposta he, a que deram os nossos mesmos inimigos, dizendo que nòs, & naõ elles, nos causamos o dano; & tudo o que se podia chamar hostilidade foy obra de nossas mãos, ou effeyto de nossa fraqueza, que naõ pòde ter outro nome acçaõ taõ indigna; & os mayores inimigos do Estado foraõ nesta occasiaõ os Portuguezes.

E quando nòs mesmos somos nossos inimigos: quãdo nòs somos os que causamos o dano, havendo de ser os que impedissemos as ruinas, este he o perigo, que mais se pòde temer para o nosso contrato; esta he a ultima desgraça a q̃ està mais arriscado. Que o contrato corra risco no mar, isso he pensaõ de quem navega, nẽ sempre o mar està tormentoso: que corra risco nos inimigos, tal vay de guerra, nem sempre os inimigos vencem: podese livrar do mar, & podese escapar dos inimigos; mas que corra risco nos mesmos, que o meneaõ, esta he a desgraça mais inevitavel; este he o mar de mayores tormẽtas, porque sempre se faz naufragio; estes saõ os inimigos mais para temer, que quando nada escalaõ, & saqueaõ.

Quando li o que passou no tempo de Salamaõ, desculpey o que passou nos nossos tempos na repugnãcia com que muytos mais obrigados, que voluntarios deraõ os seus cabedaes para o commercio. No tempo de Salamaõ, como se colhe das palavras que logo direy,

rey, parece que tambem ouve Junta do Commercio, tambem ouve muytos que promettèraõ concorrer cõ os seus cabedaes; mas depois naõ quizeraõ, & repugnáraõ: & qual foy a sua repugnancia? Agora vaõ as palavras: *Multi non causa nequitiæ, non fœnerati sunt*: Muytos temerosos, & arrependidos naõ quizeraõ dar o seu dinheyro para o contrato: mas isto naõ foy por maldade sua, nem por naõ quererem concorrer para o bem commum: pois porque? *Sed fraudari gratis timuerunt*: porque temèram ser defraudados.

Eccles. 29.

Temèraõ que dando o seu dinheyro para lucrar no particular, & augmentar no commum, fosse tam mal meneado pelos ministros daquella Junta, que entaõ se fez, que em lugar de lucrar o particular, & augmentar o commum, ficasse o particular sem lucro, & o commum sem augmento, & só os que meneavaõ o contrato com o proveyto. E se me pergũtarem de que modo se podia isto fazer; pezame de chegar a este ponto taõ tarde, porque tinhamos aqui materia para hum Sermaõ bem comprido. Os modos saõ muytos, mas todos se reduzẽ a dous principios: o primeyro he, quãdo os da Junta tratarem o commum como se naõ fosse bem muito particular: o segundo, quando os da Junta esquecidos de sua obrigaçaõ, & da fé, que devem a Deos, & aos homens, por serem elles os que meneaõ, queyraõ mais para si, que para os outros, que he o que Deos já naquelle tempo tanto abominava: *Pondus, & pondus*, diz o Espirito Santo, *pondus, & pondus, mensura, & mensura, utrumque abominabile est apud Deum*: usar comsigo de hũa medida, & de huma regra, & de outra com os outros para enganar os interessados no mesmo contrato, tratando só de si, quem para si por razaõ do officio naõ havia de querer mais, que para os outros, he a maldade que Deos abomi-

Prov. 20.

na, & he a desgraça, que mais se pòde temer, & recear no meneo, & disposiçaõ de hũ commercio.

Mas graças a Deos, & graças á Senhora da Ajuda, que tambem nos livrou deste cuydado, tambem nos segurou desta desgraça, & aonde podia ser mayor o perigo, foy mais admiravel o remedio. E qual foy o remedio? O remedio foy ser a nossa Junta taõ bem dirigida, & regulada, que guarda no seu cõmercio a mesma regra, que a Senhora guardou no seu contrato. A devoçam com que a nossa Junta buscou a Senhora da Ajuda para o patrocinio, tambem foy buscalla por regra para a imitaçaõ; por serem a devoçaõ, & a imitaçaõ duas cousas inseparaveis, como diz Santo Agostinho: *Vera devotio est vera imitatio*: & sendo a devoçaõ da nossa Junta tam cordial como testemunha o aparato desta festa, & a grãdeza desta solemnidade, he a sua imitaçaõ taõ semelhãte, que hum, & outro commercio se regula pelos mesmos dictames, hum, & outro cõtrato se governa pelas mesmas regras: nem se podia esperar outra cousa de ministros taõ zelosos, q̃ seguir nos contratos da restauraçaõ da India a mesma regra, que se guardou no contrato da restauraçaõ, & redempçaõ deste mundo.

Esta manhã vimos que o contrato da Mãy de Deos fora o paõ vindo de longe, que he o Sacramento: o livro da carregaçam deste contrato he o Euangelho de S. Joaõ: as addições particulares saõ as que irey repetindo, & notando cada hũa de por si: diz a primeira: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo*: Quem come a minha carne, & bebe o meu sangue, fica em mim, & eu fico nelle. Noto aqui, que naõ diz aquelles, que me comem, senaõ aquelle que me come: *Qui manducat*. Diz a segũda: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, qui manducat me, &* ipse

Joan. 6.

Ibid.

ipse vivet propter me: Eu, & mais o Pay ambos vivemos pela mesma vida; & assim como eu vivo nelle, & elle em mim, assim tambem vivirá por mim aquelle que me come. Noto aqui mesmo, que naõ diz aquelles, senaõ aquelle: *Qui manducat.* Diz a terceyra, & ultima: *Patres vestri manducaverunt manna in deserto, & mortui sunt, qui manducat hunc panem, vivet in æternum:* Vossos pays comèraõ o maná no deserto, & morrèram: aquelle que come este paõ, ha de viver para sempre. Tambem aqui noto o mesmo, que fazendo Christo comparaçaõ dos muytos q̃ comèraõ o maná, naõ diga tambem aquelles que comem este paõ, senaõ aquelle: *Qui manducat.*

Ibid.

Qual será pois a razam, porque nestas addiçoens se diz sempre aquelle, & nam aquelles; porque se usa só do singular, & naõ se usa do plural, sendo tantos os que comem nesta Divina mesa, & os que lucraõ neste soberano contrato? Mas naõ seria tam admiravel o commercio, se a razão naõ fosse tambem admiravel. A razaõ he; porque este pam era o contrato, que a Senhora nos trouxe, & nos quiz dar por regra: *Navis institoris de longè portans panem suum,* & vindo este commercio para todos universalmente, assim quer ser tratado, & meneado, como se fosse muyto particular de cada hum: este paõ era todo para todos, & todo para cada hum; mas para que o ser para muytos naõ diminuisse o cuydado, de tal sorte seja para todos, que se trate como cousa muyto particular de cada hum: o bem, & o lucro, que delle se podia tirar, naõ era para hum só, todos, & cada hũ tinhaõ neste commercio os seus avanços, & mais os seus interesses; mas o para todos naõ se nomea; porque a universalidade com que se dá a todos naõ causa descuydo no particular: só se diz o cada hum, & o singular, para que a singularidade, & o ser bem muyto par-

M 2 ticu-

ticular avive a diligencia.

Sendo este o modo admiravel com que se meneou o contrato, para que nem o commum, nem o particular ficasse defraudado, naõ he menos admiravel a igualdade com que se repartio. Neste cõtrato tambem ouve ministros para a repartiçaõ, assim como ouve Náo para o emprego: mas na repartiçaõ, nem os ministros, pelo serem, tiveraõ entre si ventagem, nem os que naõ eraõ ministros, pelo nam serem, tiveraõ desigualdade, porque nem os ministros tiveraõ mais, nem os mais tiveraõ menos. A ultima Cea foy a primeyra vez que se repartio este cõtrato: *Dividite inter vos*: & como se repartio? Levou mais Joaõ por ser o mais amado? ou Pedro por ser o mais zeloso? ou Diogo por ser dos mais favorecidos? ou Mattheos por ser o mais intelligente na materia do commercio? Naõ: todos ficáraõ iguaes. Depois se repartio pelos que naõ eram ministros, & tiveram menos hũs do que os outros? tiveraõ menos os Discipulos, que os Apostolos? menos os fieis, que os Discipulos? menos os leygos, que os Sacerdotes? Naõ tiveraõ: todos ficáraõ iguaes.

E se esta igualdade senaõ guardasse entre os ministros, o menor dano, que aqui considero, he, que todos iriaõ a forro, & partido: porque se Joaõ fiado no amor quizesse mais alguma cousa, havia de dizer o zelo de Pedro que naõ merecia menos, & cõsentia Joaõ com Pedro; & já lá hia hũa parte, que por ventura não seria a mais pequena. Se o favor de Diogo se naõ contentasse só com o que lhe cabia na repartiçaõ, havia de allegar Mattheos o seu talento, & a sua destreza, como quem se tinha creado na mercancia; & lá hia outra parte, & como elles eraõ os que andavaõ cõ as mãos na massa, lá lhes ficaria o paõ nas mãos, & os mais morreriaõ á fome. O amor de Joaõ seria cobiça, o zelo de Pedro seria interesse, o favor

vor de Diogo ſeria uſura, o talento de Mattheos ſeria rapina: pois para que iſto naõ ſucceda, igualdade, & mais igualdade; nem mais para hũs, nem menos para outros: para o meneyo tratese o contrato como couſa muyto particular, & para a repartiçam divida-ſe como couſa muyto univerſal, & commua a todos.

Eu bem ſey, que neſte contrato do Sacramento tambem ha mais, & menos; porque quem entra cõ mais cabedal de graça ſahe com mayores avanços de merecimentos, quem entra com menos graça, ſahe com menos lucro; mas a ſuſtancia do contrato ſempre guarda a meſma igualdade, tanto para huns, como para outros. Que lucre mais, quem entra com mais, & quem entra com menos, que lucre menos, he juſto; mas que ſe naõ guarde a igualdade na ſuſtancia, & fórma do contrato, na repartiçaõ, & diviſaõ do commercio, iſſo naõ o póde haver nos Sacramentos, nem em outro qualquer contrato, q̃ guardar as meſmas leys. Mas ſe huns levaõ mais, & outros menos, como ſe guarda a meſma igualdade? Guardaſe a meſma igualdade, porque o que entra com menos, ainda que leva menos, leva tudo o que lhe cabe, & tudo o que lhe pertence, porque lhe naõ pertence, nem cabe mais do que leva: & o que entra com mais, ainda q̃ leva mais, naõ leva mais do que ſe lhe deve, porque ſe lhe naõ dá mais daquillo que lhe cabe, & daquillo q̃ lhe pertence; & quando cada hum leva tudo o que he ſeu, & nada mais, nem nada menos, ainda que huns levem pouco, & outros muyto, todos ficaõ iguaes, & ſatisfeytos. E eſte he o admiravel commercio da Senhora da Ajuda, & eſte o exẽplar que profeſſa imitar a noſſa Junta para ſer o ſeu commercio admiravel.

E q̃ ſe ſeguirá de tudo iſto? Seguirſe-ha o q̃ no principio deſte Sermaõ diſſemos, para acabar por onde começamos: ſeguirſe ha a

mayor conveniẽcia do nosso contrato, que he a nossa restauraçaõ por meyo desta Senhora, como já muitos seculos antes reconheceo o grãde juizo de Santo Agostinho fallando com a Mãy de Deos da mesma sorte, q̃ nòs agora podemos fallar. *O Beata Maria, quis tibi dignè valeat jura gratiarum, ac laudum præconia rependere?* O Bendita entre todas as mulheres Maria Sãtissima!, quem poderá como deve, & como vòs mereceis darvos aquelles louvores, que sejaõ justos encomios de quem com seu consentimento foy a melhor ajuda, que Deos teve para fazer a Junta da nossa humanidade com a sua divindade, & soccorrer deste modo ao mundo perdido, & arruinado? *Quas tibi laudes fragilitas humani generis persolvat, quæ solo tuo commercio recuperandi aditum invenit?* Com q̃ graças poderá a nossa fragilidade corresponder a vossos favores, pois se vè taõ obrigada, como aquella que nam teve outro meyo de sua restauraçaõ mais que o vosso commercio?

Accipe itaque quascumque exiles, quascumque meritis tuis impares gratiarum actiones: Se naõ podemos o que devemos, recebey o q̃ vos podemos dar, que he a nossa gratificaçaõ muyto desigual a vossos merecimentos. *Cùm susceperis vota, culpas nostras orando excusa:* Se este desejo vos agrada, recebey nosso affecto com piedade, & naõ culpeis, mas escusay nossos defeitos. *Admitte nostras preces, & reporta nobis antidotum recõciliationis:* Ouvi os rogos dos que chegamos a pedir vosso amparo, & recebeynos debayxo de vosso patrocinio. *Sit per te excusabile, quod per te ingerimus, fiat impetrabile, quod fida mente poscimus:* Vòs mesma desculpay a nossa ousadia, & sede medianeyra de nossos despachos: fazey que alcancemos com ventura o que pedimos cõ vontade sincera. *Accipe quod ferimus:* Recebey o que

que vos offerecemos, que he esse nosso contrato, que para ser em tudo venturoso naõ necessita mais que de vosso patrocinio. *Redona quod petimus*: Concedeinos o que vos pedimos, que he o feliz augmento dos nossos empregos. *Excusa quod timemus*: Impedi o que tememos, que saõ as desgraças, que atè agora nos perseguiraõ. Finalmente Maria Santissima, Santa Maria soccorrey as miserias que padecemos: *Succurre miseris*: acudi aos desmayos, q̃ nos opprimem: *Juva pusillanimes*: enxugay as lagrimas, que vertemos: *Refove flebiles*: rogay por todo este povo, que he tanto vosso, & vos deseja tanto agradar. *Ora pro populo*: Intercedey pelos Ministros da Igreja, que saõ os Pastores do rebanho de vosso Filho: *Interveni pro Clero*. Naõ fique fóra de vosso amparo aquelle sexo mais fraco, porèm mais devoto: *Intercede pro devoto fæmineo sexu*. Ultimamente experimentem vossa ajuda poderosissima todos aquelles, que concorrem a celebrar vossas memorias: *Sentiant omnes tuum juvamen, quicumque celebrant tuam sanctam cõmemorationem*; alcançandonos muyta graça para todos penhor da gloria: *Quã mihi, & vobis, &c.*

SERMAM DE S. PEDRO

Na Sè de Goa anno de 1696.

Quem dicunt homines esse Filium hominis? Tu es Petrus. Matth. 16.

HUM EXAME de muytas opiniões, & hũ sugeyto mayor que a opiniaõ de todos, he toda a historia do Euangelho, he toda a festa do dia. Das muytas opinioens, que se tiveraõ de Christo, he hoje o exame: do grande Apostolo, & Pontifice S. Pedro he hoje a festa: Christo foy o que examinou hoje as opiniões que delle tinhaõ os homens; que atè Deos faz muyto caso do q̃ dizem, & do que diraõ: & a Igreja celebra hoje a S. Pedro como seu fundamento, & fundador; & naõ he a menor prerogativa de hũ Santo ter hoje o seu dia, quando no dia de hoje ouve tantas opiniões do ser de Christo; porque ou foy querer Christo ainda em quanto Deos medir comsigo a Saõ Pe-

Pedro; ou foy querello fazer mayor que todos. Era taõ grande o ser de Christo, que toda a opiniaõ lhe vinha curta, quando mais cuidava que o engrandecia: foy taõ grande a santidade de S. Pedro, que atè agora naõ ouve opiniaõ, que a pudesse igualar.

Perguntou Christo a seus Discipulos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* Quem dizem os homens que eu sou? E foram tantas as opinioens, como foraõ os pareceres: *Alij Joannem Baptistam; alij autem Eliam, alij verò Jeremiam, aut unum ex Prophetis.* Senhor, respondèraõ os Discipulos, hũs dizem que sois o Baptista, outros Elias, outros Jeremias, ou algũ dos Profetas, & Santos antigos: porèm tudo isto foraõ pareceres, & dizendo cada hum o que lhe parecia, todos diziaõ o que parecia Christo, nenhũ o que Christo era. Sendo esta hũa das pensoẽs de quem vive da opiniaõ, que nunca ha de ter de si mais, do que he o conceyto, que delle se tem; esta he hũa das desgraças dos mayores sugeytos, que nũca haõ de ser o que saõ, senaõ o que parecem, & mais o que vos parece, se parecẽ, & vos parece, tudo saõ; se naõ parecem, nem vos parece, nada saõ, & muyto menos ainda, senaõ apparecem.

Matth. 16.

Ibid.

Ninguem tratava mais com os homẽs do que Christo; ninguem tratava menos que o Baptista: Christo prégando nas praças, convertendo nos telonios, & santificando os banquetes: o Baptista todo entregue aos desertos, em companhia das feras, professando retiros, & fugindo de toda a communicaçaõ; mas porque pareceo aos homẽs, que era Christo o Baptista, ha de ser o Baptista Christo. Ninguem era mais affavel, mais humano, & mais benigno do que Christo: ninguem mais ardente, mais fogoso, & mais austero do que Elias; mas parecia aos homens, que era Christo Elias; pois ha de

de ſer Elias Chriſto. Nem Chriſto era Jeremias, ou algum dos Profetas,& Santos antigos; mas parecia aos homẽs, que o era; pois ha de ſer Jeremias, ou algum dos Santos, & Profetas antigos. E ſe iſto naõ parecèra entaõ aos homẽs, quem diriaõ os homẽs que Chriſto era? Diriaõ o que diſſeraõ dahi a poucos dias: diriaõ que Chriſto era hũ feiticeyro, hum amotinador do povo, hum Profeta falſo, hum rebelde a Ceſar. Ha tal deſgraça?

Mas ſe iſto ſe pòde chamar deſgraça, ninguem neſta parte teve mais deſgraças que Saõ Pedro, porque de ninguem ſe formáram mais diverſas opiniões; & ſenaõ, perguntemos quem he Pedro ainda aos mayores ſugeytos. *Quem dicunt homines eſſe?* Hũs respondèraõ, *alij*, que Pedro he hum Abel na innocencia, Noè na reſtauraçaõ do genero humano, Abrahaõ no patrocinio da Fé, Iſaac na obediencia, Jacob na vigilancia, Joſeph no valimento, Moyſés na charidade, Finees na reſoluçam, David no valor, Elias no zelo, Eliſeo nos prodigios, & Joſias na deſtruiçaõ dos idolos. Se perguntarmos mais, diram outros, *alij autem*, que Pedro he o mais fiel entre os Apoſtolos, milagre grande da terra, honra do Apoſtolado, gloria da Theologia, & boca de Chriſto. Se perguntarmos ainda mais, diraõ outros, *alij verò*, que Pedro he o Sol da Igreja, Corifeo da virtude, Gigante da ſantidade, Bemaventurado na terra, canonizado em vida, Diſcipulo do Eterno Pay, Meſtre do mundo, homem mais que homem, & com tantas apparencias de Divino, que tem nas ſuas diſpoſições, como Vice-Deos na terra, o meſmo entendimento, a meſma vontade, & o meſmo poder com toda a Santiſſima Trindade. E ſe continuarmos a pergunta, naõ faltará quem diga, que Pedro como outro Joſuè he o que manda na terra, & Deos o que obedece no Ceo, ſendo elle

o que decreta, & Deos o que se confórma; conformase com o entendimento, conformase com a vontade, & conformase com o poder, porque o que entende, o que quer, o que ordena, & manda Pedro, isso entende Deos, isso quer, isso manda, & isso ordena.

Aonde tantos disseram tanto, pouco lugar me ficava a mim para dizer algũa cousa de Saõ Pedro, senaõ visse, que nestes ditos, como todos saõ de homens, o mesmo que succedeo com Christo, succedeo tambem com S. Pedro. Por mais que se disse de Christo, ainda ficou por dizer o que Christo era: & por mais que de S. Pedro se disse, ainda se naõ disse o que era Pedro, porque as excellencias de Pedro saõ mayores do que se cuyda: & assim como para se saber quem era Christo foy necessario hũa revelaçaõ do Ceo definida por S. Pedro: assim para conhecermos quem era S. Pedro, foy necessario hum testemunho de fé dito por Christo. O que os homens nam disseraõ de Christo, disse-o S. Pedro com hũa certeza sobre todo o entendimento creado: *Tu es Christus*; & o que os mais nam disseraõ de Pedro, disse Christo com hũa verdade toda Divina: *Tu es Petrus*. Donde, se bẽ advertimos, Sam Pedro foy hoje o Prégador, que nos deu a conhecer a Christo; & Christo o Prégador, que nos deu a conhecer a S. Pedro: & quando as excellencias de São Pedro saõ tam grãdes, que para fallar dellas com acerto, he necessario hum Prégador Deos; desculpados ficaráõ os erros de qualquer Prégador homem, se naõ acertar no que disser.

Em hũa, & outra prégaçam, na de Christo a respeito de S. Pedro, & na de S. Pedro a respeito de Christo foy reparar S. Leão Papa, que assim como S. Pedro declarou a mayor dignidade do Salvador do mundo em lhe dizer que era Christo: *Tu es Christus*, assim Christo declarou a mayor excellencia

lencia do Principe dos Apostolos em lhe dizer que era Pedro: *Tu es Petrus. Sicut Pater meus* (diz S. Leaõ) *tibi manifestavit divinitatem meam; ita & ego tibi notam faciam excellentiam tuam, quia tu es Petrus.* Assim como meu Eterno Pay vos manifestou a minha grandeza, que vòs publicais chamandome Christo; assim eu vos manifesto a vossa excellencia, que toda consiste em serdes Pedro. Em tam poucas clausulas, ou para melhor dizer em tão poucas syllabas resumio Christo as grandezas deste seu Apostolo; & quando Christo he o Prégador, quando Christo he o q̃ nos declara a mayor excellencia de S. Pedro, tomando por materia, & por assumpto ser Pedro Pedro; que outro lugar fica a quẽ quizer discorrer com acerto sobre as prerogativas de S. Pedro, mais que continuar a mesma materia, & proseguir o mesmo assumpto: *Tu es Petrus*: Vòs sois Pedro? Mas como o Sermaõ de Christo foy taõ breve, que não consta mais que desta grande, & pequena palavra, pequena nas letras, & grande nas excellencias, serà o meu empenho fazer hoje hum cõmento ao Texto, para isso necessito de muyta graça.

Sermo 3. in anniversa. assump. suæ.

Ave Maria.

Quem dicunt homines esse Filium hominis? Tu es Petrus.

EM que S. Pedro fosse Pedro, dizia eu, consistia por testemunho de Christo a mayor excellencia do Principe dos Apostolos: mas já vejo que todos repáraõ nesta que eu chamo a mayor excellencia de S. Pedro: & que havia de ser, senão o que era? perguntam todos. E tão pouco he isto? respondo eu: ser hum sugeito

geyto o que he, permanecer ſempre o meſmo, tanto por fóra, como por dentro; nem mudado pelo tempo, nem mudavel pelo coſtume; ſem ſer agora hum, & depois outro; mas tão conſtante, & igual a ſi meſmo, que ſeja o que he em toda a occaſião, & em todo o tempo: não ha muyto que deſte meſmo lugar ouvimos ponderar com ſingular agudeza eſta ſingularidade de S. Pedro: em toda a Eſcritura ſó delle ſe diz: *Unus quidam,* hũ que era hũ: hum porque nunca foy outro; hum porque ſempre foy o meſmo; hum porque nunca foy diverſo; hũ porque ſempre ſem mudança: & achão que he eſta pequena grandeza, & pequena excellencia de S. Pedro? Por certo que não ſey homem nenhum, por mais dotes q̃ tenha da natureza, por mais mimos que tenha da fortuna, & outros attributos, q̃ no mundo fazem grandes, que poſſa contar entre os mais bẽs eſte, que entre todos devia de ſer o mayor delles.

Marc. 14.

O Santo Job, que foy o homem mais experimentado no que he ſer homẽ, fallando de todos ſem excepçãõ de eſtado, nem de peſſoa, diz que todos eſtão cheyos de muitas miſerias: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miſerijs.* E ſe quizermos ſaber do meſmo Job, em que conſiſtem eſtas miſerias que elle chama muytas, todas ſe reduzẽ a nam ſer o homem depois o que he agora, porque cada momento deyxa de ſer o que he: *Qui quaſi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem ſtatu permanet.* A flor mais caduca, a ſombra mais mudavel, he o retrato mais vivo, he a copia mais natural de todo o homem; porque aſſim como a flor agora he triunfo, & logo deſpojo; agora gala, & logo luto; agora eſtimaçam, & logo deſprezo: aſſim como a ſombra agora he grande, & logo pequena; agora ſubida, & logo decida; agora levantada, & logo caida; aſſim he o ho-

Job 14.

o homem sempre diverso em todos os instantes; sem que seja o tempo mais ligeiro no seu curso, do que he o homem na sua mudança, & por isso cheyo de miserias sobre miserias: *Repletur multis miserijs.*

Mas porque Job não fallando mais que da mudança, ou fallando da mudança unicamente, não lhe chama só miseria, senão miseria dobrada: *Repletur multis miserijs*; deve de haver no homem diversidade de mudanças para poder haver multiplicidade de miserias? Assim he, & prouvera a Deos, que naõ fora assim. Huns se mudaõ como flor, & outros se mudaõ como sombra: porque huns se mudaõ pelo tempo, outros se mudaõ pela conveniencia: naõ saõ os tempos sempre os mesmos, & por isso os que em hum tempo eraõ hũs, em outro tempo saõ outros: não se acha sempre a mesma conveniencia, & por isso ha muytos, que permanecem muyto pouco: hũs deyxaõ de ser o que eraõ, porque os faz o tempo muyto outros do que foraõ; outros naõ permanecem, porque os contrafaz a conveniencia muyto diversos do que deviaõ ser: por causa destas duas variedades usou Job para explicar a mudança naõ só de hũa, mas de duas comparações: quando Job diz que a miseria do homem consiste na mudança, faz huma comparaçaõ da flor, & outra comparaçaõ da sombra: & naõ bastava hũa só comparaçaõ? Se a mudança naõ fosse mais q̃ hũa, sim bastava; mas como saõ duas as mudãças, tambem saõ duas as comparações: hũa mudança he a do tempo; outra mudança he a da conveniencia; & por isso hũa comparaçaõ he a da flor; outra comparaçam he a da sombra: a flor he a que está mais sugeyta ás variedades do tempo; a sombra como toda he hũa mèra dependencia do corpo que a fórma, he a que mais segue a sua conveniencia. Os que vam com o tempo, tem na flor o

seu

ſeu retrato; os que ſeguem a ſua conveniencia, tem na ſombra o ſeu raſcunho, & hũs, & outros na mudança a ſua miſeria: *Repletur multis miſerijs.*

Comparando porèm a miſeria, que he mudança do tempo, com a miſeria, que he mudança da conveniencia, mais ſofrivel acho a miſeria que ſe faz pela mudãça do tempo, porque a culpa do tempo pòde ſer deſculpa do ſugeyto; a miſeria inſofrivel, & ſem deſculpa he a miſeria da ſombra: naõ fallo de todas, porque me lembro da que fazia S. Pedro; & que grande felicidade ſeria, ſe todas as ſombras foſſem como a ſombra de Pedro! ſombra que anima, ſombra que alenta, ſombra que melhora, ſombra que levanta, & ſombra que alem de fazer bons a todos, faz bẽs a muytos; eſta ſombra ſim, q̃ he ſombra de homẽ; mas que haja hũs homẽs como ſombras, tam accõmodados á ſua conveniencia, & tam medidos pela ſua dependencia, que naõ tem acçaõ, que naõ ſeja de ſombra! Fórma ſe a ſombra pela interpoſiçaõ que faz hũ corpo opaco a hum corpo luminoſo, & como toda a cõveniencia da ſombra eſtá em ſe eſconder da luz, he de notar o como ſe accommoda ao corpo q̃ a fórma: naõ faz o corpo movimento, que ella naõ imite, nem acçaõ, que naõ acompanhe: ſe o corpo ſe levanta, ella ſe põe muyto eſtirada; ſe o corpo ſe inclina, ella toda ſe abate; ſe anda, naõ pára; ſe pára, naõ dá hum paſſo: ò valhate Deos por ſombra, & como es mudavel! mas por iſſo hũ verdadeyro retrato da miſeria.

E ſe eſta he a miſeria, que acompanha a todos os homẽs, qual ſerá o homem, q̃ a naõ padeça? Aquelle, & ſó aquelle que he ſempre o meſmo: pois eſta he a prerogativa grande, eſta a excellencia de Pedro: eſtar taõ fóra de ſemelhantes miſerias, tam igual comſigo meſmo, & tam deſigual dos mais homẽs, que ſó Pedro ſeja o que he: *Tu es Petrus*;

mas

mas porque isto nam he só ser desigual aos mais homens, senam igualarse, & medirse por semelhança cõ Deos, levantemonos hum pouco da terra para alcançarmos esta Divina excellencia de Pedro. Ao principio dizia eu, que neste dia quiz Christo ainda em quãto Deos medir comsigo a S. Pedro, & não me arrependo de o ter dito. Quando Deos tomou as medidas a suas excellencias, & a perfeyção por onde queria ser conhecido, foy lá no monte Oreb.

Manda Deos a Moysés que vá notificar a seu Povo a grande mercè q̃ lhe queria fazer em o livrar do cativeyro do Egypto; & porque nova tam grande não havia de conseguir facilmente o credito ainda daquelles mesmos, q̃ hiaõ mais interessados no successo, pergunta Moysès a Deos: E se me disserem quem he o que me manda, que hey de dizer, Senhor? E que responderia Deos? *Sic dices Filijs Israel, qui est misit me ad vos.* Dizeylhe Moysés, q̃ aquelle que he, vos ordena lhe intimeis a nova de sua liberdade. Aquelle que he? E Deos não tem outras excellencias por onde se pudesse definir? Deos naõ he eterno, não he immenso, não he infinito, não he omnipotente? Sim he, & tudo isto tem; pois porque se não dà a conhecer por alguma destas perfeyçoens? Porque? Porque todas estas perfeyçoens por isso se achão em Deos, como dizẽ os Theologos, porque ser Deos o que he, he a raiz, & origem de todas: Deos por isso he immenso, por isso he eterno, infinito, & omnipotente, porque he o que he: donde se por impossivel Deos deyxasse de ser o que he, & tivesse algũa mudança, nem a sua infinidade seria sem limite, nem a sua immensidade sem medida, nem a sua eternidade sem tempo, nem a sua omnipotencia sem termo; antes o que he infinidade, seria limitaçam, o q̃ he immensidade, seria pequenhez, o que he eter-

Exod. 3.

eternidade, seria tempo, & o que he omnipotencia, seria fraqueza; & como Deos queria mostrar o muyto q̃ era, & a grande excellencia, & perfeyçaõ que tinha, por isso diz que he o que he, porque está ainda em Deos, se he que em Deos se pòde cõsiderar algum mais, he excellencia a mais Divina, a mais soberana, & a mais perfeita; enfim he ser Deos: & quando Christo define hoje a S. Pedro pelo que he, nam quero eu dizer que lhe dá essencialmente o ser Divino, porque isto he impossivel; mas digo, que de tal sorte o tira da esfera de homem, q̃ lhe dá a mais perfeita semelhãça comsigo em quãto Deos: *Qui est*: *Tu es.*

Porèm como esta semelhança fica ainda com mayores realces pela circunstancia em que Pedro foy definido de Christo, & Deos se definio a si mesmo pelo q̃ era, não he bem que deixemos sem ponderação esta circunstancia. Quãdo Christo definio a S. Pedro pelo que era, foy quando lhe entregou o governo universal de sua Igreja: *Tu es Petrus, & super hanc petrã ædificabo Ecclesiam meam, & tibi dabo claves.* E este universal governo naõ era outro mais, que livrar as almas do cativeyro do peccado, & pollas na liberdade da graça, & por conseguinte resgatallas da tyrannia do Inferno, para as introduzir no Reyno promettido da gloria: & quem he o que tẽ resolução, & poder para fazer hũa acçam tam grande? para livrar do cativeyro a quem muytas vezes vive contente da escravidam? para levar por hum caminho tam aspero, difficultoso, & estreyto, qual he o da Bemaventurança? para vẽcer a resistencia dos vicios, que tem opprimidas, & tyrannizadas as virtudes para excitar os bons desejos quasi extinctos pelos máos habitos? em fim para livrar hum povo do cativeyro? Quẽ ha de ser, senaõ aquelle que he? Na occasiam em que Deos veyo a livrar a seu povo do cativeyro de

Faraò,& trabalhos de Egypto para o levar á liberdade da patria assistindolhe quarenta annos com especial providencia na aspereza do deserto, como Governador Supremo, até o introduzir no descanço da terra de Promissam, não disse outra cousa de si mais que a que temos ponderado: *Qui est.* Aquelle que he: & neste ser, nesta constancia, & nesta immutabilidade se fundou aquella grande machina, que Deos traçava para livrar o seu Povo, & por ser quem era, pode Deos fazer tantos prodigios, quantos lemos no sagrado texto succedèrão nesta liberdade.

O povo escolhido que Deos então governava, significa a todos aquelles, que saõ eleytos para a sua gloria; a liberdade do cativeyro he a que conseguem as almas, que se desatão das prisoens da culpa: aquella continuação no deserto, aquelle fastio do manná, aquella repugnancia da viagem comprida, & dilatada, não he outra cousa mais q̃ o tedio, que a nossa vontade tem ás cousas sobrenaturaes, & do Ceo, o muyto que se difficulta, & o muyto que custa seguir o caminho da virtude; & havendose de vencer todas estas difficuldades, havendose de governar as almas para as livrar da culpa, para lhes suavizar o desabrido, contẽtar o desgosto, abrandar a dureza, moderar a repugnancia, regellas, & reduzillas, dirigillas, & sustẽtallas á parte mais essencial de quem as toma a seu cargo, & de quem ouver de sustẽtar o que isto peza, não he outra mais que ser o que he, muyto constante, & muyto sempre o mesmo: & se me perguntarem a razam disto; entre outras, tres saõ as que me occorrem as mais principaes, & as que mais resplandecèrão no Principe dos Apostolos. A primeyra he por causa da dignidade; a segunda, por causa do officio; a terceyra, por causa do modo com que se ha de exercitar o officio,

&

& mais a dignidade; & porque tudo isto concorreo em S. Pedro, porque concorreo a dignidade suprema do governo espiritual; o officio de Pastor do rebanho de Christo; & o modo, que foy com as chaves na mam; para melhor assentar o que havemos de dizer, he necessario sabermos primeyro quem foy S. Pedro antes do governo, para conhecermos como na dignidade, no officio, & no modo sempre continuou o mesmo.

S. Pedro foy aquelle homem tam desinteressado, q̃ a primeyra resoluçam foy deyxar tudo: taõ pouco amigo de subir, & de se engrandecer, que sendo superior entre os Apostolos, ainda entre elles se excitavaõ questoens sobre qual dos doze fosse o mayor: taõ esquecido de si, & de suas cousas, que sendo milagroso para os de fóra levantãdo a muytos, não se via hũ milagre destes nos de sua casa: taõ descuydado de seu cõmodo, & tam cuydadoso do alheyo, que nunca pedio cousa senão para o cõmum, & se algũa vez se nomeou na petiçaõ, foy para se lançar ao mar em serviço de seu Principe, & para desembainhar a espada contra seus inimigos, acometendo com resoluçaõ de Pedro hum esquadraõ armado: taõ amante de Deos, & por consequencia de seu proximo, que sendo examinado tres vezes do amor ficou graduado na charidade: taõ amigo da verdade, que seguindo os mais a opiniaõ do povo, só elle dizia o que entendia: taõ pouco respectivo ás pessoas, que nem por luzido, nem por favorecido que fosse dos grandes, deyxou a Malcos sem castigo, só porque o via culpado. Este foy Pedro antes do governo; & depois do governo foy outro? Foy outro na dignidade, foy outro no officio, sendo os officios, & as dignidades as que mais mudaõ as naturezas, & os costumes? O mesmo S. Pedro o ha de dizer naõ com palavras, senam com a primeyra acçam, que ex-

Matth. 19. *Marc.* 9. *Luc.* 9. *Matth.* 19. *Marc.* 14. *Joan.* 21. *Matth.* 16.

exercitou.

A primeyra acçaõ de S. Pedro depois de assumpto ao Pontificado, & á Prelasia universal da Igreja, foy aquella da porta do templo, nunca mais especiosa, que quando nella resplandecèraõ as acções de S. Pedro. Estava á porta do Têplo hum pobre, & vendo entrar a S. Pedro, pediolhe q̃ o soccorresse com algũa esmola: *Rogabat ut eleemosynam acciperet*. E qual seria a reposta de S. Pedro? *Aurum & argentum non est mihi; quod autem habeo, hoc tibi do, surge.* Meu irmaõ, eu naõ tenho ouro nem prata; & o que vos posso dar, he só aquillo, que tenho de meu, que he fazer que vos levãteis: *Surge*. Naõ tem esta reposta palavra, nem esta acçam circunstancia, que naõ seja digna de muyto particular reparo. Primeyramente diz S. Pedro que naõ tem dinheyro. Quantas dignidades ha de muyto menor esfera, em que muytos antes de as terem, mas só porque as ham de ter, tem já á conta dellas mais do que valem as dignidades? E Pedro naõ tem dinheyro em hũa dignidade tam suprema? Naõ; porque na sua dignidade mostra q̃ he o que sempre foy. Pedro era aquelle homem, que tinha deyxado tudo; & como sempre foy o mesmo, mal podia agora ter cousa algũa: naõ largou as redes em Galilea, para as recolher em Jerusalem; nem deyxou de pescar no rio, por vir pescar no alto; que isso naõ seria deyxar as redes, se nam mudar o lugar para ter melhores lanços, & mais que pescar; naõ seria largar as conveniencias, senaõ buscallas aonde eraõ mayores; em fim deyxou por hũa vez tudo, & sempre ficou sem nada; porque aindaque aceytou a dignidade, como a sua dignidade naõ era para aceytar, tambem naõ era para ter: *Non est mihi*.

Actor. 3.

Ibid.

Diz mais que naõ tem dinheyro, porque ainda q̃ na escola de Christo nam era prohibida algũa quantidade moderada, assim para

soccor-

ſoccorrer as neceſſidades proprias, como para remediar as alheas, como affirma o Veneravel Beda: *Loculos habuiſſe legatur, & à fidelibus oblata conſervans, & ſuorum neceſſitatibus, aliiſque indigentibus tribuens.* Com tudo o dinheyro que eſtà na mão do Prelado, naõ pòde o Prelado dizer que o tem, porque naõ he ſeu; & o que dá, nunca pòde ſer em ſeu nome, como eſmola, & obra de caridade, ſenão ſó como repartiçaõ, & exercicio da Juſtiça diſtributiva, com que ſe dá a cada hũ, o que he ſeu, por ſerem os pobres os acredores dos Prelados. Diz ultimamente que o que tem de ſeu lhe dá, que he levantallo: *Surge.* Em tudo obra Pedro como quem he; he fundamento, em que ſe eſtriba, & levanta o edificio da Igreja, de q̃ todos os fieis ſaõ partes; & toma ſobre ſi todas as partes do edificio para as levantar; & quem aſſim edifica, não he muyto que levante grande fabrica: tomou a dignidade pelo pezo para a ſuſtentar; mas nam tomou a dignidade pela pẽſaõ para ſe ſuſtentar; & ſe Pedro aſſim o naõ fizeſſe, ſe Pedro poſto por fundamẽto para ſuſtentar ſobre ſi o pezo da ſua dignidade, quizeſſe eſtar de cima, & ſuſtentarſe á cuſta da meſma dignidade; ſe lançado por fundamento no alicerſe, quizeſſe ficar no mais alto do edificio, & ſubir ao pinaculo do templo para luzir, para oſtentar, & entronizar a peſſoa, alem de cair em hũa grande tentação, faria cair, & faria arruinar todo o edificio, que lhe eſtava encomendado. Quando Chriſto poz a São Pedro por fundamento da ſua Igreja, primeyro o examinou tres vezes da caridade, para que entendeſſe, que em tanto eſtaria em pè o ſeu edificio, em quanto a caridade naõ caiſſe: & ſe Pedro quizeſſe ſubir, & entronizarſe ſobre a dignidade ſuſtentando á cuſta della o luzimento, & a oſtentação, naõ podia ficar em pè a caridade, ſenaõ caida, & pizada.

Lib. 4. cap. 54. in Luc. 12.

Lá fez Salamão hũ trono de admiravel fabrica, porque a estructura, ou para fallarmos cõ nome mais proprio, ainda que menos de palacio, a ossada era de marfim: *Thronum ex ebore grandem*, as colunas de prata: *Columnas argenteas*, as espaldas de ouro: *Reclinatorium aureum*, os degraos de purpura: *Ascensum purpureum*, & o pavimẽto ou o lugar em que se punhaõ os pès era de caridade: *Media charitate constravit*. Quando vi a fabrica deste trono, nunca me persuadi, que a caridade tivesse outra parte no edificio: trono de marfim, trono de purpura, trono de prata, & de ouro, he trono em que a caridade anda por debayxo dos pés; nẽ a caridade podia ter outro lugar em o trono de semelhante fabrica: para haver marfim no trono, era necessario tirallo da boca aos Elefantes; para haver purpura, era necessario sangrar hũ peyxe deste nome; para haver prata, & mais ouro, era necessario desentranhar a terra; & quando o que se gasta na fabrica de hũ trono, quando o que se gasta no luzimento, & ostentaçaõ de hũa dignidade, se tira da boca, se tira das veas, & se tira das entranhas, q̃ outra cousa ha de succeder, senaõ pizarse a caridade: *Media charitate constravit*? Esta ruina da caridade he universal em todos os tronos, mas no trono Ecclesiastico he muyto particular, & muyto para temer, porque não pòde no trono Ecclesiastico haver gasto superfluo, que naõ seja em dano da caridade. Tudo o q̃ tẽ a Igreja he patrimonio dos pobres, & tudo o que se gasta superfluo, se lhe tira da boca, se lhe tira das veas, & das entranhas, & fazer ostentações á custa dos pobres, a pobre da caridade he a que fica de peyor partido. Graças a Deos, que naõ vemos no tempo de hoje semelhantes ostentaçoens; mas por isso não vemos a caridade pizada: vemos sim muytos pobres semelhantes áquelle dos Actos dos Apos-

Reg. 3. 10.

Cant. 3.

Apostolos, que engrandecẽ as merces de Deos, porque tem Prelado, que lhes acode ao seu remedio: *Exiliens, & laudans Deum.* Vemos quem como Pedro soube tomar a dignidade pelo que tem de pezo, & conservar hũa moderaçaõ muito Apostolica para ser fundamento, que sustẽte a machina da Igreja, não porque fabrica, senaõ porque edifica: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo.*

Actor. 3.

Se he parte muyto essencial ser o mesmo na dignidade, naõ he menos parte essencial ser o mesmo no officio de Pastor. A Esposa dos Cãtares considerando a seu Divino Esposo debayxo da metafora de Pastor, o que louvou nelle com singularidade foy ter os cabellos pretos: *Comæ ejus nigræ quasi corvus.* Diraõ alguns attentando aos trabalhos do officio, que insinuou a Esposa a idade, porque a robusta, & a de mancebo he a mais capaz; o que naõ tẽ a idade das cãs, porque a velhice he já muyto cansada, muyto fria, & muyto fraca para acçoens alentadas, ardentes, & resolutas, quaes devem ser as de hum Pastor. Com tudo eu fundado mais no literal, que no allegorico, digo q̃ ser louvado o Pastor das eglogas de Salamaõ de ter os cabellos pretos, he para que entendamos, que assim como a cor preta não recebe outra tinta, nem outra cor, mas sempre he a mesma; assim quem tem o officio de Pastor, não se ha de deyxar dar tintas, nẽ mudar a cor, mas permanecer sempre na mesma fórma, & muyto semelhante a si mesmo. O officio mais arriscado á fazer mudar as cores he o officio de Pastor; porque ainda que o seu rebanho seja de ovelhas, tambem entre estas ha quem tenha a testa dura, & armada: ainda que seja de ovelhas, he de ovelhas que saõ homẽs, q̃ he o peyor gado de guardar: porèm não he esta a mayor difficuldade: a mayor difficuldade está, em que o officio de Pastor não he só para apas-

Cant. 5.

N 4 cen-

centar, & dirigir as ovelhas; senão tambem para as defender; & isto de quem? De lobos, que saõ animaes atrevidos, de ussos, que saõ animaes arrogantes, de leões, que saõ animaes poderosos; & muyto preta ha de ser a cor, que se naõ mude á vista destas feras; quero dizer, que quem ouver de contender com inimigos tão arriscados, há de ser muyto resoluto, muyto cõstante, & muyto sempre da mesma cor.

Nunca a soube mudar, nem perder S. Pedro ainda nos mayores riscos. Nam era ainda Pastor, mas já se ensayava para o cajado, & ouvindo dizer a seu Divino Mestre que naquella fatal noyte de sua Payxaõ havia de haver lobos, que assim lhe chama o Profeta Sophonias: *Judices ejus lupi vespere*, os quaes haviaõ de maltratar o seu rebanho: *Dispergentur oves*, investio com elles tão animoso, que se o mesmo Christo lhe não mandasse embainhar a espada, não havia de ser hum só o Malcos da companhia, & porque Pedro não era diverso nas occasiões, sabendo que na campanha de Roma andava hum Leão, qual foy Nero, mais fera pelos costumes, do que homem pela natureza, o qual fazia preza nas ovelhas, que lhe estavão encomẽdadas, deyxa a Palestina, & vem a Roma; & posto que morreo na defensa como bom Pastor, morreo triunfando, & depois de morto appareceo ao mesmo Nero com hum aspecto tão terrivel, que assombrado o tyranno, como refere Suetonio, sem saber a causa, morreo em breves dias, & com sua morte acabou a perseguiçaõ. Este he o officio trabalhoso de Pastor, tratar das ovelhas, & defendellas; lançarlhe o cajado para as encaminhar, & traçallo cõtra quem as quizer offender: quanto forem os inimigos mais feros, & mais terriveis, mais grandes, & mais poderosos, tanto se ha de ver melhor a cor do Pastor mais viva, & mais acesa, para luzir

Sophon. 3

zir melhor o ſeu valor.

Hum dos melhores Paſtores que ouve no mundo foy David: & que fazia David? Por mais féras, que foſſem as féras, nunca perdeo, nem mudou as cores: vinha o leaõ, & vinha o uſſo, & ſe lhe tomavão algũa ovelha pela cabeça, tiravalha da garganta pelos pès: ſe lha engulião pelos pès, arrãcavalha das entranhas pelas orelhas. Tal vez acõtecia que os leões, & os uſſos ſe armavão contra David, mas arcava David com elles, & não ſó lhes tirava a preza, ſenaõ tambem as garras. E ſe me perguntarem a razão porque eſtes dous Paſtores David, & Pedro aſſim arriſcavão as vidas por defender as ſuas ovelhas: a razaõ naõ he outra mais, que a que temos ponderado de ſer o que erão: erão Paſtores, & obravam como Paſtores; contendiaõ, pelejavão, & não fugião, q̃ ſe aſſim não obraſſem, nam ſerião o que erão, porque naõ ſeriaõ Paſtores.

Declara Chriſto a obrigação do Paſtor, & diz que o bom Paſtor he aquelle, que defende as ſuas ovelhas, & ſe he neceſſario, tambem dá a vida por ellas: *Bonus Paſtor animam ſuam ponit pro ovibus ſuis.* Joan. 10, Porèm aquelle que foge, quando vem o lobo, eſſe não he Paſtor: *Qui non eſt Paſtor, videt lupum venientem, & fugit.* Pois, (valhame Deos!) ſe Chriſto para exemplo do bõ Paſtor poem por exemplo o Paſtor, que não foge, & diz q̃ eſte he o bom; para confuſaõ dos máos Paſtores, porque não diz que aquelle q̃ foge he máo Paſtor? Porque entre ſer Paſtor, & não ſer Paſtor, não ha meyo; ou ha de ſer Paſtor, ou não ha de ſer Paſtor: ſe defende, ſe acomete, ſe eſtima mais a vida das ovelhas, que a ſua, & arriſca a ſua vida para ſegurar a vida das ovelhas, eſte he Paſtor; porèm ſe foge, ſe deyxa as ovelhas em perigo, & elle ſe poem em ſeguro, não he Paſtor. Entre o officio de Paſtor, & os mais officios ha eſta notavel differença, que em todos

dos os mais officios pòde haver máos, & bõs; pòde haver bom Superior, & máo Superior; bom Sacerdote, & máo Sacerdote; bom Ministro, & máo Ministro; bõ Juiz, & máo Juiz; bom Capitão, & máo Capitão; bom Soldado, & máo Soldado; mas he Soldado, he Capitão, he Juiz, he Ministro, he Sacerdote, he Superior, & ainda q̃ seja máo, não deixa de ser o que he, posto q̃ não seja, o que devia ser; donde em todos estes officios ha meyo entre ser, & não ser, porque pòde ser bom, & ser máo: porèm no officio de Pastor se naõ fez a sua obrigação, se fugio dos perigos, se naõ guardou, nem defendeo, já deyxou de ser o que era, porque já não he Pastor.

Naõ me detenho na accõmodação do passo por satisfazer a hũa duvida, que aqui se pòde perguntar: E que ha de ter hũ Pastor para ser o que deve ser? Como não sey que Christo entregasse as suas ovelhas a Saõ Pedro senão depois de repetidas experiencias de seu amor; tambem não sey se poderá sem muyto amor de Christo haver Pastor, que seja Pastor: amor de Deos, & mais amor de Deos ha de ter o Pastor, que he Pastor. Dous exames fez Christo a Saõ Pedro; o primeyro nó dia de hoje, quando lhe entregou as chaves; o segundo em outro dia depois da sua Resurreyçaõ, quando lhe entregou as ovelhas: quando lhe entregou as chaves, examinou-o da Fé: *Vos autem quem me esse dicitis.* Quando lhe entregou as ovelhas, examinou-o do amor: *Diligis me plus his?* E para que saõ estes dous exames? Se Christo acha fiel Ministro a S. Pedro, porque lhe não entregou as ovelhas, assim como lhe entregou as chaves? Porque o q̃ basta para se entregarem as chaves, não basta para se entregarem as ovelhas: guardar thesouros, & guardar ovelhas tudo he guardar; mas vay muyta diversidade de hũ guardar a outro guardar: guardar os the-

Matth. 16.

Joan. 21.

thesouros está na segurança das chaves, & para a segurança das chaves basta que lhe não falsifiquem as guardas, & isto faz a fidelidade: o guardar as ovelhas está no desvelo do Pastor, & se o Pastor não ama, o cuidado dorme; daqui vem, que para ser Ministro das chaves, bastalhe a S. Pedro, que seja fiel; mas para ser Pastor das ovelhas, não lhe basta a fidelidade, senão for muyto amante de Christo: & a razaõ desta razaõ he; porque as ovelhas, que ha de guardar o Pastor, naõ saõ ovelhas do Pastor, senão ovelhas de Christo, como logo declara o mesmo Senhor: *Pasce oves meas*; & como as ovelhas não saõ do Pastor, senão de Christo, he necessario que o Pastor ame muyto a Christo, para lhe guardar bem as suas ovelhas. Se as ovelhas fossem do Pastor, a conveniencia de lhe beber o leyte, lhe vestir a lãa, & ás vezes a pelle, poderia animar ao Pastor para a defensa levado do seu interesse: mas guardar ovelhas, que se não ham de espremer, ovelhas que se naõ haõ de tosquear, & muito menos esfollar, em fim guardar ovelhas alheas, & sem lucro, antes com muyto risco, com muyto perigo, & com muyto trabalho, isto naõ pòde ser sem grande amor de seu dono: & sendo esta razaõ tam verdadeyra como he, bem se colhe que foy Saõ Pedro o melhor Pastor, porque foy o mais amante de Christo: *Diligis me plus his? Tu scis Domine, quia amo te.*

Ibid.

Assentada assim a dignidade, & mais o officio, resta só sabermos o modo como se ha de exercitar o officio, & mais a dignidade: com as chaves na maõ, dizia eu: & assim o ensinou Christo, quando as entregou a S. Pedro: *Tibi dabo claves Regni Cælorum.* E com que mysterio chaves? Para abrirem, & para fecharem? Isso não diz Christo: pois se o exercicio proprio das chaves he abrir, & fechar; porque se naõ ha de fechar, & abrir com estas chaves do Ceo,

Ceo? Porque ainda que o exercicio proprio das chaves ſeja fechar, & abrir, tem contra ſi as chaves huma particularidade, que nam ſervem com eſte exercicio nas portas do Ceo, nem nas mãos dos miniſtros Eccleſiaſticos. As chaves com hũa volta fechaõ, & com outra abrem, & podem abrir para dentro, & fechar para fóra; & que ſeria em hũ Miniſtro Eccleſiaſtico, a quem Deos entregaſſe as ſuas chaves, ſe lhe erraſſe as voltas? ſe em lugar de abrir fechaſſe, ſe abriſſe para dẽtro para ſi, & para os ſeus, & fechaſſe para fóra, & para os de fóra? Que ſeria? Seria o que foy no tempo de Elias.

Com eſte exercicio de fechar, & abrir entregou Deos as chaves do Ceo a Elias: & que fez Elias? Fechou o Ceo de tal ſorte, q̃ em toda Samaria naõ choveo hũa gota de agua, nem de orvalho, com que tudo perecia á fome, & no meſmo tempo vinha do Ceo a Elias o ſuſtento duas vezes no dia, huma de manhãa, & outra de tarde: *Panem, & carnes mane: panem, & carnes veſpere.* Samaria ſeca, Samaria perecendo á fome, todos mirrados, todos cõſumidos, & todos caindo de fraqueza: & Elias, quando todos os mais naõ tinhão que meter na boca em todo o dia, elle muyto bem jantado, muyto abundante, & muyto bem provido; & ſeria bom para os mais eſte exercicio das chaves? Eu bem ſey que tudo o que paſſou neſta occaſiaõ em Samaria foy caſtigo mãdado por Deos; mas como poderia ſucceder, que contra o que Deos manda ſe uſaſſe mal do proprio exercicio das chaves, naõ quer Chriſto, que as da ſua Igreja ſejaõ chaves para abrir, & chaves para fechar, que ſuppoſto naõ havia que recear em S. Pedro, nem em todos aquelles, que imitaſſem ſeu eſpirito; com tudo aſſim como havia de haver ſucceſſores de Saõ Pedro, podia haver ſucceſſores de Elias, & o eſpirito de Elias nam tem

3. Reg. 17.

tem lugar em tudo na Ley da graça. Mas se me dissessem que podiaõ ser as chaves para abrir, & que nam fossem para fechar, respondo que esse exercicio nas chaves do Ceo seria ocioso; porque as portas do Ceo naõ se fizeraõ para estarem fechadas, senaõ abertas. Quando S. Joaõ vio a Cidade do Ceo, o que notou nas portas foy que nunca se fechavaõ: *Portæ ejus non claudentur*; & como a natureza das portas do Ceo he estarem sempre abertas, seria ocioso o officio das chaves: & Christo naõ quer ociosidades nos seus Ministros. Dõde naõ haõ de ser as chaves nẽ para abrir, & fechar, para que se lhe naõ mudem as guardas; nem só para abrir, para que naõ haja officio ocioso. Pois para que haõ de ser as chaves? Para atar, & desatar, diz Christo: *Quodcunque solveris, erit solutum, quodcunque ligaveris, erit ligatum.*

Apoc. 21.

Grande materia para nos determos hum pouco; mas porque chegamos a ella tarde, naõ farey mais que resumilla. Naõ pòde haver melhor modo em hum Prelado, & em hum Pastor, que saber atar, & desatar: saber atar, para que naõ andem os vicios soltos; saber desatar, para que naõ estejaõ as virtudes presas: porèm porque o que serve de freyo para os vicios, serve de esporas para as virtudes, basta que os vicios se refreem, para que as virtudes corraõ: o freyo dos vicios naõ he outro mais que o castigo; & como se devem refrear, ensinou por modo excellente S. Pedro no castigo de Ananias, & Saphira. Peccou Ananias, & peccou Saphira, & a ambos castigou severamẽte Saõ Pedro. Tres circunstancias dignas de reparo concorrèraõ neste caso; concorreo a culpa, concorreo o Prelado, & concorrèraõ as pessoas delinquentes; a culpa era a primeyra; o Prelado era da Ley da graça; as pessoas eraõ authorizadas: *Viri nobiles*, diz Silveyra. Pois se a culpa he a primeira,

ra, porque se nãõ dissimula? se o Prelado he da Ley da graça, porque naõ perdoa? & se as pessoas saõ authorizadas, porque se naõ respeytaõ? Porque estas dissimulações, estas indulgencias, & estes respeytos, nẽ servem para a emenda, nem servem para a Ley, nem servem para o Prelado.

Dissimular a primeyra culpa he passar hũa carta de seguro para q̃ se cõmettão outras. Depoisque S. Pedro castigou a Ananias, diz o texto que todos ficáram com grande temor: *Et factus est timor magnus super omnes.* E o que foy temor á vista do castigo, seria atrevimento á vista da dissimulaçaõ: *Quia non profertur cito contra malos sententia, absque timore ullo filij hominum perpetrant mala*, diz o Espirito Santo: Porque se não castiga cedo a culpa, daqui vem, que os homens se atrevẽ a cõmetter novos delitos: a culpa castigase cedo, quando se castiga logo; castigase tarde, quando se mete tempo entre o castigo, & a culpa; & se a culpa castigada, só porque se castigou tarde, tira o temor aos homens para que pequẽ livremente; que será a culpa dissimulada, a culpa que nunca se castigou? Esta não só lhes tirará o temor, mas lhes dará ousadia: as dissimulações de David foram ousadias de Absalaõ: nunca o filho se rebellára contra o pay, se o pay com a primeyra noticia refreára o orgulho, & castigára o atrevimento do filho, & nem por isso seria menos pay.

Actor. 5.

Eccles. 8.

A segunda circunstancia de ser Pedro hũ Prelado da Ley da graça, tambem naõ impede o castigo: o tribunal donde mais resplandece a graça, he o tribunal da confissaõ, & hũa das partes deste tribunal he naõ ficarem as culpas sem penitencia; porque naõ quer Deos que a sua graça se dè senaõ aos arrependidos, & naõ aos culpados; primeyro se ha de lançar a culpa fóra, para se introduzir a graça: ser criminoso, & sobre o crime receber a gra-

ça, essa naõ he a graça da nossa Ley. Zombarias da Ley chamaria eu a semelhãtes graças; nem pareça isto demasia, porque assim lhe chamou S. Paulo. Quando S. Paulo quiz encareçer a justiça de Deos, que nunca deyxa as culpas sem castigo, a frase por onde se explicou foy dizer, que Deos não deyxava zombar de si; por estes termos escreve aos Galatas: *Nolite errare: Deus non irridetur.* Naõ haja culpas, que o castigo naõ ha de faltar, porque com Deos não se zomba: de sorte que no sentir de S. Paulo por isso os peccadores nam zombaõ de Deos, porque Deos naõ deyxa as culpas sem castigo, & se Deos as deyxasse sem castigo, bem se segue que atè do mesmo Deos zombariaõ os peccadores: pois para que se naõ zombe da Ley, nem daquelles que estam em lugar de Deos, naõ se façaõ semelhãtes graças.

Ad Galat. 6.

Porèm dirá algum: Nem tudo se deve levar ao cabo, ainda que a culpa mereça castigo, & a Ley o mande, algũ respeyto se deve guardar ás pessoas. Respeyto ás pessoas? E isso he o q̃ Christo manda guardar aos seus Pastores? Christo quando fez Pastor a S. Pedro, o que lhe mandou guardar, foraõ ovelhas; mas naõ lhe mandou guardar respeytos. O Pastor dos Pastores, exemplo, & modelo de todos foy o mesmo Christo, & o conceyto que delle tinhaõ ainda seus mesmos inimigos era, que naõ guardava respeytos a ninguem: *Non respicis personam hominum.* Mas por isso era Pastor, que guiava as ovelhas por caminho seguro: *Viam Dei in veritate doces.* Por isso era Pastor, que se fazia respeytar das suas ovelhas: *Oves meæ vocem meam audiunt.* Pastor que guarda respeytos, naõ quer q̃ lhos guardem: & se quizer ser respeytado, naõ ha de ser respectivo.

He caso notavel que vindo huma companhia armada para prender a Christo, nenhum della se atre-

vesse com Saõ Pedro, sendo que Saõ Pedro fez o que fez ao criado do Pontifice: mas porque Saõ Pedro fez o que fez, por isso todos se accommodáraõ, & todos lhe guardáraõ muyto respeyto: viraõ os Fariseos na resoluçam de Pedro, que quem sem respeitar ao amo castigava o criado, que obedecia no que naõ devia obedecer, tambem o castigaria a elle, se o tivesse á maõ, porque mandava, o que naõ devia mandar, & que todos os da companhia iriaõ pelo mesmo fio, se Christo lhe naõ tivesse maõ da espada; & tiveraõ respeyto a Saõ Pedro, porque lho naõ viraõ ter a elle, senaõ a Christo: quem só respeyta a Christo, he muyto respeitado de todos: a Christo, & só a Christo respeito, & muyto respeito; aos mais, sejam quem quer que forem, respeyto, nem muyto nem pouco: observese o que Deos manda, & cortese por onde se cortar, tanto pelos pequenos, como pelos grandes; tanto pelos criados, como pelos amos. Malcos era criado: *Servum Pontificis*: Ananias, & Saphira eram senhores: *Viri nobiles*: & Saõ Pedro tanto respeytou as culpas humildes, como respeytou os vicios authorizados; & se ouve respeyto de culpa, a culpa foy para castigar mais a dos grandes, & menos a dos pequenos; porque como os vicios nos grandes causam mayor dano, devem levar mayor castigo. Isto he ser Pedro, & obrar como Pedro Prelado, & Pastor universal da Igreja: *Tu es Petrus*.

Tenho acabado o meu commento, mas naõ tenho acabado, nem acabarey de dizer, se he commento do que passou no tempo de S. Pedro, se commento do q̃ passa no nosso tempo; & como naõ he facil entre tanta semelhança achar diversidade, digo que he commento de hum, & outro tempo; porque ou he commento de hum Prelado dividido em dous pelas pessoas, ou he commento de dous Prelados

dos identificados em hum pela ſemelhança: & ſe he grande gloria para S. Pedro eſtar hoje gozando no Ceo o premio de ſuas Apoſtolicas virtudes; naõ he gloria pequena eſtar vendo lá da Bemaventurança cá na terra imitado muyto ao natural o ſeu eſpirito Apoſtolico: digo ao natural, porque parece couſa muyto propria dos que ſaõ da familia de Chriſto ſemelhante imitaçaõ. Saõ Paulo fez hũa illaçaõ, em que prova q̃ os ſeus Corinthios haviam de ſer ſeus imitadores: *Ergo vos imitatores mei eſtote.* Por tanto Corinthios, vòs haveis de ſer meus imitadores: & donde infere Saõ Paulo eſta conſequencia? De nenhuma outra couſa mais, que de os ter gerado em Chriſto: *In Jeſu Chriſto ego vos genui.* De ſorte que a imitaçam Apoſtolica nos mais he por impulſo da graça; a imitaçaõ Apoſtolica nos da familia de Chriſto he por força da geraçaõ, & por iſſo muyto natural. E para que todos os que temos o caracter Sacerdotal ſejamos tambem de muyta gloria a noſſo Pay, & fundador o Apoſtolo S. Pedro, lembremonos que todos ſomos parte deſta pedra fundamental: *Attendite ad petram unde exciſi eſtis*; paraq̃ da ſua firmeza aprendamos a conſtancia, da ſua immutabilidade o ſer, do ſeu amor a caridade, do ſeu deſintereſſe o deſapego, da ſua humildade a ſugeyçam, da ſua reſignaçaõ a obediencia, do ſeu zelo o que devemos ter da hõra de Deos; para termos na ſua interceſſaõ hum ſeguro da graça, & na ſua imitaçaõ outro da gloria: *Quam mihi, & vobis præſtare, &c.*

Ad Corinth. 4.

Ibid.

Alude a ſer o Illuſtriſſimo Primaz da Ordem de Chriſto.

O SER-

SERMAM DE N. SENHORA DO LIVRAMENTO

Em Daugim anno de 1696.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.

Elebramos hoje a Rainha dos Anjos com o titulo,& invocaçaõ da Senhora do Livramento, & o primeyro que ſe vè livre de hũ grande trabalho he o Prègador. O mayor trabalho do Prégador he provar a materia de hoje, & como eſta eſteja taõ provada nos exemplos paſſados,& comprovada no texto preſente, livre fica o Prégador deſte trabalho. Se olharmos para os exemplos paſſados, acharemos que naõ ouve figura no Teſtamento velho, em que Deos como em imagem nos preſentaſſe a ſua Mãy Santiſſima, na qual ſe naõ pudeſſe gravar cõ toda a proprieda-

priedade hũa letra que dissesse: *Esta he a Senhora do Livramento*: que já de tempo taõ antigo ideava Deos nas sombras da ley escrita, o que havia de tirar a luz na Ley da graça: & assim vemos que em hũa occasiaõ nos pintou huma torre de admiravel arquitectura assim na fabrica, como na fortaleza, porque era alta, & vistosa, igual, & bem lavrada: compassada nas batarias, cuberta nas retiradas, capaz na praça, & regular em tudo; de cujas ameas se viaõ pendurados milhares de escudos para amparo, & para defensa.

Cant. 4.

Em outra huma estrella sobre o mar, a cuja vista perdiaõ os ventos a força, quebravaõ as tempestades a furia: nem as ondas se encapellavão, nem se encruzavaõ as aguas; tudo estava pacifico, & sossegado, tudo manso, & quieto, promettendo feliz viagem a quem a tomasse por guia de sua navegação. Em outra hũa grande maquina de madeyra, a que agora chamariamos não, que no diluvio universal conservava as esperanças do genero humano, quando correo a mayor tormenta. Em outra huma Cidade, em que os perseguidos, ou da desgraça, ou da fortuna achassem refugio em suas penas, & descanço em seus trabalhos. Em outra hum arco levantado nas nuvẽs, que fosse o mais certo final de se ver o mundo livre dos rigores, com que Deos o tinha castigado. Em outra finalmente, deixando por brevidade as Deboras, & Judis, as Esthéres, & Abigaís, & outras infinitas imagẽs; em outra digo hũa prodigiosa vara, que nas maravilhas, que por ella obrou Deos na liberdade do povo, foy hũ instrumento da Divina Omnipotencia, em que estava vinculado todo o poder supremo.

Genes. 6. Josue. 21. Genes. 9. Exod. 4.

Estas saõ as imagens de Maria no Testamento velho, & estas as que com toda a propriedade havião de ter huma letra que dissesse: *Esta he a Senhora do Livramento*; porque ella he a que co-

como firmiſſima Torre de David fornecida, & armada de milhares de eſcudos tão promptos, & aparelhados para noſſa defenſa, como ſeguros, & impenetraveis a todos os golpes, nos livra de noſſos inimigos: *Murus inexpugnabilis, & munimentum ſalutis*, diz Theoſtericto. Ella he a que como Eſtrella do mar nos encaminha nas tormentas deſte mũdo, nas quaes correriamos o mayor riſco, ſe a ſua poderoſa intercesſam nos nam livraſſe de taõ evidentes perigos: *Quibus auxilijs poſſunt naves inter tot pericula pertranſire uſque ad littus patriæ*, diz o Pontifice Innocencio III. Ella he a que como Arca de Noè livrou ao genero humano do naufragio univerſal, em que ſe afogou o mundo todo: *Ad inſtar Arcæ Noe fuit ſalvatio generis humani*, diz Ricardo. Ella he a Cidade de refugio para todos os q̃ ſe acolhem a ſeu amparo, & os faz viver na ſegurança de ſua liberdade, na mayor felicidade, & no mayor deſcanço: *Civitas refugij, quæ confugientes ad ſe cives facit utriuſque Jeruſalem*, diz Jorge Nicomediẽſe. Ella he aquella Iris, & arco celeſte, ſinal de paz, & clemencia, porque pondo Deos os olhos em Maria deſiſte dos caſtigos, que merecem noſſas culpas: *Arcus Cæleſtis eſt Maria, qua apparente ſubtrahit ſe Deus à flagellis intentis in peccatores*, diz S. Antonino. Ella finalmente he aquella vara omnipotente, aquelle inſtrumento das maravilhas de Deos, & do qual o meſmo Deos ſe ajuda para moſtrar o ſeu poder em livrar aos homẽs do cativeyro da culpa para os reſtituir á liberdade da graça: *Maria eſt adjutoriũ Altiſſimi, quia juvat eum ad ſalvandum genus humanum*, diz Hugo Cardeal.

Theoſt. Innoc. 3. Ricard. Georg. Nicom. S. Antonin. Hug. Card.

E porque tudo iſto, que na ley velha ſe repreſentou em ſombra, veyo a ſer realidade na Ley Nova, he caſo notavel o que ſuccedeo no Euangelho deſte dia, que he o Capitulo onze de Sam Lucas; para que vejamos com-

comprovado no texto presente, o que vimos provado nos exemplos passados. A occasiaõ porque foraõ ditas as palavras, que tomey por thema, foy aquelle famoso milagre chamado vulgarmente do Demonio mudo. Pediram os Discipulos a Christo, que os ensinasse a orar: assim o fez o Divino Mestre ensinandolhes a Oração do Padre nosso, na qual propoz tudo o que deviamos de pedir, & por remate da mesma Oraçaõ, como se fizesse hum compendio, & hum epilogo de toda ella, a resumio em duas palavras, dizendo, que pedissemos a Deos nos livre de todo o mal: & para mostrar por obra a efficacia da Oraçaõ que ensinára de palavra, diz o texto que logo livrou a hum homem do peyor mal dos males, que era a opressaõ do Demonio: *Et erat Jesus ejiciens Dæmonium* Este successo por todas as suas circunstancias maravilhoso causou grande admiração nos circunstãtes: *Admiratæ sunt turbæ.*

Mas eu não me admiro tanto de sua admiraçaõ, quanto das vozes, que no mesmo tempo ouço levantar a hũa mulher no meyo das turbas: *Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit: Beatus venter, qui te portavit.* No mesmo tempo em que Christo livra a hum homem da opressaõ do Demonio, nesse mesmo tempo levanta a voz hũa mulher: para que? para louvar a Christo da maravilha, que tinha obrado? Naõ; mas para louvar a Mãy do mesmo Christo Maria Santissima: *Beatus venter, qui te portavit.* Pois quando Christo faz o milagre, quãdo Christo he o que livra aquelle homem do mal que padece, então, & no mesmo ponto em que se faz o livramento, he que se louva sua Mãy Santissima? Sim: & não só com consequencia mysteriosa, & verdadeyra, senão muyto natural. Todo este milagre, todo este prodigio, & obra maravilhosa, era livrar aquelle homem do mal que padecia, & como

as acçoens do livramento saõ proprias da Mãy de Deos, ella he a que deve ser louvada: as admirações seraõ para o Filho; mas os louvores haõ de ser para a Mãy; porque ainda que o Filho faça o milagre de livrar, à Mãy, & naõ ao Filho se hade attribuir o titulo do Livramento. Supposto pois da doutrina de Christo, que o verdadeyro livramento ha de ser o livramento do mal, & supposto tambem que a prerogativa de livrar he muyto antiga, & muyto propria em Maria Santissima; para discorrermos em materia tam velha com algũa novidade, peçamos á mesma Senhora nos assista com sua intercessam, para que nos naõ falte a graça.

Ave Maria.

Beatus venter, qui te portavit.

NAõ sey que poderia succeder neste miseravel mundo tão defectuoso, & falto de bens, depois que o peccado de Adaõ foy causa de todos nossos males se Deos com altissima Providencia o naõ provesse de hũ remedio igual á sua necessidade. E qual será este remedio? Este remedio, senhores, não he outro mais que a Mãy do mesmo Deos. A Igreja allumiada pelo Espirito Santo contrapondo os males, que Eva introduzio no mundo, sendo principio de todos, os que padecemos, com os bens que haviamos de conseguir por meyo de Maria Santissima, diz que esta nos restituío o que aquella nos tirou: *Quod Heva tristis abstulit, tu reddis almo germine.* O que nos tirou Eva, foy aquelle estado felicissimo da innocencia, em que se haviaõ de lograr os bẽs puros, & sem mistura, fazendo que todo o bem, que neste mundo se logra, seja acompanhado de tan-

Eccles. in Offic. B. M.

tantas desgraças, ou seguido de tantos pezares, que em nada se ache gosto perfeito pela alternada successaõ, que tem os bēs com os males.

Risus dolore miscebitur, & extrema gaudij luctus occupat. Naõ ha risos sem lagrimas, nem alegria sem tristeza, disse o mais sabio de todos os homens: mas naõ era necessario que elle o dissesse, porque a mesma experiencia tem ensinado á custa de cada hũ esta verdade. Os bēs ou saõ da natureza, ou da fortuna: & quem ouve atè agora tão filho da natureza, q̃ a não experimentasse madrasta? Quem teve atè agora tanto da sua parte a fortuna, que a naõ visse contraria? Nas produções da natureza a variedade he o melhor ornato: a fortuna, da inconstancia fórma as suas voltas; & quando a variedade he o fruto da natureza, & quando o voltar he o curso da fortuna, como se não haõ de alternar os bēs com os males? como pòde haver firmeza no vario, & permanencia no inconstante?

Prov. 14.

Esta variedade, & esta inconstancia he a que nos faz experimentar, que não ha rosa sem espinhos, flor sem desmayos, primavera sem estio, veraõ sem inverno, dia sem noyte, luz sem sombra, Sol sem eclipse, gosto sem pezar, descanso sem fadiga, saude sem achaque, vida sem morte, triaga sem veneno, ouro sem fezes, prata sem liga, vale sem mõte, altura sem precipicio, substancia sem accidentes, quantidade sem pezo, qualidade sem contrarios, louvor sem lisonja, amizade sem cautela, dignidade sem cuydado, vitoria sem sangue, triunfo sem batalha. Esta he a que nos faz experimentar, que não pòde vestir Joseph hum pelote de melhor cor, sem que lho dispa a inveja de seus irmãos; que não pòde lograr Jacob da fermosura de Rachel sem a deformidade de Lia; que naõ pòde viver a prudencia de Abigail sem a

rudeza de Nabal; que naõ pòde haver delicia, que naõ seja como a do favo da lança de Jonathas, que juntamente se leva á boca a doçura, & mais o ferro; que não pòde a funda de David derribar ao Gigante com o tiro, sem derribar o mesmo David com o estalo; que não pòde Absalaõ pezar os seus cabellos, sem ter a cabeça leve; & finalmente, q̃ não podemos neste mundo gozar os bẽs livres de todos os males.

Assim he, & assim será, se vivermos neste mundo sem nos valermos do remedio, ou se padecermos o que Eva nos tirou, & naõ gozarmos o que Maria nos restituío; porque sem o seu amparo tudo será desgraça, com a sua assistencia tudo será felicidade. *Ubi non est mulier, ingemiscit egens*, diz o Espirito Santo por Salamão: O mal só se padece, aonde se padece a falta de hũa mulher. Esta mulher de quem aqui falla Salamaõ, he aquella mesma, a quem em outra occasiaõ chama mulher forte: *Mulierem fortem*, figura expressa da Mãy de Deos: & que era o que fazia esta mulher, para que á sua vista se naõ padecesse o mal, & se lograsse o bem? Naõ se pudera dizer melhor a nosso intento. *Reddet ei bonum, & non malum.* O que fazia era dar o bem, & era livrar do mal: dar o bem, porque Maria he o principio de todos os bẽs, como lhe chamou Crysippo: *Radix omnium bonorum*; & livrar do mal: *Et non malum*; porque ella he o remedio de todos os males, como affirma S. Joaõ Geometra: *Medicina ægritudinum nostrarum.* Mas de que males? Na reposta desta pergunta he que está a novidade, que eu prometi ao principio: dos males que nos affligem, dos males que nos atormentaõ, & que conhecidamente saõ males? Naõ só destes: naõ só dos males, que saõ males, senaõ tambem dos males que saõ bẽs, & isto, se me naõ engano, he o que diz Salamaõ. Quando Salamão diz, que de Maria nos procede o bẽ, logo

Eccles. 27.

Prov. 31.

Crysip.

S. Ioan. Geom.

logo nos adverte, que he bem sem mal: *Bonum, & non malum.* E para que he esta advertencia? para entendermos, que nos dava o bem, para que era necessario advertirnos, que nos naõ dava o mal? Era necessario, para que entendessemos que os bẽs deste mundo naõ só tem o dezar da companhia, & mistura do mal, mas que naõ ha bem neste mundo, que na mesma razaõ de bem, naõ seja muitas vezes mal: & aonde mais resplandece o titulo do Livramento da nossa bemfeytora Maria Santissima, naõ he só em nos livrar dos males, que saõ males, & q̃ andaõ de mistura com os bẽs, senaõ tambẽ, & muyto mais em nos livrar dos males, q̃ saõ bens, & que na mesma razaõ de bem tem muytas razões de mal. Está proposta a novidade, mas ainda não está explicada.

Neste mundo naõ ha bẽ por grande, por feliz, & por estimado q̃ seja, o qual naõ tenha tres males; porque todo o bem neste mundo, ou he futuro, ou he presente, ou he passado; se he futuro, esperase; se he presente, lograse; se he passado, perde-se: em quanto se espera, causa desejo; em quanto se logra, causa gosto, & quando se perde, causa saudade; mas como não ha desejo sem ancia, naõ ha posse sem cuydado, & naõ ha saudade sem sentimento; tambem naõ ha bem que naõ tenha tres males: o mal da esperança em quanto he futuro; o mal do cuydado em quanto he presente; & o mal do sentimento quando se vè perdido: hum mal he o sentimento da saudade, q̃ nos deyxou a perda; outro mal he o cuydado da posse, que nos causa a presença; outro mal, & mayor mal he o desejo da esperança com que nos atormenta a contingencia do futuro. Comecemos por aqui.

No futuro naõ ha distinçaõ de bens a males, todos saõ males, porque todos se padecem: os males, porque se temem, & os bens, porque se esperaõ: para affligir

o mal, basta que haja de ser: para molestar o bem, basta que naõ seja, & basta que se espere, porque na esperança consiste o seu mal. Algũs quizeraõ dizer que a esperãça naõ era bem, nem mal, & a razaõ em q̃ se fundáraõ foy; porque se a esperança fora bem, havia de haver esperança no Ceo, aonde ha todos os bẽs; & se fora mal, havia de haver esperança no Inferno, aonde ha todos os males: & como nẽ no Ceo, nem no Inferno ha esperança, daqui vem, que a esperança não seja bẽ, porque falta no Ceo; & naõ seja mal, porque falta no Inferno. Mas naõ haviam de discorrer assim, para discorrer com acerto: naõ haviaõ de julgar o que era a esperança pelo lugar aonde falta, senaõ pelo lugar aonde assiste, & logo conheceriaõ, que a esperança naõ era o que elles diziaõ, que era naõ ser bem, nem mal; mas era juntamente mal, & bem. Qual he o lugar da esperança? He este mundo em que vivemos: logo a esperança he mal, & he bem. Provo. Quando Deos fabricou esta maquina universal, toda a dividio em tres partes, hũa superior, q̃ he o Ceo, outra inferior, que he o Inferno, & outra media, que he a terra; no Ceo poz todos os bẽs sem nenhũ mal; no Inferno poz todos os males sem nenhũ bem; & na terra, que he o lugar entre o bem sem mal, & o mal sem bem, poz o bẽ, & juntamente poz o mal; & como a esperança seja cousa propria cá da terra, por isso participa de hũa, & outra cousa: participa do bẽ, pelo que entretem o desejo; & participa do mal, pelo que afflige o cuydado; & se não está no Ceo he, porque naõ he toda bem; & se naõ está no Inferno he, porque naõ he toda mal; & só está na terra, por ser juntamente mal, & bem.

A grandeza deste mal, que a tantos abrange, & de que tãtos andaõ enfermos, ponderou quẽ melhor soube do bem, & do mal, porque tudo experimentou.

Affli-

Affligido Job pelo muyto que padecia, & tornando a culpa á noyte, em que fora concebido como a principio de ſuas penas, & querendoſe vingar da meſma noyte, qual cuydamos que ſeria o mayor mal, que con tra ella deſcubrio o ſeu ſentimento, & a mayor praga, que invētou a ſua dor? *Pereat nox, in qua dictum eſt, cōceptus eſt homo; expectet lucem, & non videat, nec ortum ſurgentis auroræ.* Mal dita ſeja a noyte, em que fuy cōcebido; eſpere pela luz, & nunca amanheça; eſpere pela aurora, & nunca venha. A mayor praga, & o mayor dano, que Job achou contra a noyte, foy rogarlhe que eſperaſſe, para que a noyte experimentaſſe o que era ſentir, & ſoubeſſe o que era padecer; rogalhe que eſpere pelo dia, & que eſpere pela luz, mas que nem chegue a luz, nem amanheça o dia, para que na dilaçaõ da eſperança padeceſſe quāto cuſta o eſperar; & eſta na ſua eſtimaçaõ era a mayor deſgraça que podia ſucceder á noyte.

Job 3.

Mas agora entra aqui a minha duvida. E em que eſteve neſta maldição a deſgraça, ſe parece a mayor dita, que podia ſucceder á noyte? A praga, & a maldição de Job era rogar á noyte, que eſperaſſe pela luz, & pela aurora, & que nem a aurora, nem a luz vieſſem; & iſto naõ ſeria dita para a noyte? O mayor inimigo da noyte, he o dia, & mais a luz: em quanto naõ ha luz, conſerva-ſe a noyte, em quanto naõ amanhece, perſevera; mas tanto que amanhece o dia, & a luz reponta, fica a noyte perdida, & acabada: melhor logo lhe eſtava á noyte ſuccederlhe a praga de Job, do que nam lhe ſucceder: eſperar que amanheceſſe, & naõ ver nūca a luz do dia, para ſe conſervar, do que chegar a manhã, que a deſtruiſſe. Nam eſtava; & niſto meſmo, que parece felicidade, ſe vè melhor a deſgraça de quem eſpera. Naõ duvidava Job cō tantas experiencias do mal, que o nam era pequeno a

luz,

luz, & que o era grande o dia para a noyte, porque com o dia, & com a luz se destroe, se acaba, & se perde; mas pondo de hũa parte o mal, com que se acaba, & da outra o mal com que se espera: muyto mayor sem comparaçaõ he o mal com que se espera, do que he o mal com que se acaba.

A razaõ he; porque o mal com que se acaba, se he tormento, he tormento que naõ dura; & se vos faz o dano de vos acabar, tambem vos faz o beneficio de o naõ sentirdes mais: o mal com que se espera he tormento, que dura, & na mesma duraçaõ aviva o q̃ molesta. O mal com que se acaba pòde livrar de tantos males, que mais seja felicidade pelos males, de que vos livra, do que desgraça pela dor que vos causa; o mal com que se espera, porque na sua dilaçaõ tem o tẽpo de affligir, como diz o Espirito Santo: *Spes, quæ differtur, affligit animam*, quãto mais se dilata, mais crece; & quanto mais crece, mais impossibilita o alivio. O mal cõ q̃ se acaba, he mal dos males; porq̃ atè contra os males he remedio, & o q́ he remedio dos mayores males, naõ pòde ser o mayor mal: o mal com q̃ se espera he mal dos bẽs; porque he contrario de todo o bẽ, & naõ pòde haver mayor mal, que aquelle, que tem a mayor opposiçaõ com o bem: & por isso naõ roga Job á noite, que padeça o mal com que se acaba, senaõ o mal com que se espera; porque o acabar poderia ser alivio, o esperar sempre era tormento mayor que o mesmo mal, como cantou aquelle grande, & desenganado espirito ao som das aguas do manso Lima, depoisque deyxou as inquietações do Tejo: *Negra da minha esperança, que me doe mais que o meu mal.* Porèm se esperar pelo mal, & naõ vir o mal, só porque he esperar, he pena que molesta, he tormento que afflige, he dor que martyriza; que molestia, que aflição, & que martyrio será esperar pelo bẽ, &

Prov. 13.

Frãcisco de Sà de Mirand.

& não chegar, dilatarse, & não apparecer.

A este mal, como vimos, chama o Espirito Santo afflicçaõ da alma: *Spes, quæ differtur affligit animã*, porque este he o principio de todas as melancolias, & tristezas, & em havendo esperanças, estes saõ os seus effeytos. Hũa tarde depois da sua Resurreyçaõ appareceo Christo a dous Discipulos, q̃ hiaõ para a Aldea de Emaùs, & aindaque sabia a causa, como quẽ mais sabe não repara em pergũtar, perguntoulhes porque estavão tristes: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes?* E que responderiaõ os Discipulos? *Nos autem sperabamus.* Nòs somos hũs homẽs, que temos esperanças. Pois se os Discipulos tinhaõ outras muytas razões para estarem tristes: se por hũa parte os affligia o temor, por outra o desemparo, & por outra a saudade: se ainda não tinhão enxutas as lagrimas pelos tormentos, pelas angustias, pelas afrontas, & mais penas, que virão padecer o seu Divino Mestre; porque não daõ outra causa á sua tristeza, mais que as suas esperanças? Por isso mesmo: erão perguntados pelos effeytos, & responderaõ com a causa: para o seu sentimẽto não lhes faltavão motivos; mas para darem cabal razão de sua tristeza, não era necessario recorrerem a outra causa, quando tinhão a da esperança: *Nos autem sperabamus.*

Luc. 24.

Se esta pergunta, que então se fez junto a Emaùs, se fizesse hoje a muytos, que ou remidos, ou não remidos, todos esperão pela sua redempção, ou pelo seu remedio; bem creyo que havia de ter a mesma reposta. Porque vemos tantos descontentes, tantos desconsolados, tantos affligidos, tantos melancolicos, & tãtos tristes? Porque todos esperaõ: espera o pleyteante pela sentença, & naõ ha consolaçaõ, que o sossegue: pois porque se desconsola? Porque espera pela sentença,

ça,& não chega a ſentença. Eſpera o pertendente pelo deſpacho, & naõ acha contentamento que o ſegure: pois porque ſe deſcontenta? Porque eſpera pelo deſpacho, & o deſpacho tarda. Eſpera a parte pela demanda, & ſempre anda affligida: pois porque ſe afflige? Porque eſpera pela demanda, & a demanda eſtá parada. Eſpera o que milita, ou militou, pelo acreſcentamẽto, pela paſſagem, pela gineta, pela vara, pelo cargo, pelo poſto, pela praça, pelo foro, & tudo nelle ſam melancolías, & triſtezas: & porque? Porque eſpera, & naõ acaba de ter o que deſeja. Eu não examino agora ſe eſtas eſperanças ſaõ com razão, ou ſem ella, que de ordinario os que mais eſperaõ, ſaõ os que menos razaõ tinhão de eſperar: naõ examino ſe tem por objecto o que lhes eſtá bem, como tinhão as eſperanças dos Diſcipulos, ou o que lhes eſtá mal, como tinhão as eſperanças da noyte de Job, porque hum exame ſeria comprido, & outro odioſo, & por eſta cauſa ambos ſerião mal aceytos: mas ſuppoſto que mal, vamoslhe buſcar o remedio, que he o que ſó importa: o remedio já eu diſſe qual era, & o torno a repetir: o remedio he a Senhora do Livramento, pois por ſua conta correo o livrarnos deſte mal: & como? perguntará alguem. E eu reſpondo:

Hum dos titulos de Maria Santiſſima he ſer Mãy da eſperança; eſte ſe dá ella a ſi meſma por Salamão: *Ego mater pulchræ dilectionis, & agnitionis, & ſanctæ ſpei.* Pois ſe a meſma Senhora he a que mais nos aviva a eſperança, como he a que nos livra dos males, que nos cauſa? Por iſſo meſmo, & niſſo he que conſiſte a mayor excellencia do ſeu Livramento. A mayor excellencia, que S. Paulo conſiderou em Abrahaõ, foy vencer hũa eſperança com outra eſperança: *In ſpem contra ſpem credidit, & reputatum eſt illi ad juſtitiam.* E o meſmo digo eu no livra-

Eccleſ. 24.

Ad Rom. 4.

vramento de Maria Santiſſima: qual he a eſperança de que he Mãy eſta Senhora? He a eſperança Santa: *Sanctæ ſpei*; ou como diz o meſmo Salamão em outro lugar, he a boa eſperança: *Bonæ ſpei feciſti filios tuos.* E livrarnos do mal de hũa eſperãça com o bem de outra eſperança, he applicar o remedio mais conveniente ao achaque; he receytar a medicina mais efficaz contra a doença: & ſe me perguntarem em que conſiſte a bondade deſta eſperança: a meſma Senhora no meſmo lugar em que ſe deu o titulo de Mãy da Eſperança, nos ha de dar a repoſta. *Ego quaſi Vitis fructificavi, & flores mei fructus.* Eu frutifiquey como vide, & as minhas flores ſam frutos. Todos ſabem, que nas flores ſe ſymbolizão as eſperanças que ſe concebem, & nos frutos os bens que ſe logrão; & o bem deſta eſperança todo conſiſte em ſe juntarem as flores com os frutos, quero dizer, a eſperança com a poſſe; porque eſta eſperança nem atormenta com dilações, nem martyriza com duvidas, & ſe tem o ſer da eſperança ſymbolizada nas flores, tambem tem a felicidade da poſſe ſignificada nos frutos; & por iſſo eſperança boa por todas as partes, & remedio de todos os males de qualquer outra eſperança, porque quando ſe concebe, já produz, quando naſce, já ſe logra, quando promete, já dá, & naõ ha nella entreter o deſejo como flor, ſem que haja ſatisfazer o goſto como fruto.

Sap. 12.

Eſtá provado o bem deſta eſperança, & o como nos livra da eſperança que he mal, mas ainda naõ eſtá dada a razão: a razaõ he; porque a eſperança, de que a Senhora he Mãy, he aquella, que ſó ſe deve pòr em Deos, que nos dá os bens do Ceo, diz Menochio: *Sanctæ ſpei, qua bona Cæleſtia Deo nixi ſperemus.* E a eſperança que ſe poem em Deos, tam longe eſtá de ſer mal, que he toda a noſſa felicidade; & daqui ſe entenderá

Menoch. hic.

derá o sentido, em que atè agora falley: disse o mal da esperança, porque falley da esperança dos bẽs do mundo, & para nos vermos livres de seus males, não ha outro remedio mais que as esperanças dos bẽs do Ceo, que a Senhora do Livramẽto nos offerece: & a razaõ desta razão he; porque só na esperança do Ceo acharemos mudado em bem tudo o que tem de mal a esperança do mundo. A esperança do mundo he hũ cuydado que nos perturba: a esperança do Ceo he hum descanço que nos sossega: *Caro mea requiescet in spe.* A esperança do mundo he hũ temor que nos acovarda: a esperança do Ceo he hum esforço que nos anima: *In Deo speravi, non timebo.* A esperança do mũdo he hũa dependencia, que nos cativa: a esperança do Ceo he hũa izenção, que nos liberta: *Speraverunt, & liberasti eos.* A esperança do mundo he hũa duvida, que nos inquieta: a esperança do Ceo he hũa certeza, que nos segura: *Immobiles à spe Euangelij.* A esperança do mũdo he huma culpa, que nos condena: a esperança do Ceo he hum merecimento, que nos salva: *Gloriamur in spe gloriæ.* A esperança do mundo he hum inimigo, que nos acomete: a esperãça do Ceo he hum escudo, que nos defende: *Clypeus est sperantibus in se.* A esperança do mũdo he hũa dor, que nos afflige: a esperança do Ceo he hũ alivio, que nos sára: *In Domino sperans non infirmabor.* A esperança do mundo he hum depois que nunca chega: a esperãça do Ceo he hum logo, que nunca tarda: *Veniens veniet, & non tardabit.* A esperança do mundo he hũa tristeza, que nos martyriza: a esperança do Ceo he hũa alegria, que nos conforta: *Lætentur omnes, qui sperant in te.*

Psalm. 15. Psal. 55 Psalm. 21. Ad Col. 1. Ad Rom. 5. Prover. 30. Psalm. 25. Habac. 2. Psal. 5.

Finalmente a esperança do mundo he hum mal com tantas circunstancias de grave, que o julgou Jeremias pela mayor maldiçam, que podia succeder a quem

a pa-

a padece: *Maledictus homo, qui confidit in homine.* A esperança do Ceo he hũ bem com tantas prerogativas de felicidade, que o julgou o mesmo Profeta pela mayor bençam que podia conseguir hum sugeyto em tudo bem afortunado: *Benedictus Vir, qui confidit in Domino.* E sendo este o bem que conseguimos por meyo de Maria Santissima, & aquelle o mal de que nos livramos pelo mesmo meyo, só aquelle homem, que viver enganado comsigo, & com o mundo, não trocará o mal pelo bem: só aquelle homem que amar o seu cativeyro, & aborrecer a sua liberdade, naõ tirará a esperança dos bens do mundo, para a pòr toda nos bẽs do Ceo, com huma esperança em tudo boa, como fruto de tal Mãy: *Bonæ spei fecisti filios tuos.* Esperando em Deos, que he só o que nos pòde dar o alivio sem pena, o contentamento sem pesar, a alegria sem tristeza, o descanço sem fadiga, a segurança sem temor, o sossego sem receyo, a paz sem perturbação, a riqueza sem cuydado, a honra sem aggravo, a grandeza sem inveja, a companhia sem emulaçaõ, a amizade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem morte, & todos os bẽs perpetuos daquella patria Celestial, em tudo perfeytos, em tudo grandes, & em tudo bẽs.

Jerem. 17.

Muyto me tenho dilatado neste discurso, mas na brevidade dos que se seguem emendarey este erro. O segundo mal do bem he o cuydado com que se logra. Alguns quizeraõ dizer, que os gostos, que se logaõ nesta vida, eram as vesporas dos pezares: mas eu me naõ atrevo a dividirlhe os dias, porque no mesmo tempo os considero jũtos. Melhor ajuizou quem disse, que os bẽs deste mũdo naõ eraõ mais que hum trabalho para antes, & hum cuydado para logo; porque antes de se alcançarem tendes o trabalho de os adquirir; depois de os alcançar tendes o cuydado com que

os lograis; ou para melhor dizer, o cuydado com que os padeceis: & para q̃ ninguem duvide desta verdade, eu concedo a cada hum, que ponha hũ cravo na roda da fortuna, & se finja ter, o que real, & verdadeiramente teve o mais opulento de todos os homens que foy Salamão; & que he o que teve Salamaõ? *Omnia, quæ desideraverũt oculi mei, non negavi eis, nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur.* Teve o que parece incrivel, se no lo naõ ensinasse a Fé: teve tudo o que se podia desejar, & tudo o que se podia gozar de riquezas, de abundancia, de magnificencia, & regalo: rodava o ouro em sua casa: (que naõ fallo na prata, que essa era tanta como as pedras da rua; por este termo o diz a Escritura) os banquetes eraõ continuos, & sempre reaes: as iguarias exquisitas, & preparadas para tal mesa: as casas de prazer nos sitios mais accõmodados para o descanço, & para o divertimento: a grandeza, a ostentaçam, o luzimento, & magestade assombrava aos peregrinos, & ainda aos mesmos naturaes causava admiraçaõ: os cheyros, os aromas, & os perfumes era tudo o que cria a Sabea, tudo o que exhala a Panchaya, & tudo o que produz o Oriente; & para não especificar outras delicias, basta dizer, que cortou Salamaõ o que gozava pela medida do seu desejo.

Eccles. 2.

E no meyo de tudo isto, que he o que experimentava Salamão? vivia quieto? vivia sossegado? gozava seguro, & sem molestia, de todas estas felicidades, que naõ só erão conformes á grandeza de hum Rey, senão conformes ao coraçam de hum homem, que he o mayor encarecimento que podem ter? Nada menos: *Cùm me convertissem ad universa.... vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.* No meyo de todos estes bens o que Salamão sentia era huma dor de coraçaõ; porque ainda que eraõ grãdes,

des, como todos eram de pouca dura, & ſugeytos à menor contingencia, tudo em Salamão eraõ temores, & cuydados, tudo ſuſpeytas, & duvidas, tudo imaginaçoens, & indicios, ou falſos, ou verdadeyros da ruina, que ſe lhe machinaſſe, ou pudeſſe machinar, & de todos aquelles infortunios poſſiveis, que coſtumaõ cauſar o odio, a inveja, a emulaçaõ, a infidelidade, o engano, a treyçaõ, a aleyvoſia, & o veneno: & como podia ſer bem, ſenam grande mal, o que metia no coraçaõ todo eſte tumulto de inquietaçoes, & cuydados? Eſtas ſaõ as miſeraveis felicidades deſte mundo; eſtas as pertendidas miſerias, eſtes os appetecidos males, que naõ conhecidos, ou naõ experimentados como ſaõ, ſe chamão bẽs; nos quaes de bem não conheço outra razaõ, ſenão que voſſa piedade nos poſſa livrar do ſeu mal com outros bẽs em tudo verdadeyros, Poderoſiſſima Senhora do Livramento.

Digo bẽs em tudo verdadeyros, porque em tudo quer que o ſeu remedio ſeja efficaz para os noſſos males: vè que os goſtos deſta vida por terem o nome de bens nos arraſtaõ o appetite, & nos cativaõ a vontade, & quer nos dar os verdadeyros bẽs, para nos livrar dos falſos, & fingidos: vè que ſe não logra no mũdo bem ſem cuydado, que moleſte, & quer-nos livrar deſte cuydado com os bens que nos offerece. *Mecum ſunt divitiæ, & gloria, opes ſuperbæ*, diz Salamaõ fallando em nome deſta Senhora: Comigo eſtaõ as riquezas, as felicidades, & todo o bem que ſe pòde deſejar; & porque ſaybamos o para que ſaõ eſtes bens, logo acreſcenta: *Ut ditem diligentes me*: ſaõ para enriquecer a todos aquelles, q̃ ſe valerem do meu amparo, & que buſcarem a minha protecçaõ. Eu naõ reparo em que a Senhora nos offereça eſtes bẽs, porque a ſua piedade he muyto compaſſiva das noſſas miſerias: o

Prov. 8.

Ibid.

que reparo he, que quando nos offerece as riquezas, tambem nos ajunta a gloria. Mas que tem estes bẽs com a gloria? Muyto:& não serião os seus bẽs tão verdadeyro remedio de nossos males, senão tivessem muyto da gloria; o que tem os bens de Maria com a gloria he, que tẽ a mesma propriedade, que tem a gloria: a propriedade da gloria he ser hum bem que se logra sem cuydado, porque nem está sugeyta à contingencia do tempo, nem arriscada à violencia do roubo: nẽ teme os danos da emulação, nem os riscos de se perder; & esta he tambem a propriedade dos bẽs, que logramos por meyo da Senhora do Livramento, porque saõ bens que se logram sem cuydado, & com segurança, sem temor, & sem receyo, & em quanto nòs quizermos, serão nossos, porque ninguem no los pòde tirar. Estou vendo que me pedem a razaõ. A razaõ he fundada na natureza dos mesmos bẽs.

Os bẽs que esta Senhora nos cõmunica, & dos quaes faz hum comprido catalogo neste mesmo Capitulo, saõ todos aquelles, que podem enriquecer nossas almas, & fazer nellas hum thesouro de merecimentos: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam* Saõ o desejo da virtude, & o aborrecimento do peccado; a prudencia, & discriçaõ; o amor, & temor de Deos; a caridade, & fortaleza; a humildade, & resignaçaõ; a uniaõ, & conformidade cõ a vontade Divina; a igualdade, & justiça; a inteyreza, & verdade; a guarda, & observancia dos Mandamẽtos; o seguir o que nos está bem, & fugir do que nos está mal; & sendo estes bens tão verdadeyros, tão longe estaõ de nos inquietarẽ com o cuydado, que todos elles saõ hũ descuydo de tudo aquillo, que naõ for bẽaventurança; taõ longe estaõ de se perderem, que haõ de durar quanto nòs quizermos, & em quanto a nossa vontade for constan-

te

te, elles haõ de ser seguros: tam longe estaõ de nos atormentarem, que naõ ha bem destes, que naõ tenha duas felicidades, diz S. Joaõ Chrysostomo; a primeyra pelo descanço que nos causaõ, a segunda pelos males de que nos livraõ: *Virtutem igitur cole, duplicemque habebis felicitatem, & quod à vitæ malitia abstinueris, & quòd virtutem colueris.* Fazey muyto caso destes bēs, porque desta sorte lograreis duas felicidades; a primeyra, ficardes livre dos males desta vida; a segunda, gozardes o descanço da outra. Mas se alguem, o que naõ presumo, duvidar desta verdade, naõ tem mais que fazer experiencia; troque hũs bēs por outros; deyxe os do mundo, aceyte os q̃ Maria Santissima nos offerece; & se se achar enganado, eu prometo de lhe refazer o dano, & para isso tomo por fiadora a mesma Mãy de Deos, que estou certo me ha de desempenhar desta promessa com credito da minha verdade, com grande felicidade de todo aquelle que se resolver a fazer esta experiencia.

S. Ioan. Chrys.

O terceiro, & ultimo mal do bem he o sentimento de se perder: para prova desta maldade naõ he necessario allegar textos, nem Escrituras; o sentimento de cada hum he o mayor abono desta verdade: mas o mayor mal, que eu aqui considero, naõ he o sentimẽto da perda do bem, senão a perda do mesmo sentimento: perdemos os bens do mundo, & se quando os esperamos nos causaõ hum mal, quando os logramos outro, quãdo os perdemos, nos causaõ dous: o primeyro he o sentimento que nos deyxam, porque se perdèram; o segundo he a perda do sentimento que nos fica, que por nos ficar tambem se perde: o bem he perdido, porque o naõ temos, & se foy; o sentimento he perdido, porque sempre fica, & o bem nam torna: a perda do bem consiste em faltar o bem, & ficar o sentimento; a perda do

sentimento consiste em ficar o sentimento, & naõ vir o bem, que sentimos: eu me explico: Se o sentimento fora remedio da perda, seria a ganancia o sentimento, porque com elle compro vamos o bem, que se perdeo: mas como o sentimento naõ remedea a perda, em termos o sentimento o perdemos; porque todo esse cabedal que metemos de affectos em nos doermos fica sem effeyto, & sem fruto, & vem a ser duas as perdas, como dizia; a primeyra, a perda do bem, que foy, & já nám he; a segunda, a perda do sentimento que he, & naõ acaba.

Supposto isto, cuydará alguem, que quero persuadir a que naõ tenhamos sentimento. Naõ he isso o que quero; quero que tenhamos sentimento, & muyto sentimento; mas seja o sentimento da perda daquelles bens, que com o sentimento se podem recuperar: & quaes saõ os bẽs, que na minha dor tem o seu remedio? Saõ só os do Ceo. Entre os bens do Ceo, & os bens do mundo, ou para melhor dizer, entre a perda de hũs, & outros bẽs ha esta notavel differença: que depois de perdidos os bẽs do mundo fica o sentimento; & o pezar sem remedio: depois de perdidos os bens do Ceo, naõ temos outro remedio mais que o pezar, & o sentimento. Perdestes os bens do mundo, tivestes grande sentimento, fizestes grandes excessos, lamentastes vossa desgraça; mas os bẽs do mundo ficáraõ taõ perdidos como estavaõ. Perdestes os bẽs do Ceo, sentistes vossa pouca consideraçaõ, chorastes o vosso arrojo, pezouvos de veras desta perda, & tendes outra vez tudo o que tinheis, alcãçais o que perdestes, & lograis agora a mesma felicidade, que logravcis antes. A razaõ desta differença eu naõ sey que seja outra mais que serem os bens do mundo o principio do pezar; & como dos bẽs do mundo nasce o sentimento, naõ pòde o sentimento ser o seu remedio:

medio: os bẽs do Ceo saõ o fruto do arrependimento, & como o arrependimento he o que os produz, o mesmo arrependimento, & o mesmo sentimento he o que nos remedea a sua perda.

E bastará só este sentimento para nos livrar desta perda? Quanto á efficacia digo que sim: quanto á facilidade digo que naõ: digo que sim quanto á efficacia, porque para restaurarmos os bẽs do Ceo basta o pezar de os termos perdido, que naõ espera Deos por outra cousa para no los tornar a restituir, mais que pezarnos de veras de perda tam sensivel: digo que naõ quãto á facilidade, porque o mesmo Deos por sua altissima disposiçaõ deu nesta parte a sua Mãy Santissima a prerogativa de nos facilitar o remedio: & ainda que elle mesmo nos está convidando com o bem, elle mesmo nos mostra em Maria o caminho mais facil de o recuperar: & senaõ, vejaõ o q̃ succedeo á Magdalena. Ausente tinha a Magdalena a seu Divino Mestre, que era o bem perdido, que chorava no dia da Resurreyçam, & como o remedio para achar a Christo he o sentimento de o perder, esta foy a causa para que a Magdalena recuperasse outra vez o bẽ perdido: mas como recuperou a Magdalena este bem? Bastou que Christo lhe fosse presente para o não chorar perdido? Naõ: primeyro lhe chamou o mesmo Christo Maria: *Dixit ei Jesus: Maria*: & foy advertir Santo Ambrosio, que Christo por quem aqui chamou, naõ foy por Maria a Magdalena, senaõ por Maria a Mãy de Jesus: *Maria vocatur, hoc est, nomen ejus accipit, quæ parturivit Christum.*

Joan. 20.

Pois (valhame Deos!) se as lagrimas da Magdalena, se o sentimento de ter perdido a Christo bastáraõ para que se lhe tornasse a restituir o bem, que perdèra; porque naõ acaba de lograr este bem, sem que intervenha aqui Maria a Mãy de Deos? Pelo que já dissemos:

para reſtaurarmos os bens do Ceo baſta o ſentimento de os ter perdido; mas para a facilidade da ſua reſtauraçaõ, & para ſua cabal, & perfeita reſtituiçaõ, quer Deos que ſua Mãy ſeja o meyo. Naõ he o penſamento meu, he de S. Bernardo: *Maria mediante venit ad nos Christus*: o ſentimento he a cauſa, Maria he o meyo: o ſentimento he o que merece, Maria a que intercede: o ſentimento he o que move, Maria a que obriga: o ſentimento o que nos leva ao bem, Maria a que no lo traz; & ella finalmente a que com toda a facilidade nos livra de hum mal tam grande como he termos perdido a Deos. A Magdalena perdeo a Deos quanto á preſença, porque a morte lho tirou a ſeus olhos; nòs perdemos a Deos quanto á ſeparaçaõ, que faz de noſſas almas, porque a culpa nos dividio de ſua graça: ſaybamos ſentir, como devemos, eſta perda, para naõ padecer taõ grande dano; & ſaybamos buſcar como devemos em Maria o livramento deſte mal: deyxemos o ſentimento que ſe perde, & que nos perde; & tratemos de ſentir com hũ ſentimento com que ſe ganha, & nós ganhamos: ſintamos o q̃ ſe perde em perdermos a Deos, pois ſó iſto he o que ſe deve ſentir; que iſto baſta para recuperarmos a verdadeyra felicidade; & recorramos a Maria Santiſſima, por cujo meyo podemos conſeguir tudo o que podemos deſejar para alivio de todas noſſas perdas.

Tenho acabado o meu diſcurſo, & dirá alguem q̃ muyto mal acabado; porque vindo Chriſto ſacramentado aſſiſtir, & honrar eſta feſta, ſendo a parte mais principal della, não teve parte no Sermaõ. Mas naõ me culpem ſem me ouvirem. He verdade que nam teve parte no Sermaõ, para que tiveſſe o todo, ſendo a confirmaçaõ de todo elle: a eſte fim deixey ſem ponderaçaõ o que agora naõ deve ficar ſem reparo no noſſo the-

thema. Quando a mulher do Euangelho á vista do milagre, com que aquelle pobre homem ficou livre do mal, q̃ padecia, deu o louvor á Senhora, por lhe cõpetir a ella o titulo do Livramento, o que fez foy louvar seu purissimo ventre: *Beatus venter, qui te portavit.* E porque se ha de louvar seu purissimo ventre, quando se trata do Livramento? Porque seu purissimo ventre foy o que verdadeiramente nos trouxe o bem, que nos livrasse de todo o mal. Quatro males ponderey de que nos haviamos de ver livres por beneficio da Mãy de Deos: os males que andaõ de mistura com os bẽs; & os males dos mesmos bens, que saõ a esperança, o cuydado, & o sentimento; & de todos aquelles males he verdadeyro livramento o fruto do purissimo ventre de Maria. O purissimo ventre de Maria, ou se póde considerar debaixo da metafora de Náo, como o considerou Salamaõ; ou debayxo da metafora de monte de trigo, como o considerou o Pastor dos Cantares nas suas Eglogas; & o que nos veyo debayxo de huma, & outra metafora foy aquelle paõ do Ceo, que he o fruto do purissimo ventre de Maria; & este fruto digo eu, que he o bem com que a Senhora nos livra de todos os males, q̃ temos ponderado.

Assim como ponderey quatro males de que nos haviamos de ver livres; assim considero no Sacramento quatro bens, que nos livraõ de todos esses males. O primeyro bem he ser o Sacramento hum compendio de todos os gostos: *Omne delectamentum in se habentem.* O segundo, ser nesta vida hum penhor da gloria, que havemos de ter na outra: *Futuræ gloriæ nobis pignus datur.* O terceyro, ser hum bem, que ha de durar para sempre: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem sæculi.* O quarto, ser hum meyo para recuperar todas as perdas, pois com elle temos segura a ma-

Eccles. in Offic.

Ibid.

Matth. 28.

mayor felicidade: *Qui manducat me, vitam æternam habebit.* Bendito, & muytas vezes bendito seja o purissimo ventre, que vos trouxe encerrado nove mezes, Desencerrado Senhor sacramentado: *Beatus venter, qui te portavit*; pois com hum taõ grande bem nos soube livrar de nossos males. Saõ os nossos males naõ lograrmos gosto sem a cõpanhia do pezar, nem contentamento sem a companhia da tristeza, porque tudo no mundo he huma alternativa de riso com lagrimas, & de alivio com pena: no Sacramento acharemos hum bem em tudo perfeyto, aonde a alegria dos que dignamente o recebem, he inexplicavel, o gosto excessivo, o contentamento suavissimo; aonde naõ ha cousa que afflija, nem o mal da culpa com a sua deformidade, nem o mal da pena com o seu rigor: o mal da culpa, naõ; porque he santidade infinita: o mal da pena, tambem naõ; porque este bem todo he do Ceo: *Panem Cæli dedit eis.*

Eccles. in Offic.

Saõ os nossos males as dilações da esperança: no Sacramento temos a esperança; mas taõ satisfeyta, & tam contente, que já logra o que espera, porque já goza na terra, o que se ha de gozar no Ceo: he o Sacramento hum penhor da gloria, que ha de ser; mas penhor que nos segura hum bem para depois, que nam ha de ser depois outro do que he agora. Entaõ ha de ser Deos visto; agora he Deos recebido: entam ha de ser gozado pelo conhecimento; agora he gostado pelas potencias: entaõ ha de ser presente pela assistẽcia; agora ligado pela uniaõ: entaõ havemos de estar cõ elle, & elle comnosco; agora estamos nelle, & elle cõnosco: entaõ havemos de entrar nòs na sua gloria; agora entra elle em nossos corações: entaõ será elle o termo de nossa vista; agora he o sustento de nossas almas: entam darse-ha Deos a ver; agora dá-se a comer: entaõ fará de si espelho;

pelho; agora faz de si prato: entam finalmente será todo o nosso alivio, porque em o gozarmos ficaremos bemaventurados, & livres de todos os males desta vida; agora he toda a nossa consolaçaõ, porque em o esperarmos com taõ seguro penhor está satisfeyta toda a tardança, que nos podia affligir, diz o Angelico Doutor: *De sua contristatis absentia solatium singulare reliquit.*

D.Tho.

Saõ mais os nossos males, o cuydado com que os bens se logtaõ, por serem de sua natureza caducos. No Sacramento temos hum bem, que nos ha de durar atè o fim do mundo; no qual nem a desgraça tem poder, nem as contingencias dominio; porque naõ está sugeyto á fortuna do tempo. Sam finalmente os nossos males, naõ nos deyxarem de si outra cousa os bẽs, mais que o sentimento de os termos perdido, sendo a mayor perda, a perda do mesmo sentimento. No Sacramento se recuperaõ com summa ganancia todas as perdas, se soubermos usar do sentimento: basta hum arrependimento verdadeyro, basta hũa dor sincera para aqui se nos communicar naõ só a graça, que he o principio de todos os bens, mas a mesma fonte da graça, que he Christo bem nosso, que aindaque encuberto se expoem a nossos olhos, & nos vem a buscar, para que logo daqui comecemos à lograr nesta vida, o que havemos de lograr na outra: na outra os bẽs sem males, sem esperança, sem cuydado, & sem perda; nesta os bẽs, que nos livraõ dos males, que nos satisfazem as esperanças, que nos sossegaõ os cuydados, que nos recuperaõ as perdas: nesta o bem sem mal por graça; na outra o bem sem mal por gloria: *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens, Amen.*

SER-

SERMAM

NA CASA PROFESSA DE GOA, na occaſiaõ em que Sua Mageſtade tomou a S. Franciſco Xavier por Defenſor da India, & mandou ſe celebraſſe hũa feſta, & foy iſto no meſmo anno em que ſe perdeo Mombaça, 1699.

Euntes in mundum univerſum prædicate Euangelium omni creaturæ. Marci 16.

A Mayor dita, que podia lograr eſte Eſtado depois de tantas calamidades; & a mayor fortuna depois de tantas deſgraças, naõ ha duvida que ſeria a reſtauraçam de todas aquellas perdas, que hoje experimentamos; & a recuperaçam de todas aquellas felicidades, que já paſſáraõ, naõ nos deyxando de ſi outra couſa ſenaõ a memoria de que fomos entaõ, para mais ſentirmos, o que agora ſomos: eſta digo, que ſeria a mayor dita, & a mayor ventura; pois naõ podemos negar, que ſeria a mayor conveniencia, ſe conſultarmos os deſejos, & as eſperanças de todos, & ainda a deſeſperaçaõ de muytos, que já daõ a In-

a India por acabada, assim pela experiencia das perdas passadas, como pela mayor, & mais sensivel, qual he a perda de Mombaça: chamolhe mayor, por ser perda sobre perda; & assim como hũa pena sobre outra pena, he a mayor pena, assim hũa perda sobre tantas perdas he a mayor perda: & chamolhe a mais sensivel, por ser dor presente, & a dor presente he a dor, que mais lastima. Esta restauraçaõ pois que atè agora naõ conseguimos, ou porque os remedios para ella naõ foraõ opportunos, ou porque naõ foram efficazes; esta havemos de achar hoje no glorioso assumpto, & no prodigioso termo, a que se consagra este culto, o grande Apostolo do Oriente Saõ Francisco Xavier, & cuydo que ha de ser com tanta occasiaõ no Euangelho do dia, como na causa, & no motivo porque a Xavier se dedica esta solenidade, que he o glorioso titulo, que o Serenissimo Dom Pedro Segundo Rey de Portugal por carta sua manda dar a Xavier de Defensor da India; porèm como a India està perdida, será o titulo para Xavier obrigaçaõ de ser o seu Restaurador.

Vamos ao Euangelho. Christo como Rey Supremo havendo de sugeytar ao suave jugo de seu Imperio o mundo todo, & defender a verdade de sua doutrina, manda hoje a seus Apostolos, como soldados de sua milicia, á conquista de todo elle: este he o sentido naõ tanto allegorico, quanto literal das palavras, que propuz por thema. *Euntes in mundum universum prædicate Euangelium omni creaturæ.* Anday soldados meus, diz Christo, & com a efficacia de vossa prègaçaõ rendey, & avassallay o mundo todo, & defendey resolutos a observancia de minhas leys. Tudo isto que por si mesmo ordenou entaõ Christo a seus Apostolos, he o que depois por meyo de sua Igreja ordenou a Xavier, soldado tambem

bem da sua companhia; mas sendo a ordem, ou o regimento de Christo o mesmo a huns, & outros soldados, foy no successo com huma grande differẽça entre Xavier, & os Apostolos: porque os Apostolos foram mandados por todo o mundo para dilatarem, & defenderem a Fé, que de novo haviaõ de prégar, & sem fazerem mais progressos, se contentáraõ com defender o que ensinavaõ; Xavier foy mandado á prègar, & a defender naõ a Fé que de novo havia de prégar, mas a Fé que depois de prégada estava perdida; & achãdo Xavier a Fé perdida, qual foy a sua resoluçaõ? A sua resoluçaõ foy restauralla: era mandado a prégar com obrigaçam de defender o que ensinasse: *Euntes prædicate*; mas como aquella Fé, de que Xavier era o defensor, estivesse perdida, passou a defensa de Xavier a ser gloriosa restauraçaõ.

Ainda que os alentados brios de Xavier eraõ iguaes no seu ministerio à prégaçaõ do mundo todo; com tudo a parte que como a segũdo Apostolo se destinou ao seu valor, foy esta immensa, & dilatada empreza do Oriente. E que cousa era o Oriente, quando Xavier aportou a elle? Era hũ vastissimo campo de batalha formado de gentios, & Portuguezes oppostos todos barbara, & cegamente á Fé; huns que a negavam com os entendimẽtos, porq̃ a naõ criaõ; outros q̃ a negavaõ com a vontade, porq̃ obravaõ contra os seus dictames: de sorte que se entre os gentios, & Portuguezes havia diversidade de crença, naõ deyxavam huns, & outros de seguir a mesma Ley, que era a da natureza corrupta, & depravada, idolatrando tanto os Portuguezes em seus vicios, como os gentios em seus Pagodes: nos gentios estava a Fé perdida, porque aquelles gloriosos triunfos, de que se coroára em tempo dos Apostolos, eraõ outra vez despojo da idolatria: nos Portuguezes, por cau-

causa de seus vicios, se nam estava a Fé exterminada, estava morta; & posto Xavier nestas circunstancias com o titulo de Defensor da Fé, como a Fé estava tam perdida, a soberana empreza, que tomou no seu Apostolado, foy ser Apostolo Restaurador, o que felizmente conseguio em tantos triunfos, quantas foraõ as almas que reduzio.

Esta foy entaõ a resoluçaõ de Xavier coroada de tantas vitorias, quando se lhe entregou a defensa da Fé: & este mesmo será o successo agora, quando se lhe entrega a defensa do Estado: entaõ era Xavier obrigado a defender as armas de Christo; agora empenhado a pelejar pelas Quinas de Portugal: entaõ como Ministro do Euangelho era o Defensor da Fé, mas da Fé totalmente perdida; agora naquelle bastaõ, que valeroso empunha, & naquelle escudo das Armas Portuguezas, que embraça, he o Defensor do Estado, mas do Estado de todo arruinado: mas assim como entam restaurou gloriosamente todas aquellas perdas; assim agora ha de restaurar com igual gloria as nossas ruinas: entaõ por meyo de sua Igreja, a quem assiste para os acertos, o destinou Deos com os poderes de Nuncio, & Legado por Defensor da Fé, para que o seu zelo o obrigasse a restauralla; agora por meyo de nosso Serenissimo, & zelosissimo Rey, cujo coraçaõ inclinou o mesmo Deos para tam grande acerto, o decreta com o cargo de Defensor da India perdida, para que debayxo de tam merecido titulo seja o Restaurador do Estado arruinado. Temos o assumpto, o qual naõ podia ser nem mais accommodado ao motivo porque Sua Magestade que Deos guarde manda celebrar esta solenidade, nem mais commodo á nossa esperança; & para que o discurso naõ falte a huma materia de tanto gosto, necessito de muyta graça.

Ave Maria.

Eun-

Euntes in mundum univerſum, &c.

DEfenſor da India Xavier, mas Defenſor que nos ha de reſtaurar, dizia eu; & para proſeguir eſta materia, nem debalde pedi os esforços da graça, porque já he neceſſario começar a vencer difficuldades. Xavier Reſtaurador do Eſtado? E que partes pòde haver em Xavier para hũa empreza tam alhea do ſeu Inſtituto, & ainda da ſua peſſoa? Naõ he Xavier aquelle Religioſo pobre, & taõ deſintereſſado das couſas do mundo, que nem ainda á matalotagem preciſa para o ſuſtento quiz receber em Lisboa, quando ſe embarcou para a India? Naõ he Xavier aquelle Miſſionario, que por obrigaçaõ de ſeu Inſtituto naõ teve outro intento, nem o devia ter, mais que dilatar, & defender a Fé? Pois hum Religioſo pobre ſem mais apreſtos, que o ſeu Breviario; hum Miſſionario zeloſo, ſem mais intentos que a propagaçam da Fé para huma empreza taõ grande? Sim; porque naõ ſaõ pequenas aquellas partes para eſta grande empreza, & o melhor fiador que podemos ter em Xavier para o fim que pertendemos da noſſa reſtauraçaõ, he a ſua Religiaõ, & mais o ſeu deſintereſſe: eſtas foram as mais poderoſas armas, com que antigamente ſe conquiſtou a India, & ſó com eſtas he que ſe pòde reſtaurar; mas a deſgraça he, que naõ tiveraõ outro principio as noſſas ruinas mais que a pouca Religiaõ, & a muyta cobiça.

Pergunto: Quem trouxe os Portuguezes á India ſenaõ aquelle fatal, & ſagrado deſtino de eſtender, & dilatar a Religiaõ Catholica? Com que intento por mares nunca dantes navegados

gados entregáraõ as vidas ás ondas, & o nome á immortalidade aquelles primeyros Argonautas do Oceano? As nossas historias o dizem: entre os ultimos abraços com que os pays daquelle tempo despediam a seus filhos para a India, & prevalecendo nelles o amor da patria ao paterno, os apartavam de si, cortando com honrada tyrãnia os laços de sangue, a lembrança que lhes faziaõ naõ era que voltassem cheyos de riquezas, mas carregados de fama conseguida por defensa da Fé, & por amor do Rey: em quanto durou este zelo da Religiaõ, & este desprezo da fazẽda, he que traziaõ os Portuguezes a soldo a fortuna; mas tam bem paga, que naõ havia contenda sem vitoria, nem batalha sem triunfo: a Religiaõ, & o desinteresse nos conquistáraõ, o que entam logramos; & que muyto q̃ faltando estes dous polos, em que se estribava a nossa Monarchia, se arruinasse o nosso Imperio Asiatico; & sintamos finalmente o castigo, por termos faltado às obrigações, com que nascemos?

O Profeta Isaías o que pertendia do povo Hebreo era que se lembrasse do seu nascimento: *Attendite ad petram unde excisi estis.* E se nòs nos lembrarmos do nosso, acharemos que nasceo Portugal nos Campos de Ourique entre os braços armados do mayor defensor da Fé Dom Affonso o Primeyro; mas de tal sorte nasceo, que logo do berço ficou obrigado a satisfazer o beneficio de ser Reyno com o desempenho de ser Missionario: assim o disse Christo ao nosso invictissimo Monarcha naquella prodigiosa noyte, em que Portugal se deytou Condado, & se levantou Reyno: *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteras gentes.* De sorte q̃ a gloria singular de Portugal he q̃ nascesse nas mãos de Deos, para que debayxo das armas Portuguezas se

Isai. 51.

Ex Testam. Reg.

arvoraſſe o brazaõ das ſagradas Quinas: mas como os Portuguezes ſendo eſcolhidos para tam glorioſo fim degeneráram de ſeu principio; por iſſo hoje ſe vem no cabo, & na ultima attenuaçaõ: pois naſcer para gloria de Deos, & faltar a taõ illuſtre naſcimento, he buſcar a ſua meſma ruina.

Antiguamente ſentia David do povo eſcolhido por Deos o meſmo que nòs agora ſentimos; que era ver reduzidos os Hebreos à ultima miſeria, & attenuaçaõ: *Ad nihilum redacti ſunt.* E para que naõ ignoraſſemos a cauſa de tantas deſgraças padecidas, o meſmo David a declara logo: *Alienati ſunt à vulva; erraverunt ab utero.* Deſdiſſeraõ os Hebreos do ſeu principio, degeneráraõ do ſeu naſcimento, & ficáraõ deſtruidos, & arruinados. Foram os Hebreos eſcolhidos por Deos, para que o meſmo Deos foſſe conhecido, & glorificado; & homẽs que naſcèraõ para gloria de Deos, & naõ obraõ confórme as obrigações, com que naſcèraõ, naõ tem que eſperar ſenaõ a ſua ultima ruina: *Ad nihilum redacti ſunt.* Deſta ſorte ſe arruinou o povo eſcolhido por Deos, & deſta ſorte nos temos nòs arruinado. O meſmo que entaõ obrou Deos cõ os Hebreos, obrou tambem depois com-noſco: eſcolheo Deos aos Hebreos para a gloria do ſeu nome, & eſcolheo-nos a nòs para exaltaçaõ da ſua Fé: os Hebreos proſperos em quanto obráraõ confórme as obrigações, com que naſcèraõ; & finalmente attenuados, & desfeytos, porque faltáraõ a ellas: nòs ſenhores do mundo, em quanto como a ſoldados de Chriſto nos capitaneava o zelo da Fé, depois dominados, & deſtruidos, tanto que nos faltou o zelo, & nos ſobejou a cobiça.

Psalm. 57.

Ibid.

Naõ neceſſita de prova eſta verdade, quando a noſſa experiencia he a ſua confirmaçaõ: cotejemos os tẽpos paſſados com os preſentes,

ſentes, & na differença de huns, & outros veremos, que em quanto nos animou o zelo, vencemos o mundo; tanto que nos ſugeytou a cobiça, ficamos deſpojo de noſſos inimigos: & quando o zelo, & o deſintereſſe nos fizeraõ toda a Aſia tributaria, o meſmo zelo, & o meſmo deſintereſſe nos pòde reſtaurar o que já perdemos. Naõ tem logo que pòr objecções a noſſa deſconfiança aos ſucceſſos que eſperamos do glorioſo Defenſor da India Xavier para a noſſa reſtauraçam, pelo ver Religioſo, & pobre, zeloſo, & deſintereſſado; antes muyto que ſe animar na experiencia de ſuas vitorias, conſeguidas ſó pelo ſeu zelo, & pelo ſeu deſintereſſe, pela ſua Religiaõ, & pela ſua pobreza: com eſtas armas reſtaurou a Fé perdida; & com eſtas ha de reſtaurar o Eſtado arruinado. Taõ armada, & temeroſamente defendida eſtava entaõ a Idolatria, como o podem agora eſtar todos aquelles, que ſe gloriaõ de nos terem vencido: mas q̃ oppoſiçaõ fizeraõ entaõ todas aquellas armas, & todas aquellas defenſas? Todas aquellas defenſas foraõ rendimentos, & todas aquellas armas foram deſpojos.

Diſcorramos brevemente pelo muyto que Xavier correo; & ou o ſigamos nas ſuas navegações, ou o acõpanhemos nos ſeus paſſos, acharemos que nunca deſferio do porto ſenaõ para largar as velas a novas vitorias; nunca ſaltou em terra ſenaõ para avançar a novos triunfos. Vamos do Cabo de Boa Eſperança atè o Cabo de Comorim; por todo o mar Indico, & Etiopico; daqui corramos a coſta da Peſcaria, o golfo de Bengala, os Eſtreytos de Malaca, & Sincapura: as grandes enſeadas, em que ſe quebra a terra deſde o Reyno de Siam atè o Imperio da China: os intricadiſſimos canaes, que faz todo aquelle Arcipelago entre a confuſaõ de ſuas Ilhas ſemeadas ſem ordem, & naſ-

cidas ſem numero. Saltemos com Xavier em Melinde, & Socotora; em Goa, & S. Thomè; em Macaçar, & Amboino; nas Javas, & nas Malucas; nos ſeſſenta, & ſeis Reynos de Japaõ, & finalmente em todas as partes deſte Oriente; & em todo elle veremos a Xavier conquiſtando Reynos para Deos, deſtruindo Pagodes, & Varelas, levantando tẽplos, & altares; & acharemos, que tudo iſto foy hũa continua batalha, & huma ſucceſſiva vitoria: chamolhe vitoria ſucceſſiva, porque ſe contarmos os ſeus triunfos, ha de exceder o curſo das ſuas vitorias ao meſmo curſo do tempo. O computo mais juſto, que ſe dá ao numero das almas, q̃ rendeo ás leys do Euangelho, he hum milhaõ & duzentas mil, & ſe a dez annos cabem hum milhaõ, & duzentas mil almas, a cada anno cabem cento & vinte mil, a cada mez dez mil, a cada ſomana duas mil, & quinhentas, & cada dia trezentas, & cincoenta, & ſete. Iſto fez aquelle pobre Religioſo defenſor do Euangelho na reſtauraçaõ da Fé; & iſto meſmo ha de fazer com as obrigações de defender a India na reſtauraçaõ do Eſtado, porque os progreſſos de Miſſionario lhe ſeguraõ os ſucceſſos de Reſtaurador.

Paſſando porém ao interior de ſeu generoſo eſpirito, ainda conheceremos melhor os ſeus talentos para taõ glorioſa empreza. Deſtinado Xavier para a expediçam do Oriente, diz a ſua vida que ſonhava Xavier com hum agigantado Indio, ao qual hũas vezes ſuſtentava em ſeus hombros, outras apertava, & unia rijamente a ſi entre ſeus braços. Aqui nos moſtra Deos em Xavier o forte, o conſtante, o robuſto, o deſvelado, & ainda o venturoſo: o forte na luta; o conſtante no trabalho; o robuſto no pezo; o deſvelado no cuydado; & o venturoſo no vencimẽto, com que ſugeytava, & rendia naquella batalha ſonhada

as

as contendas, que havia de ter acordado; & em tudo isto a grande capacidade para o bom successo da nossa restauraçaõ; porque naõ sei que tem os sonhos com os sugeytos grandes, & muyto em particular cõ aquelles, que saõ destinados para semelhantes emprezas, pois a todos veremos sonhando dormindo, as acções que haõ de obrar acordados. Jacob o lutador sonhando: Joseph o Viso-Rey, & Restaurador do Egypto sonhando: os soldados de Gedeaõ, que haviaõ de conquistar o exercito dos Madianitas, & reparar as ruinas do povo naquella grande batalha, sonhando: Pharaò para acudir ao remedio, & necessidades de seu Reyno sonhando: Salamaõ, em quem se havia de estabelecer a pacifica Monarchia de Israel, sonhando: Mardocheo, que foy o principal instrumento da liberdade do povo, sonhando: Nabuco, que havia de sugeytar o mundo todo a seu Imperio, sonhando: Judas Machabeo, aquelle valeroso restaurador da sua naçaõ; sonhando: & Xavier, que naõ era destinado para menores emprezas, tambem sonhando. A causa destes sonhos em taes sugeytos ainda que seja natural, quiz o Espirito Santo, que a tivessemos por fé: *Multas curas sequuntur somnia*. Os sonhos saõ effeytos dos muytos cuydados; & como ninguem tem mayores cuydados que aquelles, que tem mayor capacidade; por isso nos grandes sugeytos sam os sonhos de grandes cousas: assim o mostrou Deos naquelles Heroes; & assim o mostrou no mayor de todos o nosso Defensor Xavier.

Genes. 28. Ibi. 37. Jud. 7. Genes. 41. 3. Reg. 3. Est. 11. Dan. 2. Mach. 15. Eccles. 5.

Mas como este sonho em Xavier assim como nos mais todo foy profetico, & hum vaticinio do futuro, naõ ha duvida, que aquelle corpulento Indio, como depois interpretáram os gloriosos successos de Xavier, era todo este Oriente de tam desmedido corpo, & estatura, quanto he o vasto,

to, o grande, o estendido, & o dilatado de todo elle; mas de que sorte se representou esta immensa machina do Oriente a Xavier? De duas sortes confórme aos diversos tempos, em que Xavier havia de lutar com elle: para o tempo de entaõ dividido em varias seitas de Gentios, de Mouros, de Atheos; & para o tempo de agora dividido em tantas partes, & pedaços, como nossos inimigos nos tem levado: hũa parte nas mãos do Persa cõ o Reyno de Ormuz; outra nas mãos do Arabio com quasi toda a costa da Africa: outra nas mãos do Inglez; & outra nas garras do Leaõ Belgico: senaõ quizermos dizer, que este tem o todo, & nòs hum só retalho, que mal nos cobre, porque mal nos defende. Naõ pareça improprio dizer, que se representou a Xavier a India dividida, sendo a figura em que se representou hum só corpo, porque tambem a estatua de Nabuco era hũa só estatua, & com tudo nella se representou o mundo dividido em cinco Imperios. E paraque se representou a India assim dividida a Xavier no estado de entaõ em diversas seytas, que todas faziaõ hum corpo formidavel contra a nossa Fé; & no estado de agora em diversos senhorios, todos differentes, mas uniformes contra nòs? A razam foy, para que entam acordado Xavier, pondo os hombros a tam grande empreza, & tam pezada carga, a derribasse aos pès de Christo, & a unisse como unio na uniformidade de hũa Fé, & Religiaõ; & agora lançandolhe os braços ajuntasse aquelles membros separados do corpo da nossa Monarchia, & os tornasse a reduzir a hum só Imperio. E teremos algum exemplo deste sonho, & desta visam? Temos a visaõ, & o sonho de Nabuco.

Sonhou Nabuco com aquella prodigiosa estatua feita de varios metaes; porque a cabeça era de ouro, os braços, & peyto de prata,

Daniel 2.

ta,

ta, o ventre de bronze, & as partes inferiores de ferro, & barro; & mandando Nabuco depois de acordado formar outra estatua, ordenou que toda fosse de ouro, sem aquella diversidade de metaes, de que a estatua sonhada se compunha. Ambas estas estatuas representavam o mesmo mundo: pois porque ha de ser a estatua sonhada dividida em metaes? E porque ha de ser a estatua, que Nabuco manda fabricar, sem aquella diversidade de partes? A reposta desta duvida mostrou o successo: porq̃ aqui hũa cousa se representava a Nabuco no sonho; & outra havia de fazer Nabuco acordado: o q̃ se representava no sonho eraõ diversos Imperios em todo o mundo; & o que Nabuco havia de fazer era de todo o mundo hum só Imperio: traçava Deos que Nabuco fosse o senhor absoluto do mundo todo, & que este ficasse sugeyto ao seu valor, & por isso sonhava com o mundo dividido, para que o seu valor se animasse a sugeytar, como sugeitou, a todo o mundo.

Este nem mais, nem menos com aquella grande differença de sonho a sonho, & de sugeito a sugeito foy o intento de Deos no sonho de Xavier. Mostrou Deos a Xavier todo o Oriente dividido, assim nas seytas de entam, como nas partes, que hoje temos perdido: porèm mostroulhe esta divisaõ assim na Fé, como no dominio, para que Xavier hũa cousa visse dormindo, & outra cousa obrasse acordado, dormindo a India dividida em seytas, & repartida em senhorios: para que a diversidade das seytas se convertesse em hũa só ley: a diversidade de senhorios se unisse em hũ só dominio: as seytas convertidas em hũa só ley, reconhecessem as chagas de Christo: a diversidade de senhorios unida em hum só dominio obedecessem ás Quinas de Portugal: assim o conseguio venturosamẽte na parte que tocava á

Fé, fazendo todo eſte Oriente Chriſtaõ: & aſſim o ha de conſeguir com o meſmo ſucceſſo fazẽdo toda a Aſia Portugueza.

Chegando porèm a eſte ponto, parece que me eſtaõ arguindo cõ o meſmo principio por onde comecey: ſe as noſſas perdas foram effeytos das noſſas culpas, & as culpas continuam, como nos havemos de perſuadir que ham de acabar as perdas? Os mayores ſoccorros, que tiveram ſempre noſſos inimigos, foraõ os que nòs meſmos lhes temos adminiſtrado em noſſos vicios, pelos quaes ſe poz Deos da ſua parte: pois ſe Deos eſtà offendido, & nòs rebeldes: Deos irado, & nòs dãdolhe continua materia a nova, & juſta vingança; que reſtauraçaõ podemos eſperar, quando de nòs ſe eſpera taõ pouco a emenda? Como he poſſivel haver melhoras nas noſſas couſas, ſe cada vez ſam peyores os noſſos procedimẽtos? Quẽ ha de atar a Deos as mãos para naõ continuar os meſmos caſtigos contra os que vivem taõ ſoltos nos meſmos coſtumes? O mais certo he, que Deos ſempre ha de ſer o meſmo, em quanto nòs naõ formos outros; porque Deos offendido he Deos inimigo, Deos inimigo he Deos da parte de noſſos contrarios; & quando Deos he o que peleja contra nòs, naõ tẽ os ſeus golpes nenhum reparo. Confeſſo que he tam bem fundado eſte receyo, que à viſta delle pòde deſanimar a mais alentada eſperança; porèm na certeza de tudo iſto tem muytas razoens a noſſa confiança para esforçar o ſeu deſejo na divina miſericordia: & quem nos diſſe que contra todas eſſas culpas, que naõ ha duvida ſerem grandes, nam tinha ainda hoje Deos na ley da graça hum eſpirito como o de Moyſés, que ſe opponha ás ſuas iras; hum valor como o de Jacob, que prevaleça contra elle; & hũ merecimento como o de David, pelo qual haja de livrar eſte povo tanto ſeu da o-

pressaõ de seus inimigos. Pois se ninguem nos disse o contrario, saybamos de certo que tudo isto temos em Xavier, porque assim o diz o Espirito Santo, cuja verdade he infallivel.

Falla o Ecclesiastico de hum sugeyto destinado para a empreza de hũa restauraçaõ, & diz assim: *Qui scriptus es in judicijs temporum lenire iracundiam Domini, conciliare cor patris ad filium, & restituere tribus Jacob.* Virá occasiaõ, em que haja hum sugeyto, o qual esteja escrito no juizo dos tẽpos, para moderar as iras do Senhor, conciliar o coração do pay com o filho, & restaurar os tribus de Jacob. Estas palavras, que todas saõ enigmaticas, explicadas segundo as leys do enigma, que diz hũa cousa, & representa outra diversa, mas com semelhança, saõ a mais clara confirmaçâo do que temos dito: vamolas explicando. Primeyramente o juizo dos tempos naõ ha duvida, que he a luz, porque assim como o entendimento no homem he, o que distingue os objectos, assim a luz no tempo he a q̃ distingue as cousas. Estar escrito nesta luz, he estar figurado, & representado nella; & este que está escrito, ninguem pòde duvidar que seja Xavier, se consultarmos a mesma luz, ou o mesmo juizo dos tempos.

Ecclesi. 48.

Quando Christo appareceo a nosso primeyro Rey Dom Affonso, como elle mesmo affirma no seu juramento, a primeyra cousa, que vio antes de ver a Christo, foy hũa luz da parte do Oriente: *Vidi subitò à parte dextra Orientem versus micantem radium.* O grande Antonio Vieyra com outros affirma, que esta luz representava a Xavier; & assim havia de ser, pois vindo Christo a dispor a conversaõ da India conseguida depois pelos resplandores de Xavier, que outra cousa havia de ser aquella luz precursora da parte do Oriente, senaõ o Sol de todo elle escrito já com aquelles cara-

Ex jurament. Reg.

caracteres? O Senhor irado he Deos offendido de nossas culpas, & aggravado de nosso máo procedimento; mas esse mesmo Senhor irado he o mais amoroso Pay; porque he tam propenso ao perdam, que a qualquer rogo se dobra, a qualquer petiçam se inclina, a quaesquer lagrimas se enternece, & basta hum pequey arrependido, para lhe abrandar o coraçaõ, & desarmar os rigores. O filho he Portugal, sempre tratado como tal assim nos mimos, como nos castigos; nos mimos pelos singulares favores; & nos castigos pela moderaçaõ; pois nos tem mostrado a experiencia, que se doeo sempre Deos do golpe, todas as vezes, que nos deu o açoute: taõ propriamente filho, que quiz Christo tivesse por herança, & patrimonio em suas armas todas aquellas riquezas, cõ que comprou o mundo, & resgatou os homẽs: *Insigne tuum ex pretio, quo ego genus humanum emi, compones.*

Ex eod. juram.

Os tribus de Jacob sam aquellas terras perdidas; porque assim como tudo quanto perdèram antigamente os Hebreos, foy ganhado por gente idolatra, & naçoens infieis; assim para que as nossas perdas se pudessem explicar por esta semelhança, he cousa digna de reparo, que tudo quanto perdemos na India, o naõ ganhasse naçaõ Catholica, senaõ inimigos da Fé, Gentios, Mouros, & Hereges. Desta explicaçaõ naõ só natural, & verdadeyra, mas a propria deste enigma bẽ se deixa ver por testimunho irrefragavel, que Xavier escrito naquelles caracteres de luz, & avaliado no juizo dos tempos por unico Restaurador he, o que ha de abrandar em Deos todas aquellas iras, & rigores, que merecem nossas culpas; he o que ha de conciliar aquelle coraçaõ amoroso do Pay Deos ao afflicto filho Portugal; & o que ha de restituir aquellas terras perdidas, as quaes como outros tribus de Jacob

cob gemem debayxo do jugo infiel tyrãnamente oprimidas; porque efte he o prefagio, com que em fombra fe reprefentou naquella luz, quando fe decretava a converfaõ Oriental; efte o prefagio, com que realmente nafcido fahio a luz no mefmo anno, em que o grãde Gama defcobrio a India; efte o prefagio, com que apertando rijamente aquelle Indio entre feus braços, moftra que ha de apertar igualmente com Deos, & com noffos inimigos: com Deos, atè lhe render o coraçaõ, para que nos lance hũa bençaõ de fua mifericordia; com noffos inimigos, atè de huma vez os fugeitar ao noffo dominio: efta finalmente a certeza com que o Efpirito Santo o defcreve no juizo dos tempos taõ poderofo para cõ Deos, que lhe ha de tirar das mãos as armas, com que juftamẽte nos caftiga; & taõ terrivel para noffos inimigos, que nos haõ de largar, vendofe apertados daquelles valentes braços, tudo, o que injuftamente nos tem levado.

Suppofta a evidencia defta certeza, bem me perfuado, que ninguem poderá duvidar de verdade tam patente: porèm vejo q̃ me pergũtaõ todos: *Dic nobis, quando hæc erunt?* Quando ferá efte bem? Quando ferá efta dita? Quando lograremos efta ventura? Eu naõ fou dos que prometem felicidades com dilaçam no comprimento dellas; porque fey, que naõ ha torcedor, que mais aperte, nem ancia, que mais molefte, que prolongar os defejos; pois entreter as efperanças naõ he alivio, fenaõ tormẽto: *Spes, quæ differtur, affligit animam.* E por iffo refolutamente digo, que o tempo da noffa reftauraçam he o prefente; & agora he a occafiaõ de a cõfeguirmos. Efte prefente, & efte agora he o de que todos duvidaõ. Agora quando da noffa parte faltaõ totalmente os meyos, & da parte oppofta crefcem fem medida as difficuldades? Agora quan-

Actor. 1.

Prover. 13.

quando a perda preſente nos deſtroçou as náos, conſumio a gente, & gaſtou o dinheiro, que he o nervo da guerra? Agora quando eſtamos faltos de ſoldados, de muniçoens, & de apreſtos? Agora quando para o concerto de huma fragata quaſi ſe empenha o Eſtado? Agora quando o ſoccorro preſente, (graças a ſua Mageſtade, que com tanto diſpendio nos acode) agora digo quando o ſoccorro preſente com ſer taõ grande na quãtidade pelo numero, & na qualidade pelo valor, & pela nobreza, ainda aſſim comparado com o de noſſos inimigos tem menor proporçaõ com elle, do que pòde ter hum pigmeo com hum gigante? Agora quando os povos da India querendo com o zelo que coſtumaõ ajudar o Eſtado com ſeus cabedaes, já naõ podem, porque a Junta: (mas naõ digo mais) & com eſte agora aſſim ſe haõ de eſcalár praças, aſſaltar muralhas, contraſtar armadas, recuperar hum Eſtado de tãtos Reynos, & eſſes Reynos taõ eſtendidos, tam dilatados, & ainda tam bem defendidos aſſim das ſuas fortalezas, como dos ſeus ſoldados orgulhoſos, & deſtemidos tanto com os noſſos máos ſucceſſos, como com as ſuas vitorias?

Sim: & torno a dizer que agora; porque todas eſſas difficuldades ao parecer impoſſiveis de vencer, ſó as pòde allegar quem naõ ſouber que couſa ſaõ os Reynos, & os Eſtados, & entre elles que couſa he o Reyno de Portugal. Todos os Reynos naõ ſaõ outra couſa mais que hum jogo da fortuna, que na meſa, ou taboa redonda deſte mundo alternadamente ſe ganham, & ſe perdem; & o mayor jugador delles he a Sabedoria Increada: *Ludens in orbe terrarum*; que por fins altiſſimos de ſua providencia varîa as ſortes, & os azares como lhe parece; mas de tal maneyra as varía, que depois que por ſua Divina Miſericordia eſcolheo para ſi o Reyno de Portugal, ſem-

Eccleſ. 24.

sempre jugou com elle ás avessas dos mais Reynos: com todos os outros Reynos jugou lançandolhe primeyro a sorte, & depois o azar; com-nosco lança primeyro o azar, para depois nos dar a sorte: & para sabermos a nossa boa fortuna, naõ temos que olhar senaõ para a nossa desgraça: vejamos quantas vezes nos temos perdido, & outras tantas acharemos, que quãto mais perdidos estivemos, entaõ nos vimos mais ganhados.

Naõ quero discorrer por todas as alternativas que tivemos de perdas, & de ganancias; mas só quero q̃ nos ponhamos cincoenta, & nove annos atraz nas vesporas de Xavier, quero dizer, ao primeyro de Dezẽbro do sempre decantado anno de quarenta: quem na madrugada daquelle feliz, & venturoso dia olhasse para Portugal feito preza entre as garras do Leaõ coroado das Hespanhas, & o considerasse no cativeyro de sessenta annos, que por dilatado passava já a ser natureza, sem forças para se poder ter, quanto mais para se levantar; o remedio da sua opressaõ por todas as partes impossivel; porque dentro faltáraõ os meyos naturaes, & fóra naõ havia assistencias estrangeyras; presidiado de Infantaria Hespanhola em tantas fortalezas, & Castellos; quem assim considerasse o nosso Reyno, que mal se poderia persuadir naquella madrugada, que sem arrancar hũa espada, nem disparar hum mosquete, havia de conseguir a sua liberdade ás nove horas da mesma manhã?

Porèm esta he a fortuna de Portugal, que na mayor desesperaçaõ do que padece, tem mais presente o remedio que deseja. Aquelle grande Santo, & grande Portuguez S. Frey Gil nas suas Profecias o final mais certo, que nos dá das nossas melhoras, he, quãdo nos faltar toda a esperança de as alcançar: *Insperatè ab insperato redimeris.* Quando for menor a esperança,

&

& mayor a deſeſperaçaõ; ou quando deſeſperadamente ſe virem acabar os Portuguezes, entaõ eſtá perto a redempçaõ. Eu naõ ſey que poſſamos chegar a mayor deſeſperaçam, quando as noſſas couſas naõ ſó correm, mas totalmẽte ſe precipitaõ á ultima ruina; mas por iſſo meſmo ſe devem todos perſuadir, que eſte he o tempo das noſſas felicidades: & aſſim como nas veſporas de Xavier, quando menos ſe podia eſperar, conſeguimos o mais a que podiaõ aſpirar os noſſos deſejos; aſſim agora alcançarèmos todas aquellas venturas, pelas quaes ancioſamente ſuſpiramos: ſe a deſeſperaçaõ daquelle tempo nos levou ao mais feliz eſtado: ſe depois daquellas veſporas tivemos o melhor dia: ſe quando nos faltava a eſperança nos ſobejou materia ao deſejo: ſe quando Xavier na ſua veſpora nos deu a melhor feſta; agora que nam he menor a deſeſperaçaõ; agora que a Xavier ſe repetem os dias com nova obrigaçam de nos defender, ſeraõ iguaes as felicidades, & ſeram os dias como foram aquellas veſporas.

Eu naõ duvido que o noſſo poder he pouco, & muyto pouco: mas ſe conſultarmos a noſſa experiencia nas grandes vitorias, com que temos aſſombrado o mundo, naõ devemos olhar para o pouco que podemos, ſenaõ para o muyto q̃ Deos quer: naõ para as noſſas forças, ſenaõ para a ſua võtade. O titulo que Amòs deu a Deos quando o conſiderou nas materias da guerra, foy de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum nomen ejus.* Porque em nenhũa couſa obra Deos mais deſpoticamente do ſeu dominio, que em dar vitorias: em outras couſas obrará Deos como infinito pelo poder; como Juſto pela igualdade; como Santo pela perfeyçaõ; porèm na guerra obra como Senhor, por ſerem as vitorias unico effeyto da ſua liberdade, pois as dá a quem quer, &

Amos 4.

como

como quer; assim o usou com-nosco em todas as occasiões que vencemos; & se a uniformidade com que Deos nos concedeo sempre tantas vitorias, he argumento para as muytas, que nos ha de conceder, sendo a experiencia havida pelas historias o espelho inculcado por Salamaõ, em que olhando para o passado se antevem os futuros; bem podemos segurarnos, que o melhor fiador para os nossos triunfos, he o nosso pouco poder; porque quãdo as batalhas saõ de Deos, como sam as nossas, pois todas saõ para a exaltaçam de sua Fé, que tam viva se conserva debayxo do nosso dominio; entaõ se seguraõ melhor as vitorias, quando o nosso poder for mais pequeno.

Quiz Gedeaõ restaurar as terras de Israel destruídas, & occupadas pelos Madianitas, & ajũtou trinta, & dous mil homẽs; porèm reconhecẽdo Gedeaõ, que o numero da sua gente era muyto desigual, porque os inimigos eraõ tãtos como as areas: *Sicut arena, quæ est in littore maris*; o que Deos lhe disse foy, que era muyto o seu poder, & que com tanto numero naõ poderia vencer: *Multus tecum est populus; non tradetur Madian in manu tua.* Com este aviso manda Gedeaõ lançar bando, que quẽ senaõ achasse com animo de pelejar, sahisse logo do exercito: foraõ os que sahiraõ do arrayal vinte, & dous mil; & só dez mil ficáram com Gedeaõ: mas ainda achou Deos q̃ dez mil eram muitos: *Adhuc populus multus est.* Em fim por direcçaõ, & disposiçaõ Divina assim se foraõ diminuindo, que naõ ficáraõ mais que trezentos, & com sós trezentos restaurou Gedeaõ as terras de Israel. Pois (valhame Deos!) saõ muytos trinta & dous mil, saõ muytos dez mil, & nam sam poucos trezentos? Com dez mil, & com trinta, & dous mil naõ póde vencer Gedeaõ; & póde vencer cõ sós trezentos? Sim: porque quan-

Jud. 7.

Ibid.

Ibid.

quando as batalhas ſaõ por Deos, como era aquella, & ſaõ todas as noſſas, pois todas ſam por ſua cauſa; os muytos ſaõ embaraço, & os poucos ſaõ vitoria; os muytos naõ podem vencer, & os poucos podem triunfar: & a razaõ diſto deu o meſmo Deos: *Ne glorietur contra me Iſrael, & dicat, meis viribus liberatus ſum.* Toda a reſtauraçaõ do povo queria Deos ſe atribuiſſe á ſua protecçaõ; & ſendo o poder muyto, cuydariaõ os de Iſrael, que o bom ſucceſſo era conſeguido pelo valor de ſeu braço, & naõ pelo favor Divino; & por iſſo diſpoz que foſſem poucos, para que ſe naõ atribuiſſem a ſi a gloria do vencimento, que toda era de Deos.

Ibid.

Naõ ſey que em toda a Eſcritura ſe poſſa achar caſo mais ſemelhante ao que de preſente eſtamos vendo, aſſim no que ſomos, como no que Deos tem obrado, & ha de obrar. Naõ ha naçaõ que mais beije a maõ da ſua eſpada, do que ſaõ os Portuguezes; aquelle natural orgulho, & arrogancia com que nacèraõ, os faz eſquecer muyto do Author das ſuas vitorias; atribuindo ao ſeu braço, o que ſó he obra da maõ de Deos; & por iſſo diſpoz o meſmo Deos, que quando podiamos eſtar mais confiados no noſſo poder, côſeguiſſemos menos o noſſo intẽto. Qual cuydamos que foy a cauſa do pouco progreſſo, que eſtes annos fizeraõ as noſſas armas? Cercou-nos o inimigo Mombaça: acudiram as noſſas forças iguaes no numero das náos, ſuperior no valor dos ſoldados: a porta por onde entráram ficou tam aberta em ſeu poder, como eſtava no noſſo; porque nem elles a fecháraõ mais, nem a podiaõ defender melhor: todas as vezes que chegamos ás mãos naquelle cerco ficamos ſuperiores; em todos os aſſaltos que nos deraõ os derrotamos: pois porque nam entráraõ as noſſas fragatas? Porque naõ ſaltáraõ em terra os noſſos ſoldados em taõ repetidos ſoccorros?

Seria

Seria isto por desatençam das disposições passadas? O acerto daquellas disposições he muyto patente. Seria por remissaõ dos Cabos? O valor dos Cabos he muyto conhecido. Pois porque naõ vẽcemos? Por isso mesmo; porque tinhamos naturalmente muyto partido, & muytos meyos para a vitoria: & por essa mesma causa permittio Deos que se dobrassem as difficuldades; que se fortalecessem nossos contrarios; que nos ficassem superiores em tudo, & nòs em tudo inferiores, & tam diminuidos na falta de tam valerosos soldados, como saõ mortos atè o presente; porque só poucos, & inferiores no partido podemos conseguir a vitoria: se entaõ vencessemos, poderia cuydar alguem, que era valor da terra, o que só ha de ser valia do Ceo: pois para que ninguem cuyde, que de outra parte nos vem as nossas melhoras, creçaõ todas essas difficuldades, & diminua-se o nosso poder; porque só desta sorte temos seguro o bom successo.

Porèm se a vitoria ha de ser de Deos, que parte ha de ter nella Xavier? Muyta, & muyto grande; porque atè nisto cõcorre a maravilhosa circunstancia da vitoria de Gedeaõ. A vitoria de Gedeaõ foy dada por Deos, mas conseguida pelo valeroso pulso de Gedeaõ: *Per manum meam liberabis Israel* Vòs Senhor, dizia aquelle generoso Capitaõ, vòs Senhor livrareis o povo; mas o meu braço ha de ser o instrumento desta restauraçaõ: a vitoria será vossa; mas a contenda ha de ser minha: vossos seram os golpes, com que se ha de destruir este inimigo; mas todos haõ de ser executados por este valente braço, que vós mesmo escolhestes para defensa do povo. E se entaõ escolheo Deos a Gedeaõ para executor desta singular maravilha, em quãto o constituío defensor do povo; sendo certo, que todos os acertos dosReys saõ effeytos particulares da Divina Providencia, tam-

bem agora por resoluçam do Serenissimo Rey de Portugal escolheo a Xavier para Defensor da India; para que o nosso pouco poder fortalecido do seu prodigioso braço consiga triunfos immortaes: esta he a bem fundada esperança, q̃ lemos na carta de Sua Magestade escrita ao Excellentissimo Senhor Viso-Rey, para cujo tempo se guardáraõ estas felicidades; & para que nas clausulas da mesma carta fique melhor expressada esta verdade, eu a quero repetir por coroa deste discurso: diz pois assim.

Saõ tantos, & taõ grandes os beneficios, que esse Estado deve a Deos nosso Senhor pela intercessaõ do Bemaventurado Saõ Francisco Xavier, sendo o seu sagrado corpo aquelle, que sempre o livrou das invasoens de seus inimigos, & que animará aos Portuguezes para que vençaõ com a gloria de Deos, & das armas de Portugal; & desejando eu de algum modo mostrar o meu agradecimento, & a minha particular devoçaõ para taõ grande, & prodigioso Santo, me resolvi a tomar por Defensor do Oriente ao seu glorioso Apostolo S. Francisco Xavier; & vos ordeno que na Igreja, em que está o seu sagrado corpo, façais celebrar huma solene festa com assistencia do Cabido, Camera, & Nobreza dessa Cidade; & que no Sermaõ se declare que aquella celebridade he em obsequio do Santo Apostolo Xavier, ao qual tomo por Defensor do Oriente; & nas mais Cathedraes do Dominio desta Coroa, entrando tambem a do Administrador dos Rios, fareis celebrar a mesma festa. Com tam grãde Defensor tereis razaõ de naõ temer os inimigos desse Estado; & de esperar que os mayores perigos seraõ para fazer mais gloriosos os triunfos, pois se vè empenhado na defensa do Oriente aquelle valente braço, a q̃ a poderosa maõ de Deos vinculou o seu poder para exal-

Para Henrique Jaquez de Magalhães, q chegou neste anno à India.

exaltar o seu nome, & consternar a seus inimigos. Atè aqui a carta.

E se no conceito de nosso tam zeloso, como prudente Monarcha, aquelle valente braço de Xavier he o que ha de menear as nossas armas, naõ confiem os nossos soldados no seu valor; nem os nossos Cabos nas suas disposições; nem o illustrissimo General, que temos, nas suas experiencias decoradas em tantas occasioens no mar, & na terra; mas todos ponhaõ hũa firmissima confiança no prodigioso Defensor da India, animados de hũ caso semelhante, que lhe succedeo em sua vida. Quando por instancias de Xavier se armáraõ em Malaca oyto pequenos navios cõtra sessenta velas do Achem, & por orações do mesmo Santo se alcançou aquella estupenda vitoria, que assombrou aquelles mares; as razoens, com que o Cabo da empreza D. Francisco Deça correndo os navios animava os seus soldados, eraõ estas: Pelejay senhores, & amigos como soldados de Jesu Christo, & por sua Fé: lembrayvos, que o nosso bom successo corre por cõta do Padre Xavier, pois elle foy o Author da gloria, que esperamos vencendo; nem duvidemos da vitoria, pois elle a prometeo; & posto que ausente, o temos presente em suas orações. Estas mesmas razões quizera eu hoje se imprimissem no coraçam de todos, pois a semelhança da occasiam ha de fazer semelhante o successo: & se algum pela desgraça de se nos queymar huma náo ha poucos dias, duvida do feliz fim que esperamos, sayba que tambem na occasiaõ da batalha, que referimos, se perdeo a principal embarcaçaõ; porèm esta falta suprio a diligencia de Xavier mais por suas orações, que por outros meyos, & que este mesmo suplemento nos dará agora; porque naõ he agora menos poderoso do que era entaõ; antes agora tem ma-

yores obrigaçoens; & por isso todos constantes, & animosos a derramar o sangue em defensa da Fé nos offereçamos resolutos diante daquelle sagrado tumulo, & saybamos, que aquelle he o monte donde nos haõ de vir os auxilios: a Arca do Testamento, a cuja vista ficarám destroçados nossos contrarios: o propiciatorio em que acharemos propensa a Divina misericordia para pelejar, para vencer, & para triunfar; & finalmente a mais poderosa intercessaõ para contender com esforço, o mayor merecimẽto para Deos nos communicar sua graça, & a mayor valia para conseguir os triunfos da gloria: *Ad quam nos, &c.*

SER-

SERMAM
NA FESTA DO
S. CRUCIFIXO
COM O SACRAMENTO EXPOSTO,
No Convento de Santa Monica de Goa, anno 1700.

Confeſtim vidit... Et plebs ut vidit, dedit laudem Deo. Luc. 18.

VER, & naõ ver, & tudo por milagre, he o que hoje venera a noſſa Fé, he o que hoje applaude a noſſa devoçaõ: & por iſſo, Divina, & humana Mageſtade, por iſſo em voſſa preſença, que debayxo deſſa cortina naturalmente nem podeis ver, nem ſer viſto: & a voſſos olhos, que ſobre o madeyro deſſa Cruz vos deyxais ver, & nos viſtes, concorremos hoje reverentes, tanto para admirarmos voſſos prodigios, como para louvarmos voſſas maravilhas, com muyto mayores obrigações do que antigamente fez o povo de Judea pela occaſiaõ, que referem as pala-

vras que tomey por thema. A occasiaõ porque antigamente se deram a Deos os louvores, de que faz memoria o nosso Euangelho, foy aquelle milagre, com que Christo deu vista a hũ cego: *Confestim vidit... Et plebs ut vidit, dedit laudem Deo.* Vio o cego, & vio o povo: o povo vio o milagre; & o cego vio por milagre: os olhos do povo tiveram por objecto a vista do cego; a vista do cego foy effeyto do milagre de Christo: & bastou este milagre visto, & este milagre com que se vio, para que todo o povo desse repetidos louvores ao Author deste prodigio: & quando hoje se dobram os milagres; quando de huma parte se expoem o milagre de naõ ver no Sacramento, & da outra se oppoem o milagre de abrir os olhos aquelle Santo Crucifixo, q̃ viraõ os nossos antigos, & celebramos todos os presentes em obsequio, & veneraçam daquella sagrada imagem; que pòde fazer a nossa devoçaõ, & o nosso agradecimento, senaõ dobrar os louvores, quando se dobra o motivo delles?

Digo que se expoem, & que se oppoem hum, & outro milagre; porque isto he o que passa naquelle altar, & naquella tribuna: naquelle altar temos a Christo sacramentado, & realmente vivo; & ainda que esteja reduzido ao menor indivisivel daquella hostia, nem as partes estaõ cõfusas, nem as potencias desordenadas: cada potencia tem a ordem, que lhe deu a natureza; & cada parte o lugar, que se deve à organizaçam de hum composto em tudo perfeyto, em tudo cabal, & em tudo proporcionado: naquella Cruz temos a Christo, mas a Christo só na representaçaõ da sua imagem; porque nem as partes alli saõ proprias, nem as potencias activas: nem a ordem he natural, nem a composiçaõ he organica: mas he só huma obra da arte por emulaçaõ, ou imitaçam da natureza: no Sacramento temos a Chris-

Christo em a realidade; no Crucifixo temos a Christo só por semelhança: & aonde Christo havia de ver, q̃ he aonde assiste real, & verdadeiramente, lhe tira o milagre a vista: aonde Christo naõ havia de ver, que he aonde assiste só por semelhança, & representaçam, lhe abre o milagre os olhos.

A' vista pois daquelles olhos fechados, & daquelles olhos abertos, o que determino, por me naõ afastar das circunstancias que hoje concorrem, nem da opposiçaõ, que vemos em hum, & outro milagre, he excitar hũa questaõ, ou discutir hum problema; & põdo de hũa parte aquella sagrada imagẽ com os olhos abertos, & da outra aquelle sacrosanto mysterio com os olhos fechados, averiguar em que fórma nos obriga mais Christo, se quãdo nos vè naquelle Crucifixo, se quando nos naõ vè naquelle Sacramento; & como Christo ha de ser o que ha de competir hoje comsigo mesmo, nam ha que temer aggravos na vitoria, porque naõ pòde haver afronta na competencia: de si para si haõ de ser hoje os excessos, de si para si haõ de luzir hoje as ventagẽs; & se ouver triunfo na contenda, será o triunfo de vencedor para gloria de vencido: para tudo ser com acerto necessito muyto dos esforços da divina graça; a fonte della he o Sacramento, o meyo para a conseguir he a intercessam de Maria Santissima Mãy de Deos sempre pura, & sempre immaculada desdo primeyro instante de sua Conceyçaõ.

Ave Maria.

Confestim vidit... Et plebs ut vidit, dedit laudem Deo.

ENtrando na nossa questam para averiguarmos adonde nos obriga mais Christo, se quãdo nos

vè, ou nos naõ vè; & pon do defronte em competencia igual hũ, & outro myſterio; de hũa parte o myſterio do altar, & da outra parte o myſterio da Cruz, entre logo o Sacramento com o mayor empenho, q̃ podemos deſcobrir debayxo daquelles accidentes. O Angelico Doutor S. Thomás com todos os mais, que falláram daquelle ſoberano myſterio, diz que o Sacramento foy a obra, em que Chriſto moſtrou o ſeu mayor amor: *Unde ut arctius hujus charitatis immenſitas fidelium cordibus infigeretur, in ultima cœna, quando Paſcha cum Diſcipulis celebrato tranſiturus erat de hoc mundo ad Patrem, hoc Sacramentum inſtituit.* Para q̃ a caridade immenſa do amor de Chriſto ficaſſe mais firme, mais eſtreyta, & mais intima com os homẽs, naquelle tempo em que havia de paſſar deſte mundo para o Padre, o que fez, foy inſtituir o Sacramento do altar. E em que eſteve aqui eſta immenſidade? Eſteve, (diz o Anjo das Eſcolas, como tam grande interprete do coraçaõ de Chriſto nos ſegredos do Sacramẽto) eſteve nas circunſtancias do tempo: porque neſtas circunſtancias do tempo fazia Chriſto por amor dos homẽs o meſmo que fazia por amor do ſeu Eterno Pay: o que Chriſto fazia por ſeu Eterno Pay, era partirſe do mundo para ficar cõ elle no Ceo; o q̃ fazia pelos homẽs, era ficar tambem no mundo para ſe naõ apartar delles na terra: & neſte partir, & neſte ficar nem o amor do Pay podia mais, nẽ o amor dos homens podia menos; porque ſe hum o levava para o Ceo, outro o deyxava na terra.

In Offic. de Sacram.

O amor natural, & eſſencialmente he hum extremo que naõ ſoſſega, nem deſcança, em quãto naõ chega a unirſe; & por iſſo para alli corre, para alli caminha, & para alli propende, para onde o leva a ſua inclinaçam: o amor, que Chriſto tinha ao Pay, buſcava a ſua uniaõ no Ceo; & a meſma uniam

na

na terra buſcava o amor, que tinha aos homẽs: ſe ficava com os homẽs, naõ hia ao Ceo buſcar a uniaõ com o Pay: ſe partia para o Pay, faltavalhe na terra a uniaõ com os homẽs: para ſe unir com o Pay era forçoſo deixar os homẽs; para ſe unir com os homẽs era forçoſo deyxar o Pay; & vendo-ſe Chriſto combatido deſtes dous affectos entre ſi tam encontrados, como diſtantes, em que forçoſa, & neceſſariamente havia de buſcar hum termo, que amava, & deyxar outro, que tambem amava, como ſe correſſe igual parelha no ſeu coraçaõ o amor do Pay, & o amor dos homẽs, para naõ deyxar o Pay, foy para o Ceo; & para nam deyxar os homẽs, ficou na terra: para moſtrar que o amor que tinha ao Pay era immenſo, partio deſte mundo para o Ceo: *Tranſiturus de hoc mundo ad Patrem.* E para moſtrar que tambem era immenſo o amor que tinha aos homẽs, ficou com elles no Sacramento: *Hoc Sacramentum inſtituit.*

Bem ſey que parecerá deſigual, & ſem proporçam eſta medida, mas para que aſſim o naõ pareça, ouçamos o que diz David fallando do meſmo amor, & naõ em outra circunſtancia, ſenam na meſma em que Chriſto ſe deyxou com-noſco. Conſiderando David a vinda de Chriſto á terra, & a ſubida de Chriſto ao Ceo, diz que foy o ſummo, & o mais, que podia obrar, tanto em decer do Ceo para a terra, quanto em ſubir da terra para o Ceo: *A ſummo cælo egreſſio ejus, & occurſus ejus uſque ad ſummum ejus.* (*Pſalm. 18.*) He certo que quando o Divino Verbo deceo do Ceo, o que veyo buſcar á terra foraõ os homẽs, os quaes já deſde a eternidade, & antes de ſerem, eraõ as ſuas delicias: *Deliciæ meæ eſſe cum filijs hominum*; (*Prov 8.*) & quando ſubio da terra, o que buſcava no Ceo era o Pay: *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* (*Joan. 16.*) A eſte decer, & a eſte ſubir he que David chama o ſummo, & o mais

a que

a que Christo podia chegar. E taõ grande cousa acha David, que foy o decer, como o subir? Sim: porque neste subir, & neste decer considerava David a natural propensaõ, & inclinaçaõ do amor de Christo, que era unirse: & como a sua propensaõ o trazia á terra, & a mesma propensaõ o levava ao Ceo, a hũa, & outra deu a mesma medida; porque sendo tanta a diversidade dos extremos, naõ lhe achou differença nos affectos: assim no Ceo, como na terra o via ficar, & partirse; apartarse, & unirse; deyxarse a si, quando nos deyxava a nòs, que era ir sem deyxar; porque em quãto buscava os homens, naõ deyxava o Pay; em quanto buscava o Pay, naõ deixava os homens, & tam unido com os homẽs, como unido com o Pay: *Sicut tu Pater in me, & ego in eis*; & achou que, ou decesse para os homens, ou subisse para o Pay, sempre era summo o seu amor: em quanto estava no seyo do Eterno Pay, & dahi buscava os homens, era summo; em quanto estava com os homẽs, & daqui buscava outra vez o Pay, tambẽ era summo: mas tam immenso amor, & tam summamente grande a respeyto do Pay, porque sem deyxar o Pay buscava os homẽs; como grande, & summamente excessivo a respeyto dos homens; porque sem deyxar os homens buscava o Pay: *A summo usque ad summum*; & porque a resoluçaõ de ir, & ficar he aquelle ardentissimo affecto, que veneramos no Sacramento, por isso no Sacramento foy o amor summo, & foy immenso tanto a respeyto do Pay, como a respeyto dos homens: *Hujus charitatis immensitas*.

Joan. 17.

Ainda que o immenso por ser infinito naõ admitta sobre si excessos, naõ exclue de si as igualdades: immensas, & infinitas sam as Divinas Pessoas, immensos, & infinitos saõ os seus attributos; mas nem as Pessoas, nem os attributos deixaõ de ser entre si iguaes;

&

& assim como huma Pessoa Divina acha igualdade na outra; assim o amor de Christo no Sacramento acha igualdade no amor de Christo na Cruz. Querendo Christo explicar qual fosse o mayor amor, & onde chegava, lá lhe foy pòr o termo naquelle fim, do qual se naõ pòde passar, que he a morte; & disse que não podia haver mayor amor, que chegar a dar a vida por aquelle q̃ se ama: *Maiorẽ hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* Bastava que assim o dissesse Christo para ser mais certo que a mesma evidencia: mas por naõ faltarmos á razaõ desta certeza; a razaõ digo que he; porque as balizas do amor ainda mais perfeito saõ que amemos aos outros, assim como nos amamos a nòs: se desejo os bẽs, se desejo as fortunas, & se desejo as felicidades para mim, estas mesmas, se he que quero bẽ, devo desejar para quem amo; & para ser o amor perfeyto, & igual, naõ sou obrigado a mais: porèm morrer pelo que se ama, naõ he amar como me amo, senaõ amar com mayor excesso; porque he querer mais a outro, do que me quero a mim, antepondo o bem alheyo a todo o bem proprio, pois naõ ha bem de que me naõ prive cõ a morte; & por isso o morrer pelo que se ama he o mais aonde se pòde subir, & o mais aonde se pòde chegar; de sorte que daqui por diante naõ ha mais por onde correr; aqui he q̃ o amor poz as suas colunas, & escreveo o seu *Nõ plus ultra*: Atè aqui; & naõ mais: *Maiorem nemo.*

Joan. 15.

E porque o mesmo Christo, que definio a mayoria do amor, tambem a provou, & confirmou ab exemplo morrendo; esta foy a causa porque na Cruz dando a vida disse aquellas palavras: *Consummatum est*: Já tudo está perfeito, & consummado; porque em morrer pelos homẽs já mostrey que os amava o mais que se podiam amar. Toda a vida de Christo foy sempre hũ continuo

tinuo exercicio de ſeus ardentiſſimos affectos, porque nos amou tanto á cuſta das ſuas fadigas, tanto a diſpendios do ſeu ſoſſego, tanto a diſvelos do ſeu cuydado, que em trinta, & tres annos de idade naõ teve hũ inſtante de deſcanço. Lá o veremos naſcido em hum preſepio chorando noſſas ingratidoens; dahi a oyto dias vertendo ſangue por noſſo reſgate; dentro de dous mezes peregrino, & deſterrado para nos reſtituir a patria; & em todo o tempo, que viveo, ſempre canſado, & ſempre affligido; mas ſempre mais cuydadoſo, & ſem deſcanſo; ſempre paſſando de hũ extremo a outro extremo; & como ſe tudo o que obrava por nòs na vida lhe pareceſſe pouco, ſó na Cruz achou que conſũmava o ſeu amor; porque ſó com a morte chegava ao mais a que ſe podia chegar: *Maiorem dilectionem nemo habet.*

Eſtes ſaõ os dous extremos mais affectuoſos, pelos quaes em igual competencia nos obriga Chriſto, aſſim quando no altar ſe ſacramenta para ficar cõ noſco, como quando na Cruz ſe ſacrifica para morrer por nòs. No Sacramento grande, infinito, & immenſo: na Cruz taõ immenſo, taõ infinito, & tam grande, que nem o grande amor do Sacramento o excede, nem o infinito o vence, nem o immenſo ſe lhe avantaja; porque naõ pòde haver outro mayor que morrer. Mas neſta que parece igualdade, que direy Crucificado Senhor? Por mais que o voſſo divino amor no Sacramento ſe moſtre tam exceſſivo, & taõ immenſamente amoroſo, nem eu poſſo deixar de dizer, nem elle me pòde negar, que neſſa Cruz venceis todo aquelle exceſſo, & toda aquella immenſidade para mais nos obrigardes: & porque? Porque ahi vedes, & alli nam vedes: naquelle Sacramento fechais os olhos, & abriſtes os olhos neſſa Cruz.

Eu naõ duvido, que o amor de Chriſto em quanto

á substancia seja sempre o mesmo em hum, & outro mysterio, porque em ambos nos ama Christo com hũ amor infinitamente perfeyto; & naõ seria perfeyto infinitamente, se em hũ mysterio pudesse ser mayor, & menor no outro; se em hũ pudesse ter augmentos, & no outro pudesse sofrer diminuiçoẽs. O amor para ser perfeyto nem se ha de poder augmentar, nem ha de poder diminuirse; se se pòde diminuir, naõ he firme; se pòde augmentarse, nam he grande; & amor pequeno, & inconstante nunca pòde ser perfeyto: & por isso o amor de Christo como seja perfeytissimo, sempre he igual a si mesmo sem augmentos, porque he summo; sem diminuições, porque he constante. Com tudo este ver, & naõ ver; este amar com os olhos fechados, ou com os olhos abertos, posto que na substancia seja o mesmo, he porèm com hũa circunstancia tam grande, que nos effeytos faz sobir muyto de ponto o amor daquelle Crucifixo, pelo que representa, comparado com o amor do Sacramento. Bem sey, que parecerá isto tam novo como he antigo dizerse que o amor se pinta cego, ou com hum vèo pelos olhos: porèm quem assim o pinta, naõ lhe conhece a natureza; quem lhe poem o vèo pelos olhos, naõ poderá dizer, que seja muyto desvelado: pintallo cego he ir tam longe do que he amor, como do vivo ao pintado; porque a viveza só lha podem dar os olhos; por elles respira, por elles exhala, & por elles vive.

Quando Absalaõ levantado o seu desterro tornou de Gessur para a Corte de Jerusalem, foy com hũa condiçaõ, de que poderia assistir presente na Corte, mas que naõ poderia ver a David: *Faciem meam non videat*; & nestes termos que diria Absalaõ, o qual arrependido das suas travessuras, queria mostrar o muyto que amava a seu pay David? O que disse foy, que

2. Reg. 14.

ou

ou havia de ver a David, ou havia de morrer: *Objecro ergo ut videã faciem Regis; quòd si memor est iniquitatis meæ, interficiat me.* De duas huma, dizia este Principe para se mostrar amante de seu pay: ou hey de ver a David, ou hey de morrer. As palavras de Absalaõ seriam fingidas; mas o sentido, ou o sentimento he muyto verdadeyro em quem de veras ama; porque estar presente, & naõ ver o que se ama, se o amor o sofre, he pequeno; & se he grande, mata. Absalaõ ainda que naquelle tempo estava mal visto, pertendia ser bem avaliado, & fez comsigo este discurso: O preceyto de David prohibe que lhe veja o rosto; mas se eu estando presente viver cõ este preceito, que amor pòde ser o meu? Se vivo, he certo que amo pouco; & para mostrar que amo muyto, he necessario morrer: pois para que conheça hum pay, que me deu a vida, que a naõ posso conservar com este rigor, & que viver sem ver he impossivel: ou ver, ou morrer. Lembrame sobre este passo, & sobre esta resoluçaõ o que escreveo S. Paulino ao grande Padre S. Agostinho: eraõ estes dous Sãtos por extremo amigos, & escrevendose de parte a parte diz assim S. Paulino: *Dum æquo animo fero quòd te non video, intolerabile est ipsam appellare tolerantiam.* Tenho paciencia, he verdade, amigo Agostinho, no rigor, & no tormento de vos naõ ver; mas naõ ha cousa, que mais me apure a paciencia, nem mais insofrivel que este mesmo sofrimento. Este foy o mais encarecido modo com que explicou a pena de naõ ver este Santo amigo a outro amigo tambem Santo, entendendo que semelhante paciencia ou desacreditava o seu affecto, se lhe naõ acabava a vida; ou que a vida naõ podia durar muyto oprimida de taõ duro, & pezado sofrimento.

Ibid.

E que sendo taõ grande, tam immenso, & tam excessivo o amor de Christo no Sa-

Sacramento, & que ainda assim conserve a vida amandonos, mas naõ nos vendo! Naõ sey se por esta causa está Christo vivo no Sacramento, mas com apparencias de morto; porq̃ amarnos, & ter sofrimento para nos naõ ver, bem pòde ser com amor vivo; porèm naõ pòde ser com amor que naõ pareça morto: o que sey com tudo he, que o Sacramento por antonomasia se chama o Mysterio da Fé, por ser tam contrario á razaõ, que nos naõ veja Christo quando nos ama, que se a Fé nos naõ cativára o entẽdimento, ou lhe negariamos o amor, ou lhe negariamos a vida: hũa, & outra cousa confessamos com toda a firmeza; pois nem da vida, nem do amor duvidamos: porèm a nossa Fé com os olhos fechados taõ agradecida áquella substancia, como queyxosa daquelles accidentes, nam acha tanta difficuldade em crer contra o que vemos, quãta em crer que naõ somos vistos. O que vemos sam os accidentes, & que debayxo daquelles accidentes esteja real, & verdadeyramente o corpo de Christo encuberto, nam he esta a difficuldade mayor; porque quem sendo Deos pode encobrir o ser Divino debayxo da nossa humanidade, que muyto q̃ sendo Deos, & homem se possa cobrir com aquella nuvem branca? Mas que sendo tam immensamente grande o seu amor, que sendo summo, & que sendo infinito tape os olhos, & nam veja aos que ama, he o ponto mais difficultoso, em que a Fé necessita de vencer todas aquellas repugnancias, que tem da sua parte a mesma experiencia. Quem ouve atè agora que pudesse entregar o coraçaõ, sem que este se rendesse pelos olhos? Quem pode tapar a vista, se chegou a descobrir o peyto? He verdade que Christo o pode fazer no Sacramento, porèm mostra que o naõ pode fazer na Cruz, & por isso todas aquellas difficuldades, que aos olhos fechados vence

a Fé

a Fé no Sacramento ſobre o credito de ſeu amor, paſſaõ a ſer amoroſas evidencias nos olhos abertos de Chriſto Crucificado naquella imagem; o qual para acreditar o mayor exceſſo das ſuas finezas naõ podia buſcar mais qualificado abono, que darnos em ſeus olhos duas teſtemunhas de viſta.

Digo que para acreditar as ſuas finezas eſte foy o mais qualificado abono; porque ſe he licito comparar o Divino com o humano, & o immenſo com o limitado, eſte, & não outro foy o mayor credito que achou o amor mais encarecido nas Eſcrituras. O amor mais encarecido nas Eſcrituras foy o amor de Jacob. E Jacob taõ valente na luta, como nos affectos, o que ſentia de ſi quando mais ſe empenhava a manifeſtar a quãto chegavaõ os ſeus mayores extremos naquelles annos, em que ſervio de paſtor a Labão pay de Rachel, o modo por onde ſe explicou foy dizernos, que era tanto o que amava, que naõ podia fechar os olhos: *Fugiebat ſomnus aboculis meis.* Geneſ. 31. Pois ſe Jacob nos quer encarecer o muyto que amava a Rachel, porque naõ allega os primeyros ſete annos de ſerviço tam mal pagos; o ſofrimento das ſemrazões de Labão; a reſoluçam de tornar a ſervir de novo não menos q̃ outros ſete annos, entre a eſperança do premio, & o temor do engano; o muyto que velava de noyte, & ſe deſvelava de dia apaſcentando mais cuydados em ſeu peyto, que ovelhas nos valles de Haran? & finalmẽte porque nam diz, que depois de tam cuſtoſas experiencias de ſeu coraçam, & da ſua vontade, que ainda mais amára, ſenam fora para tam grande amor tam curta a vida? Nada diſto encarece, nada diſto allega, & ſó pondèra nam poder fechar os olhos? Sim: porque achou que tudo o mais ficava a perder de viſta em comparaçam do encarecimento de ſeus olhos, & em dizer

que

que estes se naõ podiaõ fechar, dizia tudo; & se assim o naõ dissesse, naõ diria nada.

Este foy o encarecimento de Jacob; & da mesma sorte vemos nos effeytos semelhante, porèm mayor encarecimento naquelle Crucifixo: porque Jacob por si, & verdadeyramente vivo, he que obrava estes extremos; Christo naõ vivo, mas depois de morto; naõ em si, mas na sua imagem milagrosamẽte he que obra estas finezas: Jacob em não fechar os olhos vẽcia o sono; Christo em abrir os seus venceo a morte. A morte dizem que he imagẽ do sono, & o sono imagem da morte; & se me perguntarem em que se parecem estas duas imagẽs, respondo, que se parecem em que a morte, & mais o sono ambos nos fechaõ os olhos: mas assim como em Jacob não teve este poder o sono, porque o vẽcia o seu amor; assim tambem o naõ teve a morte em Christo Crucificado, porque o seu amor venceo a morte. Agora quizera eu que entrando no mais intimo daquelle sacrario, penetrassemos bem o que se encobre debaixo daquelles accidentes: alli se deyxou Christo para satisfaçaõ de seu amor, & para alivio do nosso: para desafogo das suas finezas, & para remedio das saudades: para estar com-nosco em quanto Sacramento, & para estar em nòs em quanto Communhaõ: para nos fazer companhia pela assistẽcia que tem; & para se identificar cõ-nosco pela uniaõ que obra: alli apurou tanto o que nos queria, que para memoria, & para brazaõ de todas suas maravilhas instituío aquelle mysterio, paraque reduzidas todas em hum compendio, soubessemos que nem a Christo lhe ficava mais que dispender, pois se dava a si mesmo; nem a nòs mais que desejar, pois fóra de Deos tudo o mais he nada, & só Deos he tudo.

Porèm se Christo ouvesse de encarecer o muyto que nos amava, bem creyo,

que pondo de parte todos estes excessos taõ grandes, que só elle, que os obrou, os pòde avaliar como merecem; bem creyo, torno a dizer, que como outro Jacob lá iria buscar a seus olhos o mais qualificado dos seus extremos: assim me persuado que o faria; porque assim no lo deyxou escrito quem mais conhecimento teve dos segredos do seu coraçaõ. Aquella pastora das Eglogas de Salamão, por outro nome a Alma Santa, encarecendo os disvelos, que custava a seu Divino Esposo, disse q̃ eraõ tam grandes, que a buscava por montes, & por outeyros: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* Assim se explicou em frase pastoril, & estylo camponez aquella pastora, dando-nos a entender que pelos montes, & pelos outeiros se encarecia o mais subido, & o mayor auge a que chegavaõ os affectos do seu Esposo, superiores a todos aquelles, que nam fossem seus; porque assim como os montes saõ os que mais se levantaõ da mais terra; assim o amor de seu Esposo era tam eminente sobre os mais, como saõ eminentes os montes sobre os valles.

Cant. 2.

Parece, que neste excesso, & ventagem o tinha bastantemente encarecido, pois o tinha posto no mais alto; mas naõ contente com esta mayoria lá lhe foy achar outro realce mais levantado: & qual cuydamos que seria? *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* O realce foy ver: *Respiciens, prospiciens*; porque achou, que aindaq̃ o amor do Esposo em ser sobre os montes era o mayor, não julgou que bastava este excesso para ser o mais encarecido: o mayor encarecimento naõ estava tanto na grandeza dos montes, quanto na vista dos olhos: explicado pelos montes excedia a qualquer amor, que naõ fosse seu; examinado nos olhos venciase a si mesmo. Grandes foraõ as finezas do Esposo explicadas pe-

Ibid.

pelos montes; & grandes ſobre todo o encarecimento as que Chriſto obrou, ou no monte de Siaõ conſagrando ſeu corpo; ou no monte Calvario ſacrificando a vida: em hum, & outro monte taõ grandes, que naõ póde haver couſa mayor: mas o realce de todas naõ eſteve nos montes, eſteve nos olhos: nos montes foraõ mayores que todas aquellas, que naõ forẽ ſuas; nos olhos abertos, & em querer ver anciosamente as almas, que amava, foraõ exceſſo, & ventagem de ſi meſmas.

Deſta ſorte no lo deyxou encarecido a Eſpoſa dos Cantares: mas porque o ſeu encarecimento naõ ſó foy hiſtorico, ſenaõ tambem profetico; a hiſtoria do ſeu tempo foy profecia do noſſo, a qual ſe veyo a comprir neſte lugar, & naquella ſagrada imagem. A Eſpoſa dos Cantares ainda que ſeja o exemplo de todas as almas Santas, neſte paſſo em que ſe pinta encerrada, & recolhida, he o mais natural retrato de hũa alma Religioſa; que dentro de quatro paredes não vè outra couſa mais que o Ceo, nem he viſta de outra parte mais que de Deos: iſſo ſignifica aquella parede, & aquella gelozia do texto: *Poſt parietem noſtrum proſpiciens per cancellos.* O Eſpoſo dos Cantares tambem naõ he outro mais q̃ Chriſto verdadeyro Eſpoſo de noſſas almas; porèm com eſta circunſtancia, que neſte paſſo naõ he Chriſto em toda a parte, ſenaõ unica, & propriamente neſte lugar; porque ſó neſte lugar, & nam em outro o achamos vendo, & tornando a ver por aquellas grades, & gelozias. Olhemos agora para aquella parede, & para eſtas paredes: detraz daquella parede eſtá hũa alma retirada, & eſcondida a tudo o que era mundo; & ſó patente aos olhos de ſeu Eſpoſo: *Ego dilecto meo, & ad me converſio ejus.* Detraz deſtas paredes naõ eſtá hũa, ſenaõ muytas Eſpoſas, que furtadas aos olhos dos homens

Cant. 7

ſaõ ſó agradavel objecto dos Divinos. Olhemos para a gelozia dos Cantares, & para as grades do coro: em ver por aquella gelozia moſtrava o Eſpoſo ſeu mayor affecto: em ver por eſtas grades moſtrou Chriſto os ſeus mayores extremos, pagando com eſta amoroſa viſta a tantas Eſpoſas, que com reciproca correſpondencia não querem ver, nem ſer viſtas de outros olhos, podendo dizer cada hũa dellas: *Ego dilecto meo, & ad me converſio ejus.* Ditoſas huma, & mil vezes ditoſas almas; pois chegáraõ a lograr no agrado dos Divinos olhos as mayores demonſtrações do amor de Chriſto, que vendoſe na pureza de ſeus affectos naõ hũa, ſenão muytas vezes, repetio as ſuas viſtas vendo, & tornando a ver: *Reſpiciens, proſpiciens.* Se com iſto ficaõ mais obrigadas a Chriſto na Cruz, do que a Chriſto no Sacramento, eu o naõ decido, porque o deixo ao juizo dos ſeus meſmos affectos: & ſó digo que ſe Chriſto no Sacramento he o ſeu Eſpoſo, porque o recebem; que Chriſto na Cruz he o ſeu amante, porque as vè; pois eſte foy o titulo que lhe deu a Alma Santa, quando ſe conſiderou objecto de ſeus olhos.

Baſtava o que fica ponderado para deſempenho do que prometti; porèm como a noſſa rudeza, & groſſaria naõ pòde alcançar o fino de tantos extremos, ſe lhos naõ moſtra a conveniencia; a conveniencia que temos em ſermos o emprego dos Divinos olhos nos fará mais patente o quanto obrigados eſtamos á ſua viſta, quando nella, & por ella ſe deyxa ver mais liberal o ſeu amor. O amor definido pelos ſeus effeytos naõ he outra couſa mais q̃ querer o bem para aquillo que ſe ama; & que bem poderá haver de que os olhos Divinos naõ ſejam principio, & que Deos nos naõ communique por aquellas duas fontes de ſua miſericordia? Se pertendemos o mayor bem

bem dos bens, o qual só se pòde chamar bem, que he a graça; pois por ella nos cõservamos na amizade, & uniaõ com Deos como filhos adoptivos seus, herdeyros de sua Bemaventurança; & nessa graça pertendemos o mayor bem da mesma graça, que he o durar, & perseverar atè o fim da vida, paraque dure, & persevere, os olhos Divinos lhe daõ a permanencia, em quanto nos confirmam na observancia de seus preceytos: *Instruam te in via hac, qua gradieris, firmabo super te oculos meos.*

Psalm. 31.

Se desejamos o bem que se segue depois da graça, quero dizer a gloria, aonde o alivio he sem pena, o contentamento sem pezar, a alegria sem tristezas, o descanso sem fadiga, a segurança sem temor, o sossego sem receyo, a paz sem perturbaçam, a riqueza sem cuydado, a grandeza sem inveja, a companhia sem emulaçaõ, a amizade sem cautela, a vida sem morte, & todas as felicidades daquella Patria bemaventurada, nos olhos de Deos he que se cifra toda esta gloria: *Glorificatus sum in oculis Domini.* Se queremos na cegueyra, & ignorancia deste mundo, que nem o falso nos engane, nem a cavilaçaõ nos minta, nem o arrojo nos precipite, nem a inconsideraçaõ nos arrasse, & com hũa regra certa, & que naõ pòde errar, queremos distinguir o bem do mal, o proveytoso do nocivo, o conveniente do cõtrario, os olhos de Deos nos ensinaráõ a sciẽcia mais infallivel para os acertos: *Oculi Domini custodiunt scientiam.* Se pelas offensas, que temos cõmettido, nos achamos rèos no Tribunal Divino, & certos do crime, incertos do perdaõ tememos como culpados, porque sabemos o mal, que temos feyto, & naõ sabemos se estamos absoltos da pena, & queremos que Deos deponha os seus rigores, modere as suas iras, & que esquecido do castigo nos receba compassivo, & aplacado,

Isai. 49.

Prov. 22.

cado, tudo isto alcançaremos, se puzer em nòs os olhos: *Ponam oculos meos super eos ad placandum.*

Jerem. 24.

Se perseguidos da fortuna nos acompanha a desgraça, nos desconsola a tristeza, & nos affligem os successos, porque saõ adversos, & contrarios a nossas esperanças; nem acabamos de conseguir o que desejamos, ou porque se nos nega o posto, ou porque nos falta a justiça, ou pelo que perdemos no mar, ou pelo que naõ achamos na terra, & por isso andamos tristes, & angustiados, desconsolados, & affligidos; todas estas angustias, & afflições ficaõ remediadas cõ que Deos olhe, & nos veja: *Si respiciẽs videris afflictionem meam.* Finalmente se no estado presente tememos o que he muyto para temer, & que he razaõ todos temamos, & sintamos todos o mal, que toca a todos, quando os nossos infortunios saõ taõ successivos, & as desgraças se encontraõ hũas com outras; porque humas saõ porque nos perdemos, & outras porque nos naõ sabemos remediar; se tememos, digo, sermos acometidos de nossos inimigos, que já a sua ousadia, & a nossa remissaõ lhes tem dado atrevimento para nos virem buscar a nossas casas, & o receyo bẽ fundado nos faz perceber os ultimos estragos, em que ficaremos victimas de seu odio, & despojos de sua vingança; porque as nossas forças naõ sam bastantes para nos defender, a nossa attenuaçaõ sobeja para nos arruinar; naquelles olhos temos dous muros firmissimos, & inexpugnaveis para nossa defensa, & para nossa segurança: *Muri tui coram oculis meis.*

1. Reg. 1.

Isai. 49.

Todos estes bens saõ effeytos de vossos olhos, & todos saõ certissimos indicios do muyto que nos amais quando em nòs os põdes. Mas que diremos crucificado Senhor? Que diremos quãdo nos vemos cercados de tantos males, senão que apartais de nòs a vista?

vista? Lembrame a mim que quando escolhestes os Portuguezes para instrumentos de vossa gloria, & para estabelecerdes nelles o vosso Imperio, dissestes, que na sua attenuaçaõ lhe havieis de pòr os olhos, & os havieis de ver: *In ipsa attenuata iterum respiciam, & videbo.* Este só favor nos bastava para nos vermos na mayor felicidade: mas o q̃ hoje experimentamos he, que a nossa attenuaçaõ já veyo, & que a vossa vista ainda naõ chegou. O mayor castigo com que ameaçaveis antigamente o vosso povo, era o naõ olhardes para elle: *Avertam oculos meos à vobis.* Este foy entaõ o vosso ameaço; & este he agora o nosso castigo: entaõ se pronunciou a sentença, agora se executou a pena; porque vòs já parece que não vedes, ou que nos naõ quereis ver. Pois meu Deos, *Ne irascaris Domine satis,* baste já tanto rigor, cessem tantas iras, & ponde termo á vossa vingança, ainda que justa, & justissima. Lembrayvos da vossa promessa, & esqueceyvos das nossas offensas: *Ne ultra memineris iniquitatis nostræ.* Vede meu Deos, & meu Senhor: *Ecce respice*, & vede que supposto todos somos culpados, que com tudo isso todos somos povo vosso: *Populus tuus omnes nos.* E sendo nòs povo vosso, será decente à vossa piedade, será conveniente à vossa hõra, & será decoroso á vossa eleyçaõ, com a qual nos escolhestes para vòs, que permitais nossa ruina, que dissimuleis em nossas perdas, & que vòs mesmo nos castigueis com tanta vehemẽcia: *Numquid super his continebis te Domine, tacebis, & affliges nos vehementer?* Se para nos amparar basta o vernos, vede, & amparainos: *Protector noster aspice Deus.*

Isai. 1. *Isai. 64* *Ibid.* *Ibid.* *Ibid.* *Ibid.* *Psalm. 63.*

Mas se me disserdes que naõ merecemos a vossa vista, porque nos fizemos indignos da vossa protecçaõ; está muyto bem Senhor, & por isso naõ olheis para nòs, já que nòs o naõ mere-

recemos; mas naõ deyxeis de olhar para quem o nam desmerece: olhay Senhor por aquellas grades, que tendes muyto que ver; & olhay que se naõ virdes, tereis muyto mais que sentir. Supponhamos Senhor que por nossa desgraça, & por vòs apartardes de nòs os olhos, que somos rendidos, & conquistados; & se o formos, que vos parece que será? Vòs o sabeis muito bem; mas ainda assim eu vo lo quero dizer: todos os que assaltarem essas fracas muralhas, que nos defendem, que sem vòs naõ ha fortaleza que naõ seja fraca; todos os que entrarem os nossos muros, a primeyra investida que haõ de fazer, será contra este sagrado claustro, em que está depositada a vossa honra em tantas Esposas vossas. Naõ pondero as consequencias desta desgraça, porque só a imaginaçaõ de ser possivel causa horror, causa pasmo, & causa assombro; pois o que faz assombro, pasmo, & horror á nossa consideraçaõ, como naõ meterá compayxam á vossa ternura? Nam he o vosso coraçaõ taõ duro, que se naõ abrande; naõ he tam esquivo, que se naõ enterneça; naõ he tam isento, que naõ tenha zelos: zelay pelo que vos toca á vossa honra; zelay pelo que vos pertence ao vosso decoro; & zelay pelo que deve zelar o vosso amor: pelo muyto que tivestes a nossas almas, & para que nenhum outro affecto as profanasse, quizestes morrer nessa Cruz, dando a vida por aquelles mesmos, q̃ nella vos pregáraõ com tres cravos: & pelas almas, que só por vosso amor se crucificáram com vosco com tres votos, que fareis? Fareis Senhor pelo affecto que vos merecem, pela correspondencia que vos guardaõ, pelo respeito com que vos veneraõ: fareis pelo amor que vos tem, & pelo amor que lhe tendes, que todos sejamos o emprego de vossos olhos, que sam a origem de todas as felicidades, o principio de to-

das

das as fortunas, o manancial de todo o bem, & as fontes de toda a graça, penhor da gloria: *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens. Amen.*

SER.

SERMAM DO APOSTOLO SAM PAULO,

O QUAL TODO HE ALLEGORICO,

Prègado no Collegio de S. Roque na Cidade de Goa, anno de 1705.

Tibi dabo claves Regni Cælorum. Matth. 16.

EMOS hoje com as chaves na maõ aquelle grande homem, que melhor ſoube menear o montante da Fé (o Apoſtolo, digo, Saõ Paulo). *Tibi dabo claves*; & ſe bem parecem encõtradas as inſignias com que a Igreja no lo repreſenta armado na eſtampa daquelle altar, & cõ que a meſma Igreja no-lo pinta ſem armas no Euangelho deſte dia; naquella eſtampa empunhando a eſpada, & neſte Euangelho uſando das chaves: ſaõ com tudo eſtas duas taõ contrarias inſignias muyto ſemelhantes nos effeytos; porque na maõ de S. Paulo tanto ſervio a eſpada de abrir caminho para o Ceo, quanto ſerviraõ as chaves de abrir

brir as portas da Bemaventurança. Donde os golpes daquella espada, & as voltas daquellas chaves nem fizeraõ mais, nem obráraõ menos; porque ou fosse cortando, ou desfechando, tudo o que fizeraõ foy abrir. Sò poderá parecer a alguem menos arriscado o abrir das chaves, do que o abrir da espada: porque a espada corta quando abre; as chaves abrem sem cortar: para abrir cortando he necessario grande pulso; para desfechar abrindo, qualquer movimento da maõ basta: eu com tudo considerando a difficuldade, que tem o uso de hum, & outro instrumēto, me venho a persuadir, que muyto mayor he o risco, que se encontra no uso das chaves, do que o risco, que se pòde temer no exercicio da espada.

E para que ninguem me diga que esta proposiçaõ he de quem naõ sabe o que peza aquella Cruz, devemos advertir, que no sentir de Ugo Cardeal, & Laureto, as chaves neste lugar nam significaõ outra cousa mais que o poder, & o saber, para abrir, & mais fechar as portas do Ceo, & que o poder das chaves foy cõmettido a S. Pedro, como Principe, & Prelado universal da Igreja; & o saber abrir com ellas foy cõmettido a S. Paulo, como a Doutor das Gentes, & Apostolo o mais zeloso da conversam do mundo. *Claves*, dizem estes dous Authores, *sunt potentia, & scientia discernendi, qua dignos recipere, & indignos excludere à Regno: Petro quidem dicitur præcipuè collata clavis potentiæ ligandi, & solvendi, Paulo verò scientiæ.*

E deixando as chaves em quanto significaõ o poder, razaõ porque com especialidade pertencem a Saõ Pedro, como Principe, & Prelado universal, & tomando-as pela razaõ do officio, com que todos ajudados da Divina graça podem usar dellas em proveyto seu, & do proximo, razam pela qual pertencem com especialidade a S. Paulo; digo que

que o mais arriſcado modo de abrir he o das chaves: aſſim como nas chaves ha duas voltas, aſſim ha tambem dous officios: com hũa volta fechaõ, & com outra volta abrem; & ſendo para iſto neceſſarias na fechadura guardas, eſte he o mayor riſco dos dous officios das chaves; porque ſe podem mudar as guardas, & errar as voltas no abrir, & mais no fechar: pòde o que as tem abrir para ſi, & para os que ſaõ ſeus; & pòde fechar para os outros, & para os que por ſeus naõ julga: & q̃ deſgraça ſeria, ſe aquelle a quem ſe entregáraõ as chaves, lhe contentaſſem tanto as guardas, ou ſe embaraçaſſe tanto nas voltas, que para ſi tudo tiveſſe aberto, & para os outros tudo fechado; para os que naõ foſſem ſeus tudo aferrolhado, & todos a ſete chaves; & para os ſeus tudo de par em par, & muyto á vontade de cada hum, para cada hũ fazer, o que quizeſſe?

E ſe me diſſerem que toda eſta deſgraça ſe evita cõ a ultima clauſula do noſſo thema: *Claves Regni Cælorum*, que eſtas chaves ſam do Ceo, & naõ da terra, & que nas chaves do Ceo naõ ha que temer deſigualdades: reſpondo que tambem Elias teve em hũa occaſiam as chaves do Ceo, & o que com ellas fez Elias, foy fechallo, & aferrolhallo de tal ſorte, que em tres annos, & meyo ficou de bronze: *Quando clauſum eſt Cælum annis tribus, & menſibus ſex.* E eſtando tam fechado para os outros, nam eſtava aſſim para Elias: para toda Samaria eſtava o Ceo fechado, a terra em hum perpetuo eſtio, ſecos os trigos, & as fontes ſecas, deſpidos os montes, & os valles deſpidos, ſem haver hũa gota de agua, ou hũa folha verde: mirrava-ſe o vegetativo nas plantas, o ſenſitivo nos animaes, & ſe pudeſſe ſer, atè o racional ſe mirraria nos homens, ſem haver vida, ou couſa vivẽte, que naõ eſtalaſſe á ſede: & no meſmo tempo eſtava Elias muito abundante com

o que lhe vinha de parte muyto ſuperior que era o Ceo: *Panem, & carnes mane, panem, & carnes veſpere.* Nam falte a Elias o regalo, que vay pouco que os de Samaria naõ tenhão que comer, nem quem lhes dè hũ bocado.

Reg. 3. 17.

Porèm ainda iſto naõ he nada; o que mais pòde admirar he, que atè o meſmo Chriſto, em quem eſtava o poder proprio, & natural para abrir, & mais fechar, ſe moſtrou á noſſa rudeza proprietario em hũa occaſiaõ, pois diſſe, que naõ havia de abrir ſenaõ para os ſeus: *Non ſum miſſus niſi ad oves, quæ perierunt domus Iſrael.* Bem ſey, que o q̃ paſſou neſtes dous ſucceſſos foy myſterio: mas o que foy myſterio em Chriſto, & em Elias, pòde ſer em outros abuſo: o que aqui foy diſpoſiçaõ Divina, pòde ſer em quem naõ tiver o eſpirito de Elias, & o zelo de Chriſto, por mais que o queyra fingir, & por mais que ſe queyra cubrir com elle, payxaõ, & vingança; & a razaõ diſto he; porque ainda que as chaves ſejam do Ceo, & muyto do Ceo, alguũs homẽs, a quem ſe entregão, ſaõ da terra, & muyto da terra; & homẽs tanto da terra com tantos poderes do Ceo quando nada nada ſerá huma ira de Deos.

Naõ o digo eu, diſſe-o antigamente Saõ Gregorio Papa: *Multi cùm regiminis curam ſuſcipiunt ad lacerandos ſubditos inardeſcunt.* Muytos com ſemelhante poder tudo o que obraõ he eſtrago, tudo o que executaõ he ruina, porque o dominio, que exercitaõ, he deſtroço com que aſſolam: *Terrorem poteſtatis exhibent, & quibus prodeſſe debuerant nocent.* O ſinal por onde ſe conhece, o que podem, he o terror com que procedem; & devendo ſer proficuos, ſaõ nocivos: *Et quia charitatis viſcera non habent, Domini videri appetunt, Patres ſe minimè recognoſcunt; humilitatis locum in elationem dominationis immutant.* Como lhe faltaõ as entranhas da caridade

D. Greg. ex Hom. 17. in Euang.

ridade, tudo nellas he soberania de dominantes, & nada cõmiseraçam de pays, & o que devia solidar a humildade, desvanece a soberba: *Et si aliquando extrinsecus blandiuntur, intrinsecus saeviunt.* Se alguma vez com fingida brandura se mostram no exterior suaves, lá no coraçaõ tudo saõ ferezas: *De quibus aliàs Veritas dicit, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces.* Em fim saõ aquelles, de quem falla Christo, que disfarçaõ bravezas de lobos com pelles de ovelhinhas mansas: sendo pois estas as desgraças, que podem haver no exercicio das chaves, para sabermos como S. Paulo soube usar dellas com ventura, necessito da graça, que nos abra o discurso.

Ave Maria.

Tibi dabo claves Regni Cælorum.

SE lançarmos os olhos por todo este mundo racional, acharemos, que a todos aquelles, aquem Deos com a luz da razaõ communicou o lume da Fé, entregou tambem as chaves do Ceo; porque ninguem ha, que o naõ possa abrir, & que o naõ possa fechar; & se lançarmos os olhos por toda a Republica Christãa, acharemos o modo de abrir, & o modo de fechar complicado variamente: veremos hũs, que attentos unicamente á sua salvaçaõ, só della trataõ: estes abrem, & naõ fechaõ: abrem para si, porque se salvaõ; naõ fecham, porque naõ impedem a salvaçaõ alhea.

Veremos outros, que descuydados de tudo o que he Bemaventurança, como se naõ ouvera outra vida mais que a presente, só desta trataõ, & totalmente esquecidos do que devem ás obrigaçoens de Christãos, mor-

morrem como se o naõ foram: estes fechaõ, & nam abrem: fecham, porque se perdèram; naõ abrem, porque não souberão usar dos meyos da sua salvaçaõ. Outros veremos, que indiscretamente zelosos se empregam na salvaçam dos proximos, sem nunca tratarem da sua, aos quaes alludia S. Paulo: *Ne cum alijs prædicaVerim, ipse reprobus efficiar*: estes abrem, & fecham; mas abrem para os outros, porque os proximos entraõ na gloria; & fechaõ para si, porque elles ficam fóra da Bemaventurança. Outros veremos, q̃ em caso de se haverem de fechar as portas do Ceo para algũs, tratam de ver se as podem abrir para si, aindaque se fechem para os mais: assim o fizeram as Virgens prudentes do Euangelho, de quem falla S. Lucas: estes abrem para si, & em certo modo fecham para os mais; porque com risco da propria salvaçam não procuram a salvação alhea.

1. *ad Corint.* 9.

Ha mais outros, a quem Christo chama cegos, & guias de outros cegos, os quaes sem attenderem ao precipicio da sua cõdenação levão cõsigo muytos á mesma ruina: estes fechão para todos, & para ninguem abrem: naõ abrem, porque se perdem; & fecham, porque arrastão comsigo a muytos imitadores dos seus exemplos. Ha finalmente outros, que tratando com igual cuidado da salvaçaõ alhea, & da propria, elles, & os mais se salvão: estes para ningue͂ fechão, & para todos abre͂: desta sorte abriraõ os Apostolos, & todos aquelles varões Apostolicos, que lhes succedèram no zelo, os quaes á custa de seus suores, & suas peregrinaçoe͂s carregados de despojos entráram triunfantes na Be͂aventurança, ou seguidos, ou precedidos de innumeraveis almas por seu meyo convertidas.

Estes, se me não engano, saõ todos os modos, que pòde haver no uso das chaves do Ceo, os quaes podemos reduzir a seis classes: a pri-

a primeyra dos que só para si abrirão: a segunda dos que não souberão abrir para si: a terceyra dos que abrirão para os outros, & para si fechárão: a quarta dos que na contingencia do fechar, & do abrir abriram para si, ainda que se fechasse para os mais: a quinta dos que para si, & para os mais fechárão: a sexta dos que abrirão para si, & para os mais. Abrir só para si he cautela: naõ abrir para si he descuydo: abrir para os outros, & fechar para si, he ignorancia: não abrir para os mais na contingencia de fechar para si, he temor: fechar para todos he arrojo, he precipicio: & abrir tanto para si, & com o mesmo cuydado para os outros, he zelo, he virtude, & he perfeyçaõ. E sendo este o modo de usar das chaves, vendo hoje com ellas a S. Paulo na mão, o não vejo em nenhũa destas classes, a que temos reduzido todos os modos de saber abrir com ellas.

Mas como assim hũ Santo, que naõ deu ventagẽs a nenhum outro, ou na perfeyção propria, ou no zelo da conversaõ, & salvaçaõ do mundo, que se nam ache no concurso de tantos, que souberaõ usar das chaves em beneficio das almas? Que se naõ ache com os acautelados, que só attendèrão á propria salvação, passe; pois foy Santo para todos: *Omnibus omnia factus sum.* Que se não ache com os descuydados, quem sem perdoar a diligencia, nem a disvelo foy o mais solicito no caminho da Bẽaventurança, está bem. Que se não ache com os indiscretos, quem como Mestre da mais alta sabedoria governou todas as suas acçoens pelos dictames da razão mais ajustada, não ha duvida. Que se não ache cõ os temerosos, quem tinha tal resolução, que ainda na contingencia do proprio risco procurava que se segurasse a salvação do mundo: *Optabam anathema esse à Christo pro fratribus meis,* não me admira. Que se naõ ache

1. ad Corint. 9.

Ad Rom. 9.

ache entre os cegos, & precipitados, quem pelos paſſos ſeguros do Ceo ſoube guiar aos homẽs, he razaõ; mas que ſe naõ ache entre os varões Apoſtolicos o Apoſtolo por antonomaſia? Que não eſteja junto com Saõ Pedro, quem com igual zelo foy inſeparavel nas meſmas acçoens? Sim, & mais não deve cauſar admiração: porque no particular de abrir com as ſuas chaves foy S. Paulo muyto ſingular, & por eſta razam ſe não acha com os mais, quem de todos foy differente. Soube abrir como Apoſtolo, he verdade; mas com modo taõ particular, & taõ proprio do ſeu zelo, que aſſim como excedeo aos mais: *Abundantiùs omnibus illis laboravi*, aſſim foy diverſo de todos.

1. ad Corint. 15.

Os Apoſtolos, & todos aquelles varões Apoſtolicos, que foram glorioſos imitadores dos ſeus exemplos, o mais a q̃ chegárão, & o mais q̃ fizeram foy, que com o meſmo cuidado, com que abriraõ para ſi, abriraõ tambẽ para os mais; S. Paulo de tal ſorte abrio para os mais, como ſe não abriſſe para ſi: eu me explico: era taõ grande o zelo, que ardia no coraçam de S. Paulo, para ſalvar o mundo, que ſe por impoſſivel depẽdeſſe do riſco proprio a ſalvaçam alhea, nam duvidaria S. Paulo de ſe expor a todo o riſco, com tanto, que os proximos ſe ſalvaſſem: deſta ſorte entendem os Expoſitores o que de ſi nos deyxou eſcrito o meſmo Apoſtolo: *Optabam anathema eſſe à Chriſto pro fratribus meis.* Se for poſſivel, q̃ ſe perca Paulo, para que o mundo ſe ſalve, naõ importa nada, que ſe nam ſalve Paulo, com tanto que o mũdo ſe nam perca: & quem atègora com ſemelhante zelo abrio as portas do Ceo? Quem como S. Paulo abrio para os mais, como ſe nam abriſſe para ſi, quando neſta ſuppoſiçaõ ſó pertendia a ſalvaçam dos proximos, aindaque a ſua ſe naõ conſeguiſſe? Por teſtemunho irrefragavel do meſmo Apoſtolo

Ad Rom. 9.

tolo sabemos, que trabalhou mais que todos: *Abundantiùs omnibus laboravi*; por estes immensos trabalhos, por estas gloriosas fadigas o sublimou Deos a tantos graos de gloria, quantos foram os merecimentos heroycos de suas virtudes; mas tudo obrou S. Paulo com tanto desinteresse do premio, com tanto gosto no servir, com tanta gloria no padecer, que como se fora de si esquecido, as suas glorias eraõ as penas, o seu timbre era o servir, & o seu premio era a salvaçaõ das almas; & isto porque? Porque tudo quanto obrava, & padecia, era pela salvaçam dos proximos: *Omnia sustineo propter electos, ut & ipsi salutem consequantur.*

O quanto tenhaõ de heroyco as circunstancias, q̃ concorrem em taõ apostada, como extraordinaria resoluçaõ, para S. Paulo affirmar que trabalhára mais que todos, & isto para salvar aos proximos, se pòde conjecturar medindo, & ponderando todas aquellas difficuldades, que devia vencer, pois reduzido a estes termos, em que quasi esquecido de si mesmo todo se empregava no bẽ alheyo, se via combatido de tres violencias, todas grandes, todas fortes, & todas quasi insuperaveis, que eraõ deixar as glorias, padecer as penas, & buscar á custa de tantas fadigas, & trabalhos o alivio para outros: deyxar as glorias combatia o gosto; padecer as penas combatia o sensitivo; querer que outros gozassem o fruto de seus trabalhos, combatia o interesse proprio: para deyxar as glorias, havia de cortar pelo alivio; para padecer as penas, havia de apurar o sofrimento; & paraque os outros se salvassem á custa dos seus trabalhos, havia de despir toda a propriedade; & neste vigoroso combate, nesta animosa contẽda, em que podia esmorecer o entendimento, em q̃ podia desmayar a vontade, em que podia oprimirse a alma,

alma toda, he que se esforçára a fineza, he que se alētava o zelo, he que se animava a caridade de S. Paulo, para ter nas suas penas a gloria, no seu desinteresse o premio, & nas suas afflições o bem dos proximos. Tudo nos dirá o mesmo S. Paulo.

Quem visse aquellas incansaveis, mas gloriosas fadigas, com q̃ o Apostolo das Gentes sempre vigilante, & sempre cuydadoso, sempre solicito, & sempre applicado sem sossego, sẽ quietaçaõ, & sem descanso se empregava no caminho da perfeyçam, he sem duvida, que se havia de persuadir, fazendo comparaçaõ de Sam Paulo com os mais Santos, que o fim a que se dirigiam passos tanto de Gigante no caminho do Ceo, era unicamente para ir subindo de virtude em virtude atè chegar ao monte de Siaõ, que he a Bemaventurança: *Ibunt de virtute in virtutem, videbitur Deus eorum in Sion.* Porèm quem ouvisse a S. Paulo no meyo de todos estes

Psalm. 83.

trabalhos, he certo que mudaria de conceyto, quando por boca, & testemunho do mesmo Apostolo entendesse, que naõ era este o unico fim, mas que tudo offerecia, & tudo obrava aquelle taõ desinteressado, como zeloso espirito pela salvaçam dos proximos: *Omnia sustineo propter electos, ut & ipsi salutem consequantur.* Desenganem-se, diz S. Paulo, os que avaliaõ os meus empregos, & os medem cõ aquella estimaçaõ, com que medem as obras dos outros, & saybaõ, que tudo o que padeço, lá vay dirigido á salvação dos proximos.

2. ad Tim. 2.

Eu naõ sey nestas circũstancias, nas quaes por modo tão diverso vejo a S. Paulo abrindo com as suas chaves, se diga que foy isto exceder só aos mais, ou se acrescente que foy gloriosa emulaçaõ, com que S. Paulo quiz imitar a Christo no mesmo motivo de padecer. Tudo foy: foy excesso aos mais, como mostraõ as ventagẽs, com que tãto se adiantou a todos; & foy glo-

riosa emulaçaõ, pois isto he o que resolutamente affirma o mesmo Apostolo. Escreve S. Paulo aos Filipenses, & diz assim: *Sequor autem si quomodo comprehendam, in quo & comprehensus sum à Christo Jesu.* Eu de tal sorte vou seguindo, & imitando as acçoens de Christo, que me animo quãto posso a copiar em mim quanto obrou, para me fazer em tudo hũa perfeyta imagem daquelle Divino exemplar. Mas aonde esteve esta propria, & verdadeyra imitaçaõ? Esteve em que Sam Paulo na salvaçaõ das almas obrasse pelo mesmo motivo, que Christo obrou.

Christo desdo primeyro instante de sua conceyçam atè o ultimo periodo do tẽpo, em q̃ espirou na Cruz, tudo foy padecer, & tudo foy merecer: encarnado no vẽtre de sua purissima Mãy padeceo a clausura de nove mezes: tanto que sahio ao mundo, logo começou com a pobreza, & desemparo do presepio, com o rigor, & desabrigo do tempo, com o desconhecimento, & ingratidaõ dos homẽs a fazer hum penoso ensayo do que depois havia de padecer, que foraõ os desterros da patria, as perseguiçoens de Herodes, o jejum de quarenta dias, as peregrinações continuas, as injurias, as afrontas dos proprios, & dos estranhos, as prizões, os açoutes, os cravos, a Cruz, a lança, & todo aquelle mar de penas de sua Payxaõ; & isto tudo, porque, ou para que? Para nos salvar a todos: de sorte que em tudo, o que obrou Christo, eraõ os homens todos o fim porque obrava: *Christus pro omnibus mortuus est.* Pois este tudo, & este para todos era o fim, a que S. Paulo anhelou por imitaçaõ de Christo: *Omnia sustineo propter electos.* Este obrar, este padecer todo, & para todos, em Christo foy exemplo, em Paulo imitaçaõ; em Christo caridade, em Paulo correspondẽcia; em Christo fineza, em Paulo desempenho.

Agora se entenderá melhor aquelle texto, que só á vista desta imitaçaõ, desta fineza, & deste desempenho tem a propria, a natural, & verdadeyra intelligencia. *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Eu, diz S. Paulo, encho em mim tudo aquillo, que faltou á Payxaõ de Christo A Payxaõ de Christo em tudo foy perfeyta; porque na execuçam foy consummada: *Consummatum est*; no rigor das penas completa: *Saturabitur opprobrijs*; no merecimento, & no valor infinita; & no termo adequada, porque foy por todos, & para todos: *Pro omnibus mortuus est.* Pois se a Payxam de Christo por todas as suas partes foy infinitamente perfeyta, & o infinito tem tudo o que póde ter, que he o que lhe faltou? Da parte de Christo nada; mas da parte dos homẽs faltoulhe haver quem repetisse, & quem imitasse taõ grande fineza, & taõ soberano exẽplo; & isto he o q̃ encheo, & o que supprio S. Paulo; porq̃ applicando todos os seus trabalhos á salvaçam dos homẽs, repetio em quanto ao motivo a Payxaõ de Christo; & imitou em quãto á fineza o seu exẽplo. Esta he a energia, com que falla o texto; porque aonde a nossa vulgata verte, *Adimpleo*, encho, lê o original, *Reimpleo*, encho outra vez: Christo encheo a Redempçaõ, & salvaçam dos homẽs satisfazendo por elles naõ só com sufficiencia, mas com superabundancia; S. Paulo encheo outra vez repetindo, aindaque nam enchesse satisfazendo. A Payxaõ de Christo toda, & para todos em ordem ao merecimento: os trabalhos de S. Paulo todos, & para todos em ordem á imitaçaõ.

Ad Col. 1.

Esta he a verdadeyra razaõ, porque eu dizia ao principio, que nos naõ devia admirar naõ acharmos entre os mais Santos a Saõ Paulo no modo de abrir cõ as suas chaves; porque quẽ se adiantou tanto a todos,

que ſe fez ſemelhante a Chriſto, naõ he muyto que ficaſſe deſſemelhante dos homẽs, pois ſe por todos morreo Chriſto, por todos trabalhou S. Paulo: Chriſto morrendo fez que para todos ſe abriſſem as portas do Ceo; S. Paulo padecendo trabalhava, porque nenhum ficaſſe de fóra: *Omnia ſuſtineo propter electos, ut & ipſi ſalutem conſequantur.*

Os que leraõ, ou tem noticia do incomparavel pezo de trabalhos, que por amor dos proximos ſuſtentou eſte Atlante da Igreja Catholica, & vendo o muyto a q̃ ſe eſtende, & o muyto que abraça eſte todo: *Omnia ſuſtineo*, com razaõ poderám dizer: & nam baſtaria menos? logo ha de ſer tudo? Naõ baſtaria para o ardente zelo, & caridade de S. Paulo, que foſſe hũa parte dos ſeus trabalhos, que ainda ſendo parte, naõ havia de ſer pequena, quando o todo era taõ immenſo: padeça embora pela ſalvaçam dos proximos aquellas tam compridas, & dilatadas peregrinaçoens: *In itineribus ſæpe*, em que caminhando tantas diſtancias a pè, & deſcalſo ſem nunca ter deſcanſo, & raras vezes abrigo ao Sol, á chuva, aos rigores, & inclemencias do tempo, correo tantas Provincias, & tantos Reynos, que quaſi ſe canſa a penna de S. Lucas, para nos deſcrever tam comprido itinerario: & ſe aos caminhos da terra quizer acreſcentar as viagẽs das ſuas navegaçoẽs taõ frequentes, como arriſcadas, entrem tambem neſte roteyro os perigos, que experimentou no mar: *Periculis in mari*; que baſta dizermos, q̃ foram no mar, para dizermos muyto: as tempeſtades tremenda, & furioſamente armadas: os ventos conjurados, & implacaveis: a náo gemendo com a violencia do temporal, que hũas vezes a ſubia a topetar com as gaveas nas eſtrellas, outras a deſpenhava a romper com a quilha as areas mais profundas: os mareantes no eſpantoſo

Ad Galat. 11.

toſo chocar do combatido baixel acudindo ſem tino, & obrãdo ſem acordo, porque em cada balanço eſmorecia huma vida, & em cada onda ſe bebia hũa morte: os bayxos roncando temeroſamente ao perto; mas a terra tam longe, que quanto menos ſe podia ferrar o porto com as ancoras, tanto mais ſe apartava da eſperança o remedio, & finalmente por alivio de todas eſtas moleſtias, ſuſtos, & temores naufragar tres vezes, ficando hum dia, & hũa noyte debayxo das ondas ſumergido: *Ter naufragium feci; nocte, & die in profundo maris fui.*

2. ad Cor. 11.

Naõ baſtaria eſta parte? Naõ, diz S. Paulo; ha de ſer tudo: *Omnia*. Eſtá bem: mas ſe o fogo daquelle zeloſo coraçaõ ſe naõ apaga com tanta agua, & debayxo das ondas vapora incendios appetecendo mais trabalhos, não baſtará que padeça as perſeguiçoens daquelle eſpirito maligno: *Stimulus carnis*, que com nome de Anjo, mas anjo de Satanás, *Angelus Satanæ*, dandolhe hũa, & outra bofetada: *Qui me colaphizat*, o que pertende, o que anhela, & o que procura he o deſcredito, & a deshonra, he a injuria, & a afronta do Apoſtolo; tanto aſſim, que o reduzio a taes termos, & a taes apertos, que nos naõ ha de negar o meſmo Apoſtolo, que quaſi chegou a vacillar a ſua conſtancia, & o ſeu ſofrimento, & por mais alentada que era a ſua paciencia, com repetidas inſtancias pedio a Deos o livraſſe de taõ importuno, como domeſtico, & terrivel inimigo: *Ter Dominum rogavi, ut diſcederet à me?* E quẽ ſabe o que ſeria, ſe Deos com eſpecial graça o nam fortaleceſſe, & animaſſe: *Sufficit tibi gratia mea?*

2. ad Cor. 11.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

E ſe quer ainda mais, offereça, & padeça, por acudir a ſeus proximos, & os ſuſtentar no caminho da ſalvaçam, verſe perſeguido dos ſeus meſmos com tanto exceſſo, que a commiſeraçaõ, que achou nos eſtranhos, lhe faltou nos proprios;

prios; pois contra a conjuraçam dos proprios o defendèraõ os estranhos; & o que he mais, criminado, & accusado pelo Principe dos Sacerdotes, que feyto parte, & fiscal nos Tribunaes, & diante dos Ministros Romanos allegava contra toda a verdade, razão, & justiça ser o Apostolo hum homem pestilente, & o principal motor de todos os desassegos, que padecia o Judaismo, & que só tirando do mundo a semelhante homẽ poderia haver quietaçam: *Invenimus hunc hominem pestiferum, & concitantem seditionem omnibus Judæis in universo mundo.*

'Actor. 24.

Ainda não basta; haõ de ser esses trabalhos, & ham de ser todos, diz S. Paulo: *Omnia*; haõ de ser as miserias, & as pobrezas; as fomes, & as sedes; os desempàros, & enfermidades; as afflicções, & as dores; as angustias, & as penas; os disvelos, & os cuydados; as neves, & os frios, & todas as mais incommodidades do tempo, & da necessidade: *In labore, & ærumna; in vigilijs multis; in fame, & siti; in jejunijs multis; in frigore, & nuditate.* Haõ de ser as perseguições, as invejas, as iras, os odios, as tyrannias, as cavilações, as treyções, os testimunhos, as calumnias, & accusaçoens falsas contra a innocencia, contra a verdade, & contra a razaõ: & isto de quem, ou por quem, pelos ladroens: *Periculis latronum*? Sim, mas he pouco: pelos gentios? *Periculis ex gentibus*? Sim, mas naõ admira: pelos povos barbaros, & infieis? *Periculis in civitate*? Sim, mas não he nada. O que he muito, o que admira, & o que faz pasmar, he que ham de ser pelos do mesmo sangue, & pelos que eram irmãos na mesma profissaõ, que falsos, & fementidos se armaõ contra o Apostolo: *Periculis ex genere, periculis ex falsis fratribus.* Em fim ha de ser tudo: *Omnia sustineo propter electos.*

Ad Galat. 11.

Ibid.

Porèm se tudo ha de ser servir, & padecer por bem

dos

dos proximos, & por lhes abrir as portas do Ceo, que he, o que espera para si o Apostolo? De Deos muyto, dos homẽs nada. De Deos muyto; porque quanto menos cuydava de si, tanto mais se mostrava Deos cõ elle solicito, & cuydadoso: *Reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Justus Judex*. Padeça, & sofra todas essas afrontas, & odios; todas essas calumnias, & falsidades: padeça verse feyto alvo da tyrannia, objecto da vingança, & assumpto dos mayores desprezos, que como padece pela salvaçaõ dos proximos, & porque se naõ perca huma alma, nem saya fóra do caminho da perfeyção, & para que se abraõ as portas da Bemaventurança, & se fechem as entradas do inferno; que Deos como Justo Juiz lá está medindo todos esses trabalhos, lá está pezando esses pezares, & lá está avaliando essas penas, para dar a cada hum, o que he seu. Terá o Apostolo o premio da sua paciencia, logrará o fruto das suas fadigas, mas isto dado por Deos, & só por Deos, que dos homẽs nada espera, nẽ era bem, que esperasse: serve por servir, & no servir he que tem toda a sua recõpensa.

2. ad Timot. 4.

O grande merecimento fica muyto mayor ainda no desinteresse: servir por premio he conveniencia; servir por servir he fineza: quem serve pelo que lhe haõ de dar, contrata; quem serve por servir, obriga; & a melhor paga do que se obra he a mesma acçaõ, que se executa, sendo a virtude o mais honrado premio: *Ipsa quidem virtus pretium sibi*: & não he tam pouco generoso o Apostolo, que se haja de persuadir, que as suas acçoens lhas podiaõ pagar os homẽs. Quanto mais, que para o Apostolo saber o como costumaõ satisfazer beneficios ainda os mais obrigados, nam lhe era necessario lẽbrarse de Joseph vendido por seus irmãos, os quaes amava ternamente; nem de David perseguido

Claud.

do por Saul depois de tantos empenhos, em que o meteo o ſeu valor, arriſcãdo a vida por quem lhe deſejava beber o ſangue: baſtava, que olhaſſe para ſi: baſtava, que conſultaſſe a ſua meſma experiencia.

Quem mais ſervio que Sam Paulo, quem mais padeceo, & quem melhor obrou? Lá o veremos humas vezes ir navegando em ſerviço da Religiaõ, em credito da Fé, & para ſoſſego dos proximos. Lá o veremos ſaltar outras vezes em terra, mas naõ para buſcar alivio, & divertimento; mas para ſatisfazer as obrigações do ſeu Apoſtolado, bautizando, & convertendo almas; tratando com os infieis, para lhes moſtrar a cegueyra dos ſeus erros; fazendo da pratica familiar, diſputa dos myſterios da Fé: ſe lhe contarmos o tempo da ſua vida, naõ haverá inſtante que naõ gaſtaſſe em prégar, doutrinar, & enſinar, ſem nunca furtar o corpo a tam penoſo exercicio; naõ acharemos, que tiveſſe outras horas de deſcanſo mais que aquellas, que gaſtava em tratar do bem do proximo, ajudando, & ſoccorrendo a todos, & tomando como proprias as afflicções alheas: *Quis infirmatur, & ego non infirmor? quis ſcandalizatur, & ego non uror?* Ad Galat. 11. Compaſſivo com os pobres, caritativo com os neceſſitados, & todo para todos: *Omnibus omnia factus ſum.* E depois de tanto trabalhar, & de tanto ſervir afrontado, & injuriado, & perſeguido, & obrigado a recorrer a Roma por ſua defeza: *Cæſarem appello*, contra as calumnias de ſedicioſo, & perturbador, q̃ ſe lhe impunhaõ: pois que podia S. Paulo eſperar dos homẽs, quando na propria experiencia tinha aprendido á cuſta de tantas moleſtias, o como elles pagam a quem ſerve?

Digo que naõ eſperava, nem tinha que eſperar dos homens; & que ſó de Deos eſperava muyto; porèm ainda neſte particular, naõ ſey que

que escrupulos vejo na generosidade de S. Paulo, que atè para com Deos se deyxa considerar mais ambiciosa do serviço, que do premio. Que he o que fazia o Apostolo? Servia a Deos no que padecia, & no que obrava pela salvaçam do mundo; & neste padecer, & neste servir quaes eram os impulsos daquelle coraçam; quaes eram os affectos, ou os desejos daquella vontade? *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis. Mihi autem absit gloriari nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi.* Tudo, o que desejava, & appetecia, erão penas, & mais penas, erão trabalhos, & mais trabalhos; mas com esta circunstancia, que nas penas, nos trabalhos, nas afflicçoens, & na Cruz tinha S. Paulo a sua gloria: *Libenter gloriabor in infirmitatibus... Absit gloriari nisi in Cruce.* A Cruz, & os trabalhos sam aquellas chaves, com que se abre a Bemaventurança; por aqui se entra ao descãço, & por aqui se faz patente aquella eterna felicidade; & tendo S. Paulo por descanso os trabalhos, que padecia pelos proximos, & por gloria a Cruz, que levava por bem das almas, q̃ podemos dizer á vista desta resoluçaõ?

2. ad Corint. 12. Ad Galat. 6.

Poderá dizer algũ á vista della, & considerando a S. Paulo depois de muyto servir com novos trabalhos que padecer, que dava fundamento para se julgar que servia a Deos, como quem servia aos homens. Quem serve a Deos, serve a quem pelo que obra lhe ha de dar o alivio: quem serve aos homens, serve a quem pelo q̃ merece lhes ha de acrescentar as penas. O premio com que Deos remunera os trabalhos de quem o serve, he o descanso da gloria: a satisfação, que acha quem serve aos homens, he verse condenado a mayores angustias. Quẽ serve a Deos, leva a Cruz para por ella subir à Bemaventurança: quem serve aos hom̃ẽs, carrega com o pezo de muytas afflicçoens, para depois se

ver

ver crucificado: & servindo Sam Paulo a Deos com tantas fadigas, & suores, com tanto pezo de afflicções, & de angustias, & no cabo de tudo isto acharse com a sua Cruz, & com os seus trabalhos por gloria; porque nos naõ parecerá que servia a Deos, como quem servia aos homẽs? A satisfaçaõ, que costumam dar os homens, o premio, que alcança, quem os serve, saõ as penas, saõ os trabalhos, & saõ as afflicções; & estas penas, estes trabalhos, & estas afflicções erão a gloria de S. Paulo, erão o que mais desejava depois de tanto padecer: *Libenter gloriabor in infirmitatibus. Absit gloriari nisi in Cruce.*

Com tudo, aindaque assim possa parecer, eu nam digo tanto; mas digo que para S. Paulo se fazer mais semelhante a Christo, & mais diverso, & dessemelhãte dos mais Santos, assim devia obrar, assim devia padecer. Os outros Santos quando padecem, ou pela propria salvaçaõ, ou pela salvação dos proximos, levaõ a Cruz nos hombros, & os olhos na Bemaventurança, & a Bemaventurança para onde caminhaõ lhes diminue o pezo da Cruz q̃ levaõ: Sam Paulo levava a Cruz com os olhos na mesma Cruz, porque posta de hũa parte a Cruz, & da outra a Bemaventurança, chegou a deyxar a Bemaventurãça, por levar a sua Cruz. Os outros Santos levam a Cruz para alcançarem a gloria, ou para si, ou tambem para os mais: a Cruz he o meyo, & a gloria he o fim: Sam Paulo, ouve occasiaõ, em que chegou a trocar os termos, & fez da gloria meyo, & da Cruz fim; porque sobindo á gloria, deyxou a gloria, & veyo á terra a continuar com os seus trabalhos, & com a sua Cruz: esta foy hũa vocação singular, com q̃ Deos o escolheo: os outros Santos, que Deos escolhe, depois de passarem os trabalhos, & levarem a Cruz, lá os sobe ao Ceo, aonde ficaõ gozando o premio dos seus mere-

merecimentos: *Tollite jugum meum super vos, & invenietis requiem.* A S. Paulo tambem o escolheo para a gloria, mas com esta differença, que depois de estar na gloria, ainda veyo á terra a levar a sua Cruz.

Na occasiaõ, em que Christo desceo á terra para converter a S. Paulo, & o escolheo para hum ministerio de tanto pezo, & de tãto trabalho, como era o Apostolado das Gentes, nesta occasiaõ pois, que algũs querem que seja a mesma, em que foy arrebatado ao terceyro Ceo, aonde vio aquella gloria ineffavel, q̃ a sua mesma eloquẽcia nos naõ pode explicar, disse Christo fallando do mesmo Apostolo: *Vas electionis est mihi iste. Ostendam illi quãta oporteat eum pro nomine meo pati.* Paulo he o meu escolhido, & por isso lhe quero mostrar o muyto, que ha de padecer. Naõ reparo em que Christo venha do Ceo á terra a buscar a Sam Paulo, acção de q̃ podemos conjecturar, que fez por hũ só S. Paulo tanto, como fez pelos mais homens todos. A viagem que o Divino Verbo fez do Ceo à terra, foy por todos: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit.* E vindo do mesmo Ceo a buscar a S. Paulo, como nam diremos, que fez nesta decida por S. Paulo só, o que fez por todos? porque emfim Christo era o melhor pastor, & Paulo nesta occasiaõ a ovelha mais perdida.

Actor. 9.

Mas o que reparo he, que quando S. Paulo he escolhido para padecer, o leve Christo á gloria, que he o lugar, & o termo donde todos acham o descanso de suas penas, & o alivio de seus trabalhos; padeça primeyro tudo, o que tem que padecer, & depois irá como vaõ os mais a descançar; mas ir ao lugar do descanso, estar na gloria, & depois deyxar a gloria do Ceo, para vir á terra a levar a Cruz? Sim; porque esta he a prerogativa unica, & singular de S. Paulo, sair da gloria do Ceo para

os

os trabalhos da Cruz, quãdo os mais ſahem dos trabalhos da Cruz para a gloria do Ceo. Sair dos trabalhos da Cruz para o deſcãço do Ceo fazem os outros Santos, & o fez no Calvario o bom Ladraõ; mas ſair do deſcanſo do Ceo, para vir a levar a Cruz na terra, & abrir com aquella chave a Bemaventurança, iſſo ſó S. Paulo entre os mais Santos o chegou a fazer; & ſó hũa ſantidade taõ creſcida, & tam agigantada como a ſua podia deyxar as delicias do Ceo pelos rigores da Cruz; mas por iſſo meſmo diverſo dos mais Santos, & por iſſo meſmo muyto ſemelhante ao Gigãte de mayor ſantidade, & do mayor zelo Chriſto bem noſſo.

Falla David da vinda de Chriſto ao mundo, & ainda que a Fé nos enſina q̃ veyo feyto Menino, o Profeta Rey affirma, que partira do Ceo como Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.* E porque razaõ uſa aqui o Profeta deſta que parece impropriedade de fallar? Se Deos quando vẽ ſe faz Menino, porque lhe chama Gigante? Porque pondera David o lugar dõde partio o Divino Verbo, & o fim para que veyo: *A ſummo Cælo egreſſio ejus, & occurſus ejus uſque ad ſummum ejus?* Partio do ſummo do Ceo, do ſeyo do Eterno Padre, & do lugar da ſua gloria, & veyo ao mundo a padecer o ſummo do abatimento, & o mais a que podia chegar a paciencia: deixou a gloria do Ceo, para ſofrer os trabalhos, & levar a Cruz na terra; & pareceolhe a David eſta acçaõ de taõ exceſſiva ſantidade, que ſe perſuadio o Profeta a naõ podia explicar bem, ſenão uſaſſe de algum termo expreſſivo da mayor grandeza, & por iſſo chamou a Chriſto Gigante; porque deyxar o alivio da gloria pelas afflicçoens da Cruz; fazer degrao do deſcanço para o trabalho, he ſó de hum Gigante da ſantidade: *Exultavit ut Gigas, &c.*

Pſalm. 18.

Eſtes foraõ os exceſſos da-

daquelle Gigante da santidade infinita, & pelos mesmos passos o foy seguindo tambem o nosso Gigante da santidade creada: do terceyro Ceo, que na melhor opiniaõ he o summo, *A summo Cælo*, veyo a buscar a Cruz, & tudo o que se podia padecer: *Et occursus ejus usque ad summum.* Atè aqui podia chegar a bizarria de hum peyto resoluto a seguir, & imitar a Christo, & como daqui por diante naõ ha mais por onde passar, pois temos chegado ao summo, tambem a mim me naõ fica mais que dizer.

Este he o Santo, que como Padroeyro celebramos todos os Filhos da Companhia, & este he o que na India nos deu o nome de Paulistas: & se alguem cuydar, como eu algum dia cuydava, que aquelle glorioso appellido de Apostolos, com que em Europa nos honra a devoçaõ, ou estimaçaõ Portugueza, se diminuío com o de Paulistas, que na India logramos, engana-se: porq̃ tam longe esteve de se diminuir, que se acrescentou: pois assim como Sam Paulo se adiantou aos mais Apostolos no que obrou, assim nòs na India como Paulistas ficamos com vẽtagens aos Apostolos de Portugal imitando a Sam Paulo. A obrigaçaõ dos Apostolos só foy tratarem dos outros, como tratáraõ de si: o zelo de S. Paulo emulando mayores empregos chegava a tratar mais dos outros, que de si; & este he o timbre, & deve ser em nòs a obrigaçam de Paulistas.

Chamo-lhe obrigaçam, porque he dobrada a divida que temos de encher as medidas de taõ grande nome, quando assim no lo deixou escrito no seu exemplo o nosso grande Patriarca: assim no lo deyxou intimado na sua imitaçam o nosso grande Padroeyro: ambos naõ reparáraõ no proprio risco, com tanto que os homẽs se salvassem: gloriosos incentivos saõ estes, para nos animarmos á mesma empreza tãto como Filhos de

de Ignacio, quanto como patrocinados de Paulo, para desta sorte merecermos o nome, que logramos. Mas quando algum de espirito menos heroyco, & menos resoluto, naõ suba a esfera de Paulista, & se contente com o zelo de Apostolo, ao menos naõ deça tanto, que degenere de hum, & outro glorioso appellido. Bem sey que quem assim obrar, será por muyta fraqueza de espirito, mas anime-se em Deos, que logo poderá tudo: *Omnia possum in eo, qui me confortat.* Nem S. Paulo como tam interessado na salvaçam do mundo faltará com a sua intercessam para os soccorros, nem com a sua valia para a graça, penhor da gloria, &c.

SER-

SERMAM
DE
N. SENHORA
DAS
BOAS NOVAS

EM OCCASIAM QUE SE ESPERAVAM do Reyno pelas guerras preſentes: com o Sacramento, ſendo Mordomo o Viſo-Rey da India Cayetano de Mello de Caſtro.

Prègado na Freguesia de Saõ Pedro, anno de 1705.

Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries. Luc. 1.

NO tempo, em que todos ou ſuſpiramos, ou eſperamos as noticias nas noſſas mayores felicidades a que podia aſpirar o noſſo deſejo, que muyto que já de antemaõ como preludio das noſ-

ſas venturas nos chegaſſe hum dia, em que feſtejaſſemos as boas novas, quando paſſaõ tantos, em que naõ fazemos mais, que lamentar novas triſtes? Mas aonde ſe havia de celebrar eſta fortuna, ſenaõ neſta caſa, & com as circunſtancias, que hoje concorrem neſta ſolemnidade, tanto da parte do Ceo, como da parte da terra? Eu me explico, & ſerá com o paſſo mais proprio, que podem ter as meſmas circunſtancias.

A melhor, & mayor nova, que recebeo antigamente o povo Hebreo, foy, quãdo teve a noticia da ſua liberdade. Apparece Deos a Moyſès no meyo de huma Çarça toda abrazada em incendios, & toda illeſa entre os ardores do fogo: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis*; & ſe quizermos ſaber qual era o motivo deſta maravilha grande, que aſſim lhe chamou Moyſés: *Vadam, & videbo viſionem hanc magnam*, acharemos que naõ era outra mais que aquella feliciſſima, & eſperada nova da liberdade do povo tantas vezes promettida pelos Oraculos Divinos. Pois para hũa boa nova tanta concurrencia de prodigios, tanta variedade de perſonagens: Moyſés, fogo, Çarça, Deos, & Deos naõ de qualquer ſorte, ſenaõ Deos eſcondido, & Deos disfarçado, porque aonde a noſſa vulgata lè: *Apparuit ei Dominus*, tem outra verſaõ: *Apparuit ei Angelus Domini*? Sim; que quando Deos quer communicar hũas novas boas, & felices, aſſim diſpoem os annuncios, aſſim dá noticias dos ſucceſſos; & tudo iſto devia concorrer, para que os Hebreos lograſſem a fortuna promettida, & todas aquellas felicidades vaticinadas.

Genef. 3.

Ibid.

Moyſès era aquelle grãde homem, a quem Deos com poderes ampliſſimos tinha entregue o governo do povo, & o tinha feyto ſeu lugar-tenente no Egypto: o fogo era aquelle amoroſo, & ardente affecto, em que Deos ſe abrazava para

para se unir com a nossa humanidade: a Çarça era aquella purissima Virgem, & immaculada Senhora, a quẽ nunca tocou o incendio da culpa: & Deos disfarçado era aquelle mysterio escondido, em que Deos encuberto a nossos olhos se manifesta á nossa Fé na mayor maravilha da sua omnipotencia, o ineffavel, & venerando Sacramento do Altar: & concorrendo hum Capitão Geral do povo, cõcorrendo a Encarnaçam do Divino Verbo, concorrendo Deos sacramentado, & concorrendo Maria Santissima, por cujo meyo faz Deos os mayores prodigios, por cuja intercessam obra as mayores maravilhas, & por cujo respeyto concede os mayores favores, que havia de succeder, que se podia esperar, senão toda a felicidade, toda a vẽtura, & a nova mais desejada, que finalmente havia de ser a confirmação de todas as promessas, o complemẽto de todas as desejadas Profecias, & a execução de todos os suspirados vaticinios, em fim a nova mais feliz de tudo, o que se podia desejar?

Naõ sey verdadeyramẽte, se no que tenho dito expliquey aquella maravilha grande, que antigamente se vio no monte Oreb; ou se descrevi o maravilhoso prodigio, que hoje se vè neste Templo: tudo foy: expliquey, o que então se vio, pelo que agora se vè; porque o que agora se vè na realidade, he explicação do que então se vio naquella sombra, & o que no monte Oreb foy imagem, he neste Templo exemplar. Promettidas por Deos ha muytos seculos, vaticinadas pelos Oraculos ha muitos annos estam tambem as nossas felicidades, & para boas novas de futuro, para feliz annuncio dos successos, que esperamos, assim como no monte Oreb concorreo a figura, assim concorre hoje aqui o figurado: hum Capitão Géral com o pezo do governo sobre os hombros: o fogo do amor

Divino aceſo naquella Çarça; quero dizer, o myſterio da Encarnaçaõ do Divino Verbo nas puriſſimas entranhas de Maria Santiſſima: *Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries*; & Deos, mas eſcondido, & ſacramentado naquella cuſtodia, para que á viſta do concurſo de todos eſtes prodigios, & maravilhas, que aqui ſe repreſentaõ, naõ poſſa haver deſconfiança q̃ duvide, de que teremos novas muyto felices, muyto ditoſas de ſucceſſos proſperos, & de feliciſſimos progreſſos, quando vejamos compridas as divinas promeſſas, & experimentemos a verdade de todos aquelles Oraculos, que vaticinárão as noſſas melhoras.

Se as boas novas, Senhor, as deſſe quem as deſeja dar, occaſião era eſta, em que ſe podia dilatar o affecto na accommodaçaõ de tantos vaticinios, que confirmados pelo que já foy, moſtrariaõ com a meſma certeza o que ha de ſer; & quando o aſſumpto não contentaſſe pela fórma, creyo que naõ deſcontentaria pela materia: mas como as boas novas não as dá quem ſó as deſeja dar, & ſó as póde dar, quem as ſegura, callarey o que ſinto, aindaque ſacrifique á violencia de hum receyo toda a inclinaçaõ de hũa vontade; & ſó moſtrarey, que debayxo do patrocinio da Senhora das boas Novas, teraõ as noſſas tanta ſegurança, & tanta felicidade, quanta podemos deſejar; para aſſim o fazer recorramos á fonte da graça por interceſſaõ da meſma Senhora.

Ave Maria.

Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries.

QUe naõ dá boas novas, quem as deſeja dar, & ſó as pòde dar boas, quem as ſegura, dizia eu, & o diz

o diz tambem a experiencia de todos: a quantos, & com grãde desejo se derão boas, que depois as tiverão tristes? a quantos se desejárão felices, que as experimentárão desgraçadas? Porque importa pouco que as novas sejão boas no desejo, & que sejão felices na vontade, se na realidade nem felices saõ, nem saõ boas. Daqui vem, que faltando a segurança da felicidade, & da bondade nas novas, tanto se temem as que sam boas, quanto se temem as que sam más: as más temem-se pelo que podem ser; & pelo que não podem ser, se temem as boas. Como neste mundo tudo he contingente, não nos podemos segurar no bem, nem nos podemos segurar do mal: antes como de ordinario he o bem tão raro, & o mal tão continuo, mais fundamẽto tem a nossa duvida para temer a desgraça, do que tem a nossa confiança para esperar a felicidade. A variedade, com que se alternão os successos, nem na prosperidade promette subsistencia, nem permanencia nas ditas. O dia dos gostos he a vespora dos pezares, & aonde acaba o riso começaõ as lagrimas; sendo tão natural esta variedade, que tiraria o ser ás cousas, quem lhe tirasse a mudança: saõ pensões da terra, que Deos nos poz cá neste mundo, aonde tudo he vario, aonde tudo he inconstante, & de tão pouca duraçaõ.

Aquillo que os antigos chamárão fado, & nòs ainda agora chamamos fortuna, erraremos, se cuydarmos que he outra cousa mais que a Providencia Divina, que sem violentar as causas segundas deyxa correr os successos naquella varia resolução, com que tudo, o que ha neste mundo, está sugeyto a hũa perpetua alternativa; donde applicãdo Christãmente todos aquelles attributos, cõ que a gentilidade pintou esta sua fingida Divindade, veremos praticado por disposiçaõ Divina o que ella erradamente ideou na figu-

ra do fado, ou da fortuna. Pintavase pois a fortuna cõ o mundo em hũa maõ, ſobre o qual eſtava tambem huma cornucopia ſymbolo das felicidades: na outra maõ tinha hũ leme: a figura era hũa mulher com azas nos pés, & eſtes poſtos ſobre hũa roda, que ſempre corria, & que ſe movia ſempre: & que outra couſa era eſta figura mais que hũa expreſſa imagem, com que a Divina Providencia diſpoem as couſas cá da terra? nas quaes como não ha firmeza, por iſſo todas eſtão ſobre hũa roda; porque o mundo volta, as felicidades correm, o leme a cada inſtante ſe vira, & quando carrega todo, então nos deyxa mais arriſcados a darmos pordavante: & finalmente com aquellas azas tudo voa, tudo foge, & tudo deſapparece, porque ordenou a Divina Providencia, que não ouveſſe na terra proſperidade firme, nem felicidade ſegura.

E reduzindo eſta generalidade univerſal a termos mais particulares, & nos quaes a fortuna ſobre varia inconſtantiſſima, ainda nas circunſtancias preſentes tem mayor força a contingencia, & mayor fundamento a deſgraça, para que as novas nos não ſoſſeguẽ, nem nos ſegurem os annũcios. As novas, que na preſente occaſião eſperamos todos, ſaõ as novas dos felices ſucceſſos: & como haõ de vir eſſas novas? Haõ de vir com a data da campanha, & hão de ſer eſcritas pela guerra com ſangue nas folhas das eſpadas. E na campanha aonde as bandeiras vitorioſas mais firmes ſeguem o vento vario, que as move; na guerra, que trabuca, & poem por terra muralhas de marmore, & aindaque foſſem de bronze, ou de diamante abalarião ao ſeu vayvem; na campanha aonde Marte precipitado de toda a ſua furia he muyto mais inconſtante, muyto mais vario, & muyto mais inſtavel que a meſma fortuna, na guerra, em que qualquer accidẽte deſcom-

compoem toda a ſuſtancia de hũa empreza, qualquer deſcuydo por pequeno que ſeja malogra os mayores ſucceſſos, que firmeza, que ſegurança ſe pòde eſperar? Contra eſte receyo, que na preſente occaſião parece bẽ fundado, já eu ao principio diſſe, que concorrendo, & eſtando da noſſa parte aquella ſoberana Çarça, não podiamos duvidar da noſſa felicidade; mas para de todo ficarmos na certeza da melhor ventura,

Reſpondo, que naõ ha certeza, nem ha ſegurança, que ſe poſſa eſperar, ſe olharmos para a imagem da fortuna correndo ſempre, ſempre voltando, & voando continuamente de huma para outra parte: mas ſe tirarmos os olhos da fortuna, & os puzermos em quẽ ſabe, & pòde pizar a ſua inconſtancia, & ter maõ na ſua roda, que he Maria Santiſſima, temos muyto que eſperar, porque temos nella a ſegurança. O adagio antigo entre os Romanos, para explicar a felicidade conſtante de hum ſugeyto, era dizerſe, que tinha poſto hũ cravo na roda da fortuna, porque pregada a roda ficava immovel. E quem diremos que faz immovel eſta roda, ſenão quem de tal ſorte a ſoube pizar que a deyxou firme? Voltemos de huma roda a outra roda, da roda da fortuna á roda da Lua.

O meſmo que nas letras humanas achamos explicado pela fortuna, lemos nas Divinas letras ſymbolizado pela Lua, que andando ſempre em hum perpetuo movimento ora chea, ora minguante, ora creſcendo, ora diminuindo, he hũa perpetua variedade, hũa continua inconſtancia: & ſe perguntarmos a Sam Joaõ no ſeu Apocalypſe, q̃ he o que obſervou na Lua, dirnos ha que obſervou hum prodigio, & huma maravilha, que foy huma mulher, que trazia a eſſa Lua debayxo dos pès: *Luna ſub pedibus ejus*. Ninguem pòde duvidar, que eſta mulher era figura expreſſa da Mãy de

Apoc. 12.

de Deos; & o que se pòde duvidar, he só em que consistio este prodigio, & em que esteve esta maravilha. Esteve a maravilha, & o prodigio, diz o Doutissimo A Lapide, em q̃ sendo a Lua figura da variedade, & da inconstancia, que experimenta tudo o que ha neste mundo, teve tanto poder Maria Santissima, que a pode deter, & fazer parar dãdo firmeza ao vario, & estabilidade ao inconstante do seu movimento, & do seu curso: *Quasi basis fulcit, & sustentat.... ipsa cuncta temporalia, & omnem creaturarum mutabilitatem despicit, ac pedibus calcat.* Fez do que era roda base, & do que era inconstante firme; porque o que no tempo he movimẽto, o que nas creaturas he mudança, tudo pelos poderes de Maria fica immovel: & assim havia de ser para ser prodigio: estar sobre a Lua, & deyxar correr a Lua com a sua natural inconstãcia não podia causar admiração, quando este era o modo ordinario, & natural da Lua: & só podia ser maravilha, quando contra a natureza da mesma Lua ouvesse quem dominasse tanto sobre os seus influxos, que naõ deyxasse movimento á sua variedade.

Ainda naõ temos dito tudo, porque ainda nos resta quando, em que tempo, ou occasião se obrou este prodigio. He reparo do mesmo A Lapide para mayor maravilha, & para mayor prodigio deste prodigio em ordem ás presentes circunstancias: foy isto, como he agora, na occasião em que se tratava dos successos da guerra: *Agitur enim hîc de bello*: para que entẽdamos, que sendo as cousas do mũdo todas varias, & os successos da guerra ainda mais varios, he tal o poder de Maria, que faz immovel o mais vario, & que faz permanente o mais inconstante, & que só ella, por mais contingentes, que sejaõ os successos, os pòde annunciar seguros.

Mas porque nada disto se

se obrou sem as mesmas circunstancias, que hoje concorrem, he necessario advertirmos mais, que os poderes daquella prodigiosa Mulher sobre a inconstancia da Lua foram tambem naquella conjunçam, em que se via Mãy, & em que se via diante do trono de Deos; & qual he o trono de Deos, em que se mostra mais humano para conceder favores? Quando he Maria Mãy para obrar prodigios? O trono das Divinas misericordias he aquelle soberano mysterio do Sacramento: Maria he Mãy, quando concebe em suas purissimas entranhas ao Divino Verbo: & tudo isto he o que hoje vemos junto assim naquelle altar, como nesta solemnidade: naquelle altar a Christo sacramentado, & na solemnidade deste dia a Maria pela Encarnação feyta Mãy de Deos homem: *Ecce concipies, & paries*; pois sendo o titulo de Mãy taõ soberano para obrigar a hũ Filho ou encerrado no ventre, ou exposto naquelle soberano trono; que inconstancia se póde temer, & que desgraça se póde recear, quãdo he tal a valia de Maria diante daquelle trono, quando saõ taes os seus poderes a respeyto de hũ Filho concebido em suas purissimas entranhas, que não haverá variedade na natureza, que naõ esteja sugeyta ás suas disposições? naõ haverá roda na fortuna, por mais violento que tenha o seu impulso, que não pare, & que se não detenha a tam poderoso Imperio?

A hũa Senhora Franceza, que era na Corte a mais bem vista, & que nella tinha o mayor poder, se pedio em huma occasiaõ a sua valia para certo despacho; & vendo que o negocio era de pouco momento, & que sem muyto empenho se podia acabar, respondeo que a sua intercessaõ naõ era para cousas tão pequenas, & que facilmente se podiam conseguir, senão para materias, ou difficultosas, ou impossiveis de alcançar. Esta

ta reposta, que aqui foy hũa affectada ostentação sem fundamento, he em Maria prerogativa propria, & muyto devida aos seus privilegios: alli naõ havia poder para o difficultoso, & menos o poderia haver para o impossivel: porque aquelle valimento não chegava a ter força de preceyto, ou de obrigação, & quãdo muito chegaria a ser rogo: Maria póde obrigar como Mãy, & como Mãy póde mandar: & quando mande, & quando obrigue, nam será já esta a primeyra vez, que Deos como Filho esteja sugeyto á obediencia de tal Mãy, porque já do Euangelho nos consta a sua sugeyçaõ; & então naõ era menos Deos do que he agora, nem agora he menos Filho do que era entaõ, porque então, & agora sempre Deos he Filho, & sempre Maria he Mãy. Donde veyo a dizer S. Gregorio Nicomediense, que os rogos de Maria para com Deos saõ imperio, as petições saõ decretos, & as execuções obediencias: porque se gloría tanto este Filho de obedecer a sua Mãy, que não despacha as suas petiçoens como graça, senaõ como divida: *Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, & tamquam Filius ea exultans, quasi solvens debitum implet petitiones.* E por isso aindaque seja contra todos os decretos da fortuna, que he o mais difficultoso nos successos cõtingentes; aindaque seja contra todo o concurso das causas naturaes, que he o mais impossivel na ordem da natureza, huma Mãy de Deos tudo pòde, hũa Mãy de Deos tudo obra; nem na Lua haverá mudança que não páre, nem na guerra armas, que se nam rendam, quando Maria dispoem, & quando Maria se empenhe. Com tudo porque a guerra a todos poem medo; & quando algum se preze de taõ animoso, que negue o temor, não poderá negar o receyo, que he outra casta de medo mais honrado, & eu quizera, que nem o receyo,

Greg. Nicom. Orat. de oblat. Virg. Deip.

ceyo, & muyto menos o temor, tivesse lugar nesta occasião, apertando mais este ponto, bem sey que o titulo, que o Profeta Amòs deu a Deos, foy o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum nomen ejus*; porque em nenhũa materia usa Deos mais livremente do seu dominio do que nas vitorias; porque as dá a quẽ quer, & como quer, sem que seja necessario porse da parte dos mais mosquetes: & tambem sey, que naquelle trono do Sacramento he aonde Deos se mostra sempre vitorioso do mundo, como advertio Santo Agostinho: *Eucharistiæ Sacramento totus mundus subjugatus est*. Porèm nada disto pòde encontrar a nossa felicidade, para não estarmos seguros das boas novas: porque aindaque Deos seja o Arbitro da guerra, aindaque o Sacramẽto seja o que vence, sempre Maria com o titulo de Mãy he a que poem de cerco ao mesmo Deos dos exercitos, & o mesmo Deos dos exercitos, ou fóra, ou dentro do Sacramento sitiado com tam apertado cerco, ha de conceder os triunfos, a quem Maria determinar as vitorias: parecerá, que digo muyto, mas em dia de boas novas bem pòde ter lugar esta grande novidade.

Amos 4.

Creavit Dominus novum super terram. Creou Deos, diz o Profeta Jeremias, creou Deos sobre a terra hũa cousa nova, & tão nova, que nem no mundo se vio outra igual, nẽ no Ceo se considerou podia haver outra semelhante; & qual seria esta cousa nova, & taõ nova? *Fœmina circumdabit virum.* Foy, diz o Profeta, q̃ hũa mulher poria de cerco a hum Varaõ. O Varaõ de quem aqui falla Jeremias he o Divino Verbo encarnado: & chama-se Varão na sua conceyçaõ, para distinção da conceyçaõ dos mais homens. Todos os outros homẽs quando se concebẽ, & quando se geraõ, não só lhes falta o serem homens, mas nem ainda chegam a serem meninos, porque antes

Jerem. 31.

tes

tes de se lhes infundir a alma racional, não são mais que huns corposinhos vegetativos, ou sensitivos, mas homẽs naõ: porèm naõ he assim o Divino Verbo encarnado; porque Christo desdo primeyro instante de sua conceyçaõ foy sempre Varaõ perfeytissimo, naõ só com todas as potencias d'alma, & do corpo, senaõ tambem com o uso dellas quanto permittia o lugar: & esta he a razaõ, porque o mesmo Christo a differença de todos os que nacèraõ de mulher se chama homem, homem: *Homo, & homo natus est in ea*; porque não só he homem em quanto á natureza, senaõ tambem homem em quanto ás operaçoens: deste homem pois no sentido moral nunca menino, deste homem sempre homem, & homem Deos, he que falla Jeremias, quando diz que huma mulher o havia de pòr de cerco: *Mulier circumdabit virum.*

Psalm. 86.

E porque usa aqui o Profeta pela palavra cercar, ou pòr de cerco, termo naõ só novo, & inaudito, mas ao parecer improprio? Diga que se ha de conceber, q̃ se ha de gerar, & que ha de nascer; que isto he o que disse tambem Isaías, & da mesma frase usa o nosso Euangelho: *Ecce Virgo concipiet, & pariet.... Ecce concipies, & paries.* Mas que Deos se ha de cercar, & que se ha de pòr de cerco, nome proprio da milicia nos assedios? Sim; porque alludia aqui o Profeta aos termos por onde se explicava Amòs, quando considerava a Deos Senhor, & Arbitro da guerra: era Deos o Deos dos exercitos, era o que trabucava o mundo, era o que conquistava os Reynos, & os Imperios fazendo delles hum jogo vario da fortuna: *Ludens in orbe terrarum.* E a hum Deos das batalhas só lhe detem os progressos quem o cerca, & obriga a partidos; & como Maria Santissima na Encarnaçaõ pela prerogativa, q̃ logra de Mãy, he a que dispoem das vitorias, por isso he

Isai. 7.

Prov. 8.

he que pòem a Deos de cerco, para que rendido a ſeus rogos, vencido da ſua interceſſaõ, & ainda do imperio, & poder de Mãy deyxe lograr os triunfos ſem mudança, a quem Maria ſegura conſtantes, & ſem variedade as fortunas.

Aſſim obriga hũa poderoſiſſima Mãy a hum Deos encarnado poſto de cerco, em que ſe deyxa render de quem tanto pòde; & pela meſma razaõ ſe vè tambem de cerco naquelle trono do Sacramento, em que dá leys ao mundo, para obedecer a quem reconhece com privilegios de Mãy. Ao Sacramento da Euchariſtia chamaõ os Theologos, *Extenſio Incarnationis*, Encarnaçaõ dilatada, & eſtendida; porque Deos encerrado naquella cuſtodia he o meſmo, que encarnou naquellas entranhas, & tam Filho daquella Mãy naquelle trono, como o foy ſempre no ſagrado clauſtro, em que foy concebido: donde ſe por reſpeyto da Encarnaçaõ deyxa a Maria diſpor dos triunfos, pelá meſma razaõ no trono do Sacramento lhe deve conceder todas as vitorias, porque naquella cuſtodia naõ he menos Filho, do que o foy em ſeu puriſſimo vẽtre: elle ſerá, o que ſugeite o mundo, mas a vitoria ſempre ſerá da parte que tiver por ſi eſta Mulher forte, & tam forte, & tam poderoſa, que chega a obrigar naõ ſó pedindo como inferior, ſenaõ mandando como Mãy: & ſe iſto de mandar, que agora digo, & diſſe já, parecer muyto, naõ he doutrina minha, he de S. Pedro Damiaõ: ouça mos o devotiſſimo Padre.

Accedit ad aureum illud ſeveritatis tribunal non rogans, ſed imperans, domina, non ancilla. Vòs Soberana Rainha, quando no trono de voſſo Filho repreſentais que faça o q̃ vòs quereis, naõ o fazeis como ſubdita, ſenão como Senhora; naõ pedis por favor, mas ordenais, & mandais com imperio, o que quereis que faça; & aſſim ſe executa. E dan-

S. Petr. Dam. apud Vieyra tom. 2. Roſar. Serm. 28.

dando a razaõ este taõ douto, como devoto Santo, porque assim se deve fazer, cõclue com estas palavras, que naõ tem resistencia: *Quomodo enim potestati tuæ obviare potest potestas illa, quæ de tuis visceribus traxit originem?* Porque nam póde ser, que encontre os vossos poderes aquelle poder, que tomou o ser de vossas entranhas. Grande, & fortissima razaõ, que parece foy talhada para o nosso caso! Para vencer o mundo todo, tudo póde o poder de Deos naquelle seu trono, em que Maria como Mãy o poem de cerco; mas no sentir de S. Pedro Damiaõ só huma cousa parece que naõ póde: *Quomodo enim potestati tuæ obviare potest potestas illa?* que he deyxar de seguir a vontade de sua Mãy, & porque se lembra, que recebeo o ser daquellas purissimas entranhas, que por estar cercado nellas naõ trata já de resistir, mas todo se entrega a partidos, & se rende ao arbitrio de huma Mãy vencedora.

De todo este discurso bem se deyxa ver a segurãça, com que já daqui nos podemos alegrar com as boas novas, quando em Maria Santissima temos taõ bom annuncio dos successos: mas porque animos acustumados a desgraças sempre duvidaõ das venturas, & aindaque todos estaõ certos, que empenhando Maria o seu poder, será infallivel a nossa felicidade; com tudo, com que certeza podemos segurar este empenho, quando o nosso procedimento tam pouco merece o favor? & nesta supposiçaõ, em que sem duvidar do poder ha tantas razoens para duvidar do empenho, quantas sabemos que ha para o naõ merecermos; como naõ temeremos a contingencia, & porque naõ teremos receyo, que se malogre o nosso desejo, & se frustre a nossa esperança, principalmente quando as noticias, que ha pouco recebemos, naõ sam de

qua-

qualidade que nos não deixem muytas duvidas? Postos pois neste caso (q̃ he o lanço mais apertado) que naõ succeda o que esperamos, ainda nos póde ficar confiança para esperarmos boas novas? Digo que sim: mas isto como? O como he, que na contingẽcia de hũa, & outra fortuna prospera, & da fortuna adversa, o que devemos fazer he, que se os successos forem felices, havemos de temer, & se forem desgraçados, havemos de esperar: & para que? Vay agora a consequencia: para sempre as novas serẽ boas; porque o temor na felicidade as fará seguras, & a esperança na desgraça as fará felices.

Assim a consequencia, como o antecedente, parecem termos implicados: temer quando forem prosperos os successos, & quando forẽ adversos esperar? Alegrar nas fortunas, & desesperar nas desgraças, saõ os dous effeitos mais naturaes do coraçaõ humano; & muito mais se o coraçam for Portuguez, o que por boa razaõ naõ devia de ser assim. Deo-nos Deos hum coraçaõ tam grande, que naõ cabẽdo nos limites do nosso Reyno, teve ousadia para se estender ao mundo todo: mas com todo este coraje, tanto nos enche, ou nos incha qualquer prosperidade, tanto nos desanima qualquer desgraça, que desmentimos o coração, que temos: sendo pois a alegria no prospero, & a desesperaçaõ no adverso os mais naturaes effeytos do coraçaõ, esperar no adverso, & temer no prospero, será trocar os affectos da vontade. Assim he; porèm assim deve de ser para conseguirmos, o que esperamos. O dia da melhor nova, diz S. Bernardo, foy aquelle, em que o Anjo embayxador deu noticia á Mãy de Deos da Encarnaçaõ do Verbo, & neste dia tam feliz he que foraõ os temores, he que foraõ os sobresaltos no coraçam da Senhora: *Ne timeas Maria*; & a razaõ disto deu Sãto Atanasio; porque

que naõ he tanto para temer a grandeza do perigo que nos ameaça, quanto a grandeza do bem, ou da felicidade, que se logra: *Timor enim non solùm ex mali imminentis consideratione, sed etiam ex magnarum rerum aspectu incutitur.* Adiante daremos a razam de tudo, vamos agora á prova.

Genes. 28.

A Jacob lançou o Ceo hũa escada por onde subio á mayor grandeza: alli se vio o mais sublimado na descendencia, o mais bem afortunado na dita, & finalmente com huma vitoria taõ grande, que chegando a lutar com Deos, teve tanta ventura, que venceo: com tudo, que effeytos causou esta felicidade, & esta vitoria em Jacob? *Terribilis est locus iste.* Espanto, receyo, cuydado, desassossego, & temor. O que nòs tambem esperamos he hũa, & muytas vitorias: eu as considero cõseguidas com grande ventura; porèm advirtamos, que naõ ha vitoria, em que a fortuna naõ arrime a sua escada, por onde os vencedores sobem a colher as palmas: mas oh que temor nos deve causar a mesma escada! pois náo tem degrao, pelo qual assim como se sobe, se naõ possa descer: & como as mesmas palmas, q̃ se colhem, estaõ taõ perto dos cocos, nam pòde haver vitoria, que naõ ponha espanto. Os mesmos vencidos, que por hũa parte servem ao triunfo, por outra devem causar grande temor, principalmente sendo leões; & hum leaõ ainda depois de morto mete medo; porque aonde os leões acabam, tambem acabarám os homẽs, por mais homẽs que sejaõ; & o que succedeo a leões vencidos, póde succeder a homẽs vencedores.

Deste modo nos devemos haver na felicidade temendo a vista da mesma ventura. E na desgraça como nos haveremos? Esperando, dizia eu, & assim o disse tambem hum homem taõ grande, como experimentado em ambas as fortunas, & de tam dilatado cora-

coraçam, que era cortado pelas medidas do coraçam de Deos: *Singulariter in spe constituisti me* Eu, dizia David, sou muyto singular na minha esperança: & em que esteve a singularidade da esperança de David? *Quod solus Deus hominem in solitudine constitutum, hoc est, cæteris carentem præsidijs constituat in spe.* Esteve esta singularidade da esperança de David, diz Lorino, em que por mais contraria que fosse a fortuna, por mais infelices, q̃ fossem os successos, sempre a sua esperança era firme, sempre forte, & sempre resoluta: via-se perseguido de Saul, fugitivo da Corte, mal avaliado no exercito, desemparado de todos, só comsigo, & sem mais companhia que a das suas desgraças, mas quanto mais desgraças, mais esperança.

Assim temia Jacob, & assim esperava David; David perseguido da desgraça, & Jacob favorecido da fortuna: & que se seguio do temor de Jacob, & da esperança de David? Seguiose, que Jacob temendo confirmou a sua felicidade, & David esperando melhorou a sua fortuna: esta he a consequencia, que se segue, quando assim se teme, & quando assim se espera. A quem temia Jacob na sua felicidade? Em quem esperava David na sua desgraça? David esperava em Deos, & temia a Deos Jacob; & o temor de Deos, & a esperança em Deos obráraõ estes prodigios: & porque? Porque o temor de Jacob vendose taõ favorecido faria, que se naõ esquecesse do agradecimento, que devia a tantas merces: a esperança de David na sua desgraça faria, que se naõ apartasse da Divina vontade, para a ter propicia no arrependimento; & quem se lẽbra de agradecer beneficios, para que a ingratidaõ naõ malogre o favor, quem se chega a Deos na desgraça, para que a fortuna mude o semblante, oh como fica seguro, de que a prosperidade continue, & de que

ſe acabe a deſgraça! & tenho dado a razaõ do que acima prometti.

A razaõ, ſenhores, porque nos bons ſucceſſos devemos temer, & porque nos máos devemos eſperar, he, para que o temor nos faça agradecidos a quem devemos os favores; a eſperança nos faça chegar a Deos, para que ſe naõ aparte de nòs a ſua vontade: com o agradecimento obrigaremos a Deos paraque nam deſiſta do favor; cõ a uniaõ com Deos faremos, que a ſua vontade naõ perſiſta nos caſtigos. Ainda naõ acabamos de entender a cauſa, & o motivo, porq̃ Deos nos favorece, & porq̃ Deos nos caſtiga: os caſtigos, & os favores Divinos ſendo entre ſi taõ encontrados, ſempre caminhaõ ao meſmo fim, que he o noſſo bem: mas eſte bem, que por meyos tam diverſos procura Deos, nòs ſomos a cauſa de ſe naõ conſeguir: ſendo os favores do Ceo, naõ reconhecemos o beneficio para agradecermos a mercè: ſendo os caſtigos dados por Deos, naõ recorremos ao meſmo Deos paraque modere o rigor, & por iſſo os favores duraõ pouco, porque a noſſa ingratidam os impede: por iſſo continuaõ os caſtigos, porque a noſſa contumacia os incita: temamos pois nas mercès do Ceo para as reconhecermos como recebidas da maõ de Deos, para lhe darmos infinitas graças por ellas, que eu fico, que ſejaõ perpetuas: mas ſe o meſmo Ceo offendido nos naõ cõceder o favor, ſirva-nos a deſgraça para a emenda, & o caſtigo para melhorar a vida, & he ſem duvida, que movido Deos da ſua piedade á viſta do noſſo arrependimento nos dará feliciſſimos ſucceſſos, & nos ſervirá eſte temor, & eſta eſperança de ſegurarmos as boas novas: & porque?

Agora vay a ultima conſequencia naõ menos admiravel que a paſſada: porque com eſte temor, & com eſta eſperança naõ ſerá poſſivel, que nos falte o em-

empenho da Senhora, que era o que nos fazia duvidar. Huma das cousas, que Maria Santissima affirma de si no Ecclesiastico, he ser Mãy do temor, & da esperança, que na frase da Escritura val o mesmo, que ser Mãy dos que temem, & dos que esperaõ: *Ego mater pulchræ dilectionis, & agnitionis, & timoris, & sanctæ spei.* De sorte que o temor, & a esperança, o que obraõ em nòs, he o fazernos filhos da Mãy de Deos, & he tal este titulo, que por elle fica obrigada a mesma Senhora a empenhar o seu valimento para que tenhaõ bom successo as nossas cousas. Duvidavamos das boas novas, nam porque duvidassemos do poder desta Senhora, mas porque duvidavamos se usaria do seu empenho, para nos alcançar as nossas felicidades: mas como o titulo de Mãy nos segura o empenho, já naõ podemos duvidar do bom successo: & quem nos diz isto? Naõ menos que o Espirito Santo.

Eccles. 24.

Numquid oblivisci potest mulier infantem suum, ut non misereatur filio uteri sui? Por ventura, diz o Espirito Santo por Isaías, poderá huma Mãy esquecerse de seu Filho para lhe nam procurar tudo o que for de commodo seu? Nam será possivel: *Numquid potest?* Pois se nenhũa Mãy o podera fazer, porque o fará hũa Mãy tam amorosa, como Maria Santissima? Naõ pòde Christo no sentir de S. Pedro Damiaõ faltar ao que esta Mãy lhe pede; & poderá faltar esta Mãy ao de que nòs filhos seus necessitamos? Naõ por certo: *Numquid potest?* O titulo de Filho, & titulo de Mãy todo se funda naquella correlaçaõ, ou correspondencia, que tem estes dous extremos Mãy, & Filho: pois se Christo como Filho de Maria naõ nega o que ella pede, Maria sendo Mãy nossa, como negará o que nòs lhe pedimos? Nam será possivel: *Numquid potest?* Mas será certo, & infallivel, que sejaõ taes os nos-

Isai. 49.

nossos successos, & taõ boas as novas que delles teremos, como podemos desejar. Assim o espero Senhor fiado, & seguro no amparo de tal Mãy, & já daqui dou a V. Excellencia o parabem, pois naõ será possivel, que naõ empenhe todo o seu poder vendose obrigada do zelo da devoçaõ, & da assistencia, com que he celebrada, para nos alcançar com a sua valia muytas felicidades, & com a sua intercessam muyta graça, penhor da gloria, &c.

SER-

SERMAM
DE
NOSSA SENHORA
DA
CONCEYÇAM
DEBAYXO DO TITULO DO
LIVRAMENTO,

Prègado em hũa Capella particular da Senhora D. Francisca Anna de Lancastro, Anno de 1706.

Liber generationis JESU Christi... Mariæ de qua natus est JESUS. Matth. 1.

NAM he cousa nova, posto que seja grande, & singular, que o livro da geraçaõ de Christo sirva de elogio á Conceyçaõ de Maria, que he o soberano titulo, pelo qual a devoçaõ particular

desta illustre casa consagra, & dedicá hoje esta Capella á Bendita entre todas as mulheres, a purissima Virgem da Conceyçaõ Naõ he, digo, cousa nova porque de muyto tempo a esta parte tem determinado a Igreja honrar a Mãy concebida sem macula com o mesmo Euangelho, em que lemos a Conceyçaõ do Filho, no qual nũca pode haver peccado: para que na semelhãça de hũa, & outra Conceyçaõ, se bem com aquella differença que vay entre o creado, & increado, & do limitado ao infinito, reconheça a nossa piedade, em quanto o naõ venera a nossa Fé, o singular privilegio desta purissima creatura, a Mãy de Deos, concebida nas luzes da graça, assim como o purissimo fruto de seu ventre foy concebido nos resplandores de toda a santidade: *In splendoribus sanctorum genui te*: o Filho por natureza concebido sem culpa; a Mãy por privilegio concebida sem macula.

Psalm. 109.

Naõ sendo pois isto cousa nova; o que pòde parecer novo, sendo igualmente singular, & admiravel, he q̃ havendose de dedicar hoje esta Capella á purissima Conceyçaõ de Maria, seja com obrigação de que nam só concorra o mysterio da Conceyçaõ, como Orago, senaõ tambem a invocaçam da Senhora do Livramento, como assumpto da mesma solenidade; quero dizer, que se devem juntar hoje na mesma festa o titulo de immaculada, que foy o privilegio singularissimo, unicamente concedido á Mãy de Deos, & a invocaçaõ de Senhora do Livramento, que he aquelle solicito cuydado, cõ que a mesma Senhora continuamente exercita o seu patrocinio, acudindo, soccorrendo, & amparando a todos, os que devotamente recorrem á sua singular protecçaõ. Que a Senhora fosse livre em sua Conceyçaõ, esse he o mysterio, & isso he, o que não he novo; mas que Maria concebida sem macula seja

tambem por este mysterio antigo, a que nos livra, & que da sua Conceyçaõ se siga o nosso livramento, esta he a novidade.

Porèm com tudo isto se representar assim, digo que nem o livro da geraçam de Christo seria tam proprio para os elogios da Conceyçaõ de Maria; nem a Conceyçam de Maria seria tam parecida á geraçam de Christo, se no mesmo livro não achassemos o mesmo titulo, & na mesma geraçaõ a semelhança. Que he o que nos relata o livro da geraçaõ de Christo? Relatanos aquella comprida serie de Progenitores, donde segundo a carne trouxe á sua origem, & a sua descendencia o Divino Verbo, sendo concebido nas purissimas entranhas de Maria Santissima: & para que, ou para que fim foy esta geraçaõ? Para nenhum outro, como ensina a Theologia com o Anjo das Escolas Santo Thomas, mais que para ser Christo Redemptor, que nos livrasse do captiveyro do peccado; tanto assim, que se naõ ouvesse peccado, não encarnaria, nem seria concebido, & gerado o Divino Verbo: de sorte que o fim proprio, o fim unico, & particular para ser concebido o Divino Verbo, naõ foy outro mais que o nosso livramento, & esta a obrigaçam com que foy gerado segundo a carne.

Chamolhe obrigaçam, porque assim lhe chamou David fallando nos proprios termos do nosso livro, que he o primeyro Capitulo de S. Mattheos, & em nome do mesmo Christo: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* No principio do livro, diz Christo fallando com seu Eterno Padre por boca de David, & no primeyro Capitulo delle (como se já então estivera ditando a historia, & o exordio do nosso Euangelho) no principio do livro está escrito de mim, que faça a vos-

Psalm. 39.

vossa vontade, Deos Pay, & Senhor meu; & porque esta vontade se naõ ha de executar de qualquer sorte, senaõ como preceyto vosso, em quem está o poder para mãdar, & em mim a obrigaçaõ para obedecer; daqui o aceyto logo, irey ao mundo, serey gerado, & concebido, & juntamente obrigado a livrar os homẽs do cativeyro da culpa, & este será o unico motivo de tomar a sua natureza fazendome homem como elles. Esta foy a obrigaçaõ do Divino Verbo feyto homem, & sendo Christo gerado com esta obrigaçaõ, para que a Mãy fosse semelhante ao Filho na sua Conceyçaõ, era bem que fosse obrigaçaõ sua o nosso livramento: Christo gerado, & concebido para nos livrar, como diz o nosso livro: *In capite libri... Liber generationis JESU Christi*; & Maria concebida em graça: *Mariæ, de qua natus est JESUS*, para ser a Senhora do Livramento, como provará o discurso; & para que seja com acerto, a mesma Senhora, que desdo primeyro instante de sua Conceyçaõ sempre foy chea de graça, nos alcance parte de taõ copiosas enchentes.

Ave Maria.

Liber generationis JESU Christi, &c.

OBrigada, dizia eu, que ficava Maria Santissima, sendo concebida sem peccado, a ser na sua Conceyçaõ a Senhora do Livramento, não só porque nella ficou livre da culpa por favor especial de seu Filho, que para isso escolheo tal Mãy, toda pura, & immaculada: *Mariæ, de qua natus est JESUS*; senão tambem que para mais se assemelhar, & parecer a tal Filho, o mesmo era ser gerada, & cõcebida livre da ley

do peccado, do que correr por sua conta o nosso livramento: porèm como aquellas verdades, que naõ chegaõ a ser materias da Fé, só se podem provar pela semelhança do que está expresso nas Escrituras; daqui vẽ que para conhecermos os singularissimos privilegios desta soberana creatura, andou Deos ideando desdo principio do mundo nos seculos passados aquellas varias, & diversas imagẽs, em que se representassem tam superiores, & taõ admiraveis prerogativas; razam porque chegou a dizer Saõ Joaõ Damasceno que todas aquellas grandes matronas, que dentro da successaõ dos mesmos seculos, ou a graça, ou a natureza, ou a fortuna fizeraõ singulares, foraõ a sombra deste Sol, foraõ a figura desta verdade, & foram a representaçam deste exemplar, & prototypo. Deyxãdo porèm aquellas figuras, em que se representavam a prudencia como Abigail, a fortaleza como Judith, a fecundidade como Lia, a fermosura como Rachel, & outras innumeraveis, porque sam sem numero as perfeyções desta benditissima entre todas, & mais que todas as mulheres; só tratarey do que se representou em Esther como imagem propria, que symboliza, & declara a izençaõ daquella ley universal, que condenou a todos os descendentes de Adam, ficando unicamente exceptuada Maria Santissima. Tinha ElRey Assuero condenado á morte a todos os Hebreos com ley tam universal, & irrevogavel, q̃ por universal se estendia a todos, & por irrevogavel a nenhũ perdoava: estavaõ já passados os decretos, & firmados com o annel, & sello Real, & publicado o dia da execuçaõ, de que aos mesmos condenados nam era licito appellar.

Eis-que apparece neste tempo Esther, & porque poderiaõ julgar, como julgáraõ, os que ponderando só a força da ley para todos universal, sem ponderar a digni-

dignidade da pessoa de Esther condecorada com o titulo de esposa de Assuero, que nem Esther ficava exceptuada daquella ley; que diria o mesmo Assuero? *Quid habes Esther? Ego sum frater tuus; noli timere: non morieris: non enim propter te, sed pro omnibus hæc lex constituta est.* Que vos afflige Esther, ou que vos molesta? Se he por estar decretado que morraõ todos os Hebreos, entendey que a ley, que foy para todos, naõ se estende, nem se ha de praticar comvosco: todos morreráõ, mas só vòs ficareis livre; porque aindaque sejais parte deste todo em quanto ao sangue, a naõ deveis ser, nem sereis em quanto ao rigor da sentença.

Esther cap. 15.

Este o successo taõ sabido, & tantas vezes ponderado, em quanto o mysterio da Conceyçaõ tinha duvida, que necessitasse de prova; mas o que naõ está ponderado, sendo digno de particular reparo, he o modo, com que se ouve Esther vendose livre, & izenta de taõ universal decreto: *Si inveni gratiam in oculis tuis ô Rex, & si tibi placet, dona mihi animam meam, pro qua rogo, & populum meum, pro quo obsecro.* Supposto que se dignou a vossa grandeza, supremo Monarca, (disse Esther) que me naõ incluisse a ley, que contra todos se promulgou, devendo ao vosso amor esta singularidade, o que vos peço he, que sejaõ livres os Hebreos.

Esther cap. 7.

Esta foy a petiçaõ de Esther, & esta a que nas presentes circunstancias nem se devia fazer da parte de Esther, nem se devia de esperar da parte de Assuero: naõ se devia esperar da parte de Assuero, porque o que podia suppor este Rey á vista de taõ singular beneficio, era hum continuo, & multiplicado agradecimẽto, que em parte fosse satisfaçaõ de taõ grande divida: naõ se devia fazer da parte de Esther, porque a obrigaçam em que se achava, o que pedia era, que

reconheceſſe tam ſinalada mercè como tinha recebido; mas ficar Eſther izenta da ley, & logo no meſmo ponto em que ſe vio izenta empenhar toda a ſua protecçaõ no livramento do povo; & o que he mais, aceitar Aſſuero a ſua ſupplica, & condeſcēder aos ſeus rogos deſpachando a petiçaõ? Sim: & porque? Porque neſte caſo nem Eſther, nem Aſſuero obravaõ pelo que eraõ, & ſó obravaõ pelo que repreſentavão.

Se Aſſuero obraſſe como Rey que era dos Perſas, & dos Medos, o que pertenderia ſeriaõ agradecimentos á ſua benevolencia, que iſto he o que fazem os homẽs, & quanto mayores homẽs ainda fazem mais, porque querẽ que tudo ſe lhes deva. E ſe Eſther obraſſe como quem tinha aprendido as politicas da mayor Corte, que entaõ havia no mundo, tudo da ſua parte ſeriaõ rendimentos, & obſequios, & ainda liſonjas, pelo muyto que ſe via favorecida, & privilegiada, que he a doutrina dos palacios; mas Aſſuero condenando, & excluindo, cõdenando aos Hebreos, & excluindo a Eſther, obrava como Deos, que condenou a todos, & ſó livrou a Maria: Eſther izenta, & excluida da ley obrava como Maria excluida, & izenta do peccado; & por iſſo havia de condeſcender Aſſuero com os rogos de Eſther; porque não ha petição que Deos não deſpache a Maria; & havia de ſer Eſther na ſua izenção, a que procuraſſe, & conſeguiſſe o livramento do povo; porque iſſo he o que faz Maria, quando ſe vè izenta do peccado.

O decreto mais abſoluto, o decreto mais irrevogavel, & univerſal, q̃ Deos promulgou juſtamente offendido pela deſobediencia de Adaõ, não falſamente calumniado como os Hebreos, mas verdadeyramente culpado como tranſgreſſor, foy que morreſſem todos ſeus filhos pelo peccado; o dia da execuçaõ deſta ley, & o termo preciſo

para

para ſe encorrer em hũ decreto tam terrivel, & com nenhum diſpenſado, he aquelle primeyro inſtante, em que ſe começa a viver:& como contra eſte decreto, & eſta ley nem podia haver apepllaçaõ, que a ſuſpẽdeſſe, nem embargos que a revogaſſẽ; naõ deyxou de haver fundamẽto para ſe cuidar, que atè Maria Santiſſima ficaria cõdenada na ſentença, que a ninguem exceptuava: mas como naõ era decente, nem convinha, que a que havia de ſer Eſpoſa, & juntamente Mãy de Deos, foſſe primeyro eſcrava do Demonio, & a que nos havia de communicar a vida da graça, foſſe primeyro morta pela culpa: o meſmo Deos declarou a ſua mente, & explicou o ſeu decreto affirmando, & proteſtando, que a ley, que era para todos, não era para ſua mãy Santiſſima: *Non propter te, ſed pro omnibus hæc lex conſtituta eſt*. Contra todos ſe fulminou a ſentença da morte: *Morte morieris*; mas deſte todo ſe exceptua Maria: *Non morieris*; que he Maria a excepção ſobrehumana das leys de Deos: & como naõ ha outra creatura, que ſeja ſemelhante a Maria nos ſeus privilegios, naõ pode ſer Maria como as mais creaturas nas ſuas deſgraças; & por iſſo a deſgraça da morte da culpa, q̃ abrangeo a todos naquella ley univerſal, não abrangeo a Maria: *Non propter te, ſed pro omnibus hæc lex conſtituta eſt*.

Iſto he o que diſſe Deos livrando da culpa a ſua Santiſſima Mãy a Virgem immaculada; & que diria a meſma immaculada Senhora vendoſe concebida em graça? Diſſe o meſmo que ouvimos a Eſther: *Si inveni gratiam in oculis tuis*. Já que Deos, & Senhor meu, já que achey tanta ventura no voſſo agrado, que vos dignaſtes de me exceptuar de hum decreto taõ rigoroſo, em que como Filha de Adaõ ſeria comprehendida, ſe a voſſa benignidade me naõ livraſſe, & quizeſtes

tes por vossa misericordia que principiasse a vida pela graça, quando todos nascem, & se cõcebem na morte do peccado, sendo em minha Conceyçaõ pura, immaculada, & livre de toda a culpa; elegendome logo no mesmo instãte para Mãy de vosso unigenito Filho; & porque este Filho vosso, & juntamente meu, naõ ha de ser concebido para outro fim mais que para livrar ao mundo da culpa; seja tambem a minha Conceyçam motivo, para que fique ao meu cuydado livrar os homẽs dos males que padecerem, & ainda dos rigores de vossa justiça, quanto for licito que o permitta a vossa misericordia inclinada a meus humildes rogos: *Da mihi populum, pro quo obsecro.* Assim orou, & intercedeo a immaculada Senhora, & assim o concedeo o Supremo Monarca; porque assim o experimentamos continuamente da piedosa protecção de Maria Santissima, em tal fòrma, & com tão prodigiosos effeytos, que chegou a dizer S. Fulgencio, que se o seu patrocinio naõ fosse o que sustẽtasse a todo este mundo elemẽtar com tudo o que nelle se inclue, naõ poderia ser livre de huma total ruina: *Cælum, & terra jam diu ruissent, si non Mariæ precibus sustentarentur.* E naõ experimentarmos huma universal desgraça em todo o creado, he favor especial do Livramento desta Senhora immaculada: naõ particularizo por hora esta materia, porque quero, primeyro que adiantemos o pensamento, proseguir o mesmo passo, que ainda naõ acabamos de ponderar.

S. Fulg. in Mitholog.

Si inveni gratiam in oculis tuis, da mihi populum pro quo obsecro. Já que achey graça em vossos olhos, seja este o motivo de livrar o povo, dizia Esther fallando com Assuero: & a immensa graça que Maria achou, & de que foy prevenida em sua Conceyçaõ, he tambem o motivo, que allega a Deos para livrar os homens; mas que he o que inclue este mo-

motivo, & qual o cabedal de graça, que encerra, para Maria conseguir o nosso livramento, pois he certo tem grande differença com o que representa Esther? que supposto diziamos, & he opiniaõ de S. Joaõ Damasceno, Saõ Gregorio Nicomediense, Santo Anselmo, S. Bernardino, & outros, q̃ assim como Assuero representava a Deos, assim a Rainha Esther representava a Rainha dos Anjos, naõ só por hũa, senaõ por muytas prerogativas; saõ com tudo estas muyto desiguaes, por serem as de Esther summamente excedidas pelas de Maria.

O nome de Esther quer dizer a fermosa como a Lua: *Pulchra ut Luna*; & este he tambem o titulo de Maria, mas naõ he só fermosa como a Lua, senaõ como a Aurora, & como Sol. Esther entre todas foy a mais amada de Assuero: *Adamavit eam Rex plusquam omnes mulieres*. Maria como a bendita entre todas, foy a mais amada de Deos; mas com hum amor tanto mayor, & mais perfeyto, quãto pòde ser o Divino em comparaçaõ do humano: Esther era Rainha de hũ Imperio, que supposto fosse grande, naõ se estendia a toda a terra; Maria he Rainha coroada de todo o universo, & Senhora de todo o creado: Esther libertadora do seu povo; & Maria libertadora de todo o genero humano, no mesmo sentido, em q̃ he a sua Corredemptora. Finalmente Esther, & Maria ambas com graça: *Si inveni gratiam in oculis tuis*; mas Esther com a graça de hum Rey homem, Maria com a graça de hum Rey Deos; & bastando só esta differença para ser a graça de Maria incomparavelmente muyto mayor q̃ a de Esther, porque hũa era humana, & outra Divina; tem ainda outro mayor excesso, a que Maria recebeo no primeyro instante de sua Conceyçaõ, para ser o motivo do nosso livramento; porque se naõ ha de comparar só cõ a graça humana, senaõ tambem

Esther cap. 2.

bem com a Divina; & assim como a graça de Esther, a respeyto de Assuero, era mayor que a graça de todas aquellas, que o Rey amava; assim a graça de Maria no seu primeyro instante excede a graça de todas as mais creaturas, em q̃ Deos depositou o seu amor.

Isto he o que nos ensina a Theologia, & isto o que nos deyxou escrito David: *Fundamenta ejus in montibus sanctis.* Considerando David em Maria aquelle edificio sobre-humano, que havia de ser morada digna de Deos, & vaticinando como Profeta o primeyro instante de sua Conceyçaõ, que foy a primeyra pedra desta fabrica sobrenatural, diz que os seus alicerses estavão fundados sobre os montes; & porque haõ de estar os alicerses desta soberana machina sobre os montes? Porque os montes de quem falla aqui o Profeta, saõ todas aquellas creaturas, que logranõ a graça de Deos, em que consiste toda a santidade, pela qual se levantaõ as almas justas da terra, & se avisinham ao Ceo; & foy tanta a graça de que foy dotada Maria Santissima em sua Conceyçam, que he o principio, ou o alicerse deste edificio; foy taõ alto logo, & taõ subido o cumulo de perfeyçoens desta purissima creatura, q̃ não ouve, nem no Ceo, nẽ na terra monte; quero dizer, naõ ouve santidade, nem perfeyçaõ nos Santos da terra, que saõ os homẽs justos, nem nos Santos do Ceo, que saõ os Anjos, a que esta Senhora naõ excedesse em sua Conceyçam, sendo a sua graça em numero muyto mayor que a graça de todos.

Psalm. 86.

Porèm como nem o todo se conhece senaõ pelas suas partes, nem o numero senaõ pelas suas unidades, q̃ cousa será ter Maria Santissima logo em sua Cõceyçaõ mais graça que todos, entrando neste todo naõ só os homẽs todos, senaõ tambem todos os Anjos? Naõ ha duvida que a immensidade deste innumeravel numero excede

cede os mayores computos; & será taõ difficultoso de lhe tirar a soma, como de conhecer o grande cabedal com que a Senhora da Conceyçaõ entrou no nosso livramento. O Santo Job querendo numerar os Anjos deyxou as contas em aberto, por ser tam excessivo o seu numero, que o naõ comprehende toda a Arismetica humana: *Numquid est numerus militum ejus*? Haverá por ventura quem reduza a numero aquella immensa multidam de Espiritos Angelicos? Naõ; porque, como affirma S. Dionysio Areopagita, saõ mais que todas as creaturas; mais que as estrellas no Ceo, & que as flores na terra; mais que as arvores nos montes, & que as plantas nos valles; mais que os homens que foraõ, saõ, & haõ de ser; & mais que todos os viventes, ou racionaes, ou sem-razaõ, tanto assim, que dividido o mundo em partes, o mar em gotas, em areas as prayas, & o ar em atomos, sobre todo este numero he o numero dos Anjos. Agora pois em caso que nem hum Anjo tivesse mais que hum grao de graça, excedendo Maria na sua santidade a multidaõ de todos estes Espiritos Angelicos, quanta seria a graça? seria sem medida? Naõ ha duvida; & he isto muyto? Ainda naõ he nada para o que he.

Job 25.

Os Anjos assim como se excedem huns aos outros nos dotes da natureza, assim se vaõ excedendo tambem nas perfeyções da graça; & na mesma fórma, que os numeros crescem, & o dous excede a hum, o quatro a dous, & oyto a quatro; assim crescem, & assim se vaõ vencendo aquelles Espiritos entre si desdo primeyro Anjo do infimo coro atè o mais abrazado Serafim da suprema Hierarchia, & sendo tantos os Anjos, que excedem a todo o numero, & tãta a graça de cada hum computada desta sorte, toda ella he muyto menos que a graça de Maria no primeyro instante da

sua

ſua Conceyçaõ. Expliquemonos mais, & ſeguindo o exemplo daquelle que para calcular a grandeza de hũ Gigante lhe tomou a medida a hum ſó dedo, reduzamos eſta immenſidade ao menos, que pòde ſer, nam para a conhecermos, porque iſſo nos he impoſſivel, mas para admirarmos o que he.

Supponhamos que nam ha no primeyro Anjo mais que hum grao de graça, no ſegundo dous, & no terceiro quatro, & que neſta fórma ſe vaõ excedendo huns aos outros, que he a meſma fórma, em que huns, & outros, & todos ficão excedidos de Maria, & calculemos o limitado numero de trinta & dous: quantos graos de graça cuydamos que haverá no ultimo Anjo deſte numero, tendo o primeyro hum, o ſegundo dous, & o terceyro quatro, procedendo neſta fórma de exceſſo atè o ultimo? Computem bem o que monta de numeros, & acharáõ, que ſó neſte limitado numero ſe acham no ultimo Anjo deſtes trinta & dous duzentos & quatorze milhões ſetecentos, & quarenta & oyto mil trezentos, & ſetenta & quatro graos; pois ſe ſó em trinta & dous excedidos neſta fórma, & cõ a menor graça que o primeyro pòde ter, vem a ſair taõ grande a ſoma; que ſoma naõ ſairá ſubindo de hũ Anjo atè milhões innumeraveis de Anjos, & naõ de hũ, mas de innumeraveis graos de graça ſempre grandes, ſempre mayores, ſempre multiplicados, & ſempre excedidos pela ſumma, pela immenſa, & pela ſem medida graça de Maria?

Suppoſto que baſtava, o que eſtá dito, não deyxemos de ajuntar a eſte exceſſo, com que Maria ſe avantejou, & ficou ſuperior aos montes do Ceo, o exceſſo, & ventagens, que faz aos montes da terra, que ſaõ os Sãtos de todas as tres leys; ajuntemos Adaõ com novecentos annos de aſpera, & riguroſa penitencia; Abel com todos os mais innocen-

tes; a Enos, a Seth, ao extatico, & arrebatado Enoch, a Noè o mais justo, que naquelles tempos ouve no mundo; Abrahaõ, Isaac, & Jacob, que foraõ aquelles tres mimosos de Deos; & naõ fique de fóra, nem Job nem Melchisedech, q̃ he tudo o que mais avultou na ley da Natureza. Na ley Escrita ajuntemos a Moysés, Josuè, Gedeaõ, Samuel, & aquelle grande homem, & grande Rey David, & venhaõ com elle os dous successores, que foraõ a excepçaõ dos Reys, Josias, & Ezechias; venha Elias, Jeremias, Ezechiel, Daniel, Judas, Eleazaro com todos os Macabeos, & aquelles altos montes, que foraõ mais proximos á Cõceyçaõ, Joachim, Anna, & Joseph o Esposo da Virgem.

Na Ley da Graça ajuntemos hum, & outro Joaõ, o Precursor, & o Euangelista; Pedro, & Paulo, hum homem sobre todos os homẽs da terra, outro homẽ, que foy, & veyo lá do terceyro Ceo; ajuntemos as Magdalenas com todas as suas lagrimas, os Agostinhos, os Bernardos, os Macarios, os Arsenios, os Domingos, os Franciscos, os Ignacios, os Antonios, os Xavieres, as Monicas, as Catharinas, as Claras, & hũa Teresa, nome, & coraçaõ singular no agrado de seu Divino Esposo; em fim ajuntemos os Patriarcas, os Profetas, os Apostolos, os Martyres, os Confessores, as Virgẽs, & todos aquelles Justos, que ouve do principio do mundo atè agora, & ha de haver de agora atè o mundo se acabar; & ponderemos a que altura de graça naõ subiraõ todos estes montes; pois sobre toda ella he a graça de Maria: *Si inveni gratiam*; & que sendo tanta, toda ella empenhe para livrar os homens: *Da mihi populum*! Oh homẽs felicissimos! oh bemaventuradas creaturas!

Agora perguntará a nossa devoçaõ, que he o que faz Deos á vista deste empenho? Que he o que faz Maria com tantos impulsos

ſos da graça? Nòs com grãde dita noſſa o experimentamos: Deos moderando todos aquelles rigores, que juſtamente podia uſar contra nòs; Maria ſolicitando com tanto cuydado o noſſo livramento, como ſe ella foſſe a que mais neceſſitaſſe delle. Antes de ſer concebida eſta puriſſima creatura, quem poderá cõtar os caſtigos, que a Divina Juſtiça executou no mundo? depois de concebida, & apparecer diante do Divino agrado, quem poderá numerar as miſericordias, que uſa com os homẽs?

Pareceme neſte caſo, que eſtou vendo Aſſuero na fórma, que o deſcreve a Eſcritura antes, & depois de apparecer Eſther: antes, quando fulminou a ſentença contra os Hebreos, todo acceſo em iras, todo ardendo em chammas, eram os dous olhos duas officinas, em que ſe forjavaõ muytos rayos; & todo o roſto era hum Veſuvio, & hũ Mongibello de incendios: *Erat que terribilis aſpectu; cumque elevaſſet faciem, & ardentibus oculis furorem pectoris indicaſſet.* Porèm depois que appareceo Eſther, todo pacifico, todo brando, & todo piedades: *Spiritum regis in manſuetudinẽ*, porque lhe naõ ficou acçaõ livre para o caſtigo; depois de ver a Eſther: mas aſſim como Eſther privilegiada da ley atou as mãos de Aſſuero; aſſim Maria izenta do peccado ata, & prende as mãos a Deos, para naõ uſar os rigores, que coſtumava, que ſenaõ fora Deos immutavel, puderamos dizer que era outro hoje, do que foy antigamente: antigamente o Deos das vinganças livremente executadas; hoje com as mãos preſas para a juſtiça, porque já ſe acabáraõ aquellas vinganças.

Eſther cap. 15.

Eſta grande diverſidade foy aquella, que ponderou já David no Pſalmo noventa & nove. Entra o Profeta Rey neſte Pſalmo, & a grãdes vozes começa a exclamar: *Deus ultionum Dominus, Deus ultionum liberè egit.*

egit. Homẽs ſem temor adverti, que Deos he o Deos das vinganças, & que ſempre obrou livremente, ſem haver, quem lhas pudeſſe impedir. E que novidade nos diz aqui David, ſe a todos era patẽte, o que Deos podia obrar, & que ninguẽ podia impedir as ſuas execuções? A novidade toda eſtá nos termos por onde ſe explica, *liberè egit.* Deos he, o que ſempre obrou livremente nos caſtigos: obrou, & já naõ obra? Obrou antigamente, obrou de preterito, & naõ obra agora, naõ obra de preſente? Naõ; porque appareceo Maria toda pura, & toda immaculada empenhando toda a ſua graça no noſſo livramento, & atãdo as mãos a Deos, paraque naõ proceda com aquelle rigor antigo nas ſuas execuções.

David como Profeta, & taõ grande Profeta conhecia todos os tempos paſſados, preſentes, & futuros, & vendo a diverſidade de huns a outros, conhecia, o que Deos obrava, & o que deyxava de obrar: ſe olhava para o paſſado, via o Paraiſo perdido, & a todo o genero humano condenado á morte por hum ſó peccado; ao mundo todo alagado no diluvio; via a ſua naçaõ aſſolada tantas vezes, & cativa; cativa no Egypto, cativa em Babylonia, cativa nos Aſſyrios; ſe olhava para o preſente, via a terra aſſolada, & deſtruida com peſte, fome, & guerra, que foraõ as tres pragas do ſeu tempo, & iſto por menos culpas, do que hoje ſe cõmettem; porèm ſe olhava para o futuro, & punha os olhos naquelle principio de toda a noſſa felicidade, que foy o primeyro inſtante, em q̃ Deos já eſcolhia eſta grande Menina para Mãy ſua, via tudo pelo contrario, via que ceſſavaõ todos os rigores, via que o Deos das vinganças era o Deos das miſericordias, via finalmente o que havia de dizer S. Bernardo, que havia de fazer Maria quanto quizeſſe de Deos: *Cùm de Deo pro nobis*

bis facias quidquid tuæ placuerit voluntati. E por isso combinando tempos com tempos concluía, que as vinganças de Deos só eraõ no tempo passado, porque apparecendo Maria, logo no primeyro instante acabavaõ os rigores, & começavão as piedades; assim o explica Santo Antonio: *Qua apparente subtrahit se Deus à flagellis intentis in peccatores.*

S. Anton. in opusc. B. M. 38.

Desta sorte obra Deos em vendo a immaculada, & chea de graça Maria Santissima: & como obrará Maria Santissima com toda aquella graça? & que faráõ aquellas enchentes? Já o disse. Obra, & corre ao nosso livramento com tanto cuydado, como se ella fosse a que o buscasse; saõ taes os impulsos daquella graça, q̃ o que nòs haviamos de fazer buscãdo solicitos a sua protecçaõ, para nos vermos livres, & seguros, faz Maria como se fosse a mais necessitada do bem, que nos communica. A Pastora do livro dos Cantares he Maria verdadeyramente a Pastora do gado branco, porque todo o seu rebanho se veste de candura, & fallando o Divino Esposo dos peytos virginaes desta piedosissima, & amorosissima Mãy sua, & nossa, diz que saõ semelhantes a dous cabritinhos montezes ambos gemeos, & ambos filhos da mesma Mãy: *Duo ubera tua sicut duo hinnuli capreæ gemelli.* He esta comparaçam pastoril propria daquelle estylo, em que Salamaõ como Pegureyro do Carmelo compoz as suas eglogas.

Cant. 4.

Mas com ser Salamaõ o Author da poesia, naõ só parece pouco accommodada a semelhança, senaõ ainda contraria ao que quer dizer: os filhinhos sam os que buscaõ os peytos, mas os peytos naõ buscaõ os filhinhos; saõ os peytos como duas fontes, ou duas esponjas, que espremidos docemente vaõ destillando o licor com que sustentam a vida; donde da parte dos peytos está o leyte, que he o sustento, da parte dos fi-

lhos a fome, ou a ſede impaciente, com que os buſcaõ, & tiraõ por elles com ancia: pois ſe os affectos nos filhos ſaõ tam diverſos, porque ſaõ os que buſcaõ; ſeus effeytos nos peytos ſaõ taõ contrarios, porque ſaõ os buſcados; como nos diz Salamaõ, que os peytos da Senhora ſaõ ſemelhantes naõ aos que daõ ſendo buſcados, ſenaõ aos que buſcaõ, & aos que recebem?

Por certo que ſenaõ podia exprimir, nem encarecer com mais admiravel antitheſe, & cõtradiçaõ o goſto, a ancia, o deſejo, & o diſvelo, com que a Senhora nos communica os ſeus favores; para que viſſemos que ſe os filhos ſedentos, & famintos correndo, & ſaltando, como fazem aquelles animalinhos alegres, & brutinhos innocentes, buſcaõ os peytos da Mãy com tanto goſto, & ancia; muyto mayor he a ancia, & o goſto com que a Mãy de Deos, & noſſa nos buſca, nos ampara, nos favorece, & liberta; & paraque ninguem cuyde que eſta he Maria em qualquer invocaçam, advirtam que propria, & particularmente o he no myſterio da Conceyçaõ; porque a Paſtora de quem aqui falla Salamaõ, he a toda fermoſa: *Tota pulchra es*; he a unica, & ſingular entre todas as creaturas: *Una eſt columba mea, amica mea, ſpecioſa*: he a toda pura immaculada: *Et macula non eſt in te*; que ſaõ todos aquelles attributos proprios, & particulares, & aquelles titulos ſingulariſſimos, & muyto eſpeciaes de Maria em ſua Conceyçaõ, porque neſte mais que em outro algum myſterio ſe obrigou a ampararnos, & a communicarnos aquelle cuydado ſolicito de ſer a noſſa libertadora, & a que toda ſe empenhaſſe no noſſo livramento.

Infinita materia ſeria eſta, ſe eu agora quizeſſe deſcer ao particular deſte cuidado, & ſingularizar as acções particulares deſte livramento de Maria, porque

que faltaria o tempo, & so bejaria a materia. S. Bernardo fallando universalmente, diz que tudo o que recebemos da Divina liberalidade he ministrado pelas mãos de Maria: *In tantum enim Deus dilexit eam, ut nihil nos habere voluerit, quod per manus ejus non transiret.* E S. Germano dividindo este universal em tres especies, ou este todo em tres partes, diz que o favor especial, cõ que Maria nos livra, consiste em tres admiraveis circunstancias; a primeyra he, livrarnos do mundo para o Ceo, & da terra para a gloria; a segunda dos males para os bens; a terceyra do peccado para a graça: *Nullus est qui salvus fiat ô Sanctissima, nisi per te; nemo est qui liberetur à malis, nisi per te; nemo est cujus misereatur gratia, nisi per te.* Se quizermos passar do cativeyro do peccado para a liberdade da graça; da oppressaõ dos males para a felicidade dos bens, & das inclemencias da terra para as delicias do Ceo, Maria he, a que com a sua intercessaõ nos facilita a graça, Maria he, a que cõ a sua protecçaõ nos segura os bẽs, & Maria, a que com o seu patrocinio nos alcança a gloria.

S. Bern.

S. German.

Vio David subir a Christo para o Ceo, mas tambem vio, que o acompanhava Maria: *Surge Domine in requiem tuam tu, & arca sanctificationis tuæ.* Porque Christo como Senhor da gloria he, o que nos abre as portas da Bemaventurança; Maria, como poderosissima intercessora, he, a que nos facilita a entrada, & esta he a que temos segura, recorrendo como devemos ao seu patrocinio. E que descuydo será o nosso, se nos naõ aproveytarmos de tam solicito cuydado? He o mundo aquelle desterro, aonde suspira cativa a nossa liberdade; he o Ceo aquella Patria, aonde respira quieta, & sossegada a nossa felicidade; pois que fazemos, se devendo aquella ser a nossa perpetua saudade por aquellas ineffaveis delicias,

Psalm. 131.

que lá nos eſperão, vivemos no lugar, onde tudo ſaõ miſerias, & deſgraças, ſem lembrança daquelle bẽ que lá nos aguarda, & ſem deſengano dos males, que cá nos affligem?

Bem ſey, que para voar taõ alto nos impede a carga da noſſa natureza oprimida pela culpa, a quem faltando a graça faltam tambem aquellas azas com que o eſpirito ſobe a Deos; porèm tambem eſta falta ſupre o cuydado de Maria, livrandonos da oppreſſaõ de noſſos vicios; porque Maria he aquelle refrigerio, ou orvalho do Ceo, que fecunda a ſecura, que o incendio da culpa coſtuma cauſar em hũa alma; diſſe-o S. Pedro Damiaõ: *Refrigerium, & ros gratiæ contra incentiva vitiorum.* E como entre todos os males que nos podem ſucceder, o mayor mal de todos he o peccado, tambem Maria he, a que como Medicina do Ceo nos livra dos males da terra; he penſamento de Saõ Joaõ Geometra: *Medicina ægritudinum noſtrarum.* Aſſim o devemos eſperar todos deſta piedoſiſſima Senhora, & muyto em eſpecial quem com tam ternos affectos lhe tributa eſte culto, lhe conſagra eſte applauſo, & lhe dedica eſta ſolemnidade. Oh ditoſos affectos, que ſendo tam bem empregados, como ſaõ em hum myſterio de tanto agrado para Maria Santiſſima, como he o de ſua puriſſima Conceyção, no qual mais q̃ em todos ſe gloria, por ſer o privilegio ſingulariſſimo a ninguem mais concedido; & em hũa invocaçaõ, em que tanto ſe moſtra a piedade deſta Mãy amoroſiſſima dos peccadores; ſendo, digo, eſtes affectos tam bem empregados, como ſaõ na Senhora da Conceyção, & Livramento, alcançaráõ que a meſma Senhora, como immaculada em ſua Conceyçaõ, mas já nella eſcolhida para Mãy: *Mariæ, de qua natus eſt JESUS*, naõ falte com a ſucceſſaõ a quem tanto venera as ſuas prerogativas, & os

S. Petr. Dam.

S. Joan. Geom.

os privilegios da mayor fecundidade, & como Senhora do Livramento ſeja hum eſcudo contra todos os males, huma fonte na communicaçam de muyta graça, & huma valia para conſeguir a eterna gloria: *Ad quam nos perducat, &c.*

SER-

SERMAM DE S. CAYETANO,

Prègado na ſua Igreja, anno de 1707.

Quærite primùm Regnum Dei, & juſtitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis. Matth. 6.

HUM cuydado, & hum deſcuydado, he o tudo que ſe nos encomenda no Euangelho preſente para conſeguirmos o Ceo; & he o nada, que obramos na terra para alcançarmos a Bemaventurança. Trocamos tãto os termos ao q̃ devemos, & naõ devemos procurar, que o q̃ havia de ſer cuidado, he eſquecimento, o que havia de ſer eſquecimẽto, he diſvelo. Eu me explico. Encomenda Chriſto neſte Euangelho, que o noſſo primeyro cuydado ſeja buſcar os bẽs do Ceo: *Quærite primùm regnum Dei.* E porque os bens da terra naõ merecem as noſſas diligencias, nos adverte, que nenhum delles nos deve levar as attençoens, porque fica por conta da ſua Providencia o que

que ha de ser nosso provimento: *Hæc omnia adjicientur vobis.* De sorte que sendo a mesma Providencia Divina, a que ordenadamente dispoem, o que pertence á vida, & o que convem á salvaçaõ; paraque o cuydado da vida não embaraçasse os meyos da salvação, decretou que o remedio da vida corresse por sua conta, & que por nossa diligencia ajudada da sua graça corresse a materia da salvação.

Mas quantos saõ os que seguem este dictame, & quantos, os que não encõtrão esta disposição? Para o que pertence ao Ceo, dormindo, & sem acordo; para o que pertence á terra, velando, & desvelados. Succede nesta materia a quasi todos, o que succedeo a Jacob. Em hũa occasiaõ vio o Santo Patriarca hũa escada, que chegava atè o Ceo, em outra se vio á braços cõ o Anjo lutãdo: & que resolução tomou Jacob ao pé da escada com o Ceo á vista, & com Deos que o convidava para a gloria? Como se ouve com o Anjo na luta, & na contenda, que com elle teve? Ao pé da escada esteve Jacob dormindo toda a noyte; & com o Anjo lutando, & contendendo a noyte toda. Pois quando o Ceo lança hũa escada a Jacob para subir por ella; quãdo Deos o chama, quando os Anjos lhe assistem, & solicitos o guiaõ para a Bemaventurança, então se descuyda Jacob, entaõ descansa, & dorme? quando se vè em braços com hum Anjo, então cansa, sua, & trabalha hũa noyte inteyra, & ainda com nova resoluçaõ determina continuar a contenda atè conseguir o que pertendia? Sim; & porque? Porque subir pela escada era buscar a gloria do Ceo: contender na luta era segurar o morgado da terra, diz o grande Abulense: *Nõ dimittam te nisi benedixeris mihi; id est, confitearis benedictiones Esau meas esse de jure.* E esta he a razaõ? Razaõ não; sem-razão sim: mas assim he: pois se pela esca-

efcada fe fubia a hum Reyno, que ha de durar para fempre, aonde as felicidades faõ eternas, as riquezas immenfas, o gofto fem pezar, o alivio fem pena, em fim tudo gloria, & ifto bafta para dizer tudo: fe naquella luta o mayor premio a que podia afpirar Jacob eraõ quatro palmos de terra, & poucos rebanhos de ovelhas, & taõ poucas alfayas, como foraõ, as que depois levou a Egypto, que não paffavaõ de humas pelles, hũas mantas, hũs pelotes de pano da ferra, hũas çamarras, & gualteyras, hũas efcudelas de pao, & hũs tarros de cortiça, mas aindaque foffem os thefouros de Creffo, & todos os bens da terra, tudo iffo era nada comparado cõ o Ceo: & por tão pouco, fuar tanto; & por tanto, não obrar nada; trabalhar pelos nadas da terra, dormir, & defcançar, quando devia folicitar o tudo do Ceo? Sim; que iffo he fer homem, & obrar como homem: & fuppofto que em Jacob naõ foy defeyto, fenão myfterio, em nòs he engano, he erro, & he cegueyra tão continua, & tão experimentada como ordinaria no mundo.

Porèm quem havia de desfazer efte engano, quẽ havia de emendar efte erro, & alumiar efta cegueyra enfinada já como doutrina pelos hereges, & praticada dos Chriftãos por cofume? Quem havia de moftrar o verdadeyro modo de ufar da Divina Providẽcia, fenaõ aquelle fublime efpirito, aquelle coraçam defintereffado, aquelle imitador dos Apoftolos, que fervindo continuamente aos proximos nunca fe achou digno de recompenfa? aquelle não fó exemplo, mas exemplar da pobreza Euangelica; aquelle; mas quem ferá aquelle? Vòs Sãtiffimo Patriarca, vòs Cayetano Thianeo Illuftriffimo, Fundador da efclarecida Familia dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; vòs que nafceftes nefte mundo como prodigio grande da graça para

cre-

credito da mesma Providencia, que andava mal avaliada, & por isso o que melhor soubestes usar della deixando tudo pelo Ceo, para vos não faltar nada: este foy o vosso instituto, este o patrimonio grande, que deyxastes a vossos Filhos, & este será tambem o meu assumpto; que não poderey proseguir com acerto, sem que a vossa valia empenhe a Mãy de Deos Maria Santissima, & immaculada, de quem fostes taõ mimoso, para que nos alcance a graça.

Ave Maria.

Quærite primùm Regnum Dei, & justitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.

DEyxar todo o cuydado da terra, & buscar unicamente a Deos, foy aquelle altissimo fim, a que o grande Patriarca S. Cayetano singularmente dirigio os elevados affectos do seu coração; & se me naõ engano, esta foy a causa daquelle singular, & inaudito prodigio, que lhe succedeo. Fervorosamente occupado em ternissimos affectos com Deos estava S. Cayetano, quãdo com suave violencia se lhe arrancou do peyto o coraçaõ, & se vio visivelmente subir ao Ceo. Se a materia nos permittisse ponderar este prodigio, & o modo extraordinario com que Deos nesta occasiaõ conservou a este seu grande servo, substituindo, & suprindo o mesmo Deos a vida de Cayetano na falta de todos os meyos, & instrumentos della, & cõtra todas as disposições, & causas da morte; só entaõ se entenderia bem, quãdo se comprehẽdesse a prodigiosa anatomia do corpo humano; a dependencia, & harmonia de todas as suas partes; o artificio admiravel

vel com que occulta, & invisivelmente na officina de nossas entranhas estam continuamente trabalhando os instrumentos, que nos sustentaõ, bebendo os alentos desta fonte, sem a qual naõ se podem conservar, nem durar os espiritos vitaes; mas como nam tratamos por hora dos prodigios, que Deos obrou em Cayetano, senaõ do muyto que Cayetano obrou por Deos; basta saber, que naõ tendo o seu coração nada na terra, por estar solto daquellas cadeas, que doce, postoque enganosamente, nos prendem, só podia voar para o Ceo, para se unir com o que singularmẽte desejava, que era a Deos; & só a Deos singularmente digo, porque este he o nome mais proprio para acçaõ taõ unica.

David, que foy taõ valẽte no braço, como nos affectos, dizia de si que vivendo neste mundo fora muyto singular entre os mais: *Singulariter sum ego donec transeam.* (Psalm. 140.) E em que esteve esta singularidade de David? por ventura no zelo, com que se expunha a todo o perigo por defender o povo? na paciencia, com que tolerava as injurias? na confiança, que punha no Ceo em todos os acontecimentos, & em outras mais virtudes, que exercitava? Naõ; porque dado caso, que todas juntas se naõ achassem em grao taõ superior em outros, como se achavaõ em David; divididas porèm se viraõ em todos aquelles Santos Patriarcas, Moysés, Josuè, Gedeaõ, Jacob, & nos mais, q̃ veneráraõ as duas leys da Natureza, & Escrita. Pois em q̃ esteve esta singularidade? O mesmo David o dirá: *Quid mihi est in Cælo, & à te quid volui super terram?* (Psalm. 72.) Esteve em que tudo o que naõ fosse Deos, era nada para David: a terra hum nada, & o Ceo outro nada: a terra hũ nada cá de bayxo; & o Ceo hũ nada lá de cima; mas para David tudo nada, ou fosse o tudo do Ceo, ou o tudo da terra, porq̃ só a Deos queria;

ria ; & esta foy a sua singularidade, porque só esta he, a que podia ser.

Punha David os olhos naquelles grandes Santos da ley antiga, & supposto q̃ em todos estes admirava o heroyco das mais virtudes, & nellas, aindaque os excedesse, lhes ficava semelhante, não reconhecia esta izēçaõ particular, pela qual ficava muyto diverso de todos, & por isso muito singular ; mas olhava David para o passado, que se olhasse para o futuro, & como Profeta puzesse os olhos em Cayetano, veria para credito da graça, & para assombro da natureza, o quãto lhe excedia Cayetano : & se David tirou a Cayetano o ser primeyro neste desapego; Cayetano tirou a David o ser unico : mas assim como David por esta prerogativa teve hum coração talhado pelo molde do coração de Deos; assim cortou Deos o de Cayetano pelas mesmas medidas, porque o que Deos quer de nós, isso queria Cayetano de Deos. *Te, & non tua*, diz Santo Agostinho: *Te, & non tua*, diz S. Gregorio. Quer-nos Deos a nòs, & não quer o nosso: os nossos bēs, as nossas fortunas, as nossas felicidades, naõ saõ as que movem a vontade de Deos; nòs sem outros bens, nòs sem mais nada, somos o emprego do coraçaõ Divino: & para o coraçaõ de Cayetano não desdizer destas medidas, & não ficar fóra desta regra; dos bēs que liberalmente lhe tinha dado o mesmo Deos, das fortunas que por seus talentos podia conseguir, das felicidades a que podia aspirar, de tudo abrio maõ, tudo deyxou, porque *Deum, & non sua*, queria a Deos, & naõ queria mais nada.

Pareceme que todos julgaõ, que em não ter, & não querer nada o nosso Santo, obrou muyto : naõ ha duvida; porêm ainda isto não foy o mais : naõ só largou o que tinha, não só se reduzio a naõ querer nada, mas passando adiante chegou á ter menos que nada. *Inventus*

tus est, qui aliquid concupisceret post omnia. Ouve quem depois de ter tudo, ainda desejou alguma cousa. Isto se disse de hũ Monarca, que se naõ contentou cõ hum só mundo, que dominava, porque ainda appetecia mais Imperios que reger; mas porque naõ deve ter o vicio mayor esfera, que a virtude; ouve pelo contrario quem para desempenho da mesma virtude, depois de não ter nada chegou a ter menos que nada; & foy Cayetano Santo. Aonde chegava a mais heroyca pobreza, que antes de Saõ Cayetano a ensinar com seu exemplo se professou, era deyxar tudo, & naõ ter nada; isto he o que fizeraõ os espiritos mais resolutos, que pelos apertos da pobreza seguirão a Christo: porèm S. Cayetano ainda fez mais; porque naõ só deyxou tudo, & ficou sem nada, por buscar a Christo, senão que a mais de naõ ter nada se adiantou o seu espirito. Quem deyxa tudo, & fica sem nada, ou isto seja por resolução heroyca da virtude, ou por força da desgraça, ainda tem alguma cousa; & que será o que tẽ, quem naõ tem nada?

Senec. Epist. 120.

A esta duvida responderá aquelle feytor, ou Ministro da fazenda, de quem falla Christo por S. Lucas no Euangelho desta Dominga. Diz Christo que havia hum feytor, a quem por dar contas menos ajustadas tirou o Senhor do officio, & com elle lhe tirou tudo o q̃ tinha; porque alem do officio não tinha mais nada, & depois de despojado de tudo o que tinha, ficoulhe alguma cousa? Ficou: & que foy? Foy, ou trabalhar, ou pedir, ou furtar; porque estes foraõ os tres caminhos que lhe propoz a sua industria depois de não ter nada, para ter alguma cousa. De sorte que naõ tendo nada, ainda lhe ficou muyto, porque lhe ficou com que pudesse remediar a sua necessidade, & a sua pobreza, ou com o suor de seu rosto trabalhando, ou com o sangue nas faces pedindo, ou

sem

ſem elle, porque ſe lhe não fazia a face vermelha furtando. Eu não reparo em q̄ eſte homem tendo tres modos de ſuſtentar a vida, pedindo, trabalhando, & furtando, eſcolheſſe o ultimo; porque em fim era homem, q̄ meneava a fazenda de ſeu Senhor: mas deyxando eſte modo illicito tão praticado entre os que ſam de ſemelhante officio, & reſumindome aos dous primeyros, em que ſem culpa, antes cõ grande merecimento ſe pòde ſuſtentar a vida; eſtes ſaõ os que ficam, aos que nam tem nada, & com reſolução heroyca deixáraõ tudo por amor de Chriſto, porque lhes fica poder trabalhar, & poder pedir.

Por ſeguir a Chriſto deixáraõ tudo os Apoſtolos; mas não deyxáraõ o trabalho de ſuas mãos para acudir com eſte ſubſidio á propria neceſſidade; pois o grande Apoſtolo das Gentes S. Paulo ſe gloriava deſte exercicio: *Argentum, & aurum, aut veſtem nullius concupivi, ſicut ipſi ſcitis;* Act. 20. *quoniam ad quæ mihi opus erant, & his, qui mecū ſunt, miniſtraverunt manus iſtæ.* Cujo exemplo ſeguiraõ depois os Paulos, os Antonios, os Hilariões, os Pacomios, & todos aquelles grandes homens, que antigamente povoáraõ os deſertos da Paleſtina, da Tebaida, & do Egypto; que ſuppoſto deyxáraõ tudo, não largáram eſta induſtria, que veneramos canonizada por Santa. Por ſeguir a Chriſto deyxou tambem tudo hum Agoſtinho, hum Bernardo, hũ Domingos, hũ Ignacio, hũ Nolaſco, & aquelle ſobre todos pobre, & pobriſſimo o Seraſico Patriarca; mas todos elles com louvavel reſoluçaõ pedindo eſmola tanto para exercicio da humildade propria, quanto da caridade alhea; & naõ foy eſte modo de obrar pequena parte para ſerem collocados nos altares.

Tudo iſto era virtude, & grande virtude nos mais Santos; mas perdoem hoje os mais Santos para glo-

ria de Cayetano; que se elles se contentáraõ só com o mais grande, Cayetano aspirou ao mais heroyco, & atè dos meyos que nos mais eram perfeyçaõ se privou, emulando mayores empregos a sua pobreza: *Æmulamini charismata meliora*; porque nem o trabalhar, nẽ o pedir lhe era possivel: trabalhar para sustẽtarse, não; porque resignado todo na Providencia Divina, qualquer outra industria era contraria a esta total resignaçaõ; alem de que o disvelo do culto Divino, & do bem do proximo nam lhe deyxava tempo livre para outro exercicio: continuo na assistencia aos Officios Sagrados, perpetuo no cõfessionario, nas Missoẽs, & nos empestados: o Sol o deixava, quando se punha, á cabeceyra dos enfermos, & moribundos, & alli o tornava a achar, quãdo nascia: os dias inteyros se lhe gastavaõ em praticas pias, cõ que reformava a vida dos proximos. Pedir tambem naõ, porque lhe tapou a boca o seu Angelico Instituto, & como nem pedir, nem trabalhar podia, foy a sua pobreza a mais extrema, porque foy o seu nam ter menos que nada. Queremos agora prova deste desapego; queremos exemplo deste nada, & menos que nada? Pois naõ ha: porque foy S. Cayetano o primeyro exemplo, para ser o exemplar de todos.

Reparo que ensinando hoje Christo o mesmo, que depois praticou com sua vida o nosso grande Patriarca; ensinando, digo, a cõfiança na Divina Providencia, que consiste em largar todo o cuydado das cousas da terra, renunciando a industria toda de as procurar, o exemplo, que allegou, & que propoz a seus Discipulos, foy o das aves do ar, & o das flores do cãpo: *Respicite volatilia Cæli, quoniam non serunt, neque metunt, neque congregant in horrea.* Olhay Discipulos, diz Christo, para as aves do ar, as quaes naõ semeaõ, nem segam: naõ lhes inter-

Matth. 6.

interrompe o ſono o cuydado da lavoura para lançar a ſemente á terra ; nem as moleſta o calor do Eſtio na ſega para prover os celleiros: *Conſiderate lilia agri, quomodo creſcunt, non laborant, neque nent.* Ponde os olhos nas flores do campo, que ſem fiar, nem tecer ſe veſtem da melhor primavera, que nunca cortou no mundo o mais rico Monarca delle Salamaõ.

Ibid.

Neſte modo de intimar a perfeiçaõ entra agora a minha duvida: Se Chriſto quer enſinar a ſeus Diſcipulos hũa virtude, & tam grande virtude, porque naõ buſca nos homẽs, & em taõ grandes homẽs, como atè alli tinha havido, o exemplo para a imitaçaõ ; & ſó o buſca nas flores, & nas aves? Sey eu q̃ a cada paſſo ſe nos propoem na Eſcritura por modelo a caridade de Moyſés, a paciencia de Job, a Fé de Abrahão, a conformidade de Tobias, a obediencia de Iſaac, a prudencia de Abigail, o zelo de Elias, & a conſtancia dos Macabeos, pois para todas eſtas virtudes ha exẽplo nos homens ; & naõ ha nos homẽs, ſenão nas aves, & nas flores o exemplo de huma confiança pura, & heroyca, qual hoje enſina Chriſto? Sim; porque aindaque em todos aquelles Santos ouve muyto que fiar, & que confiar da Divina Providẽcia ; aquelle total deſapego das couſas da terra ; aquella exacta reſoluçam de as procurar ; aquelle fechar da boca para não ſignificar pedindo a ſua neceſſidade, nunca ſe achou em outro fóra de Cayetano : elle he o que como ave do Paraiſo, remontado todo da terra, não ſoube que couſa era induſtria para procurar o ſuſtento; elle o que como flor do campo nunca teve boca para pedir. Da Roſa ouve quem diſſe com metafora poetica, que exhalava por boca de carmim ſuſpiros de ouro : ſuſpiros de amor terniſſimo para com Deos; ſuſpiros de caridade ardẽte para com o proximo, que ſaõ o ouro mais puro da

 pie-

piedade Christaã, & Religiosa, se ouviaõ continuamente da boca de Cayetano; mas pedir nunca se ouvio.

Porèm se me instarem os que tem noticia da vida do nosso Santo que tambem pedio: digo, que sim; mas que pedio? Pedio que lhe não dessem. Em Napoles quiz o Conde de Opido cõ piedade discreta, mas com discurso muyto encontrado aos dictames de Cayetano, que aceytasse hũas rendas para sustento dos seus Religiosos: pediolhe o Santo que tal não intentasse, porque era cõtra o seu Instituto; & vendo que instava o Conde com caridade importuna, fechou o Convento, & fugio. Em Verona lhe assistia o *Bispo* daquella Cidade com larguceza ao seu sustento, & dos mais companheyros, que incansavelmente trabalhavaõ no bem das almas; pediolhe que tratasse de coartar a sua liberalidade; & temendo este zeloso Prelado, que se continuasse, fugiria Cayetano, emendou a sua virtude. Ha tal resoluçaõ de Cayetano? Ha tal desapego? Deyxar tudo, não ter nada, & menos que nada, porque nem pedir podia; & agora pedir, mas pedir que lhe naõ dem, & reduzirse com isto à mais extrema pobreza? Pareceme, que com isto quiz o nosso Santo empobrecer tambem os seus Prégadores, para naõ terem com que provar o heroyco das suas acções, por ser tam unico nellas, que nos naõ deyxou parallelo para os seus elogios: eu assim o confesso, pois naõ ha por onde correr, nem discorrer, & só ha muito com que nos suspender, & admirar: mas já que Sam Cayetano adelgaçou tanto os primores de seu elevado espirito, tenha paciencia, se afinarmos hum pouco o discurso examinando o fim, & o motivo, que teve neste modo taõ extraordinario de obrar.

Naõ hũa, senaõ muytas saõ as razões, que me occorrem á vista desta resoluçaõ,

luçaõ, teria o nosso Santo todas fundadas na sua virtude, & na sua inclinaçaõ; a primeyra, porque quiz experimentar o quãto mortifica pedir, & o quanto custa naõ receber. Deyxar tudo, como fez Cayetano, & como fizerão os mais Santos, supposto que seja acçaõ grande, he ainda muyto menos que o pedir; assim o ponderou o mayor engenho dos pulpitos, que quasi começou, & acabou com o seculo passado: & a razam aponta elle: porque deyxar he grandeza; pedir he sugeyçaõ: deyxar he desprezar; pedir he desprezarse: deyxar he abrir as mãos proprias; pedir he beijar as alheas: deyxar he comprarse; porque quem deyxa livrase: pedir he venderse; porque quem pede cativase: deyxar he acção de quẽ tem; pedir he acçaõ de quẽ naõ tem: & quanto vay de naõ ter a ter, tanto vay de deyxar a pedir. Estas saõ as suas razoens, & tam bem ponderadas como suas: porèm se ao pedir acrescentarmos a repulsa de não receber, ainda isto he cousa, que mais custa; porque se no pedir ha huma grande mortificaçaõ, em naõ receber ha outra mayor.

Entra Christo no Horto a fazer huma petição a seu Eterno Pay, & os effeytos della foram tristezas, ancias, & angustias: *Cœpit Jesus pavere, & tædere*: continua por diante, & quando finalmente experimentou o que já sabia, que era não ter despacho, porque assim estava determinado por decreto Divino, que he o que sentio: *Factus est sudor ejus tamquam guttæ sanguinis decurrentis in terram*, foy tal a violencia desta negação; foy tanto o que lhe custou esta repulsa, que chegou a suar gotas de sangue. A tanto como isto chega o pedir, & naõ alcançar, que o sangue que costuma acudir ás faces quando se pede, rebenta fòra das veas quando se nega: porèm ainda chega a mais no sentir de Job esta mortificaçam: *Abstulisti quasi ventus desideri-*

Luc. 22.

Ibid.

Job 30.

derium meum, nunc autem marcescit in memetipso anima mea. Vòs Senhor me naõ concedestes o que pedia, & por esta causa se me está seccando esta alma dentro em mim mesmo. De sorte que he tal a mortificaçaõ do pedir, & não receber, que ou ha de custar gotas de sangue, ou desmayos da alma; & para se formar hũa quinta essencia da pena, aqui se destilaõ da alma os alentos, & do coração o sangue.

E tudo isto he o que quiz voluntariamente experimentar Cayetano como seu modo de pedir: porque pedindo que lhe naõ dessem esmola, na petiçaõ destilou o pejo o sangue; & na negaçaõ, que pertendia, apurou a alma o sofrimento: se pedisse para receber esmola, remediava a necessidade com o dispendio de se envergonhar; mas pedindo para naõ receber, padecia a vergonha, sem a necessidade de achar o remedio: porque quem pede que lhe dem esmola, aceyta o que custa o pedir pelo que tem de remedio; quem pede para lhe naõ darem, toma o remedio pelo que tem de custoso: quem pede para receber, faz da necessidade virtude, porque pela virtude da humildade acha remedio ao que padece: quem pede, que lhe não dé, faz da virtude necessidade, porque sem remediar o que padece, exercita a mayor virtude: quem pede, ainda que pede com o risco de lhe negarem, sempre leva a esperança de lhe concederẽ, & com a esperança de receber suaviza o desabrido do pedir: S. Cayetano buscou tal modo de pedir, que lhe ficasse impossivel o esperar; porque ou quizessem, ou não quizessem, sempre lhe haviaõ de negar: porque se lhe davaõ o que pedia, negavaõ-lhe a esmola, se lhe davaõ a esmola, negavaõ-lhe o que pedia.

Mas naõ disse bem: nam foy assim; porque este modo de pedir naõ dizia bem com a sua inclinaçaõ: desejava São Cayetano tanto o me-

merecimento dos proximos, que para estes terem sempre que merecer engenhou a sua caridade hum modo de pedir, que nunca lhe pudessem negar; & ou concedendo, ou naõ concedendo o que pedia, sempre a caridade alhea tivesse o seu merecimento; & esta he a segunda razaõ, que considero neste modo tam extraordinario, com que pedio Saõ Cayetano; & por isso pedio que lhe naõ dessem; porque se lhe davam a esmola, usavaõ com elle de caridade; se lha naõ davam, usavão de compayxam, & sempre com merecimento.

Os pobres, ou sejaõ de espirito, como sam todos, os que deyxáraõ tudo por amór de Christo; ou sejam de corpo, como saõ todos, os que pedem por costume; ou sejaõ pobres, ou pedintes, sempre saõ para exercicio da nossa caridade, & para merecimento da nossa compayxam: porèm nem sempre a compayxaõ, & a caridade tem com estes pobres o seu exercicio, & o seu merecimento; porque se lhe damos esmola, merecemos, & se lha naõ damos, naõ merecemos: o dar esmola he virtude, & o naõ dalla, posto que naõ seja sempre peccado, nam he virtude, & muytas vezes póde ser vicio: isto tem a pobreza dos mais, que a respeyto della podemos, & naõ podemos merecer: a pobreza de Cayetano nam foy assim; para que nunca a seu respeyto tuvesse vicio nos proximos, & sempre se exercitasse a virtude, pedio Cayetano, que lhe naõ dessem esmola, porque ou dando, ou negando, sempre se usava de misericordia: a esmola concedida a Cayetano era fruto da caridade, & commiseraçam, com que se acodia á sua necessidade: a esmola negada era fruto da piedade, & cõpayxaõ, com que se acodia ao que mais desejava; mas sempre com acto da misericordia, de quem saõ filhas legitimas estas virtudes.

Daqui entendo eu agora a ra-

a razão de chamarem a Saõ Cayetano caçador das almas, porque lhes armou cõ tanta destreza, que nenhuma lhe podia escapar. O caçador perito o primeyro que observa he o caminho por onde lhe pòde escapar a preza, & este he, o que occupa a sua diligencia, paraque lhe naõ escape. O caminho certo por onde as almas vaõ ao Ceo he o da caridade com os pobres, & o caminho certo por onde vaõ ao Inferno he o da falta da caridade: este, & naõ outro motivo se ha de allegar no dia do juizo para huns serem predestinados, & outros condenados: *Venite benedicti, quia dedistis.. Ite maledicti, quia non dedistis* Porque dèstes, & não dèstes, dirá Christo, huns ireis para o Ceo, & outros para o Inferno: os que deraõ esmola, para a gloria; & os que a não deraõ, para a pena: & para que ninguem no dia do Juizo pudesse ser rèo da pobreza de Cayetano, de tal sorte soube a sua destreza armar aos homẽs, que no caminho do Ceo, para todos se salvarem, lhes armou com o laço da esmola não pedida, senão voluntaria: no caminho do Inferno para nenhuns se condenarem, lhes armou como laço de naõ darem esmola; porq̃ dando, & naõ dando, todos davaõ; hũs a esmola, que se naõ pedia; outros a não esmola, que se pedia: & aqui verdadeyramente he que se cumprio aquella Profecia de Oseas: *Traham eos in vinculis charitatis*: Que viria tempo em que os homens seriaõ prezos com os laços da caridade; porque os soube dispor S. Cayetano de sorte, que ninguem pudesse escapar, nem por hum, nem por outro caminho, porque a sua caridade em todos prendia.

Matth. 25.

Oseas 11.

A terceyra razaõ, que será tambem a ultima, por nos não dilatarmos mais, foy, porque renunciando desta sorte tudo o que podia receber, lhe não pudesse faltar nada: assim o experimentou, quando em Napoles

poles começou hum Convento ſem dinheyro, nem para o edificio, que era ſumptuoſo, nem para os Religioſos, que eram muytos; & porque tinha humas caſas, que por amor de Deos lhe deraõ, podendo licitamente vendellas, para ſe ajudar do preço, renunciou-as em quem lhas tinha dado; & deſta ſorte teve com que levar adiante a obra: conſiderou os gaſtos do edificio, & o preço das caſas; & porque o preço não chegava, renunciou o preço que lhe davaõ para ter com que edificar: eſte modo de edificar tambem naõ tem exemplo; porque atè agora ninguem o fez; mas tem doutrina, porque aſſim o enſina Chriſto.

Qual ſerá o homem, diz Chriſto, que havendo de levantar hum edificio, naõ lance primeyro os computos aos gaſtos da obra para medir o que tem, com aquillo de que neceſſita: *Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius computat ſumptus, qui neceſſarij ſunt, ſi habeat ad perfaciendum?* E qual ſerá o Rey, que havendo de fazer guerra, naõ faça primeyro reſenha da gente, que tem para ſair em campanha: *Aut quis Rex iturus committere bellum adverſus alium Regem, non ſedens prius cogitat, ſi poſſit cum decem millibus occurrere ei?* E ſe iſto he o que ſe conſidera, & ſe deve conſiderar prudentemente nos gaſtos do edificio, & no eſtipendio da milicia; por tanto vay agora a conſequencia de Chriſto: *Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus, quæ poſſidet, non poteſt meus eſſe Diſcipulus.* Quem naõ renunciar tudo o que tem, não pòde ſer meu Diſcipulo.

Luc. 14.

Ha tal conſequencia? de computar o que falta para a torre, & o que falta para o exercito, ſe ha de colligir, que ha de renunciar cada hũ o que tem? Quem quer levantar o edificio, ſe naõ tem materiaes para a obra, que os ajunte; quem quer fazer guerra, ſe nam

tem

tem dinheyro para os ſoldados, que o buſque, eſtá bem; mas que renuncie o que tem? Sim: porque aſſim o enſina quem ſe naõ pòde enganar: & para que ha de renunciar o que tem? Para ter o que lhe he neceſſario. Diz Santo Agoſtinho: *Sumptus ad turrim ædificandam, & decem millia bellantium nihil eſt aliud, quàm ut renuntiet quiſque omnibus.* Para ter com que edificar a torre, & pagar aos ſoldados he que ſe ha de renunciar; porque o cabedal que poſſuido nam chega, renunciado ſobeja; que eſtes ſaõ os milagres, que obra quem confia como deve na Divina Providencia.

E eſtes foraõ tambem os que obrou S. Cayetano, renunciando o que tinha para edificar tantos baluartes da Fé, quantos ſam os Conventos da ſua Religiaõ Sagrada; & para aliſtar tantos ſoldados, quantos ſam ſeus generoſos Filhos, que continuamente eſtam fazendo guerra aõ Inferno: como bom fundador ſoube computar os gaſtos, que ſe fariaõ em tantas fortalezas firmiſſimas, que ſaõ as muralhas da Igreja Catholica, & com os preſidios que as defendem tam numeroſos, como ſaõ os ſeus Religioſos, verdadeyros imitadores de ſeu Santiſſimo Patriarca, aos quaes nunca podem faltar as pagas, porque renunciando o que tem, & o que podem ter, tem conſignadas nas rendas da Divina Providencia as melhores ajudas de cuſto tam certas, & taõ ſeguras, que naõ faltam, nem podem faltar: quem as buſcar em outra parte, não he muyto que experimente faltas; quem aqui as buſcar, ſempre as tem ſeguras: eſta he a diverſidade, que vay dos que confiaõ na providencia humana, ou na Providencia Divina: para ficar bem, ou mal provido, baſta confiar em ſi, ou confiar em Deos: *Dominus mihi regit, & nihil mihi deerit*, dizia David: Deos he o que com ſua Pro-

Pſalm. 22.

Providencia me governa; & por isso nada me póde faltar: mas se a David o governasse a providencia humana, que seria? Seria o contrario, porque tudo lhe faltaria.

He notavel o modo com que Christo instruío a seus Discipulos quando os mandou fazer, o que fizeram sempre, & fazem hoje gloriosamente os Religiosos da Divina Providēcia, porque a instrucçam que lhes deu quando os dedicou ao serviço dos proximos, & bem das almas, foy, que nenhuma cousa tivessem para provimento, nem para vestir, nem para o mais necessario, nem menos bolsa, ou dinheyro para o cōprarem: *Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris, non peram, neque duas tunicas.* Com este roteyro foraõ os Discipulos, prègáraõ, fizeram prodigios, assistiram aos enfermos, tratáraõ dos corpos, & das almas, curando, & convertendo a muytos, & quando voltáraõ lhes fez o Divino Mestre esta pergunta: *Quando misi vos sine sacculo, & pera, numquid aliquid defuit vobis?* Quando vos mandey sem provimento, & alforje, faltouvos alguma cousa? *At illi dixerunt, Nihil.* E elles respondèraõ: Nada Senhor. Assim havia de ser, porque em naõ levarem provimento, levavaõ hum credito aberto na Divina Providencia.

Matth. 10.

Luc. 22.

Ibid.

Isto assim posto, que lhe diria o mesmo Divino Mestre a huns Discipulos tam bem providos sem subsidios humanos? *Dixit ergo eis: Sed nūc qui habet sacculum, tollat similiter & peram.* Pois anday outra vez, se quando vos mandey sem alforje, & bolsa nada vos faltou, agora levay bolsa, & alforje, & tratay de vos proverdes. Quem naõ repara nos diversos termos que agora usa Christo? Pareceme que em boa consequencia, o que lhe devia dizer, era: Supposto que quando fostes sem provimento nada vos faltou, daqui

Ibid.

qui por diante deveis ter ſempre a meſma confiança na voſſa pobreza, & na minha providencia: mas dizerlhe agora, que levem bolſa, & alforje? Sim; & porque? Porque queria Chriſto que os Diſcipulos, que atè alli ſem provimento naõ tinhaõ padecido faltas, porque a confiança em Deos era o ſeu viatico, as padeceſſem agora com o provimento, que levavaõ; porque na propria diligencia agenciárão os meyos de as padecerem, diz Sam Chryſoſtomo: *Et quidem quando nec calceamenta, nec zonam, nec baculum, nec æs, nullius paſſi ſunt penuriam; ut autem marſupium conceſſit eis, & peram, eſurire videntur, & ſitire, & nuditatem pati.* Quando naõ levárão nada, tudo tiveraõ; quando ſe provêrão, tudo lhes faltou: para deſta ſorte aprenderem a ſegurança que leva, quem ſe fia na Providencia Divina, para não padecer faltas: & como vay arriſcado a ſofrellas, quem ſe fia na ſua induſtria, & que o alforje mais bem provido he o que ſe naõ leva, o que ſe naõ procura, & o que ſe deyxa: & naõ he o que ſe leva, o que ſe buſca, & o que a noſſa diligencia ſolicita.

Eſte foy o modo com que Saõ Cayetano ſe ouve com Deos na materia de ſua providencia: & como ſe ouve a Divina Providencia com o noſſo Santo? Tarde chegamos a eſte ponto; mas emendarey na brevidade deſte diſcurſo os erros do paſſado. *Hæc omnia adjicientur vobis.* A quem poem todo o cuydado na Divina Providencia, diz Chriſto, que tudo ſe lhe ha de acreſcentar; & que ſerá eſte tudo, que a Divina Providencia acreſcentou a Cayetano? Será por ventura o mundo todo, ou tudo do mundo? Naõ; porque o ter, & dominar verdadeyramente o mundo, naõ he lograllo, nem poſſuillo, ſe naõ deyxallo, deſprezallo, & naõ o ter, como diz Saõ Paulo: *Nihil habentes, & omnia poſſidentes.* Nada temos,

2. ad Corint. 6.

mos, & tudo possuimos; & por isso possuimos, porque naõ temos; & tudo isto tinha já Saõ Cayetano, quando se resolveo a largar todo o cuydado da terra, & buscar a Deos: *Quærite primùm Regnum Dei.* Pois que tudo he este? Digo senhores resolutamente para gloria de tam grande Patriarca, & tam grande Santo; que lhe deu Deos tudo o que deu aos mais Santos, & tudo o que naõ deu aos mais, & reservou só para si, que quem foy tam liberal com Deos, naõ havia de achar da parte de Deos menor correspondencia.

Deos naõ só predestinou aos Santos para a gloria, que haviam de lograr no Ceo, senaõ tambem para os beneficios, que haviaõ de obrar na terra: dõde vem que naõ só por si immediatamente, senam tambem por meyo dos mesmos Santos, que com especial providencia destinou para o nosso remedio, acode ás nossas necessidades; & por causa deste paternal cuydado experimentamos com grande fortuna nossa aquella favoravel assistencia nas materias, que patrocinam como particulares advogados nossos: mas como este patrocinio se naõ estende a todas ellas, fica proprio de cada hũ aquelle cuydado, que por privilegio especial lhe foy cõcedido. Isto he, o que nos deixou advertido S. Paulo, que no modo de obrar ordinario naõ concede Deos tudo a huns, mas que reparte os privilegios, que concede, como melhor lhe parece: *Dividens singulis prout vult*, & por isso nem todos obraõ os mesmos prodigios: *Numquid omnes virtutes? numquid omnes gratiam habent curationum?* E assim vemos que para os coxos, & aleyjados fez particular advogado a Santo Amaro; para os cegos, & tortos, que saõ peyores cegos ainda, a Santa Luzia; para os empestados a Saõ Roque; para os venenados a Saõ Bento; para os rudes,

Ad Corint. 12.

Ibid.

rudes, & faltos de entendimento, a Santo Agostinho; para as cousas perdidas a Santo Antonio; para resuscitar mortos a S Francisco Xavier: em fim assim foy repartindo a protecçaõ por todos, que de cada hũ fosse proprio acudir com o remedio a este, ou áquelle necessitado em particular.

Porèm com Sam Cayetano naõ repartio assim, senaõ que ampliou tanto a sua protecçaõ, que naõ ha miseria espiritual, ou corporal, q̃ se padeça, que naõ ache o remedio prompto na sua compayxaõ, & piedade. Do seu Emperador disse por encarecimento o Panegyrista Cortesaõ: *Et quæ divisa beatos efficiunt, collecta tenes*: Que tinha Honorio recopiladas, & juntas em si todas aquellas excellencias, & prerogativas, que repartidas bastavaõ para fazerem a todos os mais gloriosos, & bem afortunados: mas o que aqui foy lisonja, he em Cayetano verdade certa, & experimentada nos prodigios continuos, & nas maravilhas succedidas, de q̃ estaõ cheas as historias, como beneficiados os homẽs; que puderamos dizer sem encarecimento, que assim como a Moysés subdelegou Deos toda a sua omnipotencia, quando o constituío Vice-Deos de Faraò: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*, assim a delegou tambem em Cayetano, se bem nelle com mayor extençaõ; porque se não limitáraõ a hum só Reyno, senaõ ao mundo todo as maravilhas; que a mesma Omnipotencia tem obrado, não sogeyta, mas obsequiosa á vontade de Cayetano, para ser o protector, & bemfeytor universal dos homẽs.

Exod. 7.

Qual será o lugar em que se venera, que não appareção por gloriosos trofeos da sua piedade diante das suas imagens, como alampadas mais resplandecentes, os pès dos coxos, as mãos dos aleijados, os braços dos tolhidos, os olhos dos que recebèraõ vista, as cadeas dos que conseguiraõ

raõ liberdade, as amarras dos que escapáraõ dos naufragios, as mortalhas dos agonizantes, que ou nam consentio que morressem, ou depois de mortos fez q̃ resuscitassem: obrigando a mesma morte, que a innumeraveis enfermos que já mastigava, os naõ engolisse; ou engolidos já, como outra balea de Jonas, os vomitasse? E não he isto ser Cayetano hum compẽdio, em que se cifraõ as maravilhas de todos os mais, pois só elle obra, o que obráraõ os mayores homẽs, que veneramos? E naõ he isto concederlhe Deos todas aquellas excellencias, que repartio pelos outros? Porèm ainda Deos se nam contentou com isto; porque lhe naõ deu só tudo, o que era prodigioso nos mais, senão que tambem lhe deu, o que a elles nam concedeo, & reservou só para si: & que excellencia será esta particular? Eu a direy.

Como obraõ os mais Santos os seus prodigios? Obraõ os prodigios, quando devotamente lhe pedimos a sua protecçaõ: para este effeyto achou a devoçaõ Catholica os votos, as promessas, as romarias, as novenas, & todos aquelles modos, que religiosamente observamos nas nossas deprecações: de sorte que para reconhecimento do beneficio quer Deos, & querem os Santos serem primeyro invocados, & que preceda a nossa petiçam ao seu favor; & só desta sorte experimentamos o seu patrocinio: assim obrava tambem Cayetano, para ter tudo o que tinham os mais; mas naõ obrava sempre assim: a muytos que totalmente ignoravam, quem era Cayetano, ou por falta de noticias, que nam tinhaõ, ou pelas naõ poderem ter por incapacidade, porque tinham totalmente perdido o uso dos sentidos, deu milagrosamente saude: a outros se offereceo para o seu remedio, quãdo mais descuydados estavaõ de invocarem o seu favor; & nis-

to digo eu que concedeo Deos a Cayetano; o que naõ concedeo aos mais, & reservou só para si; porque naõ esperou que lhe pedissem, mas remediou sem ser rogado.

Deos aindaque espera que lhe peçaõ, & a isso nos exhorta varias vezes: *Petite, & accipietis: pulsate, & aperietur vobis*, nem tudo o que nos dá he, porque nòs lho pedimos; antes se computarmos os beneficios, que recebemos, seraõ raros os que nos concede, que naõ sejaõ effeytos da sua misericordia, sem que intervenha para elles a nossa rogativa, do que sejaõ aquelles, que impetrou a nossa petiçam. Esta era huma das grandezas, que David mais admirava na Divina misericordia: *Misericordia ejus præveniet me.* A misericordia Divina he a que se anticipa, porque he Deos tam prompto ao nosso remedio, que aindaque nos manda pedir para nos despachar, nem sempre espera para conceder, senaõ que preoccupa com o seu remedio a nossa necessidade. Esta he a misericordia Divina: & esta he a piedade de Cayetano, soccorrer sem ser rogada, ou invocada a sua protecçaõ.

Joan. 16.

Psalm. 58.

E o ser esta, & obrar nesta fórma ponderou já hum Historiador da sua vida; porque se he caridade, diz este Historiador, & compayxaõ Divina fazer bem, previsla só a necessidade das creaturas, sem attender ás petiçoens, & aos rogos; em Sam Cayetano he tambem agradecida a correspondencia. Recebeo neste mundo esmola, & beneficios dos homens, sem que abrisse a boca para pedir, ou solicitar a caridade alhea, publicando sim com rendimentos obsequiosos, o que sem pedir lhe davaõ: primoroso estylo, que sempre observam seus agradecidos filhos; & assim era bem, que para desempenho desta obrigaçaõ adiantasse o nosso Santo os favores, sem esperar que os

soli-

ſolicitaſſe, ou pertendeſſe a ſupplica: & ſe recebia de graça os ſubſidios ſem pedir, tambem agora reparta de graça as mercês ſem que lhas peçaõ.

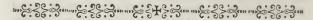
Ah prodigioſo Cayetano, que eſte he o mais accommodado titulo, que para gloria de Cayetano reconhece a minha devoçaõ: prodigioſo com tantas vẽtagens aos mais, como tem ſempre moſtrado em ſuas acções. Se eu agora começaſſe outro Sermaõ, que grande materia me daria o modo, com que obrou tantos prodigios em beneficio noſſo! & naõ deyxaria de cenſurar o pouco, que os reconhecemos: mas como nunca o ſeu intento foy querer ſatisfaçam dos homens, tambem tem motivos para naõ eſtranhar o noſſo deſcuydo, por nam dizer ingratidam: & toda ella naõ ſerá baſtante, para que o ſeu coraçam nam ſeja ſempre o meſmo; & paraque a noſſa confiança naõ tenha na ſua benevolencia razoens para eſperar, que continue os beneficios, aſſim para os devotos, que o rogarem, como para os deſcuydados, que ſe eſquecerem: mas que poderemos nòs pedir? Vòs Santiſſimo Patriarca ſabeis muyto bem o de que todos neceſſitamos; & nòs naõ acabamos de conhecer, o que devemos pedir, que por ventura ſerá o que menos nos convem: donde reſignados na voſſa vontade repreſentamos a noſſa miſeria, paraque tenha della compayxam a voſſa piedade; que como he tam prompta em acudir, nam duvidamos, que conſeguiremos, o que nos falta, empenhando vòs a voſſa interceſſaõ, que confeſſamos he grande valia para com Deos, paraque obrigado della nos conſerve em ſua graça, penhor da gloria, &c.

FINIS, LAUS DEO.

APPROVAÇOENS.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illuſtriſſima vi eſte livro de Sermões varios, prègados na India pelo M. Reverendo Padre Meſtre Manoel de Sá, Religioſo da Companhia de JESUS, & nelles naõ encontrey couſa alguma contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes muyto que admirar nelles, pois que no ſubido, & ſolido de ſeus diſcurſos bem nos moſtra ſer hum dos grandes engenhos que ennobrece a Companhia de JESUS. Eſte he o meu parecer, V. Illuſtriſſima diſporá o que for ſervido. Carmo de Lisboa 30. de Mayo de 1709.

Fr. Manoel da Eſperança.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illuſtriſſima vi eſte livro de Sermões varios, prègados pelo M. Reverendo Padre Meſtre Manoel de Sá, Religioſo da Sagrada Companhia de JESUS, & nelle naõ acho couſa alguma, que ſe opponha aos bons coſtumes, nem á verdade de noſſa Santa Fé Catholica. Iſto he o que ſinto, ſalvo meliori, &c. Lisboa Moſteyro de S. Anna 20. de Julho de 1709.

Fr. Manoel de S. Joſeph, & S. Roſa.

LI-

LICENÇAS.

VIstas as informações, pode-se imprimir o livro de Sermões varios, de que trata esta petiçaõ, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrá. Lisboa 23. de Julho de 1709.

Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha.
Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

POdem-se imprimir os Sermões de que trata a petiçaõ, & depois de impressos tornem para se dar licença que corraõ, & sem isso naõ correráõ. Lisboa 2. de Agosto de 1709.

Bispo de Tagaste.

QUe se possaõ imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornaráõ á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso nam correráõ. Lisboa 7. de Agosto de 1709.

Oliveyra. Carneyro. Costa. Botelho.

VIsto estar confórme com o Original, pòde correr estes Sermoens. Lisboa 14. de Março de 1710.

Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro.
Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

POde correr. Lisboa 15. de Março de 1710.
Bispo de Tagaste.

TAxaõ este Livro, em trezentos reis. Lisboa 17. de Março de 1710.

Duque P. Oliveira. Lacerda. Costa. Andrade. Botelho.

GOA, INDIA

SÁ, Manoel de. *Sermões varios, prègados na India a diversos assumptos, & offerecidos no primeyro sermaõ ao Senhor Cayetano de Mello de Castro, Viso-Rey, & Capitaõ Géral da India.* 4to. [8], 369, [2] pp. Woodcut Jesuit device on title page and numerous woodcut headpieces and initials. Contemporary ownership inscription on front fly-leaf. Contemporary calf, gilt spine, with table of contents pasted on front cover. Lisboa. A. Pedrozo Galraõ, 1710.

FIRST EDITION of this important collection of fifteen sermons held at Goa between 1687 and 1707, which include numerous relations to local Indian affairs. The tenth sermon is on Franciscus Xavier that was delivered on the occasion of his election as "Defensor Indiae" in 1699. Father de Sá went to India in 1680 and later he became Patriarch of Ethiopia.

Innocencio VI, 100, 1262; Streit VI 117; DeBacker-Sommervogel VII, 354.